

COOPERAÇÃO E CIÊNCIA NA AMÉRICA LATINA:

confluências e diálogos entre
instituições e pesquisadores

ORGANIZADORES:

Gilson Pôrto Jr.

Rafael González Pardo

Santiago Humberto Gómez

Ramon Burgos

Carlos Rivadeneyra Olcese



FELAFACS

Federación Latinoamericana de
Facultades de Comunicación Social



Observatório
Edições

Audiodescrição:

A capa apresenta um fundo em tons de cinza, com um leve degradê que vai do cinza escuro na parte superior ao mais claro na parte inferior. Na parte superior central, o título aparece em letras brancas e maiúsculas, destacado: "COOPERAÇÃO E CIÊNCIA NA AMÉRICA LATINA:". Logo abaixo, em letras brancas menores, o subtítulo: "confluências e diálogos entre instituições e pesquisadores". Na metade inferior direita, há um retângulo cinza claro com o texto em preto: "ORGANIZADORES:", seguido dos nomes: Gilson Pôrto Jr., Rafael González Pardo, Santiago Humberto Gómez, Ramón Burgos e Carlos Rivadeneyra Olcese. O elemento visual principal ocupa a parte inferior esquerda da capa: uma estrutura tridimensional de cartas de baralho, montada como um castelo de cartas, que se eleva da superfície do planeta Terra. O globo, visto parcialmente, mostra de forma destacada a América do Sul e parte da América Central, sugerindo a dimensão latino-americana do tema. Atrás da estrutura há um padrão de pontos pretos que se estendem como uma sombra pontilhada, criando uma sensação de movimento e profundidade. No canto inferior direito aparecem dois logotipos: o da FELAFACS (Federação Latino-Americana de Faculdades de Comunicação Social), em laranja e azul, com um ícone que simboliza as ondas de comunicação; e o da Observatório Edições, em verde e amarelo, com o nome em letras azuis. A composição visual expressa a ideia de fragilidade e interdependência das estruturas científicas latino-americanas, remetendo à necessidade de cooperação e equilíbrio para sustentar a construção do conhecimento na região. Fim da audiodescrição.

Gilson Pôrto Jr.
Rafael González Pardo
Santiago Humberto Gómez
Ramón Burgos
Carlos Rivadeneyra Olcese
(Orgs.)

COOPERAÇÃO E CIÊNCIA NA AMÉRICA LATINA: confluências e diálogos entre instituições e pesquisadores

Observatório Edições
2025

Editoração: Gilson Porto Jr. / Leonardo Pinheiro.
Arte da capa: Adriano Alves.
Publicado em: Dezembro/2025.

As normas ortográficas e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Tendo em conta a legislação nacional e internacional sobre ética na investigação, propriedade intelectual e uso de imagens, os autores de cada trabalho são plenamente responsáveis por todo o seu conteúdo (incluindo os textos, figuras e fotos publicados no mesmo), isentando os organizadores de qualquer responsabilidade em todas as situações possíveis.



Todos os livros publicados pela Editora Observatório/OPAJE estão sujeitos aos direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

C778

Cooperação e ciência na América Latina: confluências e diálogos entre instituições e pesquisadores. [recurso eletrônico]. / Organização: Gilson Pôrto Jr., Rafael González Pardo, Santiago Humberto Gómez, Ramon Burgos, Carlos Rivadeneyra Olcese – Palmas, TO: Observatório Edições; Felafacs, 2025.

277 p.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-989351-1-5

1. Cooperação científica – América Latina. 2. Ciência – Integração Internacional. 3. Política científica e tecnológica – América Latina. 4. Estudos latino-americanos. 5. Integração acadêmica. I. Pôrto Jr., Gilson. II. González Pardo, Rafael. III. Gómez, Santiago Humberto. IV. Burgos, Ramon. V. Rivadeneyra Olcese, Carlos.

CDD 001.4098
CDU 001.891(8)
LCC Q180.55

Marcelo Diniz – Bibliotecário – CRB 2/1533. Resolução CFB 184/2017.

O conteúdo dos artigos e seus dados quanto à forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, não representando necessariamente a posição oficial da Observatório Edições e/ou OPAJE/UFT. É permitido o download e o compartilhamento da obra, desde que os créditos sejam atribuídos aos autores, mas sem possibilidade de alterá-la de forma alguma ou utilizá-la para fins comerciais. Todos os artigos foram avaliados por pares.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE TOCANTINS

REITORA
Prof.^a Dra. Maria Santana
Ferreira dos Santos

VICE-REITORA
Prof. Dr. Marcelo Leinerker
Costa

Pró-reitor de Graduação
Prof.^a Dra. Valdirene de Jesus

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação
Prof.^a Dra. Flávia Tonani

Pró-reitor de Extensão e Cultura
Prof. M. Bruno Barreto

Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE-UFT)

Dra. Eliane Marques dos Santos
Dr. Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior
Dr. Fernando Rodrigues Peixoto Quaresma
Dr. José Lauro Martins
Dr. Nelson Russo de Moraes
Dr. Rodrigo Barbosa e Silva
Dra. Marli Terezinha Vieira

SELO EDITORIAL Observatório/OPAJE CONSELHO EDITORIAL

PRESIDENTE
Prof. Dr. José Lauro Martins

Membros:

Prof. Dr. Nelson Russo de Moraes
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP),
Brasil

Prof. Dr. Rodrigo Barbosa e Silva
Universidade de Tocantins (UNITINS), Brasil

Prof.^a Dra. Maria Luíza Cardinale Baptista
Universidade de Caxias do Sul; Universidade Federal do
Amazonas, Brasil

Prof.^a Dra. Thais de Mendonça Jorge
Universidade de Brasília (UnB), Brasil

Prof. Dr. Fagno da Silva Soares
Clio & MNEMÓSINE Centro de Estudos e Pesquisa em História
Oral e Memória – Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Brasil

Prof. Dr. Luiz Francisco Munaro
Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil

Prof. Dr. José Manuel Pelóez
Universidade do Minho, Portugal

Prof. Dr. Geraldo da Silva Gomes
Universidade Estadual do Tocantins, Brasil

FEDERAÇÃO LATINO-AMERICANA DE FACULDADES DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (FELEFACS)

Conselho Diretivo 2025-2027

PRESIDENTE

Prof. Dr. Rafael González Pardo
Universidade de Tolima
(COLÔMBIA)

SECRETÁRIO EXECUTIVO

Prof. Dr. Santiago Humberto
Gómez
Universidade Autônoma de
Bucaramanga
(COLÔMBIA)

Membros:

Diretor Titular Países Andinos

Prof. Dr. Carlos Rivadeneyra Olcese
Universidade de Lima (PERU)

Diretor Suplente Países Andinos

Prof. Dr. Juan Ramos Martín
Universidade Javeriana (COLÔMBIA)

Diretor titular do Cone Sul

Prof. Cristian Muñoz Catalán
Universidade de La Serena (CHILE)

Diretor suplente do Cone Sul

Prof. Dr. Ramón Burgos
Universidade Nacional de Jujuy (ARGENTINA)

Diretora Regional do Caribe

Prof. Dra. Alicia Álvarez
Universidade APEC (REPÚBLICA DOMINICANA)

Diretor Regional Adjunto do Caribe

Prof. Alfredo Padrón Buonaffina
Instituto Tecnológico de Santo Domingo (INTEC, REPÚBLICA DOMINICANA)

Diretora de Países Associados

Prof.^a Dra. Sindy Chapa
Universidade Estadual da Flórida (ESTADOS UNIDOS)

Diretora Regional da América Central

Prof.^a Dra. Arely Franco
Universidade de El Salvador (EL SALVADOR)

Diretora Regional da América Central

Prof.^a Dra. Leonor Lucía González Quiñonez
Universidade Rafael Landívar (GUATEMALA)

Diretor Regional México

Prof. Dr. Mariano Navarro
Universidade Panamericana (MÉXICO)

Diretor Regional Brasil

Prof. Dr. Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior
Universidade Federal do Tocantins (BRASIL)

Como citar ABNT NBR 6023/2018

Documento completo

PÔRTO JR., Gilson; PARDO, Rafael González; GÓMEZ, Santiago Humberto; BURGOS, Ramon; OLCESE, Carlos Rivadeneyra (Orgs.). COOPERAÇÃO E CIÊNCIA NA AMÉRICA LATINA: confluências e diálogos entre instituições e pesquisadores. Palmas, TO: Observatório Edições; Felafacs, 2025. 277 p. ISBN 978-65-989351-1-5.

Nos capítulos

SOBRENOME, Nome; SOBRENOME, Nome. Título do capítulo. *Em*: PÔRTO JR., Gilson; PARDO, Rafael González; GÓMEZ, Santiago Humberto; BURGOS, Ramon; OLCESE, Carlos Rivadeneyra (Eds.). COOPERAÇÃO E CIÊNCIA NA AMÉRICA LATINA: confluências e diálogos entre instituições e pesquisadores. Palmas, TO: Observatório Edições; Felafacs, 2025., p. xx-xx.

.

SUMÁRIO

PREFÁCIO / 13

CAPÍTULO 1 - COMUNICAÇÃO E COOPERAÇÃO ACADÊMICA E CIENTÍFICA NA AMÉRICA LATINA/ 15

Rafael González Pardo, Carlos Rivadeneyra Olcese, Cristian Muñoz Catalán, Fernando Oliveira Paulino, Daniela Monje, Tanius Karam, Jair Veja, Luisa Ochoa e Cris Gobbi

CAPÍTULO 2 - COMUNICAÇÃO E COOPERAÇÃO ACADÊMICA E CIENTÍFICA NA AMÉRICA LATINA/ 43

Gilson Pôrto Jr. e Nelson Russo de Moraes

CAPÍTULO 3 - CONEXÕES ENTRE AS ARTES E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA FORMAÇÃO DO AUDIOVISUAL LOCAL E DA AMÉRICA LATINA/ 65

Jairo Faria, Sérgio Soares, Marco Túlio Câmara, Ricardo Malveira, Gustavo Ferreira e Nubia Istela

CAPÍTULO 4 - RELATÓRIO SOBRE O ENSINO DO JORNALISMO EMPREENDEDOR EM UNIVERSIDADES DA AMÉRICA LATINA E ESPANHA/ 101

Santiago Gómez, Sofía Álvarez Barbeito e María Eugenia Álvarez

CAPÍTULO 5 - JORNALISMO, DEMOCRACIA E RESPONSABILIDADE: O papel da América Latina no contexto global / 127

José Lauro Martins, Mariano Navarro, Alfredo Padrón Buonaffina e Wilson Gómez

CAPÍTULO 6 - CARTA DE PALMAS: Em defesa da democracia, da comunicação pública, da liberdade jornalística e da formação ética e crítica em comunicação na América Latina / 167

Gilson Pôrto Jr, Rafael González Pardo, Santiago Gómez, Nelson Russo de Moraes, José Lauro Martins e Cinthya Mara Miranda

CAPÍTULO 7 - ENCONTRO DE EDITORES DA AMÉRICA LATINA: o futuro das produções acadêmicas / 171

Ramon Burgos, Rafael González Pardo, María Fernanda Pampin, Gilson Porto Jr e Nelson Russo de Moraes

CAPÍTULO 8 - EVOLUÇÃO DA VIOLÊNCIA POLÍTICA DIGITAL CONTRA AS MULHERES NA COSTA RICA (2022-2023): do diagnóstico à transformação / 207

Cinthya Mara Miranda e Nazira Castilho Alfaro

CAPÍTULO 9 - O FUTURO DA(S) DEMOCRACIA(S) NA AMÉRICA LATINA: o papel dos comunicadores / 223

Carlos Rivadeneyra Olcese, Fabiano Ormaneze, Alicia Álvarez, Sindy Chapa, Leonor Gonzalez e Gustavo Lerma

CAPÍTULO 10 - POR UM PROGRAMA SÓLIDO DE EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E JORNALÍSTICA CONTRA A DESINFORMAÇÃO NA AMÉRICA LATINA / 249

Fabiano Ormaneze

ÍNDICE REMISSIVO / 255

SOBRE OS ORGANIZADORES E AUTORES / 265

Há 44 anos, a Federação Latino-Americana de Faculdades de Comunicação Social (FELAFACS) concebe a cooperação acadêmica e científica na América Latina não apenas como um ideal, mas como uma prática concreta, vibrante e necessária, e este livro reflete esse compromisso estratégico.

Este texto surge do encontro histórico de pesquisadores, instituições e redes que, a partir de diversos territórios e perspectivas, reconhecem a comunicação como um campo capaz de transformar realidades sociais. Em tempos turbulentos que reforçam as desigualdades sociais, as tensões dentro das democracias e as aceleradas transformações tecnológicas, esta obra propõe fundamentalmente um ponto de partida necessário: parar, escutar, dialogar e construir coletivamente um mapa atualizado da produção de conhecimento em comunicação a partir de uma perspectiva latino-americana.

A história da nossa Federação se entrelaça com os principais debates da região, debates que deram origem a este livro, o XX Encontro Latino-Americano de Faculdades de Comunicação Social: "Comunicação, Ecossistemas de Inovação e Democracia na América Latina: Perspectivas em Construção". Por meio desses diálogos, agora reunidos nestas páginas, a diversidade intelectual, a

criatividade pedagógica e o compromisso social de nossas universidades se materializam.

Por mais de quatro décadas, a FELAFACS tem sido o espaço onde essas conversas ganham significado. Não somos apenas uma rede de universidades; somos uma comunidade de valores compartilhados, um laboratório de cooperação e, sobretudo, uma plataforma que conecta gerações de acadêmicos comprometidos com a democracia e a justiça social, com a educação na vanguarda. Este livro dá continuidade a esse legado, reunindo reflexões de diversas vozes e perspectivas sobre os desafios contemporâneos da comunicação, da pesquisa e da ciência na América Latina, com a convicção de que a cooperação e o trabalho em rede são as formas mais profundas de resistência e esperança.

Agradecemos às universidades, associações, professores e pesquisadores que tornaram esta publicação possível, e especialmente àqueles que continuam a acreditar na cooperação como forma de construir conhecimento. Que estas páginas sejam um convite para continuarmos a tecer redes, construir pontes e afirmar que a comunicação, quando intencional, significativa e comunitária, pode transformar realidades.

Os organizadores

Palmas, Tocantins,
Outubro de 2025

COMUNICAÇÃO E COOPERAÇÃO ACADÊMICA E CIENTÍFICA NA AMÉRICA LATINA

Rafael González Pardo
Carlos Rivadeneyra Olcese
Cristian Muñoz Catalán
Fernando Oliveira Paulino
Daniela Monje
Tanius Karam
Jair Veja
Luisa Ochoa Chaves
Cris Gobbi

CERIMONIAL UFT: Professores acadêmicos, continuamos neste momento com a programação do XX Encontro latino-americano de Faculdades de Comunicação Social, cujo tema é Comunicação e Cooperação Acadêmica e Científica na América Latina. E neste momento teremos o painel que trata do tema já mencionado, Comunicação e Cooperação Acadêmica e Científica na América Latina. Participem deste painel. Temos um painel assíncrono. Podemos participar, seja online, de forma virtual, e também nossos professores, doutores que estão presentes aqui no auditório.

Então, participam presencialmente o professor doutor Tanius Karam. A professora doutora Cris Gobbi. O professor doutor Carlos Rivadeneyra Olcese. O professor doutor Cristian Muñoz Catalán. E, a través desta sessão, o professor Rafael González Pardo, que participa

online. Participam online: a professora doutora Daniela Monge; o professor doutor Jair Veja; a professora doutora Luisa Ochoa; e o professor doutor Fernando Paulino. E para continuar com este painel, passo a palavra ao professor doutor Rafael González Pardo.

RAFAEL GONZÁLEZ PARDO: Boa noite aqui no Brasil, vocês estão perdendo por aqui, eu não vou a um curso de certo carnaval no fundo, então provavelmente estarei um pouco, um pouco disso. Bem-vindos e bem-vindas, antes de mais nada, quero agradecer à ALAIC por sua atividade, agradecer a presença de toda a equipe da ALAIC. Com Fernando Rosselló, desde que nos conhecemos, essa intenção, essa oportunidade de fortalecer o programa da AIC, acho que não houve negócio algum além de Fernando e toda a equipe da ALAIC. Obrigado a todos por estarem aqui. Nelia, Tanius, muito obrigado por estarem aqui depois de quase dezoito horas de viagem. Acho que o primeiro capítulo do nosso projeto conjunto é contar as experiências da viagem em meio a este calor maravilhoso. A metodologia que queremos para este painel, que será moderado pelo professor Cristian Muñoz, membro do Conselho Diretor da FelaFax, é estabelecer um diálogo a partir de alguns pontos em comum, de linhas em comum que tanto a FelaFax quanto... como a ALAIC. Aqui, obviamente, temos, em parte da FelaFax, nosso diretor titular dos países andinos, Carlos Rivadeneira, Carlos do Cone Sul, eu estou aqui na qualidade de presidente, mas vemos que também está aqui o diretor de internacionalização, o diretor acadêmico, então há várias autoridades da ALAIC, cada uma com um papel específico, não é? Mas, enfim, o que espero no final e gostaria, antes de Cristian começar, é dar a palavra a Fernando, como presidente da ICC, para que ele também faça uma abertura a este diálogo de associações irmãs entre a ALAIC e a FELAFACS. É que espero que, no final, não fiquem apenas reflexões, mas ideias e concretos com projetos concretos que possamos realizar hoje. Estamos no meio desse desafio e, bem, Fernando, quero passar a palavra para você para que,

em seguida, Cristian se encarregue de todo o processo de moderação com as perguntas com as quais queremos iniciar este diálogo. Então, Fernando, por favor.

FERNANDO PAULINO: Sim, senhor, estou ouvindo. Sim, que alegria. Rafael González Pardo, nosso querido presidente da Felafacs, Gilson, as pessoas que estão à mesa e acompanhando esta conversa, meus queridos colegas da diretoria que estão presentes através do Tanius, Chris Gobbi, e remotamente pela participação da minha vice-presidente e querida amiga Dani Monge e nossos queridos também Jair e Luisa que fazem parte da diretoria. Estávamos ouvindo vocês com alguma dificuldade, Rafa, então se... Se houver algum problema com nossa comunicação em termos técnicos, por favor, interrompam-nos e vou tentar ser muito resumido aqui com minhas considerações e contribuições, porque, de alguma forma, através dos recursos tecnológicos que temos via WhatsApp, de alguma forma já fizemos um pré-painel ontem em nosso grupo da diretoria com algumas ideias que serão compartilhadas. Vou falar, bem, uma parte como esta em castelhano, em espanhol, e agora também para envolver as pessoas do Brasil, gostaria de fazer considerações em português. Então, pessoal, esta mesa tem como objetivo intensificar a relação entre a ALAIC, a FELAFACS e outras associações globais, regionais e nacionais, incluindo a AMCA, a ASA e também um conjunto significativo de associações nacionais que temos na América Latina, entre elas a Intercom e outras congêneres que não vou relacionar aqui totalmente por causa do tempo. Com a esperança de que possamos criar uma relação de cada vez mais cooperação, de cada vez mais atividades compartilhadas em eventos como este, no encontro da Fela FACS, e também nos congressos e seminários realizados pela AIC, com o sincero desejo de reduzir as situações de competição e e r intensificar as relações de cooperação nessas atividades e também em seu registro. Então, foi nesse sentido que, na conversa com Gilson, Rafael e outros membros da direção

da Felafacs, surgiu a ideia de fazer esta mesa hoje. No dia três de novembro, esse debate será ampliado no seminário que teremos dedicado à comunicação e cooperação científica e acadêmica, no qual as associações nacionais, além da Filafax, também participarão, entre elas, como já disse, a Intercom, mas também a Compós, no caso brasileiro. Esperamos que em julho do próximo ano, durante nosso congresso da AIC, possamos publicar uma espécie de livro branco, verde ou colorido sobre comunicação e cooperação científica e acadêmica, no qual seja reunida grande parte do que já foi feito e do que pode ser feito no futuro, porque, juro que é meu último parágrafo, mesmo para ouvir meus colegas, nossa intenção é... é precisamente deixar registrado que também pode servir de metodologia e expansão desse trabalho relacionado à cooperação, porque no mundo atual, com tantos conflitos, com tantas tensões, com tantas guerras, acredito que é essencial, especialmente a partir da comunicação, que tenhamos mais condições para criar e intensificar os laços, e nesse sentido, eu queria... perdoem-me pelo trocadilho, dizer que a UFT, que é a Federal de Tocantins, merece não apenas aplausos, mas toda essa consideração e nosso agradecimento por tornar possível essa ponte a partir de hoje. Muito obrigado, muito obrigado e que tenhamos uma boa mesa de trabalho e ainda mais relações compartilhadas. Obrigado, Rafa, que continuemos sempre em contato com sua generosidade, fraternidade e amizade.

CRISTIAN MUÑOZ CATALÁN: Boa tarde, boa tarde. Bem, coube a mim, professor da Universidade de La Serena do Chile, ser o moderador deste... Está tudo bem? Estão me ouvindo? Sim. Vamos começar esta conversa, esta interessante conversa sobre colaboração acadêmica na área de pesquisa em comunicação e soci. Situando-nos no contexto que temos hoje, seja em nossos países de origem, seja na região e, como não dizer, também em nível mundial, parece que estamos diante de uma crise permanente.

Desde a pandemia, temos observado uma série de acontecimentos cuja intensidade não diminui. E diante de todos esses desafios que a sociedade atual enfrenta, e sobretudo que continuará enfrentando amanhã, que resposta pode dar o fomento e a elevação da pesquisa e da colaboração acadêmica a essas necessidades concretas? Como podemos continuar defendendo nosso trabalho quando as pessoas ou o mundo estão invadidos por processos de desinformação que estão até mesmo colocando em risco nossas democracias, afetando os direitos humanos e nos fazendo acreditar que talvez outros estilos de liderança autoritária sejam um caminho ou uma alternativa? Quem quiser pode responder.

CRIS GOBBI: Olá, olá. Boa noite a todos e a todas. Vou falar em português, até para chegar a... entende-se muito bem, muito obrigado então por nós, por nos dar e que é um grande bem, é um prazer essa reunião e essa soma de forças à e que tem uma história muito bonita que vem aí dos anos setenta, setenta e oito, quando começa a luta pela democratização da comunicação na nossa região. E um grupo formado por grandes referências, como Antonio Pasquale, Luis Ramiro Beltrán, Jesús Martín Babelero, Alejandro Afonso, Marco Ordonez, Vinicio Arturo de Lima, entre outros, dá forma a uma reivindicação no sentido de um amadurecimento dentro do cenário da comunicação para incluir essa pauta latino-americana em toda essa discussão de mobilização que se via naquela época. E assim nasceu a IC. E desde então, com altos e baixos, porque manter uma associação na América Latina não é algo tão simples, é bastante complexo. Então, reunimos apoios e uma grande disposição em torno dos temas relacionados à América Latina. Atualmente, somos 21 grupos de trabalho que reúnem mais de mil pesquisadores em nossos eventos. Realizamos um evento bianual, que é o nosso congresso, e, nos intervalos, um seminário. Eles tratam de vários temas relacionados à comunicação, educação, políticas de comunicação, processos, teorias e muitos outros assuntos. E eu diria

que, em 1988, passamos por uma situação um pouco mais difícil, quando a ALAIC, na verdade, se reinventou. E há muitas lutas, incluindo a própria FELAFACS. São, no caso da ALAIC, mais de quarenta anos de história. E essa história, acredito, é um grande desafio também para as novas gerações. São histórias muito interessantes que não podemos contar neste momento, devido ao tempo de nosso encontro e para não me alongar mais. Quero deixar registrado que acredito que é um grande desafio, um dos nossos objetivos é contar um pouco dessa história, da origem, da própria mobilização por essa comunicação plural e ampla que nasce no centro da América Latina e essa inserção da América Latina nesse cenário principalmente. Quem são essas pessoas? Onde estão? O que fazem? Que são nossas referências, nossas leituras, nossas citações, enfim. E nesse cenário, eu queria trazer minha linha de estudos também, que não é só minha, digo minha porque temos a mania de tomar para nós o que nos cabe, que é a presença feminina nos estudos latino-americanos. Quando faço o mapa da comunicação latino-americana, há uma ausência, uma invisibilidade feminina. E falo de pessoas sensacionais como Midalia Pineda, Elizabeth Fox, María Cristina Mata, Florencia, Natalia Ferrante, enfim, de Cristina, de Fátima Gottlieb, de Carla Colonna, enfim, de Regina Festa, temos uma lista enorme de protagonistas dentro desse movimento de comunicação na América Latina que precisam, de alguma forma, ser resgatadas. Então, minha proposta vai muito nesse sentido, de resgatar essa história tanto de Felafax, que teve um papel fundamental na formação, em nossas universidades, na definição dos cursos de comunicação como um todo, muito pouco se sabe ou se comenta sobre essa contribuição, com Dalaik, como também protagonista dentro desse movimento comunicacional na América Latina, trazendo a presença das mulheres.

CARLOS RIVADENEYRA OLCESE: Muito bem, muito obrigado. Boa tarde, boa noite. Concordo plenamente com o que a colega diz sobre

a necessidade de dar visibilidade às professoras, aos professores e às professoras. Acrescento à lista que você mencionou uma peruana, Rosa María Alfaro. Ela também esteve na discussão desde os longínquos anos 70 até o início deste milênio sobre a evolução da discussão em comunicação. A ideia deste painel é conversar sobre comunicação e cooperação. No entanto, nossa colega de Barcelona mencionou resgatar a história para ver de onde viemos e para onde podemos ir, porque a história já mudou. Quando o FelaFax nasceu, nos anos 80, já haviam se passado mais de quarenta anos e a história do nosso continente havia mudado e dado várias reviravoltas. Além disso, a comunicação que viu nascer várias escolas, cursos e faculdades de comunicação nos anos 70 e 80 foi marcada por uma realidade democrática diferente da que vivemos atualmente. Não estamos dizendo que agora somos mais democráticos do que antes, mas eram diferentes, tínhamos governos militares em vários países, crises e censura dos meios de comunicação, políticas de comunicação que apontavam para outro sistema de meios de comunicação, não existia internet e o mundo digital era apenas ficção científica sob essa rota que marcou com muita autoridade e pertinência. Além disso, é muito pertinente falar dessa rota histórica, quero entrar no tema central que é o da cooperação: cooperar para pensar novas formas de existência, de sustentabilidade. Há alguns anos, realizar atividades conjuntas entre a Ferafax e a Alaic era uma ilusão, algum dia será possível. Mas não era possível porque a Ferafax realizava suas reuniões em um ano e depois a Alaic fazia o mesmo, então não havia encontro. E este é um encontro feliz. E dos encontros só podem surgir forças, porque do encontro a gente se fortalece, reconhece o que não tem e reconhece o que o outro tem de melhor e o que tem mais, e isso leva à cooperação. As histórias da Felafacs e da ICCS foram semelhantes, mas também em épocas diferentes. A Felafacs teve mais de duas décadas com um financiamento que hoje poderíamos qualificar de extraordinário e que facilitou sua sustentabilidade e a possibilidade de realizar encontros em

diferentes países da sub-região com centenas, senão mais de mil participantes de vinte países. Hoje em dia, não é que eles não queiram vir, mas alguns se sentem mais confortáveis conectando-se porque as tecnologias também mudaram. No entanto, o encontro aqui nos permite pensar em cooperação. A operação que, nas palavras de Rafael, só pode ser entendida com generosidade. E a generosidade dos grupos, seja Felafax, seja Alaic, só fará sentido a partir da modéstia, da dedicação de cada uma das redes para poder somar esforços e levar adiante trabalhos conjuntos. E também, como já foi dito, com amizade. E acredito que, e com isso quero encerrar esta introdução, porque poderíamos falar sobre isso por horas, acredito que é urgente estabelecer esses encontros e essas estratégias de cooperação. Há dois anos, em Quito, no Equador, também se estabeleceu uma coincidência com a Alaic, com a Ciespal, e acredito que, nesse caminho, devemos fortalecer os encontros para ver a possibilidade prática da sustentabilidade das redes e também dar um enfoque para poder aproveitar as forças acadêmicas que agrupam os pesquisadores, os professores, os centros de pesquisa das diferentes universidades para poder divulgar, não construir, porque está em construção, divulgar o pensamento da comunicação da América Latina, da América do Sul, em momentos de mudança incansável. Esta conversa, este painel com colegas que estão em diferentes países, há quinze anos já era possível, mas era difícil. Hoje em dia é muito mais simples. A comunicação digital nos deu muitas possibilidades de relacionamento, mas também nos apresentou, como Cristian disse há alguns minutos, grandes desafios, como o mundo repleto de informações fraudulentas. Portanto, cabe a nós fortalecer essa ética a partir da pesquisa em comunicação e compartilhar os estudos para fortalecer nossa presença e o pensamento da comunicação da América Latina.

CRISTIAN MUÑOZ CATALÁN: Obrigado, professor. Bem, um dos principais desafios que estamos enfrentando hoje em dia é

precisamente a irrupção da inteligência artificial, que tem em seu design a tendência de gerar vieses. Sabemos como elas se alimentam das bases de dados abertas nas quais funcionam as diferentes aplicações para inteligência artificial. E nesses vieses tende-se precisamente a sobrerrepresentar, seja gênero, identidades, e a subrepresentar gêneros, identidades, territórios. Falando claramente de, como latino-americanos, como esta colaboração, sem dúvida, que é o tema central que se dá academicamente na pesquisa, no compartilhamento de experiências, qual seria o caminho para abordar esse desafio que nos coloca a inteligência artificial e responder a esse viés de design que trazem precisamente pela única representação muitas vezes do norte global frente ao sul global. Pergunta aberta para quem quiser responder. Os colegas que estão online também. Pode falar, Dani, Luis.

LUISA OCHOA CHAVES: O áudio está com um pouco de retorno, mas primeiro, boa tarde, espero que estejam bem. Gostaria de voltar um pouco à pergunta anterior, antes de continuar com a inteligência artificial, porque quando apontamos os desafios e mudanças nas tecnologias, pensei em algumas oportunidades de cooperação que têm a ver com esses novos formatos de encontro, a possibilidade de streaming, transmissões ao vivo e uma série de ações que poderíamos desenvolver em conjunto nesta parte da cooperação. Nós, da Alike, na direção de comunicação, estamos trabalhando aos poucos porque, como disse Cristina, o tema da associação e uma associação, na qual trabalhamos com muito amor, não é fácil. Cada um de nós está trabalhando para manter isso... porque acreditamos profundamente nesse legado da comunicação da América Latina. Então, por um lado, temos a oportunidade das redes e a oportunidade do streaming e dessas plataformas. Às vezes me pergunto por que vi em alguns congressos internacionais mais ídolos norte-americanos e europeus que compartilham plataformas

de inscrição, registro e envio de trabalhos. Elas já existem, não vou fazer propaganda, mas já existem plataformas que servem para diferentes congressos. Então, talvez nos reunirmos com as associações e pensar em plataformas que poderíamos compartilhar, porque esse tipo de plataforma ou de pagamento, de registro de trabalhos, etc., são caras, são dispendiosas. Por outro lado, eu pensava no tema da comunidade, em como construir uma comunidade maior. Nós, da direção de comunicação, achamos que a comunicação de uma associação de pesquisa deve ser pensada como uma comunidade acadêmica e de amigos e amigas que queremos construir juntos. Portanto, os espaços não podem ser apenas espaços frios. Eles têm que ser espaços acolhedores, devemos promover encontros em diferentes formatos que não sejam apenas formais e acadêmicos, mas também festivos, para nos encontrarmos, comermos e dançarmos juntos, na medida do possível. Por fim, estava pensando no momento da desinformação, pensava muito em El Salvador. Falo com vocês da Costa Rica e de El Salvador. As colegas nos comentaram que estão muito preocupadas com a situação. Acho que, aproveitando essas novas tecnologias, quando estão em perigo, quando podemos de alguma forma criar um escudo para cuidar de nossas colegas e colegas que estão se expondo nesses países autoritários, fazê-los se cuidar. Em rede, acho muito importante que possamos fazer um comunicado e que os comunicados circulem pelas diferentes redes e aproveitar essa simultaneidade da comunicação, que nos daria muito mais força, porque se tivéssemos que cuidar muito bem, há muitas pessoas que estão se expondo por dizer precisamente o que está acontecendo com os governos autoritários com a desinformação.

CRISTIAN MUÑOZ CATALÁN: Muito obrigado. Alguém mais gostaria de comentar?

DANIELA MONJE: Sim, talvez eu possa, dando continuidade ao que Luisa mencionou, primeiro retomar algo da primeira pergunta e depois ligar isso ao que se refere à inteligência artificial, porque... Acho importante lembrar que nossa associação ALAIC surgiu em 1978, em Caracas, Venezuela, como vocês também devem se lembrar, a pedido de um grupo de pesquisadores e pesquisadoras que são referências em nossa área, como Elizabeth Fox, Antonio Pascual, Luis Ramiro Beltrán, Jesús Martín Barbero, Alejandro Alfonso e Marcos Ordóñez. e isso constituiu um primeiro movimento de cooperação internacional muito importante, porque, a partir dessa primeira reunião, a partir dessa vocação de articular reflexões e pensamentos de diferentes latitudes e consolidar uma comunidade acadêmica de comunicação na América Latina, surgiu a ICC naqueles anos, anos que foram muito sombrios para muitos países da América Latina e, em particular, no caso da Argentina, um ano em que se viveu um dos períodos mais sangrentos da nossa história, da ditadura militar, da última ditadura militar que assolou o país. Então, sim, acho importante lembrar que nossa associação surgiu inicialmente de um movimento de cooperação entre acadêmicos da América Latina que, por sua vez, mantinham um vínculo muito estreito e consciente com outros acadêmicos de outras latitudes, particularmente com acadêmicos ligados à IER e à IMCA, que foram os que, de alguma forma, sustentaram o impulso de dar à América Latina também um espaço semelhante ou similar ao que já havia sido desenvolvido antes. Na Europa, após o pós-guerra. E, me parece importante lembrar que surgimos de um movimento de cooperação acadêmica a nível internacional, porque isso nos dá um e identidade e também nos coloca diante do desafio do futuro, de como temos que continuar trabalhando nessa linha. E nós, como ALAIC, durante a pandemia, acho que tivemos uma experiência significativa que, de certa forma, abriu nosso horizonte de trabalho internacional para além da América Latina e que foi, de certa forma, voltar a interagir de uma maneira muito intensa e talvez inovadora, porque já

vínhamos articulando atividades com a IAMSEAR desde o ano de 2011, mas a partir da pandemia, tivemos uma experiência muito interessante, muito na linha do que Luisa apontou há alguns minutos atrás, que foi poder abrir o panorama para a possibilidade de interação por meio de tecnologias de streaming, como a que estamos usando neste momento. Isso não era possível no âmbito dos encontros do IMCR e, devido à pandemia, tivemos esse espaço, essa janela de oportunidade que durou mais ou menos três anos, mas que nos permitiu, como AIC, interagir com outras organizações de outros continentes e com intelectuais de outros continentes que puderam contribuir com seus pontos de vista e, de alguma forma, articular com a América Latina, em uma agenda muito latino-americana, questões que, de certa forma, ficavam um pouco distantes dos debates que tínhamos em nossos espaços e em nossas associações. E eu diria que distantes porque não tínhamos a oportunidade de dialogar ou interagir com esses intelectuais, acadêmicos e ativistas que, por cerca de dois ou três anos, sim, três anos, pudemos convocar para que participassem de nossos painéis online no âmbito da IAMSEAR. E só para lembrar, gostaria de comentar que no próximo ano, no próximo ano, no próximo ano, no próximo ano, no próximo ano, no próximo ano, no próximo ano, tivemos representantes da África, da América Latina, da Europa, da Austrália, da Ásia, e foi uma experiência extremamente enriquecedora para todos, porque também pudemos convocar os membros da ICA para participar, fazer perguntas, interagir, etc. Então, no ano vinte, vinte e dois, redobramos a aposta e fomos com um painel que, na mesma linha da descolonização, abordou a questão de colonizar e somar comunicação, diálogos e cooperação entre pesquisadores e associações. E lá o que fizemos foi recuperar um vínculo não apenas em termos de pesquisadores ou ativistas, mas em termos de associações internacionais. Então, trabalhamos com associações da China, associações da Europa, porque convocamos a ECREA, e também trabalhamos com associações da

África do Sul. E em 2023, outro painel que também teve essa dimensão virtual, chamado Comunicação e Democracia, Riscos e Possibilidades para o Futuro, aconteceu em Lyon. E lá já tivemos presença presencial, mas também pudemos dar espaço para a articulação de diferentes vozes provenientes de diferentes continentes. E para nós foi uma aposta política importante porque foi também colocar a agenda da Alaic nas discussões que estavam sendo realizadas na Alemanha. No contexto da AMCR, que é um contexto que talvez possamos dizer marcado por uma origem europeia, mas que tem um diálogo em nível de todos os continentes. Isso foi muito importante e nos parece que tem a ver com uma cooperação que buscamos estender além dos limites da América Latina e que nos retroalimenta e nos permite nos projetar como associação. Isso em relação à primeira pergunta. E em relação à segunda pergunta relacionada à inteligência artificial, estamos convocando nosso congresso do ano 2026 em Monterrey para uma discussão que tem entre seus itens centrais a questão da inteligência artificial. E nossa perspectiva é justamente abordá-la a partir de uma teoria crítica, de um pensamento situado em termos regionais, em termos territoriais, e considerar, é claro, a inteligência artificial como um... sistema sociotécnico, não apenas como uma tecnologia, mas como um sistema sociotécnico que tem implicações em termos de influências na constituição de identidades, na constituição de sujeitos políticos, que tem, por , riscos que devem ser enfrentados de forma ativa e crítica e que devem ser pensados também em função das particularidades locais, nacionais e regionais que nossos territórios têm que definir. E aí há uma questão ligada à solidariedade, à soberania e à paz que nos interessa particularmente relacionar com a crise em função de certos desenvolvimentos da IA ou das tecnologias digitais em geral, que de alguma forma colocam em crise ou colocam em risco a possibilidade de lidar com certas situações de forma soberana e autônoma. Portanto, na realidade, temos muito a debater, a refletir em conjunto e a gerar mecanismos

de... de cooperação regional que nos permitam enfrentar problemas que são extremamente complexos. Então, muito obrigado por este espaço que nos oferecem para o debate.

CRISTIAN MUÑOZ CATALÁN: Muito obrigado. Alguém mais gostaria de contribuir com as ideias anteriores ou passamos para um... Sim, posso intervir, indiquem-me em que momento, talvez. Sim, sim. Se eu puder intervir, indiquem-me, certo? Ou, caso contrário, aguardo a palavra. Sim, sim, pode prosseguir, professor.

JAIR VEJA: Bem, em primeiro lugar, muito obrigado, muito obrigado, saúdo todo o painel pelo espaço que estão desenvolvendo, ao nosso querido diretor da FelaFax, colega, grande amigo, e a todos os colegas da diretoria da ALAIC. Acho que a reflexão proposta é muito interessante. Gostaria de começar pela última pergunta sobre os desafios dos atuais ecossistemas midiáticos e de comunicação que se configuraram com toda essa questão da inteligência artificial. Por um lado, há desafios importantes em termos de potencialidades. Tenho visto colegas que estão trabalhando em cocriação em diferentes países, trabalhando simultaneamente, inovando processos em pesquisa e articulando, mobilizando diferentes atores sociais, pensando em todas as possibilidades que isso poderia ter para a democratização d . Mas também encontro outras reflexões que existem em relação às condições que esses ecossistemas nos impõem e à presença da inteligência artificial, em termos de considerações éticas, direitos autorais, rigor metodológico. Sabemos a quantidade de revistas acadêmicas em todo o mundo que já estão sendo afetadas por esses processos de pesquisa. Criações rápidas com inteligência artificial, manipulação, controle, por exemplo, todas essas expressões que estão sendo geradas nesses novos ecossistemas e isso se conecta com outro ponto que me parece importante como eixo de reflexão conjunta entre nossas associações, que é toda essa questão dos desafios que nos são

apresentados neste momento, digamos, para a comunicação e a pesquisa, esses contextos de populismo, desinformação, regimes autoritários que se apresentam como de direita, de esquerda, e todos esses movimentos sociais, anticientíficos, antdireitos. É impressionante, por exemplo, ver todo esse movimento que se criou agora na manosphere, tentando recuperar, por exemplo, posições patriarcais. Eu diria que nossa geração, como explica Rita Segato, foi afetada pelas masculinidades impostas, mas essas masculinidades que estão surgindo agora têm a opção, ou seja, tinham a opção de outras possibilidades neste momento, no entanto, estão optando por esse tipo de processo e acredito que há uma série de elementos para reflexão. Esta manhã, comentei com os colegas da diretoria a importância de criar logo um espaço, uma instância de concertação e articulação permanente das associações. Ou seja, que se pudesse criar um espaço de articulação, que se criasse uma agenda de trabalho em torno de temas que pudessem nos reunir. Pensava que, por exemplo, a articulação entre grupos de trabalho, os GTs de nossas organizações, uma agenda de publicações em diferentes formatos, não apenas o acadêmico tradicional, mas também documentos de política que dialoguem com incidência nas decisões governamentais, com instâncias de cooperação e internacional. Uma reflexão conjunta sobre a pesquisa nos programas de pesquisa da região, por exemplo, sabemos que há um declínio nas matrículas, que há uma mudança de muitos programas para perspectivas mais técnicas, menos investigativas, mas nos preocupa essa linha de continuidade que vai desde a formação em pesquisa na graduação, depois os mestrados, os doutorados, que são os que chegam às nossas escolas de verão e que também são os parceiros da Alaí, ou seja, há linhas de continuidade muito importantes e por isso é preocupante, digamos, pensar a pesquisa no que Cristina dizia há pouco sobre a presença da escola e do pensamento latino-americano nos currículos. A questão da presença de perspectivas que às vezes são invisibilizadas, como as das mulheres, eu resgataria,

por exemplo, o trabalho que vem sendo feito por Más Rincón e muitas mulheres da América Latina com a Fez com toda essa questão das mulheres na comunicação. Acho que esse tipo de coisa também deveria nos levar à reflexão, por exemplo, toda a questão das novas agendas de cooperação, digamos, pensando no financiamento para a pesquisa, o financiamento para os dois programas diferentes que para os diferentes projetos de pesquisa. Então, acho que minha intervenção foi simplesmente para dizer que há uma série de elementos na agenda que poderiam ser comuns para a reflexão entre as organizações. E talvez se criarmos um espaço de articulação que possa retomá-los e que possa ser também, digamos, um plano de trabalho, certamente retomando esses marcos históricos que Daniela apontou, que meus colegas que me precederam apontaram, tentando a partir daí ganhar força e continuar trabalhando em conjunto. Muito obrigada.

CRISTIAN MUÑOZ CATALÁN: Muito obrigado, professor. Resumindo as ideias que ouvimos ao longo dessas diferentes intervenções, a ideia de criar espaços diferentes, não apenas acadêmicos, mas também acessíveis, para abrir a mente mais a conversa, articular a reflexão e, de alguma forma, ter respostas para os desafios que a desinformação, a inteligência artificial ou o que quer que tenhamos de novo amanhã, porque foram elementos que surgiram e rapidamente ficaram cobertos pelo que acontece hoje. De que maneira vocês acreditam que poderíamos, concretamente, por meio dessa colaboração acadêmica latino-americana, criar novos espaços, inovar de alguma forma os formatos, porque hoje em dia inovar é sempre um desafio, ainda mais em um momento histórico em que parece que tudo já foi feito. Mas como poderíamos avançar concretamente e com as ideias de todos aqueles que querem participar no desenvolvimento desses espaços que sejam diferentes, que não sejam exclusivamente acadêmicos, por exemplo, isso me agradou, uma ideia interessante. Sempre penso nesses contextos,

como integramos os estudantes de graduação, por exemplo, que são jovens desta época, nativos digitais, e talvez haja aspectos que eles possam, por que não, nos ensinar, de sua relação política com a tecnologia. Então, essa é a questão. Como poderíamos assumir esse desafio de criar novos espaços, inovando os formatos e de alguma forma que sejam acessíveis, além das reuniões online, que evidentemente hoje em dia com um telefone podemos programar? Quem gostaria de responder, por favor? Obrigado.

TANIUS KARAM: Sim, bem, eu havia preparado, como me disseram, cerca de dez minutos respondendo à pergunta sobre como podemos continuar dialogando, felafax. Preparei brevemente algo que espero que não me leve... Muito menos do que dez minutos. E vamos ver se eu consigo... porque, digo, o problema são perguntas tão gerais, mas tudo bem, é para dialogar em voz alta. Perguntei à inteligência artificial: "Diga-me as características gerais do campo acadêmico da comunicação na América Latina". E ela me disse dez coisas, vou mencionar apenas cinco, com uma pequena frase. A primeira me dizia: "É um campo nascido da urgência, não do luxo". É verdade, surgiu por alguma razão. Por uma determinada condensação de fatores de maneira desigual, isso que, para fins práticos, chamamos de campo da comunicação ou conjunto de escolas, etc., ou de faculdades que produzem informação e têm uma determinada interação social. E então não nasceu tanto, diz a inteligência artificial, não nasceu nos laboratórios nem nos ministérios, mas nas ruas, no rádio popular, etc. Então, segundo a inteligência artificial, surge por um conhecimento de resistência e emergência e não de conforto acadêmico. Aqui haveria um primeiro elemento de tensão com o componente estritamente acadêmico institucional ou com a fenomenologia da instituição. Seja pública-privada, grande-pequena, rural-urbana. São poucas as cidades com menos de cem mil habitantes que têm escolas de comunicação, por exemplo. Segunda característica, diz que sua matriz é ética e política

antes de técnica. Então, pesa mais a questão da consciência e da transformação social, ou seja, que, segundo isso, os cursos de comunicação não teriam surgido para produzir mais, melhor, mais eficientemente, mas para gerar esse fator, esse insumo nas sociedades da região a partir do que genericamente chamamos de consciência de transformação. É um híbrido, é uma mistura não resolvida de teoria, práxis e militância. Ou seja, a comunicação na América Latina é mais práxis do que disciplina, do que objeto. E bem, por último, há mais seis, sete pontos, mas vou parar por aqui. Sempre existe a tensão entre o próprio e o importado. Ou seja, historicamente, naquele famoso discurso de 73, creio eu, de Ramiro Beltrán, com relação à importação, isso sempre preocupou, isso não é próprio da comunicação, isso surgiu na história das ideias da América Latina. Pode ser um debate retórico, digo, o que é próprio, o que é importado. Lutremont dizia que todos sabemos tudo, Carlos Monsiváis parafraseava que todos ignoramos tudo. Mas, enfim, é interessante porque isso sempre preocupou. Segundo ponto, o tema dos imaginários como categoria. Também me chamou a atenção a inteligência artificial dez, menciono apenas dois ou três e compartilharei com os colegas, ou menciono apenas um. Por que resgato essa categoria? Entendo o tema do imaginário um pouco da maneira mais próxima do amigo Castoriadis, como uma projeção do desejo, ou seja, por que estudamos comunicação, o que queríamos com eles e como os acadêmicos nas escolas surgiram como uma vocação de transformação social a partir do âmbito educacional, do âmbito institucional, ou seja, formar-se, estudar, para ocupar espaços e, a partir dessa ocupação de espaços, transformar a realidade social. Essa poderia ser uma articulação. Então, esse tema, o que queremos? Como aquele famoso conto de Eduardo Galeano no livro dos abraços, que as utopias... Não servem para serem alcançadas, servem para nos ajudar a caminhar. Eu, por exemplo, uma das razões pelas quais estudei comunicação é porque gosto muito de música latino-americana. Na verdade, estudei música e,

para mim, estudar era uma forma de me aproximar das culturas. E, dessa forma, uma das coisas que mais me deu foi essa sensibilidade latino-americana. Por exemplo, no Brasil, sempre sinto uma energia particular, uma energia... Na verdade, no Congresso de Bauru, falei da vocação do Brasil como irmão mais velho da América Latina. Nesse sentido, também comentei isso com Fernando e outros. Bem, e... Por último, estou na pasta de Assuntos Internacionais da Alaic e me perguntava o que a América Latina pode contribuir para os outros blocos civilizacionais e o que podemos aprender na América Latina com outros blocos civilizacionais. Nas minhas anotações, reli o famoso texto de Huntington, que por sua vez foi uma resposta ao polêmico texto de Fukuyama, sobre os blocos civilizacionais e o que a América Latina pode contribuir, por exemplo, uma visão crítica, humanística e ética da comunicação, que no mundo anglo não é tão forte. Essa pedagogia da relação e do encontro que em outros blocos civilizacionais não é tão forte. E, por sua vez, o que podemos aprender com esses blocos civilizacionais? E termino minha intervenção dizendo... Como podemos concretizar a colaboração? O professor Jair, meu estimado professor Jair, disse em Baurú algo que me marcou muito. Ele não disse com estas palavras, mas ele me corrigirá se eu estiver errado, que muitas vezes, quando nós, acadêmicos, queremos fazer algo, o que nos ocorre é escrever um livro. Ou seja, é como se nossa imaginação se esgotasse... Então, eu conversava com Rafael sobre a importância de atualizar o estado da arte, a reflexão, em relação às características genéricas da produção de conhecimento nas escolas e entre os pesquisadores, mas retomando essa crítica que Jair fez muito acertadamente em Bauru, não fazer isso única e exclusivamente por meio de um livro, mas algum tipo de suporte multimídia, aproveitando precisamente os novos softwares que existem e, é claro, como fiz neste exercício, fazendo algumas perguntas curiosas à inteligência artificial sobre o campo para vir discuti-las. Bem, aqui fiz uma paráfrase também um pouco livre. Então... Quatro ideias rápidas e com isso termino. A

primeira, um encontro sobre pesquisas e produção de informação sobre o estado do campo acadêmico latino-americano. Sobre isso há muitas pesquisas, há muita casuística, há muitos ensaios, há muito fluxo de consciência à la James Joyce, há muitas anedotas. Mas reflexividade de primeiro, segundo e terceiro graus, pouca. Então, eu conversava sobre isso com o Rafa, porque há informação, mas é preciso atualizá-la, ver como podemos gerar esse documento. Terceiro, fazer uma lista de tarefas que, por meio de softwares, por meio da nuvem, por exemplo, conversava com o Rafael, a diversidade semântica da apelação institucional dos cursos de comunicação, e que agora temos uma facilidade de bancos de dados. Por exemplo, a professora Claudia Benassini, no século passado, fazendo um trabalho para a Conec no México, identificou sessenta e três tipos de nomes do curso de comunicação. Esse é um aspecto muito particular, mas é concretizar essas operações, essa e algumas outras que possamos realizar. Três. Fazer o livro porque gostamos, o livro tem sido um fator e e de... e não só isso, fazer um índice justamente dessas pesquisas que geraram campo. Por exemplo, no México temos a obra gigantesca de Raúl Fuentes Navarro, as bases de dados, etc. Mas bom, o professor Fuenz Navarro já fez uma contribuição importante, isso tem que ser atualizado. E cada país tem o seu. Aqui a nossa querida Cristina, aqui no Brasil, fez trabalhos maravilhosos, mas estão em português. Então, temos que ver a questão idiomática que ela também mencionou, que isso é um problema, não é? É obrigatório que nós, falantes de espanhol na Alaic, comecemos a estudar bem o português, porque aqui no Brasil eles estudam espanhol e falam muito bem, mas nós, falantes de espanhol, temos sido um pouco mais, ou muito mais preguiçosos. E, por último, por último. Bem, melhor dizendo, o objetivo do livro deveria ser um livro multimídia ou um espaço multimídia, deveria ser concretizar essas operações de pesquisa com tarefas específicas. O banco de dados, a aplicação de software em relação a tarefas específicas, como até o nome, algumas outras, e eventualmente

algumas sugestões de política institucional, acadêmica, talvez para algumas universidades, instituições e coisas do gênero. Não mencionei, já estou terminando, já vou calar a boca, não mencionei a parte subjetiva, qualitativa, etc., porque há muito disso, mas definitivamente, se não colocarmos software nisso, se não colocarmos inteligência artificial, se não colocarmos ciência de dados, certamente será uma limitação, mas retomo a ideia de Yair de não pensar apenas no livro, mas nessa concentração de banco de dados que talvez alimente isso de que falavam meus colegas sobre uma agenda permanente de diálogo, porque é preciso dizer que a Felafacs e a ALAIC superaram uma história do século passado de relativa disputa, de relativa diferença. Então, o fato de estarmos neste espaço fala da generosidade da Felafax, que o acolheu. Acredito, meu querido Fer, que no Congresso de Monterrey do próximo ano talvez possamos fazer algo semelhante. E bem, obrigado. Desculpem, já não cabe mais a pergunta, mas desculpem-me por me alongar um pouco.

CRISTIAN MUÑOZ CATALÁN: Muito obrigado pela sua intervenção.

CRIS GOBBI: Tanios, só queria salientar que, quando você fala das diferentes nomenclaturas da carreira, hoje temos diferentes carreiras dentro das nomenclaturas. Então, essa mudança que houve na própria formação, na forma dessa formação, é muito importante para nós. Quando se sai do jornalismo e se passa para a comunicação social, abre-se um grande leque de outras possibilidades de formação. No Brasil, isso foi uma discussão imensa. Enfim, a própria queda do diploma, a obrigatoriedade do diploma de formação, dentro da carreira de jornalismo, que é algo que ainda se discute no país. Então, há uma problemática que precisaríamos, de alguma forma, entender neste cenário latino-americano, e na perspectiva da própria Felafacs.

CRISTIAN MUÑOZ CATALÁN: Muito obrigado.

CARLOS RIVADENEYRA OLCESE: Há tempo? Há aproximadamente quinze anos venho pensando que os estudos profissionais de comunicação estão em expansão e isso tem a ver com as sessenta e três formas de denominar o curso. Eles se expandem, mas de maneira plural, porque em cada lugar a universidade gera um curso de comunicação que a sociedade precisa. O curso de comunicação em Palmas é um, no Rio de Janeiro é outro, em São Paulo é diferente, em San José da Costa Rica é diferente do que em Lima, inclusive no meu país, em Trujillo, na Costa Norte, aqui temos uma diretora do curso de uma universidade, também é diferente. Antes falávamos de diferenças por causa dos sistemas de mídia, porque os sistemas eram diferentes e geravam políticas diferentes, e a discussão era essa há duas ou três décadas. A discussão nunca se esgotou, nunca terminou. O que mudou foram os meios de comunicação. E agora vemos neste painel propostas da pesquisa no campo da comunicação, um espaço interessante para conversar e discutir, para pesquisar e publicar de várias formas, mas também para usar as tecnologias. E acredito que o curso de comunicação continua se expandindo, continua se diversificando e continua, abusando do espanhol, se pluralizando. Existem diferentes interpretações do curso de comunicação de acordo com as necessidades sociais. E essa é uma das riquezas. Em comparação com outras carreiras profissionalmente estabelecidas, como direito, arquitetura ou mesmo medicina, a carreira de comunicação é extremamente jovem e ainda está em fase de formação. Abrangendo e superando diferentes etapas, acredito que este painel é o início de uma nova etapa de colaboração, cooperação e trabalho conjunto para enfrentar todos esses desafios. É verdade que há universidades e carreiras que estão em crise de diferentes formas: alunos, sustentabilidade, professores ou pesquisas. Mas algumas estão em crise e outras estão enfrentando a crise. E esse compartilhamento de

como lutar contra as crises só é possível no compartilhamento na cooperação, se um e com isso terminou, conta-se a quantidade de carreiras e estudantes de comunicação no ano oitenta versus o ano vinte e cinco, vamos ver uma diferença muito grande e acho que aí está a importância da formação de comunicadores e a importância de que as redes aumentem os esforços, trabalhem em conjunto e possamos contribuir melhor para a sociedade, que é, afinal, o objetivo dos comunicadores: fazer comunicação para as pessoas, para a sociedade.

CRISTIAN MUÑOZ CATALÁN: Muito obrigado. Já nos restam os últimos dez minutos. Alguém mais?

FERNANDO OLIVEIRA PAULINO: Sim. Bem, obrigado. Resumidamente, além de agradecer muito por esta oportunidade, gostaria de salientar que vejo camadas de ação, ou seja, acredito que existe tanto a possibilidade de usar as tecnologias e m de informação e comunicação para estabelecer mais pontes, mais intercâmbio, mais cooperação a partir das atividades de ensino, passando pela pesquisa e pelas atividades de extensão, até também um esforço que agradeço muito ao Rafa e a outras associações de uma ação compartilhada entre as associações latino-americanas para que nosso pensamento, nossas ações transcendam as fronteiras latino-americanas e alcancem os centros mais consolidados de produção e reconhecimento científico e acadêmico, ou seja, muitas produções consideradas globais, consideradas multilaterais, muitas vezes desconsideram a diversidade, a riqueza, o patrimônio que temos cultural, comunicacional, de gênero e todos os outros temas que foram mencionados aqui a partir da América Latina. Então, acredito que temos essa tarefa, Rafa, de seguir em frente com este feliz encontro, pensando também em outros fóruns como o World Journalism Education Council, a MCA, a ICA, a UNESCO, porque é muito importante para nossa comunidade dentro e fora da

academia. Que essa aliança se fortaleça e que tenhamos muitos resultados, além das publicações mais científicas e acadêmicas, pensando até mesmo nos usos tecnológicos com áudio e vídeo que estamos tentando fazer. Muito obrigado a todos e continuemos em contato.

CRISTIAN MUÑOZ CATALÁN: Muito obrigado. Palavras finais de nosso presidente Rafael González.

RAFAEL GONZÁLEZ PARDO: Muito obrigado. Bem, estou aqui tomando nota atentamente de muitas das ideias e reflexões que surgem deste diálogo, que acredito ser um dos muitos que temos que fazer. No entanto, e conversamos sobre isso com Fernando, acredito que devemos definir uma agenda conjunta, com ideias, projetos e iniciativas de curto, médio e longo prazo, que é a primeira coisa que precisamos fazer. Há algo que conversamos com a TANUS e que me parece muito importante, que é relembrar como nossas associações nasceram e como estão hoje, para sabermos para onde elas vão. Ou seja, a Felafacs nasceu como uma federação de associações, a peruana já não existe, a boliviana também tem uma série de inconvenientes, a panamenha não existe. Então, começamos a ver que a gênese, por exemplo, no caso da FelaFax, mudou completamente. Não sei se para melhor ou para pior, isso é o que também teríamos que analisar. Mas mudou, mudou. E certamente a ALAIC também. Então, em meio a nos reconhecemos e nos reinventarmos, temos que ver como dialogamos conjuntamente FELAFACS-ALAIC. Há outro assunto que me parece, uma vez alguém me disse, ouça, e qual é a... por que felafaxia-AIC? E eu disse, olha, é que aqui há um assunto simples. Ao mesmo tempo, tem uma filosofia muito diferente da Felafacs, porque eu gostaria de ter toda essa massa de pesquisadores tão importantes e, muitas vezes, temos professores para identificar ao mesmo tempo, o que é muito bom, então se identifica através de assuntos quais são os pesquisadores

neste grupo temático, para nós é cada vez mais difícil, Carlitos, e nessa linha de pensamento, acho que somos até complementares em muitas coisas, eu gostaria muito que surgissem eventos como este, onde às vezes dizemos: “Olha, temos uma linha, mas quem são os especialistas que pesquisaram sobre isso?” E conseguir identificá-los e caracterizá-los é difícil. Seria ótimo termos um banco de dados conjunto onde disséssemos: “Os especialistas em gênero e as especialistas em gênero são estes no Chile, estes na Argentina, estes no Peru”, para poder mapear de uma maneira mais eficaz e que seja útil para as instituições. Estamos fazendo um exercício muito interessante e dois projetos com os quais quero encerrar, para os quais vocês já estão convidados. Convidados a se associarem, um deles é justamente caracterizar nossas afiliadas, instituições afiliadas à Felafacs, quais são os grupos de pesquisa, quais são suas linhas, quais são seus professores, quais são seus caminhos, e essa grande base de dados servirá para que, se a sua universidade de Tocantins quiser dialogar com a Universidade de Lima, saiba o que estão fazendo, quem são e quais são seus professores, é um tema muito na linha da MAP, a meta plataforma que tem na Espanha. E a segunda coisa é que, sob a direção do professor José Miguel Pereira, na Colômbia, estamos realizando uma pesquisa sobre as metodologias de ensino da comunicação nas universidades afiliadas à FelaFax. Precisamente amanhã temos uma assembleia e vamos apresentar o projeto concluído para começar a somar as iniciativas e as vontades das instituições que querem fazer parte do projeto. Mas tudo isso só pode ser feito se uma instituição colocar seus professores para trabalhar, caso contrário, será impossível fazê-lo, se não tivermos um software robusto que nos permita coletar essas informações, porque foram feitos esforços como se tudo tivesse sido feito e, às vezes, a tecnologia acaba sendo uma barreira. E a terceira coisa é que essas informações precisam ser abertas e democráticas, não apenas restritas a nós da Felafacs, mas talvez outras instituições que queiram usar esses dados possam enriquecê-los muito mais, porque se

estamos fazendo isso apenas para nós mesmos, não faz sentido, pois estamos caindo no mesmo círculo vicioso. Quero agradecer novamente a todos, Yair, Luisa, Daniela, Fernando, é claro, irmão, muito obrigado por tudo, reitero novamente a generosidade com que temos trabalhado desde a presidência de Gabriel, que você sabe que desde lá temos tentado remar coisas, estivemos há dois anos no Equador, agora estaremos em Pasto, onde há um evento que vocês também têm, que estão fazendo junto com Moncho Burgos e FADECOS, ou seja, acho que essas agendas comuns de nos encontrarmos são muito importantes. Muito obrigado também a Cristina. Carlos e também, é claro, Tanius, estamos realmente aqui com o calor humano de vocês. É muito gratificante para nós como federação e obrigado também, Cristian, para que eu possa encerrar. Muito obrigado. Muito obrigado.

CRISTIAN MUÑOZ CATALÁN: Bem, encerramos então este espaço de conversa com muitas ideias interessantes e muitas contribuições e também muitas tarefas a serem desenvolvidas. Então, obrigado a todos que permaneceram conectados, também aos presentes, e continuaremos com nossas atividades neste congresso. Obrigado. Boa tarde.

COMUNICAÇÃO E COOPERAÇÃO ACADÊMICA E CIENTÍFICA NA AMÉRICA LATINA

Gilson Pôrto Jr.
Nelson Russo de Moraes

CERIMONIAL UFT: Boa noite. Continuamos com o décimo encontro latino de Faculdades de Comunicação Social organizado pela FELAFACS Brasil, dois mil e vinte e cinco. Iniciamos outra atividade com uma saudação especial àqueles que participam através do canal do YouTube do Observatório de Investigações Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino, o OPAjE. Sejam bem-vindos, participem conosco. E agora damos início à palestra magistral que tem como tema: "É possível falar de democracia na e para a América Latina, situando as narrativas contemporâneas?". Para ministrar a palestra, convidamos o professor doutor Nelson Russo de Moraes. Apresentamos o professor Nelson, doutor em comunicação e cultura contemporânea, mestre em serviço social e licenciado em administração. Ele é líder do grupo de estudos e pesquisas em democracia e gestão social (GEDGS) da Unesp, pesquisador do Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e à Educação (

Enseñanza) do grupo de pesquisa Opaje UFT e, atualmente, é professor da Unesp, a Universidade Estadual Paulista. Para moderar esta conferência, convidamos o professor Dr. Gilson Porto. E agora tem a palavra o professor Dr. Gilson Porto, moderador desta conferência.

GILSON PORTO: Boa noite, é um prazer tê-los aqui. Nesta conferência, teremos a oportunidade de debater, como professor Nelson, algumas das questões relacionadas à democracia. Então, sem mais delongas, você poderia anexar a apresentação, por favor? Estamos prontos. Então, a palavra é sua, estou à sua disposição.

NELSON RUSSO DE MORAES: Em primeiro lugar, muito obrigado ao professor Gilson Porto pela oportunidade, à UFT pela hospitalidade e à FELAFACS pela confiança que depositou em mim ao me confiar um tema tão valioso para o âmbito da comunicação e da sociedade em geral. Tenho um grande, na verdade, um altíssimo apreço pelo estado de Tocantins, onde morei por onze anos, tive minhas duas filhas e consolidei meu perfil profissional como professor e pesquisador. Portanto, é sempre uma alegria para mim voltar a esta casa, a UFT, onde fui professor do Mestrado em Comunicação (PPGCOM).

O tema da minha intervenção, a democracia, é muito importante para todos nós, mas, na verdade, essa intervenção poderia ser suprimida após a mesa anterior, na qual tivemos um verdadeiro debate sobre políticas públicas. Quero parabenizar os membros da FELAFACS, da ALAIC e do CLACSO que conduziram uma mesa com intervenções sobre a formação em comunicação. Então, se temos que falar sobre democracia, comecemos por aí, já que aqui foi discutido e tratado todo o elemento formativo, os desafios, por parte de diversos representantes que não representam apenas a si mesmos ou apenas seus países, mas representam todo um conjunto

de instituições, cursos de graduação, programas de pós-graduação e pesquisadores. Eles representam aqui mais de 300 faculdades de comunicação da América Latina e do Caribe para discutir onde e como a comunicação interage e colabora com tantas outras áreas. Portanto, me sinto muito à vontade para falar sobre democracia na América Latina.

Muito bem, sou o professor Nelson, estou vinculado à UNESP em Bauru, no interior do estado de São Paulo. Já dei aulas aqui em Tocantins, em algumas instituições, especialmente na Unitins, na ULBRA e na Faculdade Guaraí - FAG (localizada no interior do estado). A UNESP, instituição na qual trabalho atualmente, é uma organização que busca ser democrática, para revestir, inspirar e ensinar a democracia. Na verdade, todas as instituições buscam ser democráticas, para depois tentar interagir com o elemento democrático, e só assim ensinar a democracia, já que a universidade é um lugar de discursos, de muitos conhecimentos, de muitas culturas, de universalismo. É muito prudente dizer que nós também estamos aprendendo. Na verdade, as pessoas também estavam aprendendo cerca de quinhentos anos antes de Cristo, quando nas praças europeias, especialmente nas praças atenienses, se falava de democracia. E nós só tínhamos um começo. Um começo bastante "distorcido", para dizer a verdade, porque os escravos não estavam lá, porque as mulheres não estavam lá. Portanto, quando falamos também de democracia a partir da universidade, temos que ser muito cuidadosos, porque a universidade também está sempre em processo de construção e reconstrução, inclusive para uma inclusão mais ampla de pessoas diferentes de diferentes classes.

Dentro desse processo, na UNESP foi criada a RedeCT (Rede Internacional de Pesquisadores sobre Povos Originários e Comunidades Tradicionais), um ambiente e espaço de articulação de cerca de 500 pesquisadores (professores, pesquisadores, estudantes

e membros de povos/comunidades tradicionais). São pesquisadores de diferentes partes do Brasil, de outros países da América Latina (Bolívia, Argentina, Peru, Chile, Venezuela, Colômbia, México), da Europa (Itália, Alemanha, Espanha e Portugal) e da África (Moçambique, Angola, Guiné-Bissau e Cabo Verde). Rede da qual tive o prazer e o orgulho de participar de sua criação e estruturação até o momento atual, consolidada como Instituto de Pesquisas Amazônicas e de Povos Tradicionais.

Então, a partir deste espaço de expressão, meu enfoque sobre a democracia. Porque, para falar de democracia, temos que falar do nosso entorno, da complexidade das relações sociais, da dominação e do poder entre os estratos e classes sociais e de como as instituições se articulam com a garantia de direitos tão fundamentais para a vida das pessoas. Costumo começar minha intervenção, quando tenho uma pergunta, uma questão orientadora, dizendo “não sei”. E então vou desenrolando a meada e construindo um fio condutor para o diálogo. Mas, na verdade, essa pergunta não tem uma suposição negativa, não se pode dizer “não sei”.

É impossível que alguém minimamente qualificado diga “não sei se é possível reiniciar a democracia”... “não sei se se pode falar de democracia aqui, ali ou acolá, e muito menos na América Latina”. Na verdade, a suposição negativa, neste caso, não existe, tenho que mudar minha linha habitual e dizer “sim”, porque temos uma resposta prévia bastante substancial. “Ainda é possível falar de democracia na e para a América Latina?”... “Sim, claro que sim”. Na verdade, Robert Dahl (em seu livro “Sobre a democracia”) fala dessa perspectiva ou fundamento básico da democracia. Ao contrário de outros pensadores, Dahl é enfático: “não existe terra arrasada para a democracia”. Assim como existem plantas bulbosas que, após sofrerem todo tipo de devastação, com a chegada do vento úmido e da chuva, quando chega um tempo fértil, brotam e se revitalizam.

E a orientação que Dahl traz é que a democracia voltará a florescer em momentos mais propícios ao diálogo. É isso mesmo, “para a democracia, não há terra devastada, para a democracia sempre chegará um tempo fértil”.

Então, falando do tempo e da América Latina, tenho que dizer e esperar que, dentro de alguns anos, algumas décadas, a Venezuela será sem dúvida uma das democracias mais exuberantes da América Latina. Porque também os pensadores que tratam desse tema destacam entre eles (Pepe Mujica, ex-presidente do Uruguai) que as sociedades aprendem mais sobre a importância e os elementos da democracia quando esta se encontra enfraquecida, suspensa, quando falta, quando está ausente. E quando a tão sonhada democracia floresce, ela o faz com força e robustez.

Em algumas construções, alguns documentos, alguns recortes e artigos jornalísticos, ouviremos e leremos que na América Latina tivemos uma aproximação muito perigosa da extrema direita (nenhum extremo é bom, pois todos trazem consigo a exclusão e, o que é mais grave, a exclusão dos espaços de diálogo das políticas públicas) e, em resposta, novos avanços da esquerda que se segue. Mas o fato teórico é que a democracia não morre, ela espera seu momento. Dito isso, queridos defensores e amantes da democracia, a democracia é o governo do povo, exercido pelo povo e dirigido ao povo, desde Abraham Lincoln, mas muitos outros pensadores estruturam esse discurso de uma maneira, às vezes, muito mais estruturada academicamente. E o que sempre nos vem à mente é o voto. O que sempre nos vem à mente é o voto.

E me parece que as pessoas imaginam que a democracia é apenas o direito ao voto e, portanto, esquecem os outros aspectos. Por exemplo, meus queridos colegas que há pouco faziam parte da maravilhosa mesa que me precedeu aqui. As pessoas esquecem a

importância de participar de movimentos associativos que nos representam, como os aqui representados, a FELAFACS, a ALAIC, a CLACSO, entre outros. É fácil integrar afiliados à ALAIC? É fácil integrar e manter afiliados na FELAFACS? Não é. E eu não estou na gestão de nenhuma delas, mas sabemos que no dia a dia faltam mãos, faltam braços para as diversas ações de uma organização social ou representativa. Assim é com as federações, assim é com as associações, assim é com os conselhos de alimentação escolar das escolas. Ninguém... quer assumir a democracia quando ela acarreta essa obrigação, esse trabalho, esse tipo de "carga". Então, voto e delego. Voto e assim assino um poder em branco para que alguém administre livremente o que, por ser público, também é meu.

Mas a democracia, mesmo que tenha surgido manca, um pouco torta, precisa muito de nossas mãos e precisa muito de nossa participação para seu fortalecimento e sua segurança, em sociedades marcadas pelo vaivém de grupos com posições extremas.

Na nuvem de palavras agora projetada, além de democracia, observamos várias outras palavras, o que é óbvio, porque a democracia exige complementos. Então, é óbvio que, quando falamos de democracia, temos que colocar mais palavras em jogo, porque, do contrário, não se entende o recorte, o marco e a complexidade interdisciplinar desse campo.

A democracia exige muitos, muitos sobrenomes. A democracia é um direito. As democracias são direitos. E não são apenas direitos dos professores que foram aprovados em um concurso. A democracia é democracia para os indígenas, sejam eles os mapuches do Chile, os aimaras da Bolívia, os caingangues e os yanomamis, entre tantas outras etni o Brasil. A democracia é para aquela pessoa que está na periferia de uma grande cidade. E não tem água potável. A democracia é essa discussão cotidiana que faz com que as pessoas

se animem a discutir os temas centrais para sua vida no coletivo. Então, são direitos. E quando vamos discutir direitos, passamos pela tônica das políticas públicas e . E entre as políticas públicas, não há como. A política pública é o que está acontecendo aqui.

Sobre as políticas públicas, entre diversas teorias, obviamente nós, críticos como somos, já trazemos a discussão de classes para o fundo (talvez dentro da teoria do materialismo histórico e dialético que também ilumina essa área), mas sabemos que para discutir políticas públicas temos que colocar temas na agenda. Temos que colocar em debate os temas que devem ser tratados. E então, em que âmbito? Onde serão debatidas as agendas para que se estruture uma abordagem mais sólida, organizada e legítima para a sociedade? Este congresso é um excelente exemplo de fórum de debate de agendas, assim como as sessões plenárias das legislaturas, as escolas e as redes sociais online. E, por último, quem são e quem serão os atores que, com ou sem representatividade, entram nesses fóruns para dialogar sobre as especificidades, as demandas e os limites dos direitos e das políticas públicas dentro da sociedade democrática.

Portanto, debater sobre políticas públicas é tratar da agenda. É tratar do fórum. Os conteúdos que estamos debatendo aqui (e gerando compreensões e entendimentos) devem ser obrigatoriamente publicados em nossas redes sociais online, caso contrário, não chegaremos a quem precisamos chegar de forma quantitativa e qualitativa. Trata-se de buscar, por meio deste fórum, novos fóruns. Obviamente, estamos aqui entre professores e pesquisadores de comunicação, estamos falando sobre mídias digitais, especialmente redes sociais online. E além disso, além de estabelecer a agenda e escolher os cenários estrategicamente, quem são e serão os futuros atores? Quem são as pessoas que estão assumindo o discurso, que estão assumindo as responsabilidades para articular a produção de

conhecimento, para articular os grandes debates sobre a democracia?

Bem, as políticas públicas, os direitos, são temas muito valiosos para todos nós. E o diálogo sobre políticas públicas nos leva à discussão de uma delas que é muito, muito, muito especial, que é a política pública de educação. Por que a saúde não está aqui, em primeiro plano? Por que o acesso à água não está, mas a educação está? Porque a educação é a política pública fundamental para combater a pobreza. Porque a educação, segundo Pedro Demo e tantos outros pensadores, é o que vai combater a pobreza política e, conseqüentemente, a pobreza socioeconômica, promovendo melhores níveis de igualdade. Mas como abordar a educação se as pessoas estão cada vez menos interessadas em proporcionar um conhecimento que seja dialético, conflituoso, que possa gerar autonomia de pensamento? Observe os grandes desafios que temos no âmbito acadêmico. E, é claro, a partir da educação, como política pública central e privilegiada, produzir-se-á uma cidadania sólida.

Uma sociedade com uma cidadania sólida é aquela capaz de produzir pessoas que tenham seu turno, que tenham voz, que tenham a coragem de seguir em frente e lutar, de ir à sala de aula e levar os temas necessários, de ir às redes sociais online e produzir conteúdos que contribuam eficazmente para o esclarecimento e a luta contra a desinformação. E vejam, no final da minha intervenção, falaremos sobre nossa responsabilidade como professores da área da comunicação. Então, essa cidadania que eu chamo de cidadania ativa, essa cidadania ativa presente em tantos pensadores. Mas a cidadania ativa é muito sólida lá. A discussão sobre a cidadania ativa traz à tona a figura que vai discutir não apenas a igualdade, mas que vai trazer, a partir desse elemento de igualdade com a cidadania ativa, o voto. E a partir do voto, a partir do voto, o controle social sobre o Estado.

Controle social sobre o Estado? Quem exerce o controle social sobre o Estado? Muito poucas pessoas. Por que não exercem controle social sobre o Estado? Porque mal se lembram em qual candidato ou candidatos votaram nas últimas eleições. Porque a cabeça costuma estar tão cheia de bobagens. E desculpem-me, todos nós somos da área da comunicação, mas há tantas bobagens publicadas na mídia, uma inundação de conteúdos sem o propósito de informar algo relevante ou, pior ainda, com o firme propósito de promover a desinformação. Assim, não sobra tempo para a filosofia cotidiana, tão necessária para o amadurecimento de cada um, não sobra tempo para o debate cidadão, não sobra tempo para o controle social sobre o Estado, de modo que aquele que elegemos está lá, “livre, solto e sem amarras” e, o que é pior, com um “poder assinado e em branco”. Esta é uma responsabilidade muito difícil das faculdades de comunicação social, não formamos profissionais apenas para que se desenvolvam no mercado de trabalho, mas, dada a nossa transversalidade formativa, especialmente fundamentada pelo nome da nossa área, comunicação social, assumimos a importância crítica deste tema e a formação crítica. Então, como não formar profissionais das diversas áreas da comunicação que sejam críticos ou que controlem minimamente o Estado? No final, falaremos das redes, dos observatórios, mas do controle social sobre o Estado, que continuará sendo um campo de controle após a votação. É todo um processo administrativo, social e judicial que deve se consolidar democraticamente na prestação de contas, e que sabemos que culmina na eleição e, às vezes, na reeleição ou não de alguém para a gestão executiva ou e e para a composição das câmaras legislativas. Mas reeleger ou não alguém... Não é apenas para a prefeitura, ou para o governo do estado, ou para a presidência da república. Trata-se de reeleger ou não alguém, mesmo para as células, e eu trouxe (no início da minha intervenção) a própria Unesp com toda a sua extensão territorial de atendimento estruturada em

dezenas de unidades/faculdades. E sim, cada faculdade (pública ou privada) é uma célula de debates, discussões e legitimações da democracia como sistema. Assim, a RedeCT, a ALAIC e a FELAFACS são células que, em diferentes níveis, aglutinam pessoas, promovem fóruns e possibilitam o debate.

Nossas contas e nossos processos de gestão devem passar, necessariamente, pelo controle social. Mas passar por quem, se ninguém controla? Veja bem, nós também precisamos planejar, instituir, implementar e legitimar instrumentos e instâncias de controle social sobre nossas redes e instituições, pois assim elas se fortalecem no âmbito das sociedades democráticas. E, enquanto isso, instrumentalizar a educação fiscal, que, transversal aos “processos mais delicados” de nossas instituições, pode coroá-los com a legalidade e a legitimidade das quais dependem.

Parece-nos bastante claro que, em espaços, instituições e nações onde não existe uma educação sólida e transversal (seja a política pública de educação escolar ou a educação fiscal proporcionada por cada acordo), a sociedade terá dificuldades para estruturar uma cidadania sólida, o que prejudicará o controle social e a prestação de contas e, pior ainda, deixará espaço para a desinformação e as notícias falsas. Há espaço porque as pessoas mal instruídas (e vou insistir nisso), mal escolarizadas, não percebem o quanto são manipuladas em um processo eleitoral, em um processo de consumo de produtos/serviços que nem mesmo precisam, da perspectiva e da lógica da sociedade democrática e da sociedade de consumo.

A desinformação não só existe, mas, no caso brasileiro, meus queridos amigos, levou mais de setecentas mil pessoas à morte na pandemia da Covid-19. Desinformação que, no caso brasileiro, levou à resistência à vacinação, fazendo com que fantasmas como a

poliomielite e o sarampo voltassem. Agora, se a desinformação e as notícias falsas estão aqui, em ascensão, quem vai enfrentar essa informação confiável e com a verdade dos fatos para produzir uma liberdade que seja estruturada? Se não for a Academia, quem será? Meus queridos, da mesma forma que não é nosso papel (como professores e escolas) incutir boas maneiras e senso de urbanidade em crianças e jovens (sei que não lidamos com crianças, mas é apenas um parâmetro), é nosso papel produzir verdades e informações que sustentem a formação ética e moral dos profissionais da comunicação que estão se formando, para que eles também produzam conteúdos e ambientes democráticos, inclusivos e justos.

Só então, nesta nuvem cheia de palavras, poderemos coroar a verdadeira democracia, e não apenas com o voto.

Caros amigos, sei que isto é como pregar no deserto, sei que todos sabemos disso. Então, se todos sabemos disso, é algo que estamos lembrando para depois cravar um prego incômodo na área da comunicação. Sabemos que o conceito de política é o de ser a ciência e o âmbito onde se discutem as prioridades e, em meios onde “a manta é curta”, se discutem as prioridades e o que é preciso fazer. Em várias instâncias, isso vem acontecendo. Então, reservando o entendimento da política, temos que incorporar ao debate que “a capacidade do homem de fazer justiça torna possível a democracia” e que “devido à tendência humana à injustiça, a democracia é necessária”.

É porque o ser humano tem a capacidade de fazer justiça e, portanto, de combater a distribuição desigual do acesso. Como temos a capacidade de fazer justiça para combater a desinformação, para combater a corrupção, então a democracia é possível porque temos a capacidade para isso. Mas a democracia é necessária, é obrigatória,

porque também temos inclinação para a injustiça. Isso é de natureza filosófica.

De fato, em vários países, incluindo os latino-americanos, e aqui vou tomar emprestado com cuidado um termo da antropologia, já que cada povo/nação tem sua particularidade histórica, seu momento de democracia ou de ausência dela. Então, temos os Estados Unidos com esse momento diferente, assustador, que estamos acompanhando na produção e reprodução de sua democracia e na promoção (ou não) da democracia entre as nações. Temos Moçambique, que agora está se estabilizando após um processo eleitoral muito complicado. Temos a Venezuela, com uma democracia cheia de problemas e dificuldades e, no caso da Venezuela, na qual eu aposto (como disse anteriormente), dentro de algumas décadas será uma das democracias mais pujantes da América Latina. Porque também experimentamos isso em cada um dos países em que vivemos. Lá, nos porões e nas perseguições, criamos um modelo democrático, empunhamos o que era preciso empunhar para defender a democracia. Temos a Argentina, que se aproximou e hoje tem um governo de extrema direita, com idas e vindas tão complicadas. O Brasil, que tem todo um debate democrático e todas as oscilações, e as oscilações ocorrem porque os gestores não cumprem suas promessas. Então, às vezes deixam um rastro de corrupção e, às vezes, de propostas e plataformas não cumpridas. Então, deixam espaço para que o outro lado assuma o poder nas próximas eleições. É um processo de prestação de contas.

Na verdade, todos querem a democracia, porque está demonstrado e comprovado, pelas teorias e pela história, que, embora não possa ser imposta às sociedades, a democracia é talvez, e digo talvez, o modelo mais interessante para as sociedades.

Porque é como um negócio, vou estabelecer aqui esse parâmetro, o Brasil (assim como a Colômbia, o Peru, a Venezuela ou qualquer outro país) é como um negócio, uma grande empresa que, no nosso caso brasileiro, tem cerca de 220 milhões de sócios. Portanto, que a gestão seja democrática e participativa. Nós, como faculdades de comunicação social, temos que mudar essa história de votar e virar as costas. Porque é nesse intervalo entre o voto e o novo voto que deve existir todo o processo de controle social e prestação de contas. Então temos que pensar: existe o direito de se candidatar? Está sendo feito o acompanhamento e o controle do gestor que eu escolhi, ou que a maioria escolheu? A prestação de contas está realmente sendo feita? E temos a prestação de contas em todas as áreas transversais? A contabilidade interna, o controle interno dos gastos públicos, é importante porque freia os passos dos gestores. Mas também a contabilidade eleitoral. A educação para a cidadania está sendo realizada? Se a educação para a cidadania está sendo realizada, por que é tão difícil eleger gestores, ou melhor, conselheiros para a alimentação escolar de nossos próprios filhos? Então, os diretores, às vezes muito caros, aliás, são um modelo brasileiro com conselhos que ajudam nesse processo participativo de gestão.

Em muitas ocasiões, os diretores escolares têm que decidir quem fará parte dos diferentes conselhos. A participação em organizações e conselhos, a luta contra a desinformação e as notícias falsas, tudo isso está acontecendo. Esses são requisitos estabelecidos por Robert Dahl como alguns dos requisitos necessários para a democracia. E isso deve ser tratado nas escolas, deve ser tratado na comunicação. Na verdade, a democracia é um regime político em que prevalece a vontade da maioria. É verdade que a democracia se caracteriza substancialmente pelo voto, pela prevalência da vontade da maioria, mas a democracia é muito mais do que isso. Aqui se repetiu a lista de pontos concretos.

A América Latina é caracterizada por sua diversidade cultural e por uma profunda desigualdade social e, atualmente, é evidente que tem problemas com suas democracias. Nos últimos anos, observamos um aumento notável dos grupos políticos de extrema direita em vários países latino-americanos, o que repercutiu na estrutura socioeconômica, nas políticas públicas e nos direitos humanos. Isso também ocorre com muita fluidez, com muita rapidez. E isso porque ainda flertamos com as idas e vindas da direita e da esquerda no poder. Destacam-se os profundos problemas sociais relacionados à questão social estabelecida entre os interesses das classes sociais e seus grupos.

Então, chegando à conclusão, é importante destacar que, de maneira muito especial na América Latina, além dos gestores públicos, as pessoas querem super-heróis. Pessoas que tenham superpoderes, com poderes superiores aos das demais instituições democraticamente estabelecidas. Pessoas que mandam mais do que os poderes constituídos. Então, não vou ouvir a decisão desse ministro da Suprema Corte, porque eu sou o presidente. Portanto, não faz sentido que alguém que foi eleito diga: “Não, eu não obedeco mais à Suprema Corte”. Esses são aspectos que estabelecem essa perspectiva, mas, na verdade, quando as pessoas elegem, elas elegem alguns superpoderes. Na verdade, elas querem que existam superpoderes. Um gestor eleito não precisa ter superpoderes, acredito que os presidentes eleitos devem seguir os trâmites, hierarquias e competências correspondentes ao seu cargo, e assim servir ao momento de sua gestão e à democracia, além de servir como referência histórica na área.

Para dar alguns exemplos, poderíamos falar aqui de Nelson Mandela, líder subsaariano, que tem uma história única no debate e na defesa da democracia na África do Sul. Mas falemos da América Latina e,

assim, poderíamos falar de Chico Mendes, que não foi presidente da República do Brasil, mas foi um líder que defendeu a democracia na Amazônia a partir do Sindicato dos Colhedores de Borracha, no município de Xapuri, no estado do Acre, e foi assassinado por isso, por defender as minorias.

Poderíamos falar do padre Josimo Tavares, que também foi assassinado por defender as questões sociais no norte do estado de Tocantins. Na verdade, ele foi assassinado na cidade de Imperatriz (no Maranhão), mas seu trabalho consistia em reunir as colhedoras de coco babaçu dessa região do norte do estado.

Poderíamos falar da índia Tuíra. Vocês se lembram da índia Tuíra? A propósito, o correto é Tuíre. A índia Tuíre é aquela indígena que, em uma assembleia popular (realizada na década de 1980) no município de Altamira (estado do Pará), onde a Eletronorte apresentou o projeto da usina hidrelétrica de Belo Monte, colocou o facão na cara do engenheiro-chefe da Eletronorte, em defesa do território dos indígenas (território que seria inundado, e foi, pelo lago da referida usina).

Mas prefiro falar de Pepe Mojica, prefiro falar de quem durante toda a sua vida plantou flores, como agricultor que era. Defensor da democracia e crítico do consumismo, participou em vários movimentos de defesa da democracia no Uruguai, incluindo movimentos armados. Perseguido e preso pelo regime militar uruguaio, passou mais de 12 anos na prisão, sete deles em isolamento, e durante cinco anos foi proibido de ler. Este é Pepe Mujica, ex-presidente do Uruguai. Um dos mais dignos defensores da democracia na América Latina, que em 25 de setembro de 2013, como presidente do Uruguai, em seu discurso perante a Assembleia Geral da ONU, destacou que durante mais de cinquenta anos, o mundo chamou o Uruguai de uma espécie de Suíça latino-americana e continuou dizendo: "Não queremos mais esse nome, porque temos

muitas pessoas pobres, especialmente no interior, que precisam ser atendidas por políticas públicas, então não nos chamem de Suíça". Assim é Pepe Mujica, com uma força, uma expressão, uma decisão de defender a democracia. Além de ser o homem que plantava flores, ele foi agricultor e militante defensor da democracia, que infelizmente faleceu em maio deste ano.

Além desses defensores icônicos, temos que falar, obviamente, sobre nossas faculdades de comunicação, e esta foto de estudantes em um laboratório de rádio em uma das faculdades de comunicação do Brasil nos leva a refletir sobre todas essas responsabilidades que nos tornam protagonistas ativos da democracia. Então, como estamos trabalhando a transversalidade do tema da democracia com aqueles que vão produzir conteúdo? Como estamos discutindo elementos como a pobreza política com aqueles que terão o poder de formar influenciadores digitais? Como esses temas tão sérios e transversais para a sociedade latino-americana estão sendo tratados em nossa academia, nos cursos de graduação? Sabemos que na graduação há um pouco mais de tempo para a crítica, mas e na licenciatura? E, por último, esta é a última. Outra ferramenta que temos e que deve ser fortalecida são as redes, como a ALAIC, a FELAFACS, a RedeCT, a CLACSO, entre outras, que nos aproximam e nos fortalecem na articulação democrática de nossas agendas e áreas de formação.

Nesse sentido, deixando de lado essas alinhamentos que nos trazem responsabilidades, vou encerrar minha intervenção agradecendo a todos.

GILSON PORTO: Bem, o tema que Nelson nos apresenta aqui, e estou muito feliz por ele ter aceitado nosso convite, a Unesp é uma das universidades mais dinâmicas do estado de São Paulo e do Brasil, é uma universidade multicampus, que conta com uma ampla equipe

de professores. Então, Nelson, hoje em dia, é professor e também trabalha na gestão da unidade de Bauru, na Faculdade de Comunicação (FAAC) da UNESP. E quando ele aceitou nosso convite, foi uma alegria, porque é uma oportunidade de ampliar a rede, algo que estamos tentando fazer aqui no Brasil, ampliar a participação de outras instituições na Felafacs.

Agora, à tarde, Nelson, quando comecei a falar, em determinado momento eu disse que a comunicação é o coração vivo das democracias. E então me lembrei precisamente que essa é uma perspectiva importante que não podemos ignorar, o papel da comunicação em manter viva a democracia. Então veio a pandemia. E, assim como aconteceu no Brasil, deve ter acontecido praticamente em todo o mundo, percebemos que, após a pandemia, parecia que o coração não batia tanto quanto antes, batia nas faculdades. Assim, todas as unidades, todos os países sofreram o abandono gradual de alguns relacionamentos, de alguns compromissos e, claro, também da presença física. Basta olhar, lembro que antes da pandemia fizemos um evento aqui na Cuica/UFT, e tivemos entre seiscentas e oitocentas pessoas aqui neste auditório, e agora, com a pandemia, depois da pandemia, o evento é visto como outra realidade. Estou dando toda essa volta para fazer precisamente a pergunta que você tocou em algum momento, mas não aprofundou. Nossos alunos, nossos professores, são responsáveis por esse controle social. Mas, após a pandemia, parece que as pessoas estão pouco interessadas no controle social. Ainda é possível, Nelson, pensar nisso como um elemento central da democracia?

NELSON RUSSO DE MORAES: Bem, mesmo antes da pandemia, o interesse já era parcial. Falamos do movimento universitário e também refletimos sobre o resto da sociedade. Volto a destacar a importância dos conselhos no Brasil, seja o Conselho Tutelar dos Direitos da Criança, o Conselho Municipal dos Direitos da Criança ()

ou o conselho que mencionei aqui várias vezes sobre a merenda escolar, a participação é muito importante. Agora, vivemos um fenômeno muito novo, muito novo, de interesse por estar ausente, de desinteresse pela participação. E aqui, nos intervalos, conversávamos sobre isso com alguns colegas. Sobre como é difícil, após a pandemia, organizar congressos nos quais tenhamos uma grande participação. Sobre como é difícil escolher um aluno, um estudante, que levante a mão entre milhares, lá na Unesp, não é, Cris? Para participar, por exemplo, de uma congregação. O lugar é dos estudantes. A vaga está vaga. Então, é algo... que se já vinha com problemas de geração de interesse, sofremos uma ruptura imensa. E conversávamos sobre isso nos intervalos. É um golpe atrás do outro. Mal nos recuperamos da pandemia, nos deparamos com esse vazio, esse lampejo, essa falta de interesse em participar. É uma questão que fica em aberto, mas eu acredito no particularismo, colocando-o entre aspas e muitas aspas, porque é um elemento da antropologia, acredito no particularismo histórico de cada célula, de cada país, de cada instituição, para proporcionar formas de instigar a participação. Na Unesp, embora tenhamos vinte e quatro municípios sediados na Unesp, sofremos esse problema de forma estrutural. A falta de interesse em participar dos órgãos colegiados, dos debates, em discutir os planos de ensino nos conselhos de curso, em discutir os pequenos problemas do curso, a orientação do curso. Pessoal, o que propomos, em geral, é aceito. Vejam como nossa responsabilidade aumenta ainda mais. Se alguém tiver alguma pergunta, não hesite em pedir o microfone. Aproveito para fazer outra pergunta. Como temos essa lacuna, Nelson, hoje estamos vivendo uma situação um pouco ambígua. Por um lado, temos a alegria de ver como a inteligência artificial realmente se desenvolve e o potencial que ela nos oferece, mas, ao mesmo tempo, já reconhecemos que ela vai reduzir muito nossa participação e . Vejo muitos alunos... entregando seu poder de decisão nas mãos da inteligência artificial. Antes, ele mediava o conhecimento, participava da construção. Essa é uma

realidade que vocês também estão percebendo na Unesp. Como vocês estão lidando com essas questões? Porque no momento em que você perde o poder de decisão, como intelectual, você renuncia e entrega também esse poder hoje a um fluxo que não é mais dominado pelo intelectual, mas pela máquina e pela programação que está por trás de tudo isso. Bem, filosoficamente, dentro das disciplinas de metodologia, introdução ao pensamento científico e outras semelhantes, tentamos levar o aluno a refletir que a inteligência artificial é uma excelente ferramenta, mas não é a mãe que vai alimentá-lo, não pode ser assim. A opção continua sendo do usuário. Portanto, além de tentar levar o aluno a essa reflexão, a essa tomada de consciência, também, por outro lado, estamos junto com todos os outros professores de todas as outras instituições, buscando novas metodologias de trabalho, que permitam um espaço onde o aluno não use a tecnologia, e isso é muito difícil no processo de avaliação contemporâneo, muito difícil, com o risco de ele acessar e se apoiar totalmente, por assim dizer, na inteligência artificial. Mas vou destacar que é muito difícil, porque trabalhamos com tecnologia o tempo todo. Cíntia, por favor.

CYNTHIA MARA MIRANDA: Bem, fico feliz em vê-lo novamente, professor Nelson. Achei sua apresentação muito interessante, mas minha pergunta se refere à rede da qual você participa, que, segundo você, conta com quinhentos pesquisadores, e também sei que você realiza muitas pesquisas de campo. Observei um fenômeno que é o ativismo digital. E hoje vemos que o ativismo digital chegou aos povos indígenas, às comunidades tradicionais e aos ribeirinhos. E eu gostaria de saber se essa questão do ativismo digital atravessa a rede, no sentido de destacar se essa comunicação popular também aborda essa questão digital, que é um espaço que hoje temos para exigir, inclusive, de nossos representantes. Se você pudesse falar um pouco sobre isso. Obrigada. É um desafio. A convergência...

NELSON RUSSO DE MORAES: Obrigado, professora Cíntia. É um desafio a convergência, a tecnologia, os meios digitais, vou colocá-lo em um sentido amplo, e dentro dos meios digitais, as redes sociais online, convergir isso com os povos originários e as comunidades tradicionais. Mas é necessário. É necessário abordá-lo. Só que temos que abordá-lo fugindo de toda possibilidade, instrumentalizando-nos de toda possibilidade etnocêntrica. A professora sabe disso, todos nós sabemos, é como pregar no deserto, mas é uma suposição importante. Os indígenas, os quilombolas, precisam ser instrumentalizados, acho que essa é a linha que a professora Cíntia propõe, eles precisam ser instrumentalizados, mas digamos assim, é necessário dar a eles essa opção de instrumentalização para que possam ser os protagonistas da luta contra a desinformação estrutural que se instalou. A desinformação estrutural está presente. Tivemos um presidente da República (recentemente, aqui no Brasil) que dizia que os quilombolas tinham que ser pesados em arrobas. Então, temos todo um processo violento em andamento, e isso explode e se expande nas redes sociais. Isso se estabelece nesse vazio e . Então, o que precisamos? Temos muitos ativistas que defendem a causa indígena, a causa das comunidades tradicionais, e isso é muito importante. Mas precisamos de mais, a universidade tem que estar preparada e ser sensível para fazer mais. E o que seria esse mais? Proporcionar que eles próprios sejam os protagonistas da produção de conteúdos, que sejam conteúdos de combate estrutural à desinformação e de combate coyuntural e cirúrgico às notícias falsas. Que são dois fenômenos negativos, extremamente estruturados, e acho que todos aqui, talvez, percebemos da mesma maneira, não são elementos e é que acontecem aleatoriamente. Há toda uma dinâmica, toda uma estrutura para desinformar, desacreditar e destruir as culturas dos povos originários e das comunidades tradicionais. Porque quando a sociedade destrói a cultura, também destrói o sentimento de pertencimento e o valor de sair à arena e defender sua cultura. Portanto, a universidade deve

agir, e fazê-lo com urgência, no sentido de estar sempre ao lado dos povos originários, das comunidades tradicionais e de tantas outras minorias. A professora Cíntia trabalha com as minorias, porque são elas que devem ser protagonistas na produção de conteúdos. Professora Cíntia, estamos caminhando nessa direção. No caso específico da Rede CT, buscamos a colaboração de instituições e universidades. Na Unesp, juntamente com a Proec, a Rede CT conseguiu que nossa voz fosse ouvida para ter a primeira convocatória exclusiva para povos indígenas e comunidades tradicionais. É a primeira convocatória de extensão da Unesp específica para esse público. E dentro dela incluímos dez projetos selecionados, conseguimos incluir um projeto que trabalha a formação, entre muitas outras. A formação é algo muito positivista. A formação, não a informação, a instrumentalização para que possam produzir seu conteúdo. E subir à arena dos meios digitais, redes sociais online, para fazer uma luta eficaz. E ter a certeza de que a Unesp está, desculpe, não a Unesp, que a universidade está na retaguarda. Eles precisam desse apoio. Mas o que acontece, desculpe por prolongar esta resposta, mas o que acontece, nós sabemos, Cíntia também é militante nesse sentido, é que quando pensamos que temos um alinhamento para defender uma causa, vamos, avançamos, olhamos para os lados, onde estão? Onde estão nossos colegas da academia? Às vezes estamos sozinhos.

GILSON PORTO: É uma realidade, não é, Nelson? É uma realidade. Temos mais alguma pergunta? Acho que não, certo? Então, também não temos nenhuma pergunta nas redes sociais. Gostaria de agradecer muito a participação do professor Nelson e suas contribuições. E antes de encerrar, deixo aqui o convite para que a Unesp se junte a nós na FELAFACS aqui no Brasil também, que é uma oportunidade muito interessante, e antes de encerrar, convido também a rede a conhecer o trabalho que a Felafacs tem realizado. Nessa rede, a RedeCT, que já está chegando a quinhentos membros,

temos colegas de comunicação em várias universidades do Brasil, acho que será uma grande oportunidade para o diálogo não só com a rede, mas também com a própria federação. E os colegas que pesquisam esses temas também estarão interessados em dialogar sobre as questões da América Latina.

Gostaríamos de agradecer a todos que estiveram conosco, tanto online quanto acompanhando o evento, e que mais tarde também assistirão à gravação que estará disponível na internet. Assim, nosso programa de hoje está chegando ao fim. Só lembrar que amanhã estaremos conectados aqui a partir das dez da manhã. Amanhã teremos, deixem-me ver aqui a programação, conexões entre as artes e os meios de comunicação na formação audiovisual local e da América Latina. Teremos este painel a partir das dez da manhã, será transmitido aqui a partir da CUICA/UFT, e desde já, quem quiser nos acompanhar está convidado a participar. Agradecemos a todos e desejamos uma boa noite, que descansem bem e nos vemos amanhã. Obrigado pela paciência.

CONEXÕES ENTRE AS ARTES E A MÍDIA NA FORMAÇÃO AUDIOVISUAL LOCAL E DA AMÉRICA LATINA

Jairo Faria
Sérgio Soares
Marco Túlio Câmara
Ricardo Malveira
Gustavo Ferreira
Nubia Istela

JAIR FARIA (MODERADOR - ABERTURA): Bom dia a todos os presentes aqui e também àqueles que nos acompanham remotamente através do YouTube. Esta é a mesa redonda "Conexões entre a arte e a mídia na formação audiovisual em E vou apresentar, em primeiro lugar, gostaria de agradecer a presença das pessoas aqui na mesa e também remotamente, das pessoas presentes no auditório do CUICA, aqui na UFT, e das pessoas que estão nos assistindo. Agradeço a eles e aos patrocinadores do evento, à UFT, especialmente aos colegas dos cursos de graduação em Teatro e Jornalismo, aos grupos, bem como ao professor Lauro e ao professor Gilson, por esta oportunidade. Começando com a introdução desta

mesa redonda, esta mesa trata de “Conexões entre arte e mídia na formação audiovisual” e como podemos desenvolver o audiovisual em nível local. O audiovisual é um campo transversal do conhecimento no mundo contemporâneo. As áreas mais diversas utilizam a construção criativa de imagens e sons por meio de dispositivos técnicos para desenvolver seus conhecimentos, mas é nos campos das artes e da comunicação que o audiovisual é concebido como uma forma própria de construção do conhecimento. É a partir dessas duas áreas, arte e comunicação, que o audiovisual se desenvolve e se reinventa. Existem exemplos de cursos de graduação em audiovisual, seja no campo das artes em toda a América Latina. Nos estudos de pós-graduação, essa área de estudo também está presente na região. Aqui, na Universidade Federal do Tocantins, dois cursos de graduação se aproximam desse campo do conhecimento: jornalismo e licenciatura em teatro. Esses cursos formaram profissionais que atuam na área audiovisual, como produtores de cinema, documentaristas e profissionais de telejornalismo, por exemplo, mas não possuem um plano de estudos com conteúdos específicos para pensar essa linguagem de forma mais aprofundada. Na pós-graduação, também há pesquisadores envolvidos nessa área, tanto pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, o PPG-POL, quanto pelo recém-criado PPG-Artes, que é o Programa de Pós-Graduação em Artes. Ambos têm cursos de mestrado, cujas pesquisas podem dialogar com o audiovisual. Pelo menos dois grupos de pesquisa da UFP registrados pelo CNPq, que é o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico, trabalham nessa área. O coletivo de estudos em diversidades audiovisuais, outro campo, e o grupo de estudos em sentido gestual. Este evento é organizado por esses grupos em colaboração com a FACS. Agora, cabe a mim me apresentar. Meu nome é Jair Faria, esta manhã vou moderar este debate, esta mesa redonda que teremos aqui presencialmente e que também está sendo transmitida online. Sou formado em Comunicação Social, com especialização em Jornalismo

pela Universidade de Brasília, onde também fiz mestrado e doutorado, e também pesquisa narrativa pública e . Trabalhei na área universitária, no arquivo, e também produzi, no âmbito da extensão universitária, séries documentais e programas de rádio voltados para a comunicação comunitária. Também fui professor substituto, tanto na Universidade de Brasília quanto aqui na Universidade Federal do Tocantins, no curso de jornalismo, e atualmente sou estudante de graduação em teatro. Portanto, também tentei construir uma ponte entre as artes e a comunicação neste diálogo que envolve o setor audiovisual. Na mesa redonda de hoje, reunimos professores, pesquisadores e profissionais que trabalham na área audiovisual de Tocantins para debater como a universidade pode contribuir para o desenvolvimento audiovisual regional e local. O debate é apresentado a partir de uma perspectiva local, ou seja, pensando em como as experiências regionalizadas podem ter eco em outras localidades que têm desafios e oportunidades semelhantes no tema, ou seja, promovendo também esse diálogo com a América Latina, por exemplo. Para isso, em primeiro lugar, faremos uma rodada de breves intervenções das pessoas aqui presentes e, em seguida, daremos espaço para que outros participantes possam compartilhar suas reflexões e formular perguntas, inclusive através do chat do YouTube. Agora, vou apresentar o professor doutor Gustavo Henrique Ferreira, que está conosco remotamente, diretamente de Natal, onde também está participando de eventos e atividades. Ele é professor do curso de licenciatura em teatro aqui na UFT, é licenciado em artes cênicas, tem habilitação em direção teatral pela UFRJ, Federal do Rio de Janeiro, mestrado em artes cênicas pela UFRN, que é a Federal do Rio Grande do Norte, e doutorado em educação artística pela UNESP, Universidade Estadual de São Paulo, com uma pesquisa intitulada "Navegando entre caixas negras: a jornada de um professor entre cenas e aparatos", que também resultou na criação e direção do curta-metragem documental homônimo "Navegando entre caixas

negras”, agora de 2025, recentemente premiado também. É diretor, ator e curador de obras teatrais e audiovisuais, como homem negro, atualmente se dedica academicamente a questões sobre a negritude, juntamente com o núcleo IERE, Igualdade Étnico-Racial e Educação, aqui na Universidade Federal do Tocantins, bem como às relações do fazer artístico e teatral com as virtualidades e os meios digitais nos grupos de pesquisa Outro Campo e performatividades... e pedagogias da Unesp, o outro campo aqui da UFT, e o Performa Atividades e Pedagogias da Universidade Estadual Paulista. Professor Gustavo, seja bem-vindo à nossa mesa redonda. Gostaria de perguntar como a reconfiguração dos espaços a partir das mudanças tecnológicas pode afetar a produção artística e as relações entre o teatro e o audiovisual, seja em nível local ou global.

GUSTAVO HENRIQUE FERREIRA (REMOTO, VIA VIDEOCHAMADA):

Bom dia. Bom dia, Jairo. Bom dia a todos. Estão me ouvindo bem? Então, vou continuar. É uma conversa longa, mas sei que temos pouco tempo aqui. Então, a primeira questão, e isso ficou muito claro na minha pesquisa, conversando com... diretores, atores de teatro, mas que também passaram por outros meios, incluindo o audiovisual, é como a própria ideia de presença se transforma nessa relação. Então... foi muito comum ao longo do século passado buscar uma certa distinção pensando a partir do surgimento da fotografia, do cinema, ou seja, qual é o lugar do teatro, assim como as artes visuais também tiveram... A pintura teve toda essa reflexão diante do surgimento da fotografia. Também o teatro, na ideia de uma criação cênica, na ideia de uma construção e a da cena, tem toda uma crise diante do surgimento do cinema, do surgimento dos aparelhos de captura de imagens, das imagens técnicas. E foi muito comum, ao longo do século passado, definir que... o teatro é o lugar da presença. O teatro é quando estamos juntos, presentes, na mesma construção, no mesmo intercâmbio. E o que vemos ao longo dos últimos anos, e a pandemia acelerou isso, é que a própria noção de presença já se

transformou, digamos assim. Não estou fisicamente presente com vocês de maneira , mas estou tendo uma troca relacional com vocês ali, nessa mesma temporalidade. Então, talvez o critério de temporalidade tenha assumido um pouco esse espaço, mesmo que seja uma temporalidade um tanto artificialmente construída, não? Podemos trabalhar com imagens gravadas, podemos trabalhar com a falsificação dessas relações, mas, acima de tudo, essa ideia de como ampliamos as atividades e como incorporamos esses outros meios se revelou muito importante, especialmente para quem trabalha nas artes cênicas, no teatro e na performance. Ricardo Taís, que também poderá falar um pouco mais tarde da perspectiva dos nossos alunos do curso de teatro, que têm cada vez mais presente essa relação no seu dia a dia. E quando falo, por exemplo, de usar um exemplo aqui de Natal, há aqui um grupo muito importante, que é o Clowns Shakespeare, que tem uma pesquisa, Jairo falou da América Latina, tem uma pesquisa, inclusive, recentemente viajando pela América Latina, uma pesquisa de trabalho com o rito, com os rituais das festas, principalmente as festas latino-americanas, brasileiras, mas da América Latina como um todo, e de trabalhar isso em cena. E é um grupo que, de certa forma, não está muito acostumado ao uso de tecnologias digitais. Mas conversando com eles na pesquisa, Fernando Yamamoto, que é o diretor do grupo, falava de um paradoxo, que é a necessidade de criar relações durante o período da pandemia, esse intercâmbio por meio de dispositivos fez com que eles desenvolvessem com cada um dos participantes da experimentação cênica, e e , inclusive ele reforça esse termo, mais do que uma obra, era uma experimentação, uma experimentação artística, que eles fizeram por meio de dispositivos que envolviam Instagram, Facebook, Zoom, WhatsApp, mudavam de meio, fez com que eles conhecessem particularmente cada uma das pessoas que estavam lá participando. E então ele falava comigo: “Eu sei que você participou. Agora, não sei se você já viu alguma de nossas obras antes”. Ou Siri querendo falar comigo aqui: “Não sei se

“você já viu alguma de nossas obras antes”. Ah, sim, eu vi tal obra, vi tal obra... Sim, estávamos lá em um público gigantesco e não o víamos. Agora, curiosamente, no momento em que estávamos longe uns dos outros e no momento em que pensávamos que íamos ter a maior distância... Foi o momento em que desenvolvemos a maior intimidade, porque a necessidade de estabelecer uma relação de troca os levou a buscar outro tipo de conhecimento sobre o seu público. E com isso, embora cada um estivesse em diferentes partes do Brasil e do mundo, eles sabiam quem era cada pessoa. Há um grupo, é um grupo que se divide entre a Alemanha e a Inglaterra, que na época da pandemia fez um espetáculo que era a ideia do show me a good time, né? Ou seja, me mostre um bom momento, todo mundo estava desanimado e eles queriam criar um bom momento. E então eles criaram uma relação, era o teatro vazio, e alguém no teatro vazio se encarregava de orquestrar uma relação global de câmeras dos intérpretes em diferentes lugares, em diferentes cidades, e abriam o telefone. Em vários momentos do espetáculo, eles abriam o telefone. Eu estava assistindo, liguei da minha casa em Palmas, eles atenderam o número e fiquei conversando com eles lá e interagindo em cena. Então, as possibilidades de interação, mesmo quando falamos dessa relação local, abrem espaço para uma construção cênica que mistura o audiovisual com a presença física, expande a noção de presença e permite trocas que são, enfim... capazes de nos conectar mesmo estando a mil e quinhentos quilômetros de distância, como estamos agora. Como usamos esse cênico? Como o usamos para a produção artística? Acho que essa é talvez outra questão que poderíamos desenvolver em outro momento. Sei que já falei demais, tinha mais coisas a dizer, mas é tudo.

JAIR FARIA (MODERADOR - TRANSIÇÃO): Obrigado, professor Gustavo. Sem dúvida, teremos mais tempo para articular também esses conteúdos aqui entre nós. E agora gostaria de apresentar o

professor doutor Marco Túlio Câmara, que está aqui ao meu lado. Ele é doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas, a Unicamp. Tem mestrado em Estudos da Linguagem pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, o CEFETE, e é jornalista pela Universidade Federal de Viçosa, a UFV, em Minas Gerais. É professor aqui do curso de jornalismo e do programa de pós-graduação em comunicação e sociedade, o PPGcom, aqui na UFT. Faz parte dos grupos de pesquisa aplicada em jornalismo, o PAJOR, do PPGcom, e do outro campo, que é o coletivo UFV. de diversidades audiovisuais, também um grupo de pesquisa aqui na UFT. Suas áreas de pesquisa são o midiativismo e a análise do discurso modal. Bem-vindo, professor Marco Túlio. E eu lhe pergunto: de que maneira o midiativismo pode atuar como mecanismo de contra-hegemonia no âmbito audiovisual?

MARCO TÚLIO CÂMARA (PRESENCIAL): Bom dia, bom dia a todos. Bom dia também a quem nos assiste pelo YouTube. Obrigado por estarem aqui e por nos honrarem com a sua presença. Antes de responder diretamente à pergunta do Jairo, gostaria de complementar com uma parte do que... do que o Gustavo comentou em relação a essa expansão da presença, porque isso também é muito importante no que diz respeito ao mediativismo. O que é mediativismo? Só com a palavra já pensamos em uma combinação das palavras "meios de comunicação" e "ativismo". Então, o que é o meio? É o que produzimos, o que somos capazes de produzir audiovisualmente falando, através das redes sociais, etc. Não apenas os meios que estamos acostumados a consumir, como televisão, podcasts, rádios, sites de grandes conglomerados de mídia. E então, essa possibilidade de expandir nossa presença, como bem comentou Gustavo, também nos dá a oportunidade de produzir outros conteúdos que sejam contra-hegemônicos, o que já responde diretamente à pergunta. O que isso significa? Que produzimos discursos que vão contra o que a sociedade prega, contra o que

vivemos, contra o que nos é imposto, na verdade. Não pelo que desejamos, mas pelo que nos é imposto. Então, se vivemos em uma sociedade que perpetua o racismo, que perpetua a LGBTfobia e tudo o mais, produzir conteúdos que vão contra esse sentido, que vão contra essa corrente, pode ser considerado conteúdo contra-hegemônico. E então, o mais interessante que podemos pensar, dentro do mediativismo, são as possibilidades de produção, as diversas possibilidades e as diversas camadas também de atuação mediativista. Então, isso não significa que, para fazer conteúdo que possa ser mediativista, eu não tenha necessariamente que criar um meio completamente independente, enfim... manter-me com esse meio, o que é a grande dificuldade, inclusive. Mas posso produzir, dentro das minhas possibilidades, caminhos que sejam contra-hegemônicos. Daqui a pouco ouviremos Anúbia, que é repórter da rede de televisão afiliada à Globo. Um exemplo disso pode ser observado nos canais de televisão, nos meios hegemônicos, que podem abrir espaços e, de fato, conseguir ouvir e ampliar também essas outras vozes. Então, se podemos trabalhar em uma televisão, em um site que seja hegemônico, por que não ouvir apenas fontes negras? Temos fontes negras para todas as áreas. Então, ouvir essas pessoas que já falam há muito tempo, dar voz a ninguém, é apenas ouvir. Abrir esses espaços e possibilidades que são, então, e os mediativistas. Trazido para o contexto audiovisual, isso vai além dessas fontes, além dos enfoques, mas também da linguagem. Quando... Gustavo também comentou sobre expandir não apenas a presença, mas também a territorialidade, estar presente em outros lugares e também criar outras linguagens. Dentro do âmbito audiovisual, podemos pensar em formas alternativas de construir essa linguagem audiovisual. Seja pelo enquadramento da câmera, pela edição, pelo que será escolhido, pelo que será privilegiado, mostrado. Então, acredito que há um longo caminho a percorrer para que esses conteúdos contra-hegemônicos sejam produzidos. E o mediativismo, como campo de atuação, prática e estudo, privilegia

precisamente alguns elementos que veremos ao longo de todas as intervenções aqui, que são a presença, que é o que Gustavo já comentou, o conhecimento, que é o que também estamos tentando produzir aqui juntos, a partir de uma perspectiva muito freiriana, de Paulo Freire, de construção do conhecimento a partir do diálogo, a partir dessa compreensão conjunta, a informação, que é a base do jornalismo e também a base do que vamos construir juntos, a defesa, porque usamos os meios de comunicação como defesa, então se estou em um protesto e estou filmando o protesto justamente no momento em que a polícia vem para coagir, estou me defendendo através dos meios de comunicação, estou usando os meios de comunicação para me defender. E tudo isso também culmina em um processo de resistência. Então, se essas populações ou essas pessoas, esses grupos midiáticos, podem usar a mídia como resistência, inclusive contra essa ação. Então, esses cinco elementos que são algo conceituais, teóricos, podemos observá-los em toda a nossa prática audiovisual aqui, falando especificamente do audiovisual, mas também de uma forma mais ampla, mediaticamente, considerando os meios de comunicação como aliados do que fazemos nesses processos, nessas práticas que são mediativistas. Então, o mediativismo pode agir dessas diferentes formas que enumerei aqui, nessa presença, conhecimento, informação, resistência e defesa, mas, além disso, também podemos pensar nessa pluralidade de linguagens e, acima de tudo, nessa construção do conhecimento. Estamos aqui em um congresso internacional de cursos de comunicação social, por isso é importante pensarmos em como levamos essa reflexão para a sala de aula e como a levamos também para a prática cotidiana, já que muitas vezes nos vemos envolvidos na correria e acabamos renunciando a essas reflexões. Então, fica aí a pequena provocação para que depois comentemos mais sobre como estamos promovendo essas reflexões, seja em nossas práticas pedagógicas ou em nossas práticas profissionais.

JAIR FARIA (MODERADOR - TRANSIÇÃO): Muito obrigado, professor Marco Túlio. E vou pedir aos participantes que, a partir das intervenções provocativas que ouvimos aqui, formulem suas perguntas e reflexões para depois compartilhá-las nesta mesa redonda, que no final também vamos... Também temos algumas pessoas aqui online através do Instagram que também podem enviar suas mensagens pelo chat. Também quero agradecer a presença do professor Adilson Cabral, que também está aí. Sejam bem-vindos, aplausos também para a professora Ana Deise, aqui do curso de jornalismo, e para as demais pessoas aqui presentes. Muito obrigado. A próxima a compartilhar aqui sua experiência, e que Marco Túlio já... mencionou seu nome aqui, também vem de Minas Gerais, não é mesmo? É Núbia Estela, jornalista e repórter da TV Anguera, afiliada da Globo aqui em Tocantins. Ela tem mestrado em Economia pela Universidade Estadual de Montes Claros, em Minas Gerais, e é especialista em comunicação e marketing digital. Trabalhou como repórter na Inter TV Grande Minas, afiliada à Rede Globo, e é autora dos livros Meias Verdades, Lívia, A História de Nós Duas, Meu Amor, Minhas Regras e o recém-publicado Por Trás dos Céus de Fitas. É criadora do projeto Quando Eu Crescer, que incentiva crianças e adolescentes a escrever e se interessar por literatura. Ocupa a trigésima sétima cadeira da Academia Saltense de Letras. Bem-vinda, Núbia, e obrigada por estar aqui.

NÚBIA ESTELA (PRESENCIAL): Bom dia a todos. Obrigada por me convidarem para estar aqui hoje. Bom dia a todos que estão aqui e também àqueles que nos acompanham pelos meios digitais. Bem, o professor Marco Túlio me convidou para falar um pouco sobre a questão da pesquisa e também sobre como podemos contar histórias, levar essas histórias para o âmbito audiovisual, principalmente para a televisão. Este ano, defendi minha tese em

economia, e escolhemos a economia criativa e contar a história das festas de agosto de Montes Claros. E como sou melhor no audiovisual, meus professores me propuseram fazer um documentário. É claro que aceitei, me sentia mais à vontade assim, e daí surgiu também o livro *Por Trás do Céu de Fitas*. E quando falamos de economia criativa e quando falamos de uma festa tão popular como as festas de agosto, que é uma resistência de quase dois séculos de existência e é pura resistência, porque ao longo dos anos tentaram sufocar essa festa, e então levamos essas narrativas para o audiovisual, para a televisão, para um livro, essas narrativas ganham mais vida e mais força. Então, é possível resgatarmos histórias e, acima de tudo, de alguma forma, salvarmos, não é, professor, essas narrativas através do que fazemos hoje, que é o audiovisual, que é a televisão, que são os livros. No meu caso, eu estava ouvindo o professor Gustavo falar sobre essa diferença na comunicação atual. Eu fui repórter de televisão, da InterTV Grande Minas. E o que é isso? É fazer tudo sozinho, é produzir, é ir ao campo, é voltar, é editar essa agenda. Com isso, aprendi essa habilidade e fiz meu documentário sobre as festas de agosto, tudo com o celular. Gravamos um documentário que foi dividido em três episódios, de onze a quinze minutos cada, contando a história dos grupos de catupês, marujos e caboclinhos do norte de Minas. Através de um celular, podemos trazer essas narrativas. E por que não levá-las para a televisão? Durante o mês de agosto, estou dando esse exemplo lá, porque é onde moro atualmente, acabei de defendê-lo, defendi agora em agosto. No mês de agosto, durante praticamente cinco dias, levamos essas festas para a televisão. Como diz Joba, que é antropólogo em Minas, é nesse momento que as pessoas simples, os pedreiros, os padeiros, se tornam protagonistas de uma história. Então, quando trazemos essas histórias de quilombolas, de indígenas, de bordadeiras, de quebradeiras de coco, dessas festas e religiões que fazem parte do nosso dia a dia. Para a televisão, essas pessoas se tornam protagonistas, ganham voz através do nosso trabalho,

através do que nos propusemos a fazer para o mundo, e acho muito importante que recuperemos isso, porque são histórias que foram silenciadas ao longo do tempo, histórias que se perderam em grande parte. Vou dar um exemplo que dei no dia da minha defesa: sou uma mulher negra, sem dúvida sou descendente de escravos, mas a única coisa que sei sobre minha família é até meu avô. Não sei mais nada sobre minha família. Do lado da minha mãe, não sei nada, mas quando contamos as histórias dos catopeiros de Montes Claros, por exemplo, que são pessoas que fazem parte de uma cultura que nasceu lá, nas brechas da escravidão, falamos do mestre Zanz, do mestre Yuri, que são pessoas negras, que conseguem trazer sua história de duzentos anos, E por que não, nós que estamos na mídia, nós que contamos histórias todos os dias, por que não preservar essas narrativas? Como outras pessoas não têm essa condição, temos que preservá-la para que possamos ter uma ideia do que foi. Temos que preservar o pouco que ainda nos resta.

JAIR FARIA (MODERADOR - TRANSIÇÃO): Muito obrigado, Nubia, acho que isso dá muito o que falar, para as conversas posteriores. Também queria agradecer aqui a presença virtual de Marcelo Arruda, diretamente de Sobradinho, no Distrito Federal, que está conosco no YouTube e nos enviou um saudações. Marcelo também é militante da comunicação comunitária, da rádio comunitária. E agora vou apresentar o professor Dr. Ricardo Ribeiro Malveira, que é artista cênico, artista visual de Minas Gerais também, ator catopê do Congado de Montes Claros, Minas Gerais. Temos aí uma dupla... do Catopê, e professor e pesquisador no curso de licenciatura em teatro aqui na UFT e no programa de pós-graduação em artes, recentemente criado aqui. É pós-doutorado pela Universidade Federal de Goiás, no PP de Artes de Sena, EMAC, UFG, É doutor e mestre em artes cênicas pelo programa de pós-graduação em artes cênicas da Universidade Federal da Bahia, o PEJAC, da UFBA, e é licenciado em educação artística com habilitação em artes cênicas

pela Universidade Estadual de Montes Claros, a Unimontes, em Minas Gerais. É licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás, UFG, membro do grupo de pesquisa Gestos, que também organiza este evento, coordenador do projeto Rastros, Teatralituras, Visualidades... e Mascaramentos, associado à Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, Abrace, e à Associação Grafias da Cena Brasil. Bem-vindo, professor Ricardo. Gostaria de perguntar como a disponibilidade de recursos materiais pode afetar a produção audiovisual, especialmente nas regiões denominadas periféricas.

RICARDO RIBEIRO MALVEIRA (PRESENCIAL): Bom dia a todos que estão conosco, tanto presencialmente quanto virtualmente. Agradeço o convite para estar com este grupo, com o qual temos discutido questões muito significativas para o nosso campo. E vou começar falando um pouco sobre a relação com a Núbia, que faz parte do jogo dos catupês em Montes Claros. E vou falar um pouco sobre o lugar da produção no... audiovisual, onde se situam os artistas da cena, os artistas visuais. Gustavo levou as práticas e as tecnologias da informação para o teatro, do audiovisual para o teatro, e agora vamos fazer o contrário, vamos do teatro para lá. Como esse campo trabalha conosco e como estamos, os cursos, os artistas locais e na América Latina se inseriram. Em relação a Núbia, é importante pensar: que acesso as pessoas da periferia têm a esses meios? Elas tiveram esses meios? Mais adiante, falarei sobre o nosso... Quando falamos de tecnologia do imaginário, nosso primeiro meio é sonhar. E então imaginamos e continuamos criando plataformas para que isso seja visto, criado. E neste lugar de criar, de materializar as questões, vou falar um pouco sobre direção de arte, que é uma das áreas em que trabalho, que é muito cara. Portanto, gostaria de abordar brevemente essa área que me é tão querida, que são as visualidades, as virtualidades, que continuam sendo meu grande interesse artístico, de pesquisa, de ensino e de vida. Bem,

antes de mais nada, voltando ao assunto, sou desenhista, máscarero, ator, diretor, ator catupê do Congado de Montes Claros. Por que sempre reafirmo isso? Porque é um lugar que me formou desde criança e que fecha um ciclo de criação para dizer quem sou e por que falo, que toco esses temas quando estou construindo minha produção artística e de pensamento, de conhecimento. E, como Núbia fez em seus trabalhos, e eu em meu doutorado, abordamos, levamos essas práticas e a intenção, e na universidade, que recebe cada vez mais quilombolas, indígenas, estudantes periféricos, é que agora eles possam, cada vez mais, ter acesso a esses meios e poder trazer suas narrativas ao conhecimento geral e... mudando um pouco esse panorama hegemônico que sufoca, que apaga muitas das questões que são significativas para a população, para grande parte da população, e que muda política e economicamente a vida das pessoas. Então, não é apenas um espaço de expressão, de narrativa. É um e e espaço de vida que se altera, que se marginaliza, que se interrompe brutalmente. Então, não é apenas um espaço de pensamento ou de acesso. É de vida. Voltando à ideia da direção de arte, Benedito Ferreira dirá... que a direção de arte ocupa um lugar central na produção audiovisual, que busca insuflar significados às imagens através da concepção de ambientes plásticos, articulando elementos como o cenário, o figurino, os objetos, a maquiagem e outros detalhes visuais, para que traduzam a narrativa e a atmosfera do projeto. Pensando nisso, como isso muda quando trazemos essas populações periféricas? Quais são essas plasticidades? Quais são essas narrativas? Que materiais, que recursos financeiros elas têm para poder plasmar suas ideias, sua forma de ver o mundo, de estar no mundo? Acho que quando todo mundo tiver um acesso mínimo a esse espaço, a essas tecnologias, acho que as narrativas ganharão outras dimensões. Ainda estamos tateando neste terreno, mas acho importante pensar nisso. E então, quando falamos de direção de arte, de audiovisuais, não estamos falando de uma função isolada, mas de um grupo de profissionais, artistas técnicos que constroem a

materialidade da obra. Portanto, temos o diretor de arte, os cenógrafos, os aderecistas, os figurinistas, os maquiadores, os caracterizadores, a produção de arte, os continuistas e tantos outros. São essas pessoas que dão corpo ao universo visual, aos cenários, aos figurinos, aos objetos que o público vê quando está em cena. Junto com os atores e atrizes, essa estrutura está diretamente relacionada ao teatro. Porque, historicamente, o teatro foi a matriz e continua sendo o motor de muitas dessas funções. E aí, como eu disse, lembrando a tecnologia do imaginário, de Juremi Machado, começamos criando imagens ao sonhar, continuamos imaginando e dando materialidade à criação. Como as pessoas não podiam dar ou só podiam dar através das festas populares, que era o único espaço, ou das tradições, dos rituais, aos quais tinham acesso e onde às vezes conseguiam subverter as hegemonias e continuou, sobretudo nos últimos duzentos anos, nessa contra... força nacional e em toda a América Latina, mantendo a resistência, então é importante pensar como as pessoas chegaram a esse espaço e pensar como as políticas públicas, como a lei Paulo Gustavo e a lei Almir Blanc, impulsionaram, principalmente após a pandemia, essas produções e o acesso de outras pessoas a elas, mas como a alfabetização também é um limite para isso. Quantas pessoas não têm condições não só de acessar a tecnologia, mas de acessar a alfabetização para acessar editais, para poder elaborar propostas que garantam o fomento dessas questões. Portanto, é um grande desafio que temos em relação a isso. E voltando ao curso de teatro, o curso de teatro aqui na universidade, por exemplo, nos últimos tempos, participei de duas produções, um curta-metragem *No es hombre*, lá em Montes Claros, em dois mil e vinte e cinco, uma websérie, *Diários de Érica*, o curta-metragem *Encuentro*, onde fiz preparação de ator e assistente de arte. Temos muitos alunos, fiz uma rápida contagem dos alunos que temos e vocês podem ver a quantidade de funções que eles desempenham. Nessas produções, por exemplo, temos aqui Ana Camila com *O Nome da Morte*, *Figurante*, a série *Boneco de Barro* e

o Rei, Figurante, Segredo de João, Atriz, Entramas, Atriz, Produtora de Elenco, Solilóquio, Moderno, Atriz, Circo dos Sonhos, Atriz, Apoio Cultural, Figurante, Águas Passadas, Atriz... Outra aluna também, muitas produções, Laís Paz, com um filme, um tal João Silvério, atriz, assistente de produção, Circo dos Sonhos, assistente de objetos, Águas Passadas, assistente de arte, Insolação, assistente de arte, produção de objetos, figurinista, Soliloquio, produção, assistente de arte, maquiagem, videomaker, Ícaro, também com Entramas, terceira assistente de direção, terceira assistente de direção no julgamento de Arlete, sobre Dora e Dores, assistente de direção também, e muitos outros, o próprio professor Gustavo, com produções, nosso outro convidado, Gabriel, Justino Vetório, com direção, atuação, roteiro, Talmo, com direção de arte, nossa técnica, Fernanda, trabalhando com direção de arte e atuação também, professoras, como a professora Renata, Renata Patrícia, com atuação e direção. Então, o curso de arte está entrando nesse espaço. E como nós, em nosso currículo, podemos construir espaços, ou em nossos currículos, espaços para garantir esse acesso, formar essas pessoas para que possam alcançar esses lugares de fomento e trazer essas populações, algumas que ainda não estão nas graduações, mas que podem trazer suas narrativas dentro e fora da graduação, trazendo esses outros discursos tão importantes para a sociedade, uma sociedade que precisa amadurecer e ganhar outros lugares de resistência. Então, é um pouco isso. Muito obrigado. Acho que passamos um pouco do tempo, mas continuamos. Tudo bem.

JAIR FARIA (MODERADOR - TRANSIÇÃO): Muito obrigado, professor Ricardo. Agora apresento Gabriel Dias, que tem mestrado em comunicação e é formado em teatro aqui pela UFT. Há dois anos é promotor cultural em audiovisual do Sesc Tocantins, onde é responsável pela curadoria, contratações e projetos. Há dezoito anos, ele trabalha como produtor cultural em Tocantins, com foco nas áreas de audiovisual, teatro, música, programas de rádio e

podcasts, além de festivais com projetos como Meu Cerrado Cerradinho, Palmas Backstage, Festival de Inverno de Itacoaraçu, Fuga, Comedy Club, entre outros. Bem-vindo, Gabriel. Gostaria de perguntar como você avalia o panorama da produção audiovisual de Tocantins, levando em conta sua ampla experiência nessa área aqui na região. Seja bem-vindo.

GABRIEL DIAS (PRESENCIAL): Bom dia a todos que estão à mesa e bom dia a todos que estão aqui na UFT, bem como a todos os que estão onl . Acho que foi importante para nós falarmos brevemente, é claro, sobre a produção audiovisual de Tocantins. É importante termos uma noção da história. É claro que a produção de Tocantins começa assim, com o início do estado, desde o registro de sua criação, mas também começa com a produção de pessoas como Hélio Brito, Marcelo Silva, André Araújo, entre outros. O importante para o panorama atual é pensar justamente nessa história. Temos a revolução digital. Antes, nos anos 80, ainda se usava muito, algumas pessoas ainda usavam muito o filme, depois do filme vieram essas tecnologias que baratearam as produções com as câmeras, mas a revolução digital é a principal, digamos, força para que os artistas locais pudessem ter acesso à produção audiovisual. E essa produção aqui em Tocantins vem, obviamente, através do fomento e do financiamento público, já que não temos essa lei de incentivos, por exemplo, como existe em outros estados. Mas, como em vários outros estados, aqui em Tocantins também dependemos principalmente do financiamento e do fomento de órgãos públicos, sejam eles federais, estaduais ou municipais. Historicamente, essa produção audiovisual tem sido realizada principalmente graças aos órgãos federais, seja por meio da Ancine ou mesmo de programas voltados para o setor audiovisual, como, por exemplo, o DocTV, que propiciou a realização de várias produções aqui em Tocantins na década de 1990. E, nos anos 90, a produção era feita principalmente graças ao esforço e à coragem das pessoas que estavam aqui, no

cinema universitário, por exemplo. Muitas coisas saíram da UFT e dos estudantes da UFT. E com a Ancine, a partir do governo federal do presidente Lula, no primeiro mandato, começaram a ter um maior fomento aqui no estado do Tocantins. E agora, principalmente depois, durante nosso processo com a pandemia, é onde surgem as principais convocatórias, que é onde estamos hoje. Então, pensar no mercado audiovisual é pensar no estado de Tocantins, é pensar em como eles também existem em vários outros estados. O mercado audiovisual não é completo. Ou seja, temos o financiamento e o incentivo em algumas áreas, temos a exibição quando os filmes são lançados, assim como uma questão de prestação de contas, praticamente, mas depois o mercado de exibição não existe. O público de Tocantins existe, está aqui, quer ver filmes, mas o mercado, por exemplo, as televisões de Tocantins, não contratam filmes de Tocantins. E para a exibição, o mercado de exibição de cinema comercial, obviamente, é voltado para o cinema norte-americano e alguns filmes de arte, então esses cinemas de Tocantins também não exibem obras de Tocantins. E podemos tirar daí *Palmas, Eu Gosto de Tu*, que foi o primeiro filme que chegou ao Cinemark e teve uma breve carreira de exibição para o público, e que foi um sucesso na época, mas além desse... desse pequeno exemplo, não temos um mercado privado que pague por esse mercado, assim como em muitas outras linguagens da cultura em geral. Não é apenas uma questão do cinema. E outras instituições, por exemplo, as que fazem parte do poder público, como o SESC, também não costumam fazer esse tipo de exibição. O SESC, que é a instituição que represento, realiza ações sistemáticas de exibição de cinema, tanto de filmes artísticos quanto comerciais. E lá podemos fazer algumas exposições de filmes tocantinenses licenciados, ou seja, os artistas tocantinenses recebem uma remuneração pela exibição de seus filmes em nosso cinema. Mas isso é apenas uma pequena amostra do que pode ser feito pelo cinema tocantinense em geral, como mercado. Agora bem... Por que o panorama é positivo? Porque

as leis de incentivo que foram criadas durante a pandemia, que são a Lei Aldir Blanc e a Lei Paulo Gustavo, fazem com que esse dinheiro da Ancine e do Ministério da Cultura seja finalmente destinado aos municípios de Tocantins em geral. Sempre foi esse o plano com a criação dos fundos, fossem eles federais, estaduais ou municipais, mas esses fundos municipais nunca se materializaram. É por isso que vemos que, no estado de Tocantins, apenas Palmas publica editais culturais, e Tocantins o faz de forma geral e o amplia para esses municípios. E agora, finalmente, esses fundos municipais são liberados e, a partir daí, o governo federal começa a aplicar nos municípios de Tocantins fundos para a cultura. E é aí que começa a produção audiovisual de Tocantins de uma forma mais rica. Assim, hoje em dia, não temos apenas os grandes produtores tocaninenses já conhecidos, mas também pessoas que estão iniciando-se no processo de produção, execução, roteiro, enfim, em outras áreas dentro do setor audiovisual e que estão se incorporando ao mercado audiovisual tocaninense. Portanto, o boom que vivemos hoje é muito interessante. Os festivais de cinema voltaram a ser realizados, tanto aqui quanto no interior. Portanto, temos filmes de Tocantins circulando pelos festivais nacionais. Assim, os filmes de Tocantins estão sendo exibidos, seja no Sesc, em festivais do interior ou em festivais em todo o Brasil. Portanto, é muito interessante essa nova era que estamos vivendo no cinema de Tocantins, graças a todos esses fatores e, sobretudo, às leis de incentivo, sem as quais nossa cultura aqui não existiria. Certo? Acho que é tudo. E continuamos debatendo.

JAIR FARIA (MODERADOR - TRANSIÇÃO): Muito obrigado, Gabriel. Há muito o que falar depois. E agora apresento nosso querido professor, o doutor Sérgio Ricardo Soares, professor aqui do curso de jornalismo da UFT, jornalista, mestre em letras pela Universidade Federal de Pernambuco e doutor em ciências da comunicação pela Universidade de Beira Interior, em Portugal. Ele é pesquisador nas

áreas de geografia da comunicação e cinema não hegemônico. Professor Sérgio, eu lhe pergunto: como a universidade, por meio de cursos de jornalismo e teatro, por exemplo, pode contribuir para a produção audiovisual local ou glocal?

SÉRGIO RICARDO SOARES (PRESENCIAL): Bom dia a todos os presentes, em todas as suas formas de presença, retomando o que Gustavo disse no início. Fiquei aqui um tempo com a tarefa, a partir da sua pergunta, de, não diria resumir, mas costurar essa enorme diversidade de opiniões que foram expressas. Porque num primeiro momento, só num primeiro momento, dá a impressão de que estamos falando de coisas tão diversas que não se relacionam entre si. Mas é justamente essa diversidade que nos trouxe aqui juntos. Há uma complexidade. E no final do que quero dizer aqui, há também uma necessidade de um maior diálogo, porque enquanto esse diálogo não ocorrer, parece que nossas áreas, nossas diversas áreas aqui, não têm um entendimento e não têm um desenvolvimento, uma produção frutífera juntas. Então, sua pergunta é sobre a universidade. E eu queria, para... deixar mais objetivo, a questão neste campo. Falando do ponto de vista da UFT, o que temos aqui? Vou pedir permissão, inclusive, para seguir um pequeno roteiro para não sairmos do tempo, que são muitas coisas. Temos os dois cursos, como Jairo já anunciou aqui, temos a graduação em teatro, temos a em jornalismo. É claro que não precisam ser exclusivos, os proprietários exclusivos do audiovisual, mas é onde as coisas acontecem naturalmente. Sobre o teatro, nas conversas que tivemos como grupo, a união dos grupos de pesquisa, aprendi muito sobre a situação do curso de teatro. E posso pensar o seguinte: veja, esse campo das artes tem um design superior, que começa a incluir o audiovisual, algo que Gustavo mencionou, que Ricardo mencionou. E que, em um determinado momento, no passado, esse audiovisual poderia parecer um corpo estranho dentro do teatro. Talvez até a morte da natureza do teatro... retomando o que Gustavo disse, se o

teatro se baseava nessa presença direta, física, então tirar essa presença seria matar o teatro, e que hoje saltamos para uma porta muito rica, uma porta até mesmo inevitável, de um território que até oferece possibilidades. A lista que Ricardo trouxe aqui de profissionais que trabalham nisso mostra que são saídas profissionais para o teatro dentro do audiovisual. Por outro lado, temos um curso de jornalismo aqui, e aí posso falar com mais segurança por estar dentro desse curso, e até mesmo fazer uma leitura crítica a respeito, de que na comunicação a questão dos meios, os meios audiovisuais especificamente, seria o território natural, seria o contrário do teatro em que isso foi entrando, a realidade foi se mostrando. No jornalismo, na comunicação social, esse é o território natural. Nós nos baseamos nesses meios. Mas, ao mesmo tempo, agora nos encontramos no nascimento de um novo plano de estudos, que já foi elaborado há algum tempo, mas que está começando a ser executado agora, no qual a dimensão Não vou falar exatamente do audiovisual, isso é outra coisa. A dimensão da cultura, para não dizer das artes, está totalmente marginalizada como currículo formal, como disciplinas obrigatórias. Não temos nenhuma disciplina dentro dessa área. O audiovisual, sim, está muito presente, temos um corpo docente cada vez mais dedicado a isso, mas isso não é por acaso, porque temos uma sociedade imersa nesse audiovisual, então não poderia ser de outra forma. Não poderia ser de outra forma. No entanto, se não temos essa discussão relacionada à cultura e às artes, começamos a produzir muito jornalismo audiovisual porque a sociedade é audiovisual, esse clichê. E então temos que seguir essa demanda. Mas então deixamos de pensar, deixamos de refletir sobre as repercussões estéticas, afetivas, gestuais, simbólicas, relacionais, econômicas, inclusive, que o audiovisual onipresente traz à vida, inclusive às profissões. Estou falando, repito, estou falando no contexto do audiovisual. Estamos em um evento latino-americano. Então, de repente, em outras instituições, podemos ter uma diferença de cenários dependendo,

por exemplo, dos cursos na área das artes, na área da comunicação, que cada instituição pode ter, inclusive em outros países. E essa situação me lembra um pouco os escritos de uma professora dinamarquesa, Matt Yurt, acho muito interessante o que ela diz, que é uma pesquisadora específica na área do... do cinema não hegemônico, ela diz o seguinte, veja, o não hegemônico sempre passa por dificuldades, é da sua natureza. Mas essa dificuldade não se limita apenas à produção, a ter recursos para produzir ou exibir, mas também afeta o mundo acadêmico. O mundo acadêmico também apaga o não hegemônico. O mundo acadêmico, e isso é algo que ela menciona, tem a obrigação de incluir o não hegemônico no debate acadêmico também, porque, a partir desse debate, o mundo acadêmico traça e tem a função de criar um mapa, de criar uma geografia para essas produções. E a partir do momento em que essas pessoas que estão no não hegemônico, na comunicação ou nas artes, estão nesse mapa, começam a perceber o outro, o outro não hegemônico de outros lugares, que às vezes tem um contexto extremamente diferente, uma cultura extremamente diferente, mas às vezes dificuldades muito semelhantes. E então a academia acaba funcionando como uma encruzilhada na qual esses debates podem trazer soluções e ideias para outros lugares desconhecidos entre nós. Então, esta mesa aqui inaugura... Para nós, este diálogo, este encontro, que é um primeiro gesto de construir pontes que podemos fazer entre nossos cursos. Para quem não conhece a UFT, quem vem de fora, nossos cursos são ministrados em prédios vizinhos. Não sei, tenho dificuldade com metros, mas não saberia dizer quantos metros há entre uma porta e outra. Não sei, dez, vinte metros. E não nos conhecemos. Essas paredes não são permeáveis. Há mundos diferentes acontecendo. Então, não há muito o que fazer aqui, para aqueles que estão presentes em Cuíca ou aqueles que estão conectados remotamente, estamos lutando por um diálogo no qual possamos criar atividades de extensão, inicialmente de pesquisa, que tenham repercussão no ensino, nas quais possamos

pensar nossas diferenças, problematizar nossas diferenças, criar efetivamente sobre os diferentes conceitos que temos, das s naturezas, das técnicas, dos usos e das poéticas do audiovisual. Portanto, haverá novidades, este é um anúncio, talvez misterioso, porque está em construção, mas este é um primeiro momento para essa conversa.

JAIR FARIA (MODERADOR - ABRINDO A SESSÃO DE PERGUNTAS):

Muito obrigado, professor Sérgio. Então, neste primeiro momento aqui, em nossa mesa, falamos sobre muitas coisas. Falamos sobre tecnologia e mediatização, sobre mobilização social e produção de conteúdos alternativos, independentes, populares, comunitários, regionais e locais. Falamos sobre financiamento, sobre distribuição e acesso, certo? Também falamos sobre formação, entre outras coisas. Na verdade, dando continuidade ao que disse o professor Sérgio, gostaria de levantar aqui uma pergunta que foi feita no chat pela Temisa, que é aluna aqui do curso de teatro da UFT. Ela perguntou precisamente como essas questões audiovisuais foram debatidas no PPC, no projeto pedagógico do curso. E então ela pergunta ao curso de teatro, o professor Gustavo até respondeu lá no chat, se vocês querem complementar, se ele quer complementar, o professor Ricardo também, e também o Gabriel, que já passou por lá, de repente falar sobre isso, mas também trazer isso para o curso de jornalismo, como no PPC, do curso de jornalismo, ou nos respectivos NDS, essa questão do audiovisual tem sido discutida, se tem sido discutida e se há perspectivas para que medidas sejam tomadas nesse sentido. E vocês também estão se mobilizando lá, vejo aqui que as pessoas estão muito inquietas, várias pessoas levantando a mão aqui para fazer perguntas. Deixem-me abrir aqui, e depois o Ricardo continua, porque o Ricardo é membro atual do NDN, do Núcleo. Como é isso? Agora há tantas siglas que nos perdemos, não é? Que é o núcleo de discussão pedagógica.

GUSTAVO HENRIQUE FERREIRA (RESPONDO NO CHAT): O que eu disse à Temisa é que o PPC, que é o projeto pedagógico do curso, é um documento que está em constante revisão. Portanto, é natural que, se hoje não existe essa abordagem prevista... oficialmente, apesar de essa abordagem já estar sempre presente nas atividades do curso, como muito bem apontou Ricardo, é mais do que natural que em uma próxima reorganização possamos atender cada vez melhor, tentando satisfazer cada vez mais esse tipo de demanda. Mas agora passo a palavra a Ricardo, que é membro atual do NDE.

RICARDO RIBEIRO MALVEIRA (COMPLEMENTANDO): Então, é um desafio, não é? Sempre esses planos políticos pedagógicos estão vivos, não só pelo desejo, pelo mercado que eles têm que atender, mas também pelas normas que regem a educação no Brasil e que também vêm do próprio Ministério da Educação. Para se adaptar, no caso do curso de teatro, também está ligado à questão da educação. Portanto, devemos estar sempre atentos a esse aspecto. Esse movimento já vai nessa direção. Sou membro do NDE e estou junto com esses parceiros começando a discutir justamente essas questões. Levei isso para a última reunião e sempre conversei com eles sobre esse movimento que temos feito aqui, para provocar, e no que temos agora, temos, como eu disse, o teatro sempre conversou com esse espaço, é um motor e uma matriz que se reflete no audiovisual. Portanto, o que garantimos hoje são disciplinas que, no meu caso, abordam aspectos como a materialidade, como a criação visual, pensando nesses potenciais que podem ser aplicados tanto à cena teatral quanto à cena audiovisual, dadas suas particularidades, uma feita para ser vista, outra feita para a câmera, e tentando, na medida do possível, dialogar com esses espaços. Não é de se estranhar que muitos alunos, o próprio professor que esqueci, reclamem que esqueci muita gente... Me enviaram milhões de produções que estão fazendo. Esqueci o professor Heitor, que trabalha, entre outras coisas, com a questão do som, que é muito

significativa e importante no cinema. Ele tem um trabalho muito concreto em relação a isso. Além disso, em suas disciplinas, ele também acaba dirigindo essa produção e mantém um diálogo com o curso de jornalismo. Ele está sempre lá conversando com as pessoas, com os laboratórios. Então, tentamos articular esses conhecimentos, esses conteúdos, mas sim, é necessário que, como pensamos no currículo, e é uma questão política, no currículo, as coisas tenham que estar um pouco mais claras, um pouco mais orientadas, inclusive para que a função seja exercida de uma maneira mais direta, mais vertical. Então, os currículos têm que amadurecer nesse sentido. Não é uma tarefa fácil. Os planos para o empreendedorismo são atualizados constantemente, mas é necessário que as aulas sejam ministradas, não é? Então, até que isso aconteça, vamos realizando ações como distensão, como ações de algumas disciplinas, com alguns projetos, para que os alunos que estão passando pela universidade também não sejam... passem por práticas nesse sentido e possam atender ao mercado que já está nos exigindo isso. Vou falar rapidamente, justamente porque acho que a pergunta, essa questão, tem uma discussão mais ampla dentro do teatro. E aí vou retomar o que disse aqui. Por que maior no teatro? Porque para o curso de jornalismo é o território... Então, a resposta, Túlio e eu também participamos do NDE, do curso, e eu diria, ousaria dizer que ainda não existe esse debate dentro do NDE. Por quê? Porque seria, em princípio, como se o teatro debatesse o cenário. Mas vemos uma maior presença de disciplinas no novo plano de estudos, ligadas a isso por uma presença, pela chegada de professores... relacionados com o audiovisual. Vimos surgir disciplinas opcionais relacionadas com o documentário, mas com uma maior diversidade. Até há poucos anos, ainda existia uma disciplina opcional de cinema que eu, particularmente, oferecia ocasionalmente. Hoje, não, temos mais de uma disciplina dentro disso. Agora, isso tem repercussões no plano de estudos, mas é o que há. Não há um debate específico a respeito. É natural que haja uma

presença cada vez maior do jornalismo audiovisual em relação a outras formas... não audiovisuais, ou que chamaríamos, não sei, antigas, pela persistência das quais algumas pessoas ainda lutam, mas é natural que ocorra essa transferência para o âmbito audiovisual. Só acrescentar que isso se reflete nas produções dos trabalhos de conclusão de curso, em que a maioria dos TCCs são orientados para a prática, e dessas práticas, muitas são documentários, que ganham no Brasil, foi do Spokon Nacional, uma igreja nossa orientada pelo Sérgio, ganhou o prêmio, foi nacional, que ganhou a Iva. Então, isso se reflete cada vez mais, a cada semestre tem aumentado, eu acho, na minha opinião, essa demanda por produções de documentários, e que também estão se diversificando até mesmo nas orientações, o que antes era orientado apenas para professores de jornalismo, etc., hoje em dia outros professores estão pegando documentários para orientar, eu mesmo também tenho orientado documentários, embora oficialmente eu não dê nenhuma disciplina disso, né, de audiovisual. Então, acho que isso se reflete, academicamente falando, tanto nas pesquisas, nas produções dos trabalhos finais do curso () quanto nas pesquisas de mestrado, não é? No PPGcom também temos vários, eu também oriento uma pesquisa que é focada no audiovisual. Então, temos várias outras pesquisas que estão sendo orientadas, que estão sendo direcionadas para o audiovisual, principalmente de Tocantins, valorizando a cultura local. E aqui, voltando ao debate sobre o glocal, o que Núbia comentou sobre sua produção, tanto da pesquisa de mestrado quanto da produção do documentário, que é uma cultura muito local, mas que vemos semelhanças com o lugar daqui. O lugar de Montes Claros também se parece com o de Natividade. E então percebemos essa universalização, por isso também essa localidade, não é? Se eu puder aproveitar também e tirar uma conclusão. É interessante saber isso. Vamos descobrindo coisas aqui, nesta mesa. Eu fui professor do PPG até, acho que até 2021, 2022 no máximo, não me lembro bem. Acho que foi em 2021. E não havia. Havia um,

dois trabalhos que me lembro do tempo que passei lá, nos dois anos que passei lá, devo ter visto os dois trabalhos especificamente relacionados ao cinema. E então cheguei lá ansioso para ver, agora vai aparecer. Não, não apareceu, não havia nada disso. Então é bom saber que isso mudou. Que estamos lembrando, é importante pensar, por exemplo, como essas ações, embora pontuais, já sofrem, já promovem reações de produção e resultados insignificantes. Lembro que muitos desses alunos de que falei participaram de uma seleção para um congresso mundial de cenografia que acontece a cada quatro anos, a PQ de Praga, e tiveram a experiência de montar um projeto de cena que muitos deles estão trabalhando hoje em dia com direção de arte. E era uma disciplina eletiva, por exemplo. Por outro lado, a pesquisa que realizei em Arte da Cena, em Goiás, onde pesquisei as máscaras, e levei o pessoal, dando-lhes acesso às tecnologias, ao pessoal das máscaras do Monte do Carmo, que participou de uma transmissão internacional e falou sobre sua prática. Portanto, trata-se de garantir esse acesso. E outros alunos também participaram, faziam parte da disciplina, pois têm acesso a esse local de mídia e podem falar sobre sua cultura. E hoje, como está no site, eles podem acessar lá e voltar e serem reconhecidos, não apenas em seu local, mas também em nível nacional. Então, isso é muito importante. Ainda é incipiente, ainda não é o que gostaríamos que fosse, mas já existem algumas ações que nos indicam que há um longo caminho a percorrer.

GUSTAVO HENRIQUE FERREIRA (INTERVENÇÃO TÉCNICA): Olá, vocês estão me ouvindo? Eu também tenho várias perguntas aqui, mas agora vamos passar a palavra para a professora Ana Deise. Olá! Olá, olá! Olá, Gustavo, você quer acrescentar mais alguma coisa? Vocês estão me ouvindo? Sim, agora sim. Vocês estão me ouvindo? Sim, estou ouvindo vocês. Eu estava tentando... me conectar há pouco, mas acho que não estava funcionando, meu som estava bloqueado para vocês. Não quero interromper o desenvolvimento,

mas acho que uma coisa, já que estávamos discutindo sobre projetos pedagógicos de cursos, sobre nossa formação, uma provocação que eu gostaria de fazer, não só à mesa, mas a todos os que estão presentes também em Pelafax, é como nossa própria relação com a leitura do mundo está cada vez mais mediada pelas imagens, e pelas imagens técnicas, as imagens digitais, audiovisuais, ou seja, se pensarmos nas novas gerações, cada vez mais, temos jovens e futuros alunos, acho que os alunos atuais e os futuros alunos cada vez mais, que são alfabetizados em vídeo, às vezes até antes de serem alfabetizados na leitura. E como a universidade e o mundo acadêmico vão pensar sobre isso daqui para frente? Já que essa relação é cada vez mais uma forma de organizar o pensamento. Ótimo. A professora Anandese, do Curso de Jornalismo, também poderá complementar essas questões.

ANA DEISE (PRESENCIAL): Não, sim, complementar nada. Estou aqui por curiosidade e vim para aprender, porque estou acompanhando os trabalhos finais dos alunos e cada vez mais me interesso pelo audiovisual. E assim, vemos aqui que, embora estejamos falando do local, mas do global e do local, a experiência de vocês está muito presente aqui. E então tenho uma pergunta, que não é uma pergunta, mas uma curiosidade em saber a sua opinião. Aqui se falou do mercado, da situação em que nós... ou não temos porque não há demanda e vice-versa, o que é um problema. Estamos em uma sociedade audiovisual, é inegável, não há dúvida, vamos correr para isso. Então, tenho uma pergunta: vocês estão atuando aqui na área, tanto nas experiências dos projetos de extensão, no curso, tanto aqui, a cena local, está aqui. De quem busca o audiovisual além do mercadológico, que é algo muito marcado, não pela mídia, mas pelo próprio mercado, diferente. Então, há uma questão assim: se vocês, na sua percepção, já podemos falar de uma identidade estética audiovisual palmense. Se vocês já têm... Sei que é provocativo, sei que é até difícil. Temos uma cidade... Primeiro, os mineiros estão

dominando aqui. Estou aqui, Sérgio, Forte Nordeste chegará em algum momento. Então, bem, queria saber de vocês, se já existe isso... Vocês veem essa questão de identidade se formando? Existe uma estética palmense que influencia o que vocês discutiram aqui, que influencia esse mercado, assim... Porque todos aqui atuam em uma frente que é para chegarmos a isso? Mas já podemos pensar ou sonhar, ou isso já existe na percepção de vocês? Bem, eu lancei a bomba, vou correr.

JAIR FARIA (MODERADOR - DIRECIONANDO A PERGUNTA): Obrigada, professora. Gabriel, talvez você possa falar.

GABRIEL DIAS (RESPONDER À PERGUNTA): Acho que pela experiência tanto do ponto de vista do produtor quanto do curador. Em primeiro lugar, apesar de termos apenas a Nubia na mesa, o mercado audiovisual de Tocantins tem grandes representantes do cinema brasileiro. São mulheres, incluindo as que mais se destacam, inclusive hoje em dia, por exemplo, Eva Pereira, que é a principal cineasta que está se destacando com Barulho da Noite, por exemplo, um longa-metragem que está circulando pelo Brasil e pelo mundo com uma história de Tocantins. E então, voltando à questão de, digamos, uma identidade, minha opinião é que, na verdade, essa identidade, pelo menos no âmbito audiovisual, é uma identidade da linguagem do diretor, de quem desenvolve o filme. Portanto, não se poderia dizer que existe uma linguagem, por assim dizer, única do cinema de Tocantins. Do ponto de vista do marketing, os atores, que são as pessoas que programam, seja na televisão, nas plataformas de streaming ou mesmo as próprias distribuidoras, estão interessados nas histórias locais. Vejamos o próximo grande programa que está sendo desenvolvido pela Globoplay, neste caso. Eles estão contando uma história de ficção, aparentemente dirigida a adolescentes, sobre um lobisomem, que é o Lobo Guará, e que se passa no Cerrado. O mercado, em geral, está interessado no que há

aqui, mas com a ideia de que é uma história que todos podem ver e entender, porque são sentimentos, são coisas que o personagem experimenta que são globais, são sentimentos globais. Então, vejo que aqui a produção atual é muito interessante, é muito, como se diz... Não focada, mas o que produzimos aqui é interessante para ser exibido em festivais e plataformas em geral. Mas a questão do mercado é um problema, no sentido de que, gostemos ou não, os mercados estão interessados em certos nomes, sejam eles de pessoas que atuam ou dirigem. Então, percebe-se que há uma tendência, por exemplo, de algumas pessoas que estão produzindo aqui, de chamar grandes nomes da atuação ou da direção, menos na direção, mas sim na atuação. Vimos circulando aqui no estado de Tocantins, nos últimos dois ou três anos, grandes nomes da atuação brasileira. Essa é uma forma de tentar atrair os festivais e cinemas, por assim dizer, para essa produção. Porque, afinal, é assim que o mercado funciona. Se você assistir a um grande filme, verá que há grandes nomes nele, principalmente nos papéis principais. E isso é algo que já está começando a acontecer aqui, e começa a acontecer justamente por causa do financiamento, que é de onde vem o dinheiro, que nos permite oferecer um cachê interessante para alguém de fora, que trará hotel, trará comida para essa equipe, enfim. Existe essa profissionalização no sentido de que o cinema de Tocantins está cada vez mais preparado para ser exibido fora do estado. Só é importante ressaltar que, do ponto de vista de alguém que não é daqui, que mora há dez anos em Palmas, podemos ver uma diferença. Ainda é cedo para pensar em algum padrão e , mas já aparecem algumas pistas, como ele já disse, nas narrativas, que é contar histórias que são daqui, embora dialoguem com o universal, que é importante em qualquer momento, em qualquer lugar, a presença do sotaque que marca, digo isso porque, por exemplo, minhas produções, exceto a publicidade, são todas fora porque meu sotaque é de outro lugar e ainda não estou nesse lugar. Então, de certa forma, isso cria um limite, não é que eu não consiga fazer um

sotaque, mas é muito mais inclusivo também trazer quem já está lá com o sotaque, não é? As paisagens também trazem uma visualidade local e isso, enfim, esteticamente já remete a um padrão. E, claro, como ele também disse, os diretores têm seu ritmo, sua maneira de ver. Mas tudo isso é muito recente no âmbito da produção para que possamos afirmar uma identidade, vamos precisar de mais tempo para que as pessoas vejam, para que toda essa produção se consolide e possamos talvez falar um pouco mais adiante sobre o que tem essa identidade, o que se repete, o que acentua o estado, mas sim, o estado está avançando nessa direção. Essas produções vão apontar isso mais adiante, eu acho, e isso é muito importante, que se pense como uma referência para o mundo.

SÉRGIO RICARDO SOARES (COMPLEMENTANDO A RESPOSTA): Ana, eu nem sei como responder, porque haveria muitas coisas para... É uma questão muito complexa. Vejamos. Foi minha área específica de pesquisa, dentro do doutorado, e isso vai além do audiovisual. É uma característica. É interessante que você não tenha falado exatamente de Tocantins, mas de Palmas. Tocantins seria um problema, mas Palmas é maior pela natureza da cidade. Concordo, Ricardo, leva tempo, levará tempo em qualquer lugar. No entanto, em um lugar como Palmas e dada a forma como Tocantins se emancipou, a questão se mostra urgente de qualquer maneira. Por quê? Porque, no caso de Palmas, para admitir a cidade, para senti-la não apenas como uma cidade feita de casas, prédios e ruas, mas como um lugar... um lugar, no sentido e e mais amplo da palavra, a pessoa precisa sentir identidade. E se essa identidade não existe, ela é criada de qualquer maneira. É impossível existir sem identidade. Então a pessoa procura, procura essa identidade, não a encontra, devido à artificialidade do projeto da cidade, e então a inventa. Como toda identidade foi inventada de alguma forma. Mas aí fica uma discussão, e aí volto à questão do audiovisual, de, ah, aqui sim temos uma característica de Tocantins ou de Palmas, aqui não, e tal. Mas

então o grande drama é que, cada vez que você encontra essa característica, essa característica já existe em outro lugar. Também. E surge outra pergunta. Então, para que ter essa característica? Por que tem que ser algo específico e único daqui? Só para encerrar a questão aqui. O sotaque pode ser interpretado de várias maneiras. Pode ser o sotaque do ator ou da pessoa que está sendo entrevistada em um documentário, mas também existe o sotaque audiovisual. É um sotaque na forma de manusear a câmera, na forma de editar, na forma de roteirizar esse material. E aí poderíamos nos perguntar muito, não há tempo aqui para nos perguntarmos se esses filmes têm um sotaque específico ou se o sotaque é simplesmente que as histórias contadas são daqui. Porque, como sabemos, temos cinemas não hegemônicos que às vezes optam pelo contrário. A maioria quer reforçar o lugar porque é uma forma de ter visibilidade. Há um mercado em que as pessoas gostam de ver o exótico. Gostam de ver o exú... Temos uma pergunta aqui, já estamos ficando sem tempo. É rápido? Vou terminar aqui. E há outros lugares em que se opta por não aparecer. Então, na minha pesquisa, conversei com vários cineastas, fiz longas entrevistas com eles, e alguns disseram o seguinte: já está na hora, na verdade, por um lado é cedo, mas por outro lado já está tarde e já está na hora de Tocantins se libertar um pouco de se limitar a contar, usando o audiovisual para contar, as histórias ocultas. Pode-se falar de outras coisas do mundo além de Tocantins. É isso.

JAIR FARIA (MODERADOR - APRESENTANDO A PRÓXIMA PARTICIPANTE): Obrigado. Professora, se você puder se apresentar para que também fique registrado.

OLGA MARI MARTÍNEZ (BOLÍVIA, REMOTA): Bom dia, meu nome é Olga Mari Martínez, sou da Bolívia, da Universidade Maior Real e Pontifícia de San Francisco Javier, a terceira universidade da América Latina criada na Colônia. Prestamos muita atenção para

compreender a conversa desde ontem. Chamou minha atenção que vocês dão muita importância à produção audiovisual e que isso está ligado às histórias, mas eu estava pensando em como fazer com que a produção audiovisual que responde à moda, às tendências, seja crítica, como também dizia o pensamento comunicativo de Paulo Freire, o tema educacional, como ligamos isso, porque normalmente o produto comunicacional, o conteúdo audiovisual é mais de mercado. Talvez Núbia possa falar um pouco sobre isso também, que é como essa estética audiovisual mais mainstream pode dialogar com a cultura popular, com o local, com o que é produzido regionalmente. E talvez você esteja mais... mas também trabalhando em uma emissora que representa essa corrente dominante e, ao mesmo tempo, trabalhando com questões que vão para o local, para o regional, como essas estéticas podem dialogar e como isso pode chegar ao grande público.

NÚBIA ISTELA (RESPONDER À PERGUNTA): Bem, na televisão trabalhamos muito... Hoje em dia, trabalho em uma das maiores emissoras do país, que é a TV Globo. Neste caso, trabalho em uma filial da Globo, onde contamos histórias regionais. E algumas dessas histórias são tão grandiosas que a Globo se interessa por elas e então elas chegam... ao grande público. Como temos aqui em Tocantins, temos muitas histórias. É um estado jovem, é uma cidade jovem, mas mesmo assim podemos contar histórias que são de interesse para todo o Brasil. E o que produzimos hoje? Temos três noticiários que contam histórias locais. A história de Palmas, a história de Brejinho de Nazaré, por exemplo, que eu tive lá na semana passada. É a história do norte do estado. E então, dependendo dessa história... será interessante para o grande público. Por exemplo, eu pessoalmente gosto muito do Arraiá da Capital. Quando estava cobrindo, me contaram que é uma festa que surgiu nos arredores de Palmas, justamente quando a cidade estava surgindo. E hoje, para mim, que acabei de chegar, é uma das maiores manifestações da

cidade. E é uma manifestação de interesse nacional, porque as festas de junho estão... estão no imaginário nacional. Assim como as festas da natividade, por exemplo, que comparamos com nossas festas em Minas Gerais. Mas a televisão, por enquanto, como meio local, contará a história dessa cidade, dessas pessoas, porque é de interesse. Por exemplo, minha diretora me deu um exemplo na semana passada. Quando você começa uma reportagem, precisa aprender a captar a atenção do público. E para aprender a captar a atenção do público, você não pode limitá-la. Primeiro você conta a história, primeiro você conta o que há de novo, para depois dizer onde está acontecendo. Porque assim fica mais interessante. Não sei se respondi à sua pergunta.

GUSTAVO HENRIQUE FERREIRA (COMENTÁRIO FINAL): Não, acho que há perguntas muito interessantes pensando na relação com a qual trabalho, com a qual trabalhamos, que é uma relação do teatro com o audiovisual e com esses meios, que é, no nosso caso, Sérgio até falava em discutir o cenário. De certa forma, acho que o que podemos dizer é que trazer esses elementos para o palco também é problematizá-los, é também abrir a possibilidade de problematizá-los, de refletir, inclusive, sobre nossa própria... naturalização cada vez maior dos meios audiovisuais, das imagens, essa confusão em que começamos a ter, se por um lado falei até mesmo de pontos positivos, dessa presença expandida, mas também dessa forma como nos tornamos cada vez mais imersos n , quase nos tornando... capturados por esses meios digitais, por essas redes sociais, e então, trazer isso para a cena também como uma possibilidade de discussão, como uma possibilidade de reflexão, é problematizar, é abrir caminhos para discutir essas relações com a imagem, o que acho que volta à minha provocação anterior, que é cada vez mais predominante em nossas formas de ler o mundo.

MARCO TÚLIO CÂMARA (COMENTÁRIO FINAL): Só para complementar, quando se coloca um desafio da educação, do papel da educação, partindo de um plano de Paulo Freire e tudo isso, acho que esse é o principal desafio. E então, ligando-nos ao que disse Núbia, podemos construir espaços de educação, de construção de conhecimento a partir dessas produções audiovisuais. E o principal, acho que uma das coisas que tiramos desta mesa é perceber que há demanda, há público, há pessoas interessadas. Então, temos que unir todas essas forças que podem estar muito separadas, mas ao mesmo tempo fisicamente próximas, mas que acabam sem se comunicar tanto. Então, nós temos que... O que fica como reflexão de convite é que, em cada localidade, em cada realidade, unamos essas forças voltadas para essa construção do conhecimento de uma maneira mais ampla.

JAIR FARIA (MODERADOR - ENCERRAMENTO): Bem, amigos, muito obrigado por suas reflexões. Este debate não termina aqui. Temos um longo caminho pela frente. Quero agradecer suas contribuições, sua presença. Quero agradecer à Felafacs pela oportunidade e pelo espaço, por toda essa estrutura. À UFT, especialmente aos colegas dos cursos de teatro e jornalismo aqui na universidade. Aos grupos de pesquisa Outro Campo e Gesto. Ao Sesc Tocantins e à TV Anhanguera também por... que estão representados aqui de alguma forma, e gostaria de convidá-los para um workshop, não sei se vocês estarão em Palmas até o final da semana, mas na sexta-feira, no contexto do Congresso da BPcom, teremos um workshop de vídeo de um minuto, com este grupo aqui reunido também, na sexta-feira de manhã, das oito e meia às onze e meia, meio-dia lá, para que possamos colocar em prática também um pouco dessas discussões. Vou levantar algumas questões que anotei aqui para o futuro, para que já comecemos a pensar. Em primeiro lugar, chamou minha atenção o impacto das normas e regulamentações sobre a prática. Então, quando pensamos nos cursos, como... Os planos de estudo

dependem dessa normalização ou das leis de fomento, como as leis de fomento também impactam a produção local e como isso também exige que os municípios se organizem para poder gerenciar os recursos. Acho que ainda temos muito a debater. E algo que também me chamou a atenção neste debate é que se trata de um debate mediatizado, e ainda não tínhamos pensado nesse aspecto para nossos grupos. Portanto, foi uma experiência importante para podermos seguir em frente com a construção desse projeto coletivo e dessas ideias. Muito obrigado a todos que participaram e até a próxima. Adeus, adeus, pessoal.

RELATÓRIO SOBRE O ENSINO DO JORNALISMO EMPREENDEDOR EM UNIVERSIDADES DA AMÉRICA LATINA E ESPANHA

Santiago Gómez
Sofía Álvarez Barbeito
María Eugenia Álvarez

SANTIAGO GÓMEZ (MODERADOR): Olá, boa tarde a todos. Um agradecimento especial por nos acompanharem hoje neste debate no âmbito do encontro acadêmico da Federação Latino-Americana de Faculdades de Comunicação Social, Felafacs, que está sendo realizado de forma híbrida a partir da Universidade Federal do Tocantins, no Brasil. Este debate tem como objetivo revisar os resultados do relatório sobre o ensino do jornalismo empreendedor nas universidades da América Latina e Espanha, ponto de partida dois, realizado pela Sembra Media com o apoio da UNESCO, para o qual convidamos e, portanto, contamos com a presença de María

Eugenia Álvarez e Sofía Álvarez, ambas da Sembra Media, que irão explicar a todos vocês as principais conclusões deste estudo.

Permitam-me, então, dar as boas-vindas a María Eugenia e Sofía, muito obrigado, e assim me permito ler rapidamente seus perfis. María Eugenia Álvarez é diretora geral da Sembra Media, onde lidera a estratégia integral e coordena as áreas de operações, desenvolvimento e finanças. É jornalista especializada em jornalismo digital pela Universidade de San Andrés, na Argentina, com mais de dez anos de experiência em mídias digitais nativas, onde cobriu política e direitos humanos. Foi produtora executiva de rádio e televisão, criou equipes de comunicação institucional e lecionou durante uma década na Escola de Jornalismo TEA. Também ensinou modelos e os de negócios no Mestrado em Jornalismo da Nación. No âmbito acadêmico, Maru lecionou durante dez anos no workshop de rádio, na escola de jornalismo, e participou do mestrado em jornalismo da Universidade Torcuato de Itela, na Argentina, onde deu aulas sobre modelos de negócios.

Sofía Álvarez, que também está conosco, é diretora de educação da Sembra Media, onde lidera os programas educacionais, as parcerias com universidades e meios de comunicação e a escola virtual da Sembra Media, sobre a qual também esperamos que nos falem no final da apresentação. Ela coordena a equipe de especialistas em educação e a equipe de especialistas em mídia da Sembra Media na América Latina, promovendo a análise regional e a colaboração entre os meios de comunicação. É politóloga de formação, com mestrado em educação pela Universidade Torcuato de Itela, onde se dedicou a estudar a contribuição específica das organizações da sociedade civil e como elas podem apoiar o setor acadêmico, escolar e universitário. Há dez anos, trabalha em organizações e apoia meios digitais independentes como atores-chave da vida democrática na América Latina.

Sejam muito bem-vindas, María Eugenia e Sofía. Vou passar a palavra a vocês para a apresentação do Punto de Partida II, mas antes quero começar perguntando: o que é jornalismo empreendedor? Como a Sembramedia entende isso? Como o estudo entende isso? Digamos, para ter certeza de que todos estamos entendendo o conceito e aproveitando, digamos, as descobertas desses estudos tão importantes. Sejam bem-vindas.

MARÍA EUGENIA ÁLVAREZ (SEMBRAMEDIA): Muito obrigada, Santiago, pela apresentação e, bem, muito obrigada também a toda a equipe da FelaFax por nos convidar para este encontro tão importante para o ecossistema da mídia e para o ecossistema acadêmico da comunicação.

Respondendo à sua pergunta, me vêm à mente três palavras-chave para definir o jornalismo empreendedor. Há uma década, há dez anos, que investigamos e trabalhamos com jornalistas empreendedores e me vem à mente o conceito de comunidade, o conceito de criatividade e o conceito de negócio. Porque entendemos que o jornalismo empreendedor na América Latina tem a ver com pensar modelos de negócios sustentáveis e, para isso, é preciso ser muito criativo e também trabalhar em comunidade. Portanto, se tivesse que definir rapidamente o jornalismo empreendedor, acho que hoje esses são os três focos mais importantes para se trabalhar.

Perfeito. Então, se quiser, você pode passar diretamente à apresentação dos resultados e, no final, anunciar ao público que teremos um espaço para perguntas. Para perguntas. Perfeito. Muito obrigado, Santiago. Continuo, então, e para aqueles que não conhecem a Sembramía, somos uma organização sem fins lucrativos que trabalha um pouco com o que mencionamos antes, em impulsionar o ecossistema jornalístico de jornalistas que são empreendedores e de meios nativos digitais que, de alguma forma,

vêm crescendo ano a ano nas comunidades, e o objetivo quando começamos a trabalhar com essas comunidades tem a ver com pensar na sustentabilidade. E quando começamos a pensar em como trabalhar na sustentabilidade, surge algo muito importante que tem a ver com a definição de modelos de negócios.

E que, com base em nossas experiências, digo, de formação jornalística em linhas gerais, a Sembra Media começou com uma equipe de jornalistas e hoje... migrou e já mudou, acabamos de completar dez anos e, nesses dez anos, hoje temos uma equipe superdiversificada com outras especialidades. Aqui, Sophie me acompanha, ela não tem formação jornalística e acho que é um pouco o melhor exemplo que temos para mostrar à comunidade de empreendedores, não é? Que hoje o jornalismo empreendedor precisa estar acompanhado de uma lógica interdisciplinar para poder ser sustentável.

Uma das principais coisas que começamos a trabalhar foi o mapeamento dos meios de comunicação digitais nativos que víamos na região. Nosso foco é a língua espanhola, então começamos a mapear tudo o que tinha a ver com a comunidade latino-americana, Espanha e a comunidade hispânica dos Estados Unidos, o que nos leva a construir, bem, primeiro o mapeamento, não é? Como a importância do mapeamento, de entender quais eram os meios digitais nativos que aparecem na região, quais características esses meios digitais nativos tinham, quais características de equipe, quais características de formação, quais características de financiamento aparecem. E começamos a trabalhar muito com comunidades locais, aqueles jornalistas que trabalhavam, que já começavam a pensar nesse jornalismo digital em cada um dos países da América Latina e lá formamos uma equipe ampliada. Eu estou baseada na Argentina, mas uma das cofundadoras da América Central está baseada na Argentina e a outra está baseada nos Estados Unidos e elas

começaram a trabalhar de forma... interdisciplinar, lendo a comunidade latino-americana e pensando em quais são esses especialistas que começam a aparecer em cada um dos lugares da região, e aí montamos uma comunidade de especialistas que começam a fazer esses olhos da Sembramedia em nível local, e que começam a nos dizer: “Bem, no meu país, esses são os meios nativos digitais que aparecem”. Por isso começamos a trabalhar no conceito de comunidade, porque esse meio digital nativo que aparecia como isolado, que em sua comunidade começa a precisar entender aprendizados, saber como um colega estava trabalhando, pensar em fontes de financiamento que não necessariamente têm a ver com uma lógica competitiva. E, felizmente, hoje estamos vendo muita colaboração em nível regional em matéria de jornalismo empreendedor.

Nesse sentido, começamos a mapear esse diretório de meios de comunicação, a criar essas comunidades e, com isso, começamos a fazer pesquisas. Porque uma das principais coisas que nos parece é que, bem, essas informações têm que nos fornecer os principais insights que nos darão informações para entender quais são as ações importantes a serem trabalhadas na região. E aí começamos a abrir um leque de possibilidades. Essas pesquisas, algumas delas como ponto de partida, ponto de partida um e ponto de partida dois, são pesquisas mais do campo acadêmico que começaram a nos ensinar como o jornalismo empreendedor estava sendo ensinado nas universidades, como se falava de modelos de negócios nas universidades, como se falava de gestão, de management, de liderança, de políticas de segurança, de uma série de coisas que estão diretamente ligadas à criação de um meio de comunicação. Este jornalista empreendedor que quer formar seu meio de comunicação de forma independente precisa ter muitas outras características, além de saber escrever bem e ter critério jornalístico para fazer uma cobertura.

Então, essas pesquisas começam a nos fornecer informações diferentes que nos levam a pensar em programas de apoio. Esses programas de apoio têm diferentes linhas, alguns estão mais ligados a áreas de desertos informativos que nos trazem essas informações, então pensamos na incubação de meios de comunicação em locais onde há desertos informativos, porque entendemos que as áreas de desertos informativos atentam contra a democracia e contra a liberdade de expressão. Portanto, para nós é muito importante cobrir esses locais de desertos informativos e não que continuem existindo muitos meios de comunicação nas cidades centrais. Então, um dos programas de apoio é de incubação, outro dos programas de apoio tem mais a ver com a aceleração dos meios de comunicação, com entender, bem, esses meios que já estão há alguns anos no ecossistema e têm que dar esse salto em termos de qualidade ou mesmo de formação. Eles também participam de programas de aceleração nos quais trabalhamos muito a linha de gestão e administração do meio de comunicação. Trabalhamos a linha de financiamento em geral, mas com um aspecto muito ligado ao que tem a ver com... as diferentes fontes de receita, diversificar essas fontes de receita, não depender de uma única fonte de receita e também poder entender algumas estratégias mais de fundraising, de como pensar no ecossistema mais no futuro. E, depois, uma linha de bem-estar, que é uma linha que leva, é uma das linhas mais recentes que adicionamos porque, infelizmente, a América Latina vem com uma onda de muita violência em diferentes níveis, em diferentes países. Então, também começamos a perceber que, desde jornalistas que precisam se exilar até jornalistas que são perseguidos política e institucionalmente por diferentes investigações relacionadas à corrupção, trabalhos relacionados ao narcotráfico, hoje o jornalismo é muito perseguido nesse sentido e muito atacado. Antes, isso acontecia em países muito específicos, hoje já vemos isso como uma onda muito maior e esses jornalistas empreendedores que têm seus meios de comunicação, esses diretores de mídia que têm suas

equipes de pessoas... Eles precisam se sentir seguros sobre como cobrir esses assuntos, como pensar em protocolos de prevenção e segurança e como acompanhar um jornalista de sua equipe que é assediado nas redes sociais, por exemplo.

Então, essas três linhas de trabalho são as linhas que começamos a trabalhar nos diferentes programas de apoio, alguns dos quais são de incubação, outros de aceleração e outros ainda são programas mais educativos, mais ligados a estas investigações, como tem a ver com este primeiro ponto de partida que fizemos quando começamos a pensar no que nos ensinaram na faculdade para podermos entender como gerir um meio de comunicação. E essa conversa foi muito enriquecedora porque percebemos que não nos tinham ensinado a gerir. Não nos tinham ensinado a pensar em modelos de negócio, a pensar em fontes de rendimento, a falar de financiamento, tinham-nos ensinado a trabalhar em grandes redacções de meios de comunicação. E vínhamos de uma lógica e de uma estrutura que era um pouco disruptiva em relação a essa característica da formação profissional. Então, começamos a fazer um levantamento de, bem, quais universidades ensinavam jornalismo? Essas universidades que ensinavam jornalismo, quais? Elas ensinam ou mencionam algo sobre jornalismo empreendedor? Nem mesmo apontávamos para que tivessem uma disciplina de modelo de negócios, de empreendedorismo, mas que houvesse algum workshop, alguma disciplina eletiva, algo parecido com empreendedorismo. E a verdade é que obtivemos uma percentagem muito baixa naquele momento. E então dissemos: bem, temos que trabalhar muito mais com a comunidade de professores e com a comunidade de estudantes, não é? Como voltar um pouco às bases. E embora continuemos tendo esses programas com esses jornalistas que já estão no ecossistema, foi muito bom e muito enriquecedor começar a trabalhar com professores e começar a ouvir quais eram as... as necessidades que aparecem dos professores e dos estudantes

nas salas de aula. E aí formamos o que chamamos de rede de professores, que é como esse diretório de mídia que formamos na época e transferimos para um diretório de professores, porque também entendíamos que esses professores que começaram a falar de jornalismo empreendedor de forma disruptiva em universidades onde não se falava de jornalismo empreendedor, precisavam ter de alguma forma uma rede, um espaço de contenção, uma comunidade com quem perguntar a um colega: como você está ensinando jornalismo empreendedor? Que ferramentas você oferece? Estou fazendo este exercício, para mim este exercício funciona, qual é o currículo? Que rubricas de e o vocês têm? E um pouco gerar essa aliança e esse espaço de comunidade e colaboração com essa rede, que se vocês entrarem no site da Sembra Media e selecionarem por país, aparecerão os professores que foram se juntando e que continuam se juntando à rede de professores ao longo dos anos. Então, bem, este é o nosso lema principal: nunca faça nada sem estudar primeiro, mas, sério, para nós é um lema que tem muita lógica e muito sentido na forma e na lógica com que pensamos cada uma das ações da Sembra Media. Porque cada pesquisa que fizemos nos deu resultados que depois nos levaram a trabalhar no campo de uma forma muito mais eficiente e com um impacto social muito mais positivo. Então, de alguma forma, esse ponto de partida surge para responder a essa pergunta e para compartilhar com vocês essas informações valiosas e poder começar a trabalhar no ecossistema. Com, desculpe, Sofi, com isso passo a palavra para a Sofi. O primeiro ponto de partida foi feito com o apoio do Google e da GNI. No segundo ponto de partida, já começamos a sentir que os dados estavam, de certa forma, desatualizados. Então dissemos: bem, temos que atualizar essas informações. E aí, com o apoio da Unesco, pudemos lançar esse segundo ponto de partida.

SOFIA ALVAREZ BARBEITO (SEMBRAMEDIA): Obrigada, Maru. Achamos muito importante começar contando um pouco sobre

quem somos e o que fazemos, para que faça sentido o motivo de pesquisarmos tão bem esse tema. Muito obrigada, Santiago, por nos trazer aqui e também a Abraham Torres, que faz parte da FelaFax e foi quem fez o contato para que pudéssemos estar presentes, então um abraço a ele também, que faz parte da SembraMedia.

Estamos participando de muitos espaços onde todos estamos nos perguntando o que vai acontecer com a mídia, o que vai acontecer com a educação, a inteligência artificial e outros assuntos. E acreditamos que este estudo ainda lança muita luz para vermos como podemos apoiar os atuais estudantes de jornalismo. Por isso, para nós foi muito importante que a UNESCO se juntasse a nós com este apoio muito concreto para que pudéssemos levar adiante, como disse Amaro, esta segunda etapa da pesquisa. E, graças ao apoio da organização, pudemos explorar qual tinha sido a evolução do jornalismo empreendedor nas salas de aula. A necessidade de capacitar os jornalistas para enfrentar os desafios da transformação tecnológica, todos os desafios em torno da sustentabilidade da mídia que Maru compartilhou, a desinformação e também agora, como eu disse há pouco, a irrupção da inteligência artificial está sendo... mais evidente do que nunca como eles estão se formando, e esse foi um pouco o lema inicial do projeto Punto Partida II, como o jornalismo do futuro está se formando é superimportante hoje. E embora não seja a primeira vez que fazemos esta edição e, como dizia Maru, em 2020, 2023 começamos a sentir que precisávamos entender o que estava acontecendo nas salas de aula novamente. Em 2018, fizemos este primeiro estudo que foi mais qualitativo também porque contar um pouco dos bastidores dessas pesquisas também é um pouco a intenção desta segunda parte da apresentação. Nesse primeiro estudo, fizemos uma pesquisa com vinte e cinco professores com entrevistas aprofundadas que nos permitiram obter informações contextuais muito ricas e que deram origem à rede de professores que Maru mencionou, que continua

existindo hoje e da qual vocês podem fazer parte. São mais de trezentos professores dedicados, trezentos professores e também pesquisadores relacionados ao jornalismo empreendedor ou negócios e mídia. Os anos passam e a rede continua viva, o que é bastante surpreendente para a Sembra, que construiu uma rede independente da SembraMedia, pois as consultas são diárias. Às vezes, acordamos e vemos no WhatsApp: “Como vocês estão ensinando a usar o Notebook LEM para tal ou tal coisa?”. E isso continua acontecendo além da Sembra, e acredito que seja uma das grandes virtudes dessa linha educacional.

E no caso do ponto de partida dois, com o apoio da UNESCO, o que fizemos foi realizar uma pesquisa, ou seja, um estudo quantitativo no qual entrevistamos 101 professores de 16 países de língua espanhola que estavam ministrando disciplinas de jornalismo empreendedor e, além disso, embarcamos em uma aventura que exigiu um grande esforço e que também nos proporcionou muitas informações, que foi analisar os planos de estudo de 157 universidades latino-americanas e espanholas. Esses foram os países que participaram e tivemos a oportunidade de ouvir em primeira mão sobre os desafios que os professores estavam enfrentando e também testar o que estava acontecendo agora nas salas de aula.

Então, bem, uma das primeiras descobertas é sobre os professores. Sei que há muitos professores nos ouvindo, então espero que essas informações sejam interessantes para vocês! Para nós, é muito importante, como disse Maru, temos programas de apoio e, para entender também que tipo de apoio oferecemos, precisamos entender muito bem quem é o sujeito que estamos tentando acompanhar. Por isso, para mim, a informação mais importante a partir do ponto de partida dois é esse perfil do professor. São professores com muitos anos de experiência docente. No entanto, metade deles começou a ensinar jornalismo empreendedor no ano

de 2019 e isso para nós é lógico ou faz sentido com nosso diretório de mídia, porque naquela época observamos um crescimento muito acentuado na criação de novas mídias ou de novas mídias entrando no ecossistema de mídia digital. Sobre sua experiência, poucos tiveram um papel de liderança. A maioria dos professores que pesquisamos eram editores ou repórteres. E isso também nos dá a oportunidade de pensar em projetos nos quais apoiamos os professores em gestão ou temas mais relacionados à direção de mídia. Parece que eles têm mais conhecimentos teóricos sobre jornalismo empreendedor do que práticos. Porque um número realmente muito alto, 82% dos professores que participaram do estudo, fez ou tem um estudo de pós-graduação, ao contrário da experiência prática em empreendimentos. E isso também nos permitiu, mais adiante contaremos um pouco mais, tomar algumas decisões como trazer empreendedores para nossos projetos educacionais para que tivessem espaços de trabalho com os alunos e assim complementar o que já estava acontecendo nas salas de aula. E, bem, algo que também é um dado que não acontece apenas na comunicação, que este estudo reafirma, é que nossos professores latino-americanos não têm, desculpem, a maioria não tem como profissão principal o ensino, mas sim o *multiemprego*, que é algo muito característico dos professores. Bem, aí vocês podem ver que no ano em que começaram a ministrar cursos, também começaram a crescer os cursos de empreendedorismo, não é? E também vemos uma correlação em, como eu dizia antes, o *Sembran Vida* começa em 2015 e também o mapeamento e a atenção para esse ecossistema, vemos como há uma correlação entre o que estava acontecendo também nas salas de aula e o que estávamos mapeando na mídia.

Um dado que nos parece relevante também porque a SEMRA tem a intenção de levar projetos e informações sobre os ecossistemas para fora das capitais é que 54% das respostas vieram de escolas de

jornalismo que não estavam localizadas em capitais, e era parte dos nossos objetivos refletir também o que estava acontecendo fora das áreas onde normalmente se dá mais atenção. Isso também nos permitiu investigar os currículos, os 157 currículos que pesquisamos, e compreender quantas mudanças os planos de estudo haviam sofrido. Essa informação nos inspira muito, porque vemos mais movimento, há uma decisão de se adaptar e mudar que se manteve nos últimos quatro anos. Com tanta e s modificações nos planos, sabemos que não é fácil e não estamos dizendo que a decisão correta de todas as universidades, de todos os cursos, seja fazer uma mudança no plano de estudos, mas isso também reflete o que estava acontecendo no ecossistema da mídia e também nas universidades em torno desses temas.

Em relação aos principais temas ensinados, não nos surpreende que sejam modelo de negócios, situação atual da indústria e fontes de financiamento. Mas também nos deixa felizes porque agora parecem ser temas comuns, mas no nosso primeiro ponto de partida não era tão comum falar de modelos de negócios, indústria e diversificação de fontes de inglês. Costumava ser algo atípico em um curso de comunicação, como Santi e Maru trocaram antes.

Em relação aos alunos, analisamos um pouco, da perspectiva dos professores, o que os desmotivava a empreender. Achamos bastante saudável que a primeira preocupação do aluno em relação a empreender um meio de comunicação seja não ganhar dinheiro, e aí também há algo que é muito fértil para acompanhar, e também nos parece relevante que um aluno esteja pensando em como vai viver de sua profissão. Trinta e nove por cento falavam da falta de recursos para iniciar seu empreendimento e também da falta de tempo para empreender. Mas também perguntamos o que os animava, certo? E 67% dos professores nos disseram que acreditavam que ter laboratórios de empreendedorismo nas

universidades poderia ser algo que animasse os estudantes a realizar esse tipo de projeto, ter casos de sucesso que eles pudessem conhecer, e isso é algo a que nos dedicamos muito também na Sembra, além de gerar vínculos entre universidades, startups e incubadoras. E encontramos um dado que também orientou muitos dos projetos que fizemos depois e que explica por que acreditamos que envolver as universidades nessas questões é uma boa ideia. É porque 39% dos professores nos mencionaram que tinham alunos que decidiram empreender, que lançaram um meio de comunicação e dois em cada três meios continuavam vivos. E é por isso que, no ano passado, realizamos com essa equipe de especialistas em mídia que coordenou o espaço da SembraMedia, decidimos fazer um webinar onde chamamos diferentes empreendedores e empreendedoras da antiga shot set ciencia y tinta digital para que contassem como criaram seus meios de comunicação na universidade. Esses não são os únicos casos que conhecemos, também temos o Indómita, do Equador, e alguns outros meios de comunicação que mapeamos, que são exemplos vívidos da correlação entre o que acontece nas universidades e o que acaba acontecendo na vida dos estudantes, assim como para esses agora diretores de meios de comunicação, a universidade marca um rumo muito concreto.

Em relação ao plano de estudos, 18% das faculdades, e essa foi uma dificuldade que encontramos ao fazer este estudo, não tinham seus programas publicados na web, então só pudemos pesquisar 128 universidades que os tinham e cujos planos de estudos pudemos acessar. E estas são as principais conclusões dessa parte da pesquisa. Como podem ver, o ponto de partida é como uma mamushka, não é? Tentamos, através da perspectiva dos professores, acessar o que eles sentem, o que está acontecendo tanto com sua universidade quanto com seus alunos. E também, através dos planos de estudo, o que está acontecendo com os conteúdos. E um dado muito relevante

é que aumentaram os cursos de jornalismo empreendedor e, novamente, correlacionado com os conteúdos. Talvez em 2017 fosse muito atípico haver tanto foco em cursos de jornalismo empreendedor ou houvesse mais resistência por parte dessas universidades em incorporá-los ao currículo, e vemos como em 2023 isso no ponto de partida dois mostra uma mudança de tendência. Isso também nos mostra, como fanáticos por estudar as coisas, a importância de não apenas estudá-las uma vez, mas estudar a evolução dos temas.

Bem, eu comentei antes que 77% dos professores indicam que têm alunos trabalhando em mídias digitais e que 39% nos dizem que lançaram sua própria mídia. E isso também diz muito sobre as possibilidades de trabalho que o ensino do jornalismo empreendedor pode gerar nas salas de aula. E outra grande notícia do nosso ponto de vista de trabalho é que a grande maioria das universidades tinha isso como matéria obrigatória, ou seja, davam importância à educação sobre esses temas. E também, bem, não quero me arrepender, como eu dizia antes, o dinamismo também se reflete nessas mudanças nos estudos e no aumento da frequência dos planos de estudo, e os professores acreditam que essas mudanças que impulsionam o movimento são os laboratórios de empreendedorismo, e essa ideia que nos trouxe o Punto de Partida também nos permitiu criar o Lau, que é um projeto que fizemos a partir da Sembra Media, que é um laboratório universitário de mídia que levamos adiante tanto na Argentina quanto na Bolívia e esperamos poder estender para outros países da região, que tem como objetivo capacitar e dar apoio a estudantes e professores na criação e na sustentabilidade de projetos jornalísticos. A ideia é que os estudantes se inscrevam com um projeto, com uma ideia de mídia, e que o desenvolvam ao longo de dez semanas com treinamento e acompanhamento de mentores que, no caso das aceleradoras ou incubadoras, como contava Maru, acompanham as

mídias que estão trabalhando, para que esses mesmos mentores, consultores, ajudem os estudantes a lançar um produto mínimo viável de seu meio de comunicação, que eles possam apresentá-lo a um júri de notáveis e aprender com essa experiência como um laboratório também pode transformar a percepção que eles têm sobre esses temas.

Nesse mapa que Maru mencionou, acontecia muito conosco e, felizmente, continua acontecendo, que nos escrevem de diferentes lugares, ouvimos, Sofia, você tem algum professor que entenda de modelo de negócios ou diversificação de fontes de renda ou como a adesão pode, etc., etc.? E a verdade é que queríamos socializar, democratizar a informação e também poder divulgar os professores que conhecíamos que estavam a dar aulas de jornalismo empreendedor ou matérias afins nas universidades. Por isso criamos este diretório. O acesso é gratuito. É público encontrar não apenas o nome do professor da universidade, mas também seu LinkedIn, caso nos autorizem a divulgar essa informação. Para que possam contatá-los diretamente, certo? E muito disso também acontece na troca da rede de professores. Algum de vocês está editando este assunto? Alguém quer se juntar a algum painel? É uma das coisas mais bonitas de se fazer parte da rede.

E aqui, para passar a palavra para Maru, espero que vocês tenham sentido o quanto a equipe da Sembramedia é diversificada. Essa é uma das recomendações que demos à mídia: diversificar não apenas sua fonte de renda, mas também os perfis que fazem parte de sua organização. Que não sejam todos jornalistas ocupados com a tarefa titânica de tornar sustentável um meio digital independente em nossa região. Houve muita participação de perfis muito diversos nesta investigação e gostaríamos de compartilhar um pouco como foi isso. Obrigada, Sofi.

MARÍA EUGENIA ÁLVAREZ (SEMBRAMEDIA): Bem, para encerrar e como mencionamos antes sobre as equipes diversificadas, uma das principais coisas que aparece é o conceito de diversidade, porque quando começamos a pensar nesses meios nativos e digita os e começamos a ver que há um início de “somos todos jornalistas”, E uma das principais recomendações que fazemos é que comecem a somar perfis com outras especialidades, perfis ligados ao comercial, perfis ligados às finanças, perfis ligados à educação, se forem um meio que trabalha na linha da educação, perfis ligados ao jurídico, se trabalham com temas jurídicos. Focos que têm mais a ver com a especialização de cada um dos meios. E acredito que isso também reflete um pouco algo semelhante ao que aconteceu conosco na Sembramilla ao longo desses anos. Como eu disse no início, estamos completando dez anos este mês e a Sembramilla começou com uma equipe de dois jornalistas e hoje somos uma equipe super interdisciplinar e a equipe que trabalhou especificamente na investigação do ponto de partida dois é tão diversa quanto vocês podem ver aqui. Então, também me parece interessante mostrar como essa diversidade nos atravessa por todos os ângulos e como o conceito que trazemos da “diversificação das fontes de renda” tem a ver um pouco com como você diversifica as diferentes fontes de renda que existem no mercado, mas também com como você diversifica a porcentagem que cada uma das fontes de renda representa para você. Muitas vezes nos dizem: bem, tenho quatro fontes de renda, tenho seis fontes de renda, mas há uma que representa oitenta por cento da minha renda. Bem, há algo aí na diversificação que precisa ser trabalhado. E aqui dizemos o mesmo. Digamos, bem, tenho uma equipe de dez jornalistas e uma pessoa no departamento financeiro. Tudo bem, mas há algo aí para... também trabalhar na diversificação e em como isso também gera valor. Nós, para acrescentar mais um dado de uma pesquisa que fizemos e de uma tendência que temos visto em nosso mapeamento global, tem a ver com o fato de que quando as equipes somam uma

pessoa em finanças, uma pessoa em comercial, e agora até mesmo uma pessoa em tecnologia, a renda cresce muito. Então, acredito que esses são indicadores que nos levam cada vez mais a mostrar que a diversidade e o empreendedorismo têm que continuar nos acompanhando e que vão de mãos dadas com o jornalismo e e na região.

Bem, aqui deixamos o link para acessar nossa rede de profissionais. Para todos que quiserem se juntar a nós, será um prazer recebê-los. Acesso aos recursos e todas as notícias da equipe da Sembramedia. E com a Sofi, agradecemos muito por terem estado do outro lado.

SANTIAGO GÓMEZ (MODERADOR): Muito obrigado, Maru, Sofi, o estudo é muito interessante, o que a Sembramedia faz é muito interessante. Antes de dar a palavra ao público, caso haja perguntas, tanto das pessoas que nos acompanham na Universidade Federal de Tocantins quanto das pessoas que estão conectadas. Gostaria de fazer apenas duas perguntas, mas farei duas agora e guardarei a outra para o final. A primeira delas é: como os reitores, professores, coordenadores de curso ou estudantes que estão nos assistindo podem acessar o documento completo?

SOFIA ALVAREZ BARBEITO (SEMBRAMEDIA): O documento está disponível, temos uma página muito bonita com todo o relatório, o resumo executivo, os agradecimentos, até mesmo os créditos e também o mapa, e podemos deixar o link para que vocês acessem as informações. E em uma época, e podemos fazer isso novamente, fizemos algo chamado ponto de partida dois, a turnê. E nas universidades, apresentamos aos professores e alunos essa mesma apresentação, feita por José González, nosso especialista em mídia na Espanha. Portanto, se alguma universidade quiser entrar em contato para que façamos essa apresentação, também estamos abertos a isso.

SANTIAGO GÓMEZ (MODERADOR): Perfeito, pergunto isso porque, obviamente, revisei o documento e acredito que as universidades que estão pensando em realizar alguma reforma curricular para incluir temas de jornalismo, empreendedorismo ou alguma que já tenha, gostariam de reforçar essa área, o documento fornece quase todas as justificativas que seus chefes vão pedir para que... Estão interessados em um tema, recomendo que revisem o documento, acessem a página da Central Media e... E se encham de razões para entender que, se seguirem esse caminho, estão no caminho certo. Outra coisa que gostaria que me esclarecessem é se alguma dessas universidades da FelaFax que nos ouvem hoje... Está interessada em conhecer a proposta de currículo que vocês elaboraram para o jornalismo empreendedor de 2015, ou não sei se há alguma atualização. Como podem acessar essa proposta de currículo?

MARÍA EUGENIA ÁLVAREZ (SEMBRAMEDIA): O projeto curricular também está disponível em nossa seção de recursos. A verdade é que continuamos, e digo isso com orgulho e entusiasmo. Obviamente, queremos renovar todo esse conteúdo. É muito trabalho. Vocês, que são professores, sabem o trabalho que é criar conteúdos valiosos. Ainda não conseguimos fazer isso e continuamos buscando apoio e financiamento para reforçar essa área. Mas tudo o que a SembraMedia montou nessa primeira edição está disponível, é gratuito, desde rubricas para fazer avaliações de pitch dos alunos, que às vezes é tão difícil dar notas, até, bem, a rubrica e os conteúdos em si, tudo está disponível e podemos enviar para onde você indicar, para que fique à disposição de qualquer pessoa que precise ou que tenha interesse no assunto.

SOFIA ALVAREZ BARBEITO (SEMBRAMEDIA): Uma coisa a acrescentar a isso, como dizia Sophie, nessa seção de ferramentas acadêmicas, além da rubrica e desse plano acadêmico, também há... ferramentas, convido vocês a explorar um pouco os diferentes recursos e

ferramentas que existem, porque acho que também é muito particular e muito específico, depende se é uma disciplina, se é um , um workshop, se é um curso, o que vocês estão ministrando relacionado ao jornalismo empreendedor. Então, também aparece muito o conceito de diversidade, porque muito do que detectamos é que nem todos os professores dão disciplinas com estrutura de disciplinas. Então, também há coisas mais adaptadas ao formato de oficina, com atividades e ferramentas mais voltadas para atividades e outras relacionadas a coisas mais ligadas a uma estrutura de disciplina. Então, nada, eu envio para vocês.

MARÍA EUGENIA ÁLVAREZ (SEMBRAMEDIA): Por isso que a Maru diz, para mim há algo que não vendemos tanto, ela tem razão, que promovemos mais para a mídia do que para os alunos, mas que poderia ser interessante, são os casos de estudo. Como professora, eu uso muito os estudos de caso, e a Semana Media tem um arquivo com mais de trinta estudos de caso superatuais de mídias que podem ser usados para análise em sala de aula e de mídias que são empreendimentos que contam lições sobre como é difícil e fascinante empreender em mídias digitais. Esse também poderia ser um bom recurso que vai além do que pode ser usado.

SOFIA ALVAREZ BARBEITO (SEMBRAMEDIA): Sim, os casos mostram tendências, exemplos, coisas que quando se fala, bem, vamos falar de exemplos de mídias nativas digitais que tiveram um modelo de negócios com X características, isso é algo muito valioso para ensinar. Nos casos de estudo há muita desinformação. É uma confusão em termos de ponto de vista.

SANTIAGO GÓMEZ (MODERADOR): Perfeito. Nesse sentido, se vocês concordarem, eu me comprometo, pela Secretaria Executiva da Felafax, a redigir um documento resumindo esses recursos e como encontrá-los na rede com a ajuda de vocês. Para enviar a cada um dos membros, para que aqueles que estiverem interessados saibam

por onde começar. Suponho que se trata de revisar esse site, ver os recursos e, eventualmente, entrar em contato com vocês. Mas então, se me autorizarem, farei isso, enviarei a cada um dos nossos quase 150 membros essas informações. Também para que aqueles que estiverem interessados saibam que, a partir da FelaFax, vamos construir essa ponte, que esperamos que dê origem a muitas atividades interessantes para qualificar a formação dos jornalistas num mundo e num mercado tão complexos como os atuais. Não sei, pergunto ao nosso anfitrião para abrir o espaço para perguntas, se vocês me transmitirem pelo chat ou... porque estou vendo na transmissão no YouTube que não há perguntas no chat do YouTube. Não sei se há alguma pergunta no auditório ou virtualmente.

SOFIA ALVAREZ BARBEITO (SEMBRAMEDIA): Aproveito, Santi, o espaço para compartilhar que há duas semanas nosso especialista em mídia, Alexis Zapagata Campos, do Chile, organizou com a Universidade Diego Portales um espaço chamado Sustentabilidade e Inovação, Jornada de Jornalismo Digital Chileno, Oportunidades, Desafios e Futuro. Também estamos explorando essas parcerias com universidades para criar espaços inovadores de interação ao vivo, como o que estão fazendo no Brasil. E foi muito bom porque havia pessoas da indústria, de Claudio Urquieta, do CIPER e diferentes líderes e lideranças da mídia, mas também estudantes. Portanto, se alguma universidade estiver interessada em organizar algo assim, temos um especialista nesse país, também podemos conversar sobre isso.

SANTIAGO GÓMEZ (MODERADOR): Perfeito, então, digamos, nesse documento resumido que incluirá esse tema, essa possibilidade, a Universidade de Buenos Aires é membro da FelaFax, com certeza... Por isso mencionei, pois, membro da FelaFax. Você terá a oportunidade, digamos, de nos contar a experiência com essas atividades que fizeram com vocês. Não sei se há perguntas, se não,

eu tenho mais algumas. E com isso encerráramos. Deixe-me verificar o grupo. A transmissão. Não vejo perguntas, mas eu gostaria de entender, porque entre o ponto de partida um e o ponto de partida dois há uma pandemia. Gostaria de entender como vocês interpretam o efeito dessa pandemia no auge, que embora tenha começado um pouco antes, como vocês encontram no ponto de partida um, o que entendemos a partir da pandemia diante da necessidade de promover exercícios de formação em jornalismo empreendedor, ou se o efeito é, digamos, marginal?

MARÍA EUGENIA ÁLVAREZ (SEMBRAMEDIA): Eu acho que... Surgem duas coisas. Uma que tem a ver com a virtualidade. Acho que a virtualidade que nos empurrou a todos para esses formatos virtuais foi positiva para esses esquemas de formação em jornalismo empreendedor. Houve algo na virtualidade que favoreceu de alguma forma, acho que houve um lado positivo e um negativo, como tudo, que tem um pouco a ver com as restrições que houve em termos de financiamento, porque todos os países e a região, em geral e também em nível global, concentraram os financiamentos ou mudaram as estruturas de financiamento que costumavam ser destinadas à formação, aos direitos humanos, à liberdade de expressão, e se concentraram muito em fundos de emergência, por assim dizer. Então, de alguma forma, isso também mudou porque os jornalistas, digamos, passaram a trabalhar, deixaram de trabalhar no território para trabalhar de alguma forma mais com investigações de gabinete. E acho que isso mudou um pouco o cenário a nível regional. Nós, justamente na pandemia, estávamos começando um projeto que foi uma aceleração que fizemos, que tinha uma linha de trabalho ligada a... meios de comunicação na região que iam trabalhar em sua sustentabilidade. E claramente a pandemia foi um eixo transversal que os levou a pensar muito mais em linhas de colaboração com outros meios de comunicação para pensar em como usar esses fundos de emergência para que fossem realmente

fundos de emergência e não fundos em nível, digamos, como... É dizer, sem planejar, digo, como que realmente possam usá-los para entender que a emergência ou a pandemia era como um momento para. E também para entender que a lógica dos formatos de comunicação e de vinculação havia mudado um pouco. Nós, que trabalhamos na região, estávamos muito acostumados a trabalhar na virtualidade. Mas nos deparamos com muitos jornalistas que nunca tinham feito uma entrevista pelo Zoom, que nunca tinham tido espaços de conversa com outros jornalistas nesse sentido. E acho que foi um aprendizado que hoje, de alguma forma, é mais uma ferramenta para o jornalismo empreendedor. Então, um pouco pela experiência que tivemos nesse programa, somada ao contexto mais global, acho que a pandemia atravessou dessa forma, pelo menos, o nosso ecossistema.

SANTIAGO GÓMEZ (MODERADOR): Obrigado, Maru. E para encerrar, tenho uma pergunta de El Salvador. Arely Franco nos pergunta: de que maneira podemos ajudar mais os estudantes a criar seus espaços de comunicação quando não temos esse tipo de disciplina em nosso plano de estudos? Entendo que isso tem a ver com uma certa rigidez que temos nas universidades para modificar os currículos, não são mudanças imediatas, levam tempo. Se alguma universidade, como a Universidade de El Salvador, estivesse interessada, digamos, em começar a apoiar seus alunos nessas iniciativas de jornalismo empreendedor, o que vocês recomendariam, com base em sua experiência, que eles poderiam começar a fazer sem a necessidade de ter imediatamente uma disciplina ou áreas relacionadas ao tema?

SOFIA ALVAREZ BARBEITO (SEMBRAMEDIA): Depende muito da disciplina que o professor está ministrando, mas também há muito do que fazemos na Sembra que é aprendizagem baseada em projetos. Ou seja, usar um projeto na sala de aula para que eles

possam aprender e isso se torne uma experiência para que possam lançar no futuro seu próprio meio ou produto jornalístico. E foi isso que fizemos, de fato, com a UU. Além disso, a Sembra Media encerrou recentemente uma convocatória com a Google News Initiative, na qual vários grupos de estudantes se inscreveram com ideias para serem incubadas. Portanto, eu recomendaria que vocês também fiquem atentos às iniciativas da Sembra, pois estamos tentando gerar cada vez mais oportunidades para que grupos de estudantes possam se juntar e incubar seu meio de comunicação.

MARÍA EUGENIA ÁLVAREZ (SEMBRAMEDIA): Gostaria de acrescentar mais uma coisa à qual também convido vocês a se juntarem: pesquisem um pouco sobre a escola que temos em Sembra, pois lá há várias aulas sobre diferentes temas e algumas são gratuitas, então seria bom que vocês se inscrevessem ou podemos pensar em compartilhar com vocês, Santiago, com este documento, um cupom de desconto para algumas aulas para a comunidade FelaFax que quiser se inscrever. Nós também fazemos sugestões, como grupos de aulas. Então, bem, se você está... pensando em lançar um meio de comunicação, recomendamos estas cinco aulas. Se você está pensando ou quer pensar em um modelo de negócio ou está pensando mais na sustentabilidade do seu meio de comunicação, apresentamos estas aulas. É como se houvesse algo aí que depende do momento. Também me parece interessante mais do ponto de vista acadêmico. São aulas curtas com aprendizados muito concretos que podem ajudar e, depois, uma coisa que acredito e que também se baseia na minha experiência como aluna e depois como professora em uma escola aqui na Argentina, é que os espaços de sensibilização, de conversa, são sempre valiosos nas universidades e, provavelmente, uma universidade onde está muito mais enraizada ou ancorada a um plano de estudos mais antigo, por assim dizer, precisa ver que sua comunidade acadêmica, tanto alunos quanto professores, precisa conversar mais sobre outras linhas de trabalho

e gerar espaços de conversa, workshops opcionais, digo, há algo de começar a instalar isso em nível comunitário, que certamente está fora do currículo formal. Isso sempre tende a ter uma boa recepção porque é o mais... o mais bonito de se observar, não é? Quando vemos que, além da comunidade acadêmica que temos, nossos professores, nossos docentes, nossos alunos, todos os participantes da universidade estão conversando sobre diferentes tendências, seja jornalismo empreendedor, novas tecnologias, coisas relacionadas às mudanças nas redes sociais, programação. E há muitos outros temas, não apenas jornalismo empreendedor, que nos obrigam a nos atualizar de alguma forma como profissionais. E acho que quando temos universidades menos permeáveis a essas mudanças, o importante é colocar sobre a mesa dados e evidências que mostrem a necessidade de ter essas conversas.

SANTIAGO GÓMEZ (MODERADOR): Perfeito. Temos mais uma pergunta, se me permitem, de Gilson Porto, que é nosso anfitrião na Universidade de Tocantins, no Brasil. Gilson pergunta: como vocês planejam desenvolver atualizações diante da inteligência artificial? Ou seja, qual papel vocês entendem que a inteligência artificial terá em todo esse processo de incubação de empreendimentos artificiais? jornalísticos, se vocês estudaram e o estudo questiona algo sobre esse tema e encontra descobertas significativas.

SANTIAGO GÓMEZ (MODERADOR): Gostaria também de informar ao público e a vocês que a Felafax lançará uma publicação neste evento sobre o impacto da inteligência artificial no ensino e na formação de comunicadores na América Latina. Digamos que é um tema que nos preocupa muito. Estamos estudando-o em profundidade e, portanto, gostaríamos de saber qual o impacto que teve nos processos de jornalismo empreendedor na América Latina.

MARÍA EUGENIA ÁLVAREZ (SEMBRAMEDIA): Bem, estamos pesquisando muito o impacto da inteligência artificial no jornalismo

empreendedor em geral. Estamos participando, inclusive como Sembramedia, de muitas conversas nesse sentido. E o que vemos é que agora há uma grande necessidade de estabelecer um marco regulatório para essa inteligência artificial e entendê-la como uma ferramenta para, e não como uma ferramenta que substitui. E, nesse sentido, vemos que esse marco regulatório é o que nos permitirá não perder o critério jornalístico nem a ética jornalística enquadrados no trabalho que fazemos e na forma como trabalhamos com nossas fontes e com nossas informações. Entendemos que a inteligência artificial hoje tem que ser incorporada, na verdade ela está incorporada o tempo todo, mas tem que ser incorporada de forma muito mais consciente nas redações, de uma maneira... para que essa inteligência artificial nos permita otimizar processos ou melhorar alguns processos e não seja uma ferramenta que nos leve de alguma forma a perder esse rigor jornalístico que não precisamos perder, muito menos neste momento sociopolítico da região.

SANTIAGO GÓMEZ (MODERADOR): Obrigado novamente. Sofi, você gostaria de acrescentar algo?

SOFIA ALVAREZ BARBEITO (SEMBRAMEDIA): Não, que no caso do Punto Partida II não chegamos a fazer nenhum conjunto de perguntas sobre inteligência artificial. Acho que já está ficando claro que temos que repetir este estudo ou que desejamos repeti-lo em breve e, provavelmente, um grande capítulo será a inteligência artificial.

SANTIAGO GÓMEZ (MODERADOR): Bem, também há muita pesquisa sendo feita sobre isso. E terei muito prazer em ler o que vocês já estão aprendendo para que possamos implementar. É disso que se trata. Quero, então, agradecer especialmente a Maru, a Sofi, a toda a equipe da SembraMedia. Acreditamos que este seja, digamos, o início de uma relação que pode potencializar as missões tanto da

SembraMedia quanto da Felafax em torno da formação de comunicadores na América Latina, Espanha e Estados Unidos. Agradeço novamente a Gilson e a toda a equipe da Universidade Federal de Tocantins por sediar este encontro acadêmico. Da FelaFax, pessoalmente, me comprometo a enviar o documento para que aqueles que estiverem interessados no tema do jornalismo empreendedor saibam como acessar os serviços da SembraMedia. E também, por último, convidar todos a continuarem participando das palestras e conferências no âmbito deste encontro, que se estenderão pelo resto do dia de hoje e amanhã. Muito obrigada, Maru, Sofia, continuaremos em contato e muito obrigada pelo seu tempo e por... transmitir os resultados deste projeto tão interessante aos nossos reitores, diretores de curso, professores e alunos.

MARÍA EUGENIA ÁLVAREZ (SEMBRAMEDIA): Muito obrigada a vocês.

SOFÍA ÁLVAREZ BARBEITO (SEMBRAMEDIA): Ok, até logo. Muito obrigada a todos. Tchau, tchau.

JORNALISMO, DEMOCRACIA E RESPONSABILIDADE: O papel da América Latina no contexto global

José Lauro Martins

Mariano Navarro

Alfredo Padrón Buonaffina

Wilson Gómez

JOSÉ LAURO MARTINS: Olá a todos, boa noite. Iniciamos nossa mesa redonda sobre Jornalismo, democracia e responsabilidade. O papel da América Latina no contexto global. É mais uma oportunidade para nós aqui, neste vigésimo quinto encontro da Felafacs. Debateremos nossos problemas. Discutimos os problemas da comunicação, da democracia e, com tudo isso, não há nada a dizer. É nossa responsabilidade como professores, como instituições e... Cada um de nós vem de uma região e traz suas responsabilidades e lições sobre esses fenômenos que acontecem na política e, assim, na cultura local. Vamos fazer uma rodada de apresentações dos nossos palestrantes desta noite. Contamos aqui, presencialmente, com o professor Mariano, o professor Alfredo e o professor Wilson Gómez, à distância, e então faremos uma primeira rodada de até oito minutos, para que possam se apresentar e fazer uma introdução a partir de seu local de fala. Depois, voltaremos com nossa troca de ideias entre nós. Tudo bem? Então, podemos começar com você, professor? Fique à disposição para sua apresentação.

ALFREDO PADRÓN BUONAFFINA: Muito obrigado, Wilson. Boa noite a todos. Gostaria de começar agradecendo à Universidade Federal do Tocantins, representada pela sua recém-eleita reitora e por Gilson, que se empenharam muito na organização deste encontro, bem como a todos os palestrantes que entrevistaram de forma brilhante e nos proporcionaram uma experiência profunda. Meu nome é Alfredo Padrón. Sou formado em artes, com especialização em imagem de cinema e televisão, o que normalmente chamamos em nossos países de diretor de fotografia. Me formei no Instituto de Arte Teatral e Cinematográfica Ion Luca Caragiale de Bucareste, na Romênia. Durante os anos da ditadura comunista de Nicolai Ceaușescu, o que me dá uma perspectiva bastante interessante sobre muitas das dinâmicas que vivemos atualmente na América Latina, sou atualmente coordenador acadêmico dos cursos de Cinema e Comunicação Social e Comunicação Social e Mídias Digitais do Instituto Tecnológico de Santo Domingo. O tema que nos reúne hoje é um tema que implica, por parte de nós, uma grande responsabilidade institucional na região. É o tema da democracia e do jornalismo na América Latina. Sempre que reflito sobre esse tema, não posso deixar de me perguntar como se chegou à situação que se vive em um país como a Venezuela, por exemplo, que foi um pilar da democracia durante cinquenta anos e que hoje se encontra sitiado em seus direitos mais fundamentais em todos os cidadãos, mas particularmente no que se refere ao jornalismo. O jornalismo, na nossa maneira de ver, é a linha de frente da democracia e é uma das áreas que primeiro é vulnerada e atacada por regimes que violam os direitos democráticos das sociedades. Como coordenador acadêmico de um curso de comunicação social, me preocupa enormemente a visão que temos que transmitir aos nossos alunos. Sempre penso que uma grande responsabilidade implica transmitir o que seria o equilíbrio na hora de analisar os conteúdos e as notícias por parte de nossos alunos. Ou seja, sempre fomentar em nossos alunos o espírito crítico, a análise das fontes, a análise dos

conteúdos. E, conforme eles tinham uma nota aqui, entender a comunicação como um elemento de grande impacto social e ético. É preciso transmitir aos nossos alunos que, além das ferramentas digitais, é necessária uma profunda reflexão crítica sobre os conteúdos dos futuros jornalistas. Nesse sentido, o equilíbrio passa por estimular nos alunos um certo grau de liberdade na hora de ponderar os conteúdos e as notícias que se quer divulgar. Não vamos conseguir nada se nos concentrarmos no ponto de vista do que seria a filosofia de uma carreira ou de uma escola com algum tipo de viés ideológico. E digo isso com profundo respeito por todas as pessoas que abraçam uma determinada ideologia. É sempre bom estimular nos alunos a liberdade de pensamento, a liberdade de opinião. Quando vejo a situação que temos na Venezuela, com centenas de emissoras de rádio fechadas por abuso de poder, com dezenas de canais de televisão fechados pela arbitrariedade do poder, pelo número de jornalistas presos, expulsos e perseguidos, às vezes reflito por que essa situação durou tanto e por que ainda persiste. E a resposta talvez esteja no fato de que demoramos muito tempo para condenar esse tipo de regime, talvez por uma certa tendência ideológica que nos impedia. Não devemos reproduzir isso na mentalidade de nossos alunos. Acho que é responsabilidade dos diretores das escolas de comunicação social promover um espírito crítico, mas também um espírito livre. Muito obrigado.

JOSÉ LAURO MARTINS: Muito bem, professor, muito obrigado por suas palavras iniciais. Bem, passamos agora a palavra ao doutor Mariano para sua apresentação, suas considerações, suas provocações iniciais, não é, professor?

MARIANO NAVARRO: Muito obrigado e boa noite. Lamento não poder ter esta conversa em português, como gostaria, mas também estou muito grato a todas as pessoas da Universidade Federal do Chile por sua generosidade, sua hospitalidade muito acolhedora

para sediar este evento. Nosso querido colega Gilson Porto, que teve um trabalho muito destacado com toda essa equipe na organização deste evento internacional. E, é claro, a todos os participantes que, com ideias muito interessantes e profundas, contribuem para o que temos e fazemos na academia, que acredito ser o mais rico e essencial do nosso trabalho, que é pensar em conjunto sobre as realidades que nos ocupam disciplinarmente: a comunicação, os meios de comunicação, a democracia, o jornalismo, entre outras questões, não é mesmo? Eu sou Mariano Navarro, trabalho na Universidade Panamericana no Campus México, sou reitor da Faculdade de Comunicação lá, e minha carreira, minha formação, como a do professor Lauro, também é em filosofia. Bem, é interdisciplinar, me dedico à filosofia, à teoria dos meios de comunicação, à história intelectual da esfera pública no México, à história do campo de estudo da comunicação também. Faço parte do Sistema Nacional de Investigadores do México e de outras associações internacionais, como a International Communication Association, a ECRIA, a European Communication Research Education Association, entre outras. E talvez por meu perfil, por minha formação e pelos temas que me interessam, boa parte das reflexões ou provocações que gostaria de comentar têm um caráter teórico. E aqui eu poderia repetir ou reeditar as desculpas que meu querido colega Tanius Karam já pediu, que quando falamos de questões de grande impacto social, de uma concretização pública ou solução pública urgente, uma vez que ele tem certa vontade de falar de teoria. Mas vencendo, espero que não por r ter muita cara de pau, essa tentação de pensar que a teoria nessas discussões. Acho que temos um problema com o microfone, mas temos vários. Muito obrigado. Este é um moderador preparado para qualquer contingência, o que é sempre bem-vindo. Se precisarmos de mais alguma coisa, certamente o professor Lauro poderá resolver aqui. A teoria tem uma questão curiosa e talvez eu gostaria de centrar estas primeiras reflexões nessa perspectiva, que embora efetivamente os

problemas não vão... e sobretudo os problemas quando falamos de questões humanas, políticas tão urgentes como as que o professor Alfredo referiu, não vão ser resolvidos com teoria, no entanto, o enquadramento que temos teoricamente dos problemas e disciplinarmente dos problemas, me parece que também tem um impacto muito grande sobre nossas condições de possibilidade de entender esses problemas e, ao mesmo tempo, as possibilidades de gerar soluções para eles. Então, falando de jornalismo, democracia e responsabilidade, eu gostaria, confiando que talvez tenhamos mais de uma rodada para expandir algumas ideias, colocar em discussão, porque acho que é muito pertinente para as escolas de comunicação, a maneira como ensinamos jornalismo a partir de uma dimensão do caráter prático da disciplina. E aqui eu quero me referir a essa conceituação da práxis, quando falo dessa noção prática, refiro-me à ideia de que, é claro, existe um conhecimento teórico, existe um conhecimento técnico, que é propriamente fazer as coisas, mas existe um conhecimento prático que tem a ver e que, é claro, entendemos voltando à filosofia clássica, mas boa parte tem a ver com a tomada de decisões, esse conhecimento prático sobre os atos humanos. E boa parte da maneira como podemos... nas escolas e faculdades de comunicação, gera uma reflexão sobre o ensino prático do jornalismo, me parece que tem a ver com a ética jornalística e como ensinamos a ética jornalística que se deriva, e daí minha ideia inicial de que a teoria é inevitável, que segue em grande parte a maneira que entendemos a ética do jornalismo. E aqui quero referir-me a um texto que recentemente me foi partilhado por alguns colegas da Universidade de Navarra, que foi em Espanha, uma das universidades onde estudei. Meu querido amigo e professor Manuel Martín Algarra, Jordi Rodríguez Virgili e Marta Torregrosa, um texto publicado este ano sobre ética jornalística, no qual me parece que retomam uma ideia que considero pertinente e interessante para uma palestra sobre essas realidades. Trata-se de dois modelos muito distintos de entender a ética jornalística, seja no

que se refere ao paradigma da transmissão ou da integração social. Explicarei brevemente a que se referem esses autores, embora, possivelmente, mais de um dos presentes já saiba para onde vão essas questões, que me parecem, em grande parte, devidas à conceituação que James Carey faz da comunicação como transmissão ou como ritual. E esses autores dizem que basicamente há duas formas de entender, de conceituar a comunicação. Uma é o paradigma da transmissão, que consiste em entender a comunicação como o transporte de uma mensagem de um ponto emissor para um ponto receptor. E a ideia de entender a comunicação como uma integração social, que se refere a como a comunicação está formando ou dando suporte ao tecido social que nos leva a gerar uma construção coletiva e comum de significados, que permite as interações sociais em um plano de acordo social no qual todos podemos estar juntos. E talvez como primeira ideia, gostaria de colocar em discussão que tanto o surgimento das escolas de jornalismo quanto os referentes de ética jornalística mais difundidos, sobretudo no Ocidente, e que parece que em grande parte também na América Latina recebemos muito dessa escola, entendem a comunicação e o jornalismo sob essa noção de transmissão. Onde, como a comunicação entendida como transmissão pressupõe uma mensagem que sai de um ponto A e chega a um ponto B, a ética jornalística consiste em grande parte em um espírito de fidelidade a uma mensagem inicial, a ausência de ruído, a ausência de certas distrações que permitam entender o que o emissor queria dizer. E, é claro, não estou dizendo que essa forma de entender a ética do jornalismo não seja relevante, mas me parece que ela está super-representada ou que, em grande medida, de forma desequilibrada, inspirou a maior parte das reflexões sobre a ética jornalística. E, nesse sentido, o papel do jornalismo não apenas como uma instituição social que transmite fatos de maneira confiável, mas também como uma instituição que leva ou que potencialmente pode levar à integração ou à desintegração social, me parece que tem sido menos

pensado na academia e na pesquisa. Acredito que isso também tem a ver com a forma como surge, a maneira como surge o estudo da comunicação, como uma disciplina herdada de uma abordagem bélica, de buscar influenciar as pessoas, em grande parte para levar as vontades em uma determinada direção, orientada para a persuasão, orientada para muitas questões. E acredito, embora deixe isso apenas como um teaser, se me permitem, que há experiências específicas na América Latina que acho que temos desperdiçado como material de reflexão sobre as possibilidades de pensar tanto o trabalho jornalístico quanto a ética jornalística de uma forma diferente. Mais voltado para a integração social do que para uma transmissão fiel de uma mensagem, o que é muito importante, claro, mas me parece insuficiente para garantir ou contribuir para as condições da democracia neste momento histórico.

JOSÉ LAURO MARTINS: Muito bem, professor. Muito obrigado por suas palavras iniciais. Vamos aprofundar um pouco mais nossa conversa. Convido o público a preparar suas perguntas, porque também queremos fazer uma rodada com os senhores da plateia e também vejo que há algumas pessoas no chat. Se quiserem colocar suas perguntas no chat do YouTube, eu as transmito por aqui. Passo agora ao Dr. Wilson Gómez para suas apresentações, sua apresentação e suas considerações iniciais. Boa noite, Dr. Wilson.

Wilson Gómez: Perfeito. Estão me ouvindo perfeitamente, certo? Estamos ouvindo você. Ok, você poderia me indicar como faço para apresentar? Tenho uma breve apresentação que gostaria de compartilhar com vocês. Diz que já a enviei, mas não sei como passar para a apresentação. Acho que vocês precisam me dar acesso de lá para os slides. O áudio caiu, doutora. Já estou na aba para apresentar os slides e os vejo daqui, mas não sei como compartilhá-los com vocês. O volume está muito baixo, como posso aumentar o volume do seu microfone? Assim vocês me ouvirão melhor. Ok, vou

aproximá-lo um pouco mais para que se ouça bem. Não, tenho alguns slides, mas acho que vocês não os estão vendo aí, não é? Então acho que no mestrado, lá no auditório, vocês precisam me dar acesso à apresentação. Doutor Wilson, acho que seria necessário procurar outro tipo de microfone, porque não conseguimos ouvi-lo. Aí, vocês estão me ouvindo bem? Ele corta, e principalmente porque você está com o microfone muito perto da boca, então o sopro acaba sendo captado também. Vocês estão me ouvindo melhor? Agora acho que está muito longe. Ali, olá, olá, ali. Melhor. Ok. Vou tentar falar alto e afastar o microfone para que possam me ouvir. Espero que me ouçam bem, certo? Muito bem. Está baixo. Há como aumentar o volume sem aproximar o microfone da boca? Ali no seu computador. Não, não sei. Vou dar uma olhada. Porque aqui onde estou, acho que estou com o volume no máximo. Uau, melhorou bastante. Muito melhor. Ah, ok, tudo bem, pronto, muito bem. Então, acho que agora vocês me ouvem muito melhor. Muito bem, bom, então nada, primeiro cumprimentar os colegas presentes, pena não ter podido estar no espaço, pois também por restrições orçamentárias e por muitas situações também de trabalho que me impediram de me deslocar até onde vocês estão, até Brasília. Mas, enfim, primeiro dizer que sou professor da Universidade de Tolima, colega de Rafael há muitos e os anos. Minha formação básica é profissional em gestão cultural e comunicativa, ou seja, há, digamos, muitas proximidades com a comunicação social, embora, p , eu não seja comunicador social de base, mas enfim, toda a minha vida estive de alguma forma envolvido com toda a discussão sobre a relação entre educação, comunicação e cultura, e particularmente no diálogo com os estudos culturais na América Latina. Então, quero começar falando um pouco sobre o lugar e dizer que o que vou mostrar a vocês tem a ver com um dos temas centrais do painel. Eu me perguntava um pouco se vamos falar de jornalismo, democracia e responsabilidade, primeiro o que entendemos por democracia, quais são as características daquilo que defendemos como princípio

e valor democrático? Supremo que chamamos de democracia e que me parece que seria uma primeira questão fundamental para pensar nessa relação também com a comunicação, e vou contar um pouco mais sobre o local da pesquisa ou das pesquisas das quais participo e que fazem parte de uma reflexão, digamos, mais antiga. Eu particularmente milito ou, digamos, faço meu trabalho de pesquisa no que chamamos de campo de estudos da juventude. Por um lado, mas também trabalho muito, me interessa, sempre me interessei muito por toda a discussão do pensamento ambiental latino-americano e, bem, essas são algumas das questões que sempre me interessaram e que, de certa forma, orbitam todo o trabalho que desenvolvi. Então, primeiro vou falar um pouco sobre a ideia da palestra que quero apresentar rapidamente. Tem a ver com duas palavras-chave para mim em termos da questão da democracia, que tem a ver com a estigmatização e a não alteridade na produção jornalística sobre os jovens na América Latina, particularmente, que é, insisto, o lugar de onde eu trabalho. Agora, vou falar um pouco sobre o que é essa não alteridade, que é um tema no qual temos trabalhado e desenvolvido a partir de alguns horizontes conceituais fundamentais. O primeiro horizonte conceitual tem a ver com um conceito emergente nas ciências sociais e é esse que temos desenvolvido em um amplo coletivo de trabalho chamado Coletivo de Juvenilcídios e Resistencias na América Latina, do qual participam colegas do México, por exemplo, como José Manuel Valenzuela, Alfredo Materas, colegas da Argentina também, como Andrea Bobigliani, ou do Brasil, por exemplo, a colega Marisa Feferman, com quem temos construído essas discussões sobre o que significava esse conceito e essa ideia do assassinato sistemático de jovens na América Latina por serem jovens e que passa fundamentalmente ou principalmente pelo que chamamos de formas de precarização e uma dessas formas de precarização chamamos de precarização no simbólico ou juvenilcídio no simbólico, que é a constituição de entidades desacreditadas, de entidades descartáveis, pessoas que de

alguma forma entram em uma categoria que na filosofia, particularmente nos trabalhos de Giorgio Agamben e Achille Mbembe, se desdobrou como pessoas, como subjetividades que não têm a capacidade ou que não têm a dignidade de ser uma vida, pelo que são vidas descartáveis, desacreditadas e outras. Então, por um lado, digamos, esse ideal juvenicida fala de formas de precarização da vida dos jovens e crianças em nossos contextos, particularmente na América Latina, pois todos nós conhecemos essas formas de precarização. E são formas de precarização que, insisto, não se esgotam apenas na morte traiçoeira, ou seja, na morte, na ausência de um corpo, mas também são atravessadas por formas de precarização de suas identidades, por formas de precarização laboral, por uma série de formas de precarização laboral. Que, em última instância, terminam na morte, que é um pouco a situação que estudamos. Na América Latina, quem mais morre são os jovens, e essa morte é atravessada precisamente por muitos fatores muito diversos, mas um fator fundamental em todos eles é a precarização. Ou seja, é claro que há jovens em condições sociais, digamos, de classe média, alta, que também morrem, mas a grande maioria, digamos, uma grande porcentagem dos jovens que morrem na América Latina morrem por essas formas de precarização e, que é claro, não tenho tempo para desenvolver, mas vou mostrar a vocês alguns trabalhos que fizemos nesse sentido. Uma segunda questão que me parece fundamental é o que chamamos de dispositivo do inimigo interno, que é um dispositivo que se constituiu a partir da década de 1950, 1960, quando a mudança na política colombiana. de governo dos Estados Unidos em relação à América se transformou e configurou o que conhecemos na história da América Latina como a Escola das Américas, que era uma escola onde se formavam militares ou se treinavam militares para impedir a implantação de projetos democráticos ou projetos alternativos ao projeto hacienda, digamos, oligárquico dos Estados-nação que sofremos e vivemos desde aproximadamente a segunda metade do

século XIX, ou seja, após o processo de independências e a constituição desses Estados. Então, na Escola das Américas, há uma política fundamental que vai constituir essa ideia de que há pessoas que devem ser eliminadas por serem inimigas do Estado. Entre elas, é claro, há pessoas que participam de lutas armadas, particularmente na Colômbia, pois vivemos esse flagelo com o... O duro confronto entre guerrilheiros, paramilitares e exército, mas fundamentalmente é um dispositivo que também instala alguns sujeitos que são descartáveis ou alguns sujeitos que são inimigos do Estado pelo fato de terem uma opinião diferente, por instalar ou propor, digamos, alternativas de projetos para o país. E, finalmente, uma questão central também tem a ver com a estigmatização e os efeitos que essa estigmatização teve sobre o que chamamos de vias descartáveis, as vias desacreditadas e que José Manuel Valenzuela chama conceitualmente de juvenil sacer, não como formas de vida, homens ou jovens sacrificáveis e pessoas sacrificáveis no contexto de toda a geopolítica do neoliberalismo e do capitalismo contemporâneo. Então, algumas ideias para encerrar os trabalhos que realizamos. Esta foi uma pesquisa que desenvolvi para minha tese de doutorado, que tem a ver com os estudantes assassinados na Colômbia por serem estudantes. Aqui estão alguns números da essa pesquisa, mas que tem, digamos, é claro, um horizonte mais relacionado com o que eu chamo de estudos da memória nesse grande plano dos estudos culturais. Por outro lado, o trabalho que fizemos com o Politécnico Gran Colombiano, particularmente com a Unidade de Investigação Jornalística, nos levou a concluir um pouco isso de que na Colômbia e na América Latina, mas particularmente na Colômbia, historicamente se constituiu um dispositivo que atravessa múltiplas formas de violência, mas que, em última análise, busca e tem como objetivo, por um lado, desativar formas alternativas de conceber o mundo, mas também tem o objetivo de estigmatizar, matar, desaparecer, judicializar. E isso nós vimos em vários, digamos, como vários resultados da investigação. Este foi um dos resultados da

grande investigação, desta investigação da qual Nochillie e Niebla vão falar. Chama-se Criminalização de Estudantes e é um dado muito relevante para entender um pouco como funcionava esse dispositivo, não é? Na Colômbia, entre os anos 2000 e 2022, foram capturados 11 mil jovens entre 15 e 26 anos, acusados de crimes de rebelião e terrorismo, mas de todos esses casos, apenas 5% resultaram em condenações efetivas, ou seja, cerca de 500 jovens foram detidos. condenados e com sua culpa comprovada no processo, digamos, de vinculação a esses crimes, sendo que particularmente o crime de rebelião era um crime político e, portanto, acabou levando muitos desses jovens a serem desativados politicamente. Quero mostrar a vocês, vamos ver se me deixa, vamos ver se me deixa, não, não me deixa projetar, mas tudo bem, aí tem um vídeo do general Oscar Naranjo, que foi diretor da Polícia da Colômbia por muitos anos, e depois foi ministro da Defesa, e ele diz concretamente: “Tenho que reconhecer que, em muitos casos, estigmatizamos os estudantes e, particularmente, as universidades na Colômbia, porque considerávamos que eram viveiros de delinquência e, particularmente, da guerrilha, e tenho que dizer publicamente, diz ele, tenho que pedir desculpas”. Isso foi no âmbito da comissão da verdade, em um evento realizado no ano de 2023 em Bucaramanga, se não me engano, e ele lá, digamos, pede desculpas publicamente e diz: “Eh, sempre tivemos, através da mídia, uma amplificação dessa ideia de que na Colômbia havia, eh, identidades ou jovens que podiam ser perfeitamente descartáveis porque faziam parte desse, eh, desse quadro, digamos, de subjetividades que chamamos de terroristas, pessoas à margem da lei e outros. Então, finalmente contar a vocês que estamos nessa investigação, na produção desse livro que provavelmente será publicado este ano, já estamos terminando o processo editorial, que se chama O juvenicídio como metáfora, genealogias, interseções, instituições e resistências. E aí, bem, aí, digamos de forma transversal, abordamos justamente o problema da produção dessas

subjetividades através da estigmatização que passa, é claro, pela mídia. E isso sempre nos leva à questão de qual é o papel que desempenhamos nas escolas, em nossas escolas de comunicação, porque, afinal, as pessoas que reproduzem essa lógica, que estigmatizam permanentemente certos sujeitos em detrimento de outros, são graduados de nossas escolas de comunicação, não é? Em última instância, tal como expôs o nosso colega sobre a difícil situação da Venezuela, imaginem o que está a acontecer em Salvador, o que está a acontecer no Brasil, por exemplo, Maritza Feferman mostrou-nos claramente que existe uma relação muito estreita entre o que chamamos de morte sistemática de jovens negros, das favelas, pobres, que antecede a tudo isso uma produção midiática, simbólica, de indivíduos problemáticos, delinquentes, e que, em última instância, termina na justificativa social dessas mortes, como se eles fossem mortos por alguma razão, eles não estavam colhendo café, dizia o ex- e presidente Uribe na Colômbia anterior, quando falava dos falsos positivos (), que foi uma situação muito violenta e muito dolorosa que atravessou nossa história. Então, eu me perguntei um pouco sobre isso, porque digo, se o debate é um pouco sobre democracia e outras coisas, eu me perguntei um pouco como assumimos, por exemplo, as liberdades de opinião, claro, mas quando essas opiniões impulsionam o ódio, impulsionam a estigmatização, impulsionam a necessidade ou a ideia de que o outro é descartável, é aí que me pergunto qual é o papel que desempenhamos como escolas que formam comunicadores sociais. E até aí vou e muito obrigado.

JOSÉ LAURO MARTINS: Muito bem, professor Wilson, obrigado. Quero lançar aqui uma provocação, mais uma provocação, a partir de uma questão muito brasileira, mas que me parece que pode aparecer nos contextos de vocês. Que é a seguinte. A extrema direita no Brasil escolheu como um dos temas de suas plataformas de mídia a questão da liberdade de expressão. Mas o discurso da liberdade de

expressão que esses grupos defendem é exatamente o discurso de não ter limites. Parece que colocar algum limite, de alguma forma, fazer com que a democracia seja o cenário de todos e não o cenário de um grupo contra outro, pode ser uma forma de impedir a liberdade de expressão. Ou seja, entender a liberdade de expressão como a possibilidade até mesmo de agredir seus adversários, agredir outras pessoas com quem não concordam. E então, é claro, os grupos de mídia que têm uma responsabilidade já descrita na sociedade têm um pouco mais de dificuldade. Porque eles não podem, de alguma forma, divulgar tudo o que é apresentado como interesse desses grupos. Por outro lado, essa linguagem é muito bem utilizada, ou melhor, essa narrativa é muito bem utilizada para defender essa posição que quase sempre é uma posição... agressiva em relação aos grupos, às estruturas de formação de jornalistas e assim por diante, que querem pensar de forma mais e , ética, estruturada e responsável. A partir da sua realidade, essa questão pode ser considerada um problema sério nas estruturas políticas contemporâneas?

MARIANO NAVARRO: Sem dúvida, uma provocação importante. E voltando às questões da maneira como entendemos a realidade ou a maneira como conceituamos as coisas, de forma teórica, isso tem um impacto prático em nossas ações, na maneira como a sociedade se organiza. Acho muito interessante como, nos debates atuais sobre a liberdade de expressão, pouco se discute a própria noção de liberdade. Um pouco como dizia o professor Wilson, bem, se vamos falar de democracia, pensemos o que é a democracia ou questionemos o que é a democracia, não é? E aqui, talvez de forma análoga, e acredito que isso é algo que muitos colegas, professores, certamente temos refletido, em muitas universidades, acredito que também temos visto, ou no mesmo trabalho, no mesmo exercício do ensino, temos visto uma reconfiguração de um conceito que se concretizará de forma diferente nas nações da América Latina e do

mundo, mas que é o da liberdade de cátedra ou a liberdade de expressão dentro de uma sala de aula. E quero compartilhar isso, se me permitem, porque acho que há alguns paralelos interessantes nessa reflexão. E também porque, por uma questão particular, minha universidade é um grupo de... Bem, minha universidade me encarregou, há alguns anos, de propor uma reflexão institucional sobre a liberdade de ensino ou a liberdade de expressão na sala de aula, que acredito que também tenha a ver com os sentidos da liberdade no espaço público ou na comunicação pública. E uma ideia, de forma muito resumida, acho que é uma discussão muito pertinente. Parece-me que uma distinção bem conhecida e interessante sobre as noções de liberdade é a ideia, este texto de Isaiah Berlin, de 1958, sobre duas ideias de liberdade, onde ele explica que há uma forma negativa de entender a liberdade, que é a liberdade entendida como a ausência de limites, no sentido da ausência de limites e de interferências externas, e a capacidade de estabelecer limites, por exemplo, à interferência do Estado ou de um agente que pode restringir minhas possibilidades de ação. Mas a liberdade também pode ser entendida de uma forma, diz Verlin, a partir de uma dimensão positiva, no sentido da capacidade de estabelecer um propósito para minha própria ação. De certa forma, a liberdade negativa é a liberdade de se ver livre de certas coisas, de certas influências, e a liberdade positiva é a liberdade de poder fazer algo, de encontrar um propósito, de tomar certas decisões para um fim último, que muitas vezes não é algo isento, por exemplo, de... de certo esforço ou de certas restrições. Desculpe, no Coffee Break estamos falando sobre a importância de cuidar-se fisicamente através, sobretudo a certa idade, de sair para correr. Mas claro, por exemplo, quando se decide... não ingerir certos alimentos ou ter certa disciplina, em certo sentido é um exercício de liberdade positiva para um bem maior, mas isso implica certas restrições atuais, de não comer algumas coisas ou de acordar e continuar a correr como o professor Alfredo tem vontade todos os dias. Mas, nesse

sentido, a liberdade de expressão me parece que, em muitas ocasiões, é muito pouco problematizada. E, de fato, porque, e acho que aqui há muitas questões históricas de como o espaço público foi entendido dentro de uma matriz política de ideias ainda, até recentemente, até relativamente pouco tempo atrás, com poucos questionamentos que eram os das teorias liberais clássicas. Mas há uma certa ideia de que o uso da liberdade de expressão é para que, através de John Stuart Mill, a abordagem clássica do liberalismo, através do debate público e do livre mercado de ideias, a verdade possa surgir, da mesma forma que no mercado, a mão invisível gera as melhores opções para todas as pessoas que fazem parte dele. Essa noção e essa equiparação, e isso já para encerrar esta intervenção, acredito que essa noção inicial de como a esfera pública nas expressões de comunicação requer essa liberdade de expressão para chegar aos melhores e mais resultados, tem origem em uma compreensão mercantil do espaço e acredito que estamos vendo que os mercados e a mercantilização da esfera pública não combinam bem com uma ideia não questionada de liberdade ou entendida apenas como essa ausência de limites. Porque acredito que estamos vendo que há uma incompatibilidade estrutural entre que todos possam dizer o que quiserem e levar adiante, sobretudo após certos desenvolvimentos tecnológicos, como as comunicações digitais e as possibilidades de uma articulação social saudável. E com isso, a última ideia, o que quero dizer, também ouvindo as intervenções dos colegas e, em particular, o que dizia o professor Wilson, lembrei-me de uma distinção muito conhecida que faz uma ativista digital chamada Simona Levy, que distingue entre, falando da democratização digital, distingue entre a democratização das infraestruturas, E toda a reflexão em torno de quem é o dono dos dados, o acesso, etc., parece-me que está claramente aí, mas também há uma democratização em torno dos protocolos de uso das tecnologias digitais e da comunicação digital, onde também... porque claramente me parece que aqui há uma, pelo menos essa é

a minha tese com esses comentários, falando dos protocolos de uso da comunicação digital, acho que continuamos com pouca compreensão do que é o exercício ético dessa comunicação. Não entendemos e, portanto, também não entendemos um enquadramento adequado da liberdade. Ou seja, por que comunicamos o que comunicamos? Não apenas com uma ausência de restrições, mas com a implicação que isso tem para a integração social.

JOSÉ LAURO MARTINS: Ótimo, não é? Professor Alfredo, a liberdade de expressão é possível em todos esses contextos?

ALFREDO PADRÓN BUONAFFINA: Bem, eu também gostaria de destacar que, na América Latina, o exercício da liberdade de expressão está muito relacionado com a forma como o poder é exercido em nossos países. Fiquei surpreso com a coincidência da pesquisa do professor Wilson Gómez em relação ao termo que ele cunhou, juvenicídio, quando, lembrando os números do Observatório Venezuelano da Violência, desde a chegada de Chávez ao poder até agora, com o governo de Maduro, há números assustadores que nos dizem que 95% dos assassinatos, seja por violência política ou social, estão estritamente delimitados a uma faixa etária entre 12 e 22 anos. É o mesmo juvenicídio de que nos fala o professor Wilson. Trata-se de uma eliminação sistemática de uma faixa etária pela forma como o poder é exercido na América Latina. Então, em que se transforma a liberdade de expressão? É uma necessidade e é uma necessidade que os jovens enfrentam com rebeldia, porque estão conscientes de que são um alvo e são dizimados pelo poder quando exercem qualquer protesto público, mesmo que seja porque protestam por não terem... ar condicionado

nas salas de aula ou porque lhes tiraram o subsídio escolar para lápis ou cadernos. Qualquer protesto dos jovens em nossa América Latina é motivo para que a repressão policial faça vítimas. Mas parece que eles atiram para matar seletivamente. Então, qual é, digamos, para não cair na hipocrisia, o verdadeiro enfoque que devemos dar à liberdade de expressão em nossos países, ao exercício da liberdade de expressão em nossos países? Vemos, então, como a juventude de nossos países está em uma encruzilhada, ou seja, e quando vemos, com base no que dizia o professor Mariano, como mesmo em nossos países, e isso é algo que acredito ser uma pandemia que está se expandindo, porque também vemos agora na América, na Venezuela, a polícia te para na rua e revista seu WhatsApp, se você tiver em uma mensagem do WhatsApp algum comentário que denigra o governo ou o governante do momento, você é detido e possivelmente desaparecido. Pois agora vemos isso também na América. Agora, para entrar no serviço de imigração dos Estados Unidos, eles revisam seu WhatsApp. E se você tiver alguma alusão ao presidente ou a alguma de suas medidas, simplesmente te deportam. Então, nesse contexto, eu proporia mais do que uma resposta, uma pergunta. Como nós, latino-americanos, vamos abordar o tema da liberdade de expressão? Como uma abordagem filosófica, como uma luta ou como o quê? Mais do que respostas, tenho perguntas. Aí está.

JOSÉ LAURO MARTINS: Pensar na liberdade de expressão no contexto da democracia, e principalmente nestes tempos de conflito, tão conflituosos em toda a sua natureza, parece que a sociedade está, de certa forma, em um ambiente de fervor, torna-se ainda mais desafiador. Professor Lewis, concordo com você.

WILSON GÓMEZ: Ok, agora vocês estão me ouvindo perfeitamente, certo? Muito bem. Ok, ótimo. Acho que meu microfone se moveu agora há pouco e por isso vocês não estavam me ouvindo bem. Bem,

eu concordo com meus colegas. Gostaria de levantar três questões muito específicas. A primeira é que concordo com a pergunta sobre o que entendemos por liberdade. Acho que há um trabalho... que gosto muito, particularmente de Santiago Castro Gómez, que é um filósofo colombiano, que vem desenvolvendo toda uma reflexão sobre o problema do que eu chamaria de leitura transmoderna do republicanismo, para pensar as democracias em uma leitura transmoderna, e particularmente em um texto chamado *El tonto y los canallas* (O tolo e os canalhas), que é um texto de edição recente, de cerca de três anos, dois anos mais ou menos, Santiago faz toda uma genealogia do conceito de igualdade e particularmente nos diz que o grande problema do conceito de liberdade é que ele foi rapidamente capturado pelo projeto liberal e pelo capitalismo, e que perdemos o outro lugar fundamental do conceito de liberdade, que era o conceito de igualdade e , ou seja, e para isso ele explica todo o trabalho da teoria política e da filosofia política contemporânea, porque, diz Santiago, é muito difícil, digamos, falar de liberdade quando não há condições mínimas de igualdade, quando temos sociedades tão desiguais, quando é tão difícil acessar, por exemplo, a possibilidade das redes, que me parece muito importante o tema que vocês também levantam, que os colegas levantam em torno de como acessamos as redes sociais e outras coisas. Ou seja, há uma questão... que tem a ver com a liberdade de expressão, que se separa da discussão sobre a redistribuição da riqueza, sobre o problema da igualdade, do acesso a bens, serviços básicos de subsistência, mas também da formação dos sujeitos, pois é muito difícil falar de democracia sem essas duas coisas, se essas duas coisas não estiverem de alguma forma em constante diálogo, é muito difícil falar ou pensar em democracia. Então, essa é uma primeira questão que eu reforço dos meus colegas. A segunda coisa que eu gostaria de dizer é que em todo o debate que tivemos sobre o juvenicídio, é claro que também levantamos que há um problema, digamos, das estruturas de governo dos nossos países, mas a precariedade é

constituída por múltiplas causalidades. De fato, uma das colegas que trabalha muito com esse conceito, que é Alexandra Gudelo, atualmente vice-reitora da Universidade Luis Amigón, na Colômbia, Alexandra Gudelo levantou precisamente a expressão do presente como um sintoma de multicrise ou policrise, formas muito diversas de crise, entre elas a crise ambiental, a crise da democracia e outras, mas o juvenicídio não responde única e exclusivamente a um problema de formas de governo, que também o é, mas há múltiplas causalidades e, em particular, o que temos dito é que há um juvenicídio reiterado. Podemos falar de juvenicídio na América Latina precisamente porque em nossos contextos há tanta precariedade de vida em todos os sentidos, tantas formas de precariedade de vida, que finalmente é possível, e se dão os cenários propícios para que haja, digamos, essas formas e e sistemáticas de morte. O México é um país que teve governos, particularmente os dois últimos, progressistas e, finalmente, continua havendo juvenicídio. A Colômbia teve governos de direita, de centro, liberais, e houve formas de juvenicídio. A Argentina teve governos de direita e de esquerda e o juvenicídio continua ocorrendo. Portanto, é um problema estrutural que tem a ver com as formas multicausais da economia e que me parece fundamental. E sobre isso, para encerrar, gostaria também de trazer à reflexão um... nesse texto que vamos publicar, particularmente o trabalho de Andrea Bombigliani, que é uma colega da Argentina que me parece ser, digamos, um dos textos que mais abordam esse problema, que é o problema do que ela chama de institucionalidade da crueldade a partir do que acontece, digamos, nas redes sociais. Então, ela faz um estudo, por exemplo, de como nas redes sociais as pessoas respondem a situações de captura de jovens em flagrante em processos, digamos, o que comumente chamamos de linchamentos sociais, como capturas em flagrante de jovens que estão cometendo um delito menor ou qualquer tipo de delito, E não apenas a resposta, digamos, social da raiva das pessoas porque estão sendo roubadas, mas também a

resposta nas redes sociais e o que ela chama um pouco dessa ideia de prazer, como uma espécie de crueldade prazerosa, como se gostássemos quando fazem isso com essas pessoas e, portanto... Há uma dimensão fundamental que eu também gostaria de destacar neste debate que tem a ver com a emocionalidade política, como ela se configura a partir da estrutura, dos meios de comunicação, das redes e outros, todas as estratégias de comunicação, formas de emocionalidade política que, no fim das contas, respondem precisamente a isso. E nisso sigo muito o trabalho de Sara Ahmed, que é uma... uma socióloga, filósofa, já não sei exatamente qual é o perfil dela, é de origem australiana, mas viveu muitos anos na Inglaterra, e ela tem um livro chamado A política cultural das emoções, que para mim foi muito importante para entender justamente como toda a dimensão do ódio, toda a dimensão do amor à pátria, toda a dimensão, digamos, do nojo do migrante e do outro, é constituída a partir de uma forma específica que acaba tendo retornos políticos muito importantes, não é? Há sempre retornos políticos de todas essas emocionalidades que se movem através de todos esses meios. Então, me parece importante apontar essas três coisas porque, no cerne de tudo, a questão da liberdade de expressão, acredito que esteja justamente o problema da igualdade e da liberdade, igualdade é liberdade, o problema da multicausalidade que produz, digamos, de alguma forma, a forma de juvenicídio, e a institucionalização da crueldade, que me parece extremamente preocupante, digamos, em todos os cenários que vemos constantemente nas notícias diárias. Então, gostaria de destacar essas três coisas porque acredito que são importantes para alimentar o debate.

JOSÉ LAURO MARTINS: Ok. Bem, convido o público, se quiserem usar o microfone também, a apresentar suas provocações aos nossos debatedores, que estão dispostos a responder. Gostaria de trazer aqui a observação que Gabriel Machado fez no chat. Ele diz o

seguinte: a verdade da informação que importa não é o fato em si, mas a percepção de quem a transmite. O que realmente conta é a narrativa. Isso aumenta a violência e enfraquece o debate. Enfraquece o debate. Enfraquece o debate democrático. Estamos em um processo de decadência social. Passando do fim para o começo. Tenho a impressão, e gostaria de ouvir isso, de que essa observação, que é bastante comum ouvir por aí, de que há uma decadência social e que a mídia, que o jornalismo, de certa forma, está decadente e é resultado dessa decadência social. Este argumento parece ser um argumento de interesse daqueles que não querem exatamente o bom jornalismo, não é? Então, culpamos a decadência social e o que acontece e, digamos, de ruim, também na mídia jornalística, é parte da decadência e do social. E então... sempre temos um culpado, em vez de corrigir nossos próprios atos e olhar para a sociedade, para a democracia, como esse cenário de discussão e construção, inclusive de boa informação. Tudo bem. Tudo bem. Culpar a decadência social pelo fato de o jornalismo estar em decadência. Essa é a premissa. Bem, não sei de onde vem essa ideia, certo? O jornalismo em geral tem que questionar o poder. Quando o jornalismo abdica de sua condição de questionar o poder vigente, seja ele qual for, então será um jornalismo decadente. É o que eu penso. Entendo que o jornalista que se acomoda com os subsídios da propaganda, por exemplo, o meio que se condiciona porque o poder vigente lhe compra publicidade, lhe compra espaços e então condiciona seu espírito crítico, é um jornalismo decadente. Isso é algo que tem a ver, em primeiro lugar, com a ética, e aproveito para passar a palavra ao Mariano, meu colega Mariano, no sentido de como os meios de comunicação põem em causa a ética jornalística por motivos económicos. O que nos podes dizer, Mariano, sobre isto?

MARIANO NAVARRO: Muito obrigado pela interpelação direta, pois sempre surgem ideias no diálogo. E concordo que essa noção de decadência social, que considero um conceito sugestivo, também

corre o risco de ser uma, e certamente a pessoa que fez o comentário, não quero interpretar demais o que ela disse porque ela mesma poderá explicar, mas acho que corre o risco, sob essas, que têm muitas construções simbólicas, como também já dizia Wilson, de ser um pouco exculpatória no sentido de... Pode haver uma noção estrutural de decadência em que parece que já não há uma necessidade ou mesmo um sentido de ir contra certas inércias e certas tendências que são disfuncionais. Porque acredito que todos os sistemas têm disfuncionalidades. Uma das formas de interpretar a decadência é quando um sistema entra em um processo em que, salvo uma intervenção externa, o sistema está caminhando para uma disfuncionalidade geral que levará à destruição desse sistema. E, nesse sentido, parece-me que o conceito de decadência social pode significar muitas coisas, mas acredito que, em grande parte, uma das coisas que significa é o desinteresse das pessoas que fazem parte da sociedade em gerar a mudança social necessária. E onde as questões públicas são deixadas na responsabilidade de todas as outras pessoas, exceto de cada um de nós, porque acredito que também há todos e acredito que há algumas teorias, como a teoria social cognitiva da comunicação, que explicam bem como nós, a particularidade dos seres humanos e a comunicação, somos parte de um ambiente para todos os outros, mas nossas ações específicas também condicionam o ambiente para todos os outros e esse ambiente, por sua vez, nos condiciona a nós mesmos. Nesse sentido, acredito que efetivamente, e agradeço sinceramente a passagem, por assim dizer, do meu colega, querido amigo Alfredo, porque acredito que, historicamente, uma das formas pelas quais as sociedades têm conseguido contrariar certos processos de decadência ou declínio tem sido através das instituições que se encarregam profundamente de... de pensar os problemas sociais, de propor soluções para os problemas sociais, muitas, em grande parte, me parece, representadas pelas instituições de ensino superior e pelas pessoas que fazem pesquisa dentro dessas instituições sobre

os problemas sociais. Acho que, nesse sentido, há... Não acho razoável pensar que existem soluções fáceis para muitas tensões e muitos problemas sociais que existem, mas me parece que uma das questões que requer atenção urgente é a maneira como os jovens... que têm o privilégio de poder se educar em certas instituições, em um ambiente que já foi mencionado várias vezes nesta mesa, em um ambiente social, claro, latino-americano, mas não só, onde existem certas forças sociais, certas pressões sociais, certos atores políticos, que claramente têm como objetivo silenciar certas vozes dos jovens e gerar e eliminá-las diretamente com a vida dessas pessoas em crimes terríveis, sim, acredito que há, os jovens que têm a oportunidade de passar por nossas instituições educacionais, me parece que são possivelmente parte das possibilidades de pensar socialmente novas formas de organizar a sociedade. E acredito que isso também dependerá da maneira como nós, como educadores, como pesquisadores, podemos gerar perguntas pertinentes a esse respeito, gerar essa reflexão crítica, ética, em torno da prática, das ações humanas, e como entendemos... Neste caso, por ser o tema que nos convoca, como se entende o jornalismo, a comunicação pública, quais são as possibilidades de exercer uma boa comunicação pública pelos modelos e pontos de partida que se tem. Que agora, e voltando também ao assunto específico, a decadência, me parece que certamente estamos passando por processos de erosão social. E na medida e nos modelos, me parece, os padrões éticos sobre a comunicação pública não são suficientes. Acho que temos que repensar, e isso é evidentemente uma opinião, embora haja uma literatura crescente sobre esse assunto, me parece que precisamos de modelos para repensar os padrões éticos na comunicação pública, digital... para que possam contribuir para processos de congregação social, de integração social, também mais inclusivos, onde as pessoas que simbolicamente por essas mesmas esferas de comunicação digital estão sendo sistematicamente separadas, sistematicamente apontadas, essa crueldade estrutural

que... qualquer pessoa que tenha tido experiências nas redes sociais tem uma noção intuitiva, infelizmente, do que é uma crueldade estrutural, porque me parece que é uma tendência muito presente, mas em grande parte devido ao campo aberto que certas dinâmicas centradas no mercado, no benefício econômico, no desenvolvimento, no modelo de negócios têm tido, e que seja apenas o modelo de negócios que determine o protocolo de uso dessas ferramentas digitais e as formas de comunicação pública.

JOSÉ LAURO MARTINS: Certo, professor. Professor Wilson, com você.

WILSON GÓMEZ: Olá, vocês estão me ouvindo? Sim, sim. Olá, olá, olá. Já, já, perfeito, pronto. Não, eu estava pensando um pouco, bem, concordo com grande parte das abordagens que os colegas expuseram. Eu me perguntaria, porque também tenho dúvidas sobre o que queremos dizer quando falamos em decadência, certo? O que queremos expressar com essa palavra? Porque o que sinto é que há uma grande crise, na minha perspectiva, de credibilidade, mais do que se pudéssemos falar sobre quais são as características disso que chamamos de decadência, digamos, da comunicação ou um pouco como entendi, bem, na pergunta. Eu diria que o que está presente é mais uma crise de credibilidade, pelo menos da grande mídia, em torno das notícias. Ou seja, cada vez é mais difícil que uma grande porcentagem das pessoas acredite no que lhes dizem na televisão, no rádio, etc. Até mesmo nos próprios jornais. Porque o que sinto é que há cada vez mais uma perda, a hegemonia da narrativa, digamos, da notícia como verdade e uma emergência cada vez maior, digamos, de várias situações que também são problemáticas. A primeira delas é que sinto que há uma maior insistência das pessoas em produzir e autoproduzir formas alternativas de comunicação. Estamos vivendo isso, por exemplo, com a situação de Gaza, enquanto todos os meios de comunicação, os grandes meios, apresentavam o debate do problema basicamente como uma

agressão do Hamas a Israel, o que é, obviamente, condenável e terrível, as pessoas, através de seus próprios meios, começaram a mostrar também a sistematicidade de uma operação militar que, em última instância, acabou produzindo o que hoje está na esfera pública e no debate público, que é o problema do genocídio, que é como, pelo menos, muitas pessoas chamam essa situação que está se apresentando em Gaza. Então, isso me parece ser uma chave para entender que a crise, ou melhor, o que eu chamaria de decadência, mais do que decadência, eu chamaria de crise de credibilidade, e acho que tem a ver e também é arriscado porque sinto que esses dias estava, não me lembro exatamente se vi em uma reportagem ou algo assim, acho que sim, da BBC, que dizia algo como... A crise de legitimidade ou a intenção de que as notícias sejam cada vez menos legitimadas pelos grandes meios de comunicação é também uma questão provocada, no sentido de que o que se procura é que duvidemos cada vez mais sobre qual é a notícia verdadeira, o que está realmente acontecendo em um determinado contexto, em um determinado momento, e essa crise de veracidade, é claro, tem efeitos muito preocupantes. A mim, por exemplo, preocupa muito o que hoje chamamos de vieses de confirmação em muitas pessoas que, por meio de notícias sistemáticas que bombardeiam você no Twitter, no Instagram, no Facebook, o que fazem é não permitir que você coloque em cena o debate público, mas sim distorcem e confirmam seu viés ideológico, seu viés comunicativo específico, e isso me parece que o que está em jogo aqui é o que chamamos de esfera pública, pois, no fim das contas, o problema não é tanto qual é a verdade, mas conversar sobre os diferentes pontos de vista sobre a verdade e poder construir coletivamente uma verdade relativa, não no sentido da relatividade ou do relativismo cultural, mas no sentido de uma possibilidade de relacionar múltiplas perspectivas. Então, aí eu sinto que é muito preocupante, é muito interessante, digamos, o fato de haver toda essa emergência de formas alternativas de comunicação que colocam em crise o único relato, a única

perspectiva, o grande relato da mídia, mas também é preocupante o que eu chamo de reforço dos vieses de confirmação, a... dos vieses de confirmação que acabam produzindo isolamentos, produzindo cada vez mais fraturas sociais e, e, produzindo esse efeito que estamos vivendo, por exemplo, hoje na sociedade norte-americana, de muitas pessoas que estão absolutamente convencidas de que o problema são os migrantes, que isso é ilegal e que, claro, o que se deve fazer é devolver todo mundo ao seu país e tratá-los como criminosos, quando tudo o que está por trás disso é um fenômeno global de migrações em busca de oportunidades e outras coisas, por isso sinto que é como ver o potencial, mas também o perigo dessa situação de crise de legitimidade das grandes notícias e dos grandes meios de comunicação.

ALFREDO PADRÓN BUONAFFINA: Gostaria de acrescentar algo ao que disse o colega Wilson, porque uma das manifestações dessa crise de que estamos falando é, de certa forma, a polarização, certo? Referindo-me ao que Wilson mencionou sobre a questão da Faixa de Gaza, o debate entre o caso palestino e o judeu, o nunca, e tudo isso é um debate, infelizmente ideologizado, e isso nos leva a extremos e à polarização. E, por outro lado, ele também mencionou essa questão das verdades relativas, a dificuldade, ou talvez a falta de vontade de verificar as fontes e a veracidade das informações, porque há um reflexo involuntário na sociedade de compartilhar qualquer informação escandalosa sem parar para refletir se a informação que está sendo compartilhada é falsa ou não, se é verificável ou não. O outro ponto responsável por essa situação é a rapidez com que os meios de comunicação e as plataformas competem entre si para serem os primeiros a compartilhar uma informação. Então, eu apontaria esses elementos como componentes muito importantes dessa crise a que nos referimos, porque essa rapidez nos impede, como consumidores de notícias, de realmente ter essa credibilidade de que falava o professor Wilson,

a crise de credibilidade. Porque uma das coisas que, na minha liberdade acadêmica, tento transmitir aos nossos alunos de comunicação e jornalismo é que é preferível sair tarde com a notícia, mas ganhar uma reputação a partir dos e s conteúdos que, como jornalistas, podemos compartilhar. Ou seja, tornar-se uma referência passa por abdicar um pouco da competição para divulgar a informação primeiro. E isso na época atual, em que as redes são tão dinâmicas, e eu também proponho isso aos meus alunos em função da quantidade avassaladora de fotografias que consumimos através das redes e através das notícias, sempre peço aos meus alunos que dediquem tempo para refletir diante da imagem. Porque uma imagem tem muitas implicações semânticas que exigem uma observação mais atenta do que passar o dedo da direita para a esquerda e ver uma imagem após a outra, sem nos dar tempo para refletir sobre seu significado. O mesmo acontece com as notícias. Eu tenho que divulgá-las primeiro, mas o tempo que vou levar para verificar a veracidade da fonte vai contra mim como jornalista. Então, os jornalistas cometem o erro e depois têm que sair com desmentidos que não têm a mesma importância que o escândalo que causaram ou a reputação que foi prejudicada no momento em que compartilharam a notícia. Então, essa crise de credibilidade de que fala nosso colega Wilson passa por isso, porque há dois fatores que fazem parte dessa crise. Um é a polarização e o outro é precisamente esse, a imediatismo, a exigência que esses novos tempos impõem aos jornalistas... esses novos tempos que têm essas exigências e, de alguma forma, não sei se meus colegas compartilham dessa reflexão, isso também tem muito a ver com a ética do jornalismo.

JOSÉ LAURO MARTINS: Em todos esses contextos, é interessante observar também que, seja falando dessa crise de credibilidade, como dizia o professor Wilson, seja na questão ética propriamente dita, talvez seja hora de repensar o que é e como fazê-lo, se é

possível fazê-lo. O que chamávamos, ou ainda podemos chamar, de bom jornalismo. O que seria bom jornalismo nestes tempos em que tudo é tão rápido, tudo está ao alcance das mãos? Parece que as coisas acontecem de tal e e que a investigação, a verificação, parecem ser uma perda de tempo. E aí se torna um grande problema, não é?

ALFREDO PADRÓN BUONAFFINA: Bem, acredito que a resposta a essa pergunta está implícita no comentário que fizemos anteriormente, porque há algumas semanas fizemos um curso em Santo Domingo, com a Organização Internacional para as Migrações, a OIM, que tinha a ver precisamente com um esforço que está sendo feito para compartilhar com os professores o verdadeiro significado das migrações forçadas. Verdade? Fala-se muito sobre migrações de uma maneira, a partir da ignorância. E um dos esforços que o Escritório Internacional para as Migrações queria fazer era capacitar os professores para que pudessem falar com propriedade sobre os significados e as origens das migrações forçadas. Nesse sentido, então, as informações veiculadas pela mídia devem ser verificadas. Neste curso, contamos com a participação de uma organização internacional chamada Fact Chequeando, que se dedica justamente a capacitar jornalistas, professores de jornalismo e estudantes de jornalismo no uso de ferramentas para a verificação de informações. Este exercício de verificação das fontes, de que fala o nosso moderador aqui, o professor Wilson, também, essa perda de tempo, repercute-se positivamente precisamente no que estávamos a falar, na credibilidade do jornalista. que vai construir sua reputação não pela rapidez com que transmite suas informações, mas pela solidez e veracidade das informações que transmite, mesmo que corramos o risco de cair aqui nesse terreno mobilizado do que é a verdade e a veracidade. Dependendo de como vemos isso, acaba sendo, a longo prazo, um conceito bastante relativo. Mas é isso, melhor tarde e seguro do que rápido e falso.

WILSON GÓMEZ: Certo, professor Uriuso. Sim, eu realmente acredito, ou seja, concordo plenamente com a abordagem do colega e sinto que, veja bem, o que vejo é que me preocupa um pouco, não conheço em profundidade os detalhes das escolas de comunicação em todo o país, conheço algumas delas e sinto que há uma coisa que sinto falta, talvez em todas essas discussões que têm a ver com dar força à investigação jornalística, que sinto que tem perdido cada vez mais força nessas discussões, e que, finalmente, sinto que dá possibilidades de, digamos, como eu penso, me parece que os bons jornalistas que se reconhece, as pessoas que se admira no seu trabalho jornalístico, têm muito isso de parar, de dedicar tempo, de procurar as fontes, de produzir uma crônica, digamos, detalhada, e, claro, isso é muito complicado porque, afinal, há sempre todo esse fenômeno da imediatismo e da velocidade com que estamos sendo bombardeados o tempo todo, estamos sendo bombardeados com informações, mas eu sinto que uma... que uma boa prática, eu concordo que é preferível sair tarde com uma notícia do que repetir um tema que acaba sendo questionado por ser uma informação falsa, porque as fontes e outras coisas não foram contrastadas. Então, eu realmente acredito que é importante fortalecer em nossas escolas essa ideia do que significa investigar uma notícia e não apenas produzir uma notícia, como o que aconteceu aqui, neste lugar, neste momento, não apenas, digamos, como me parece que é preciso dar essa força de pensar em outras perspectivas, outros pontos de vista, sempre tentando produzir o que eu chamava de verdade, ou uma verdade relativa no sentido relacional do conceito relativo, certo? E não apenas como uma visão pura ou específica. Então, sinto que há um debate e um desafio para as escolas de comunicação que eu diria que é preciso revisitar, certo? Como fortalecer essa dimensão da pesquisa nos comunicadores em formação, de modo que eles entendam que a pesquisa não é apenas para produzir artigos e se tornarem acadêmicos, mas que, e, a pesquisa é fundamental para alimentar a esfera pública e o debate público sobre os assuntos que

nos importam e, acima de tudo, para fortalecer, insisto, a democracia, que é o que nos convoca neste painel.

JOSÉ LAURO MARTINS: Concordo. Professor Mariano, pode prosseguir.

MARIANO NAVARRO: Sim, muito obrigado. Eu diria que, embora concorde com meus colegas em alguns aspectos, na maioria deles, é claro, também gostaria de introduzir uma perspectiva histórica em uma grande narrativa bem conhecida no meio acadêmico, que é a da constituição da esfera pública e o papel que o jornalismo desempenhou no que eventualmente se institucionalizaria mais tarde como a prática do jornalismo em um momento de transição de como se entendia o espaço público e como se distribuía o poder na sociedade. E quero trazer isso porque me parece que, e aqui me refiro à história que conta, em grande parte codificada por Habermas para a academia, das mudanças estruturais da esfera pública, e como o jornalismo ou o jornalismo nascente, a comunicação pública, o exercício do jornalismo naquele momento, preencheu em grande parte um vazio dentro das instituições que permitiu maiores espaços para exigir prestação de contas, não por mecanismos estruturados legalmente definidos, mas por meio de um tribunal que era o da opinião pública. E como os atores políticos não podiam ignorar essas opiniões públicas ou essas dinâmicas de opinião pública, uma vez que já podiam, estavam sob o escrutínio dessa comunicação pública, do jornalismo, e como tinham que prestar atenção a isso se quisessem preservar o poder e o status que tinham nas sociedades burguesas emergentes da época. E acho que trago isso à tona porque me parece que não é, acho que perderíamos algo na reflexão sobre essas questões se não atendêssemos ao surgimento histórico da implantação de um modelo de jornalismo e também de um modelo de negócio. Porque minha resposta, digamos, curta, sempre insuficiente, mas aqui o bom de ter colegas generosos no diálogo e

interessantes nas ideias é que se gera respostas melhores. Mas minha resposta seria: acredito que o bom jornalismo é aquele que se ajusta às possibilidades estruturais da maior distribuição de poder nessa sociedade, e o jornalismo que resolve algumas necessidades e presta certos serviços às comunidades humanas. Mas acredito que são as duas coisas, e acredito que as duas coisas se referem a dinâmicas e ordens ou esferas sociais que sempre ocorrem simultaneamente de formas diferentes, mas que podem até mesmo ser conceituadas de maneira diferente. E me refiro a que o bom jornalismo, acredito que neste momento, e Alfredo disse isso muito bem, também é aquele que atende a certas necessidades urbanas e presta certos serviços a certas comunidades. Desde informações muito logísticas, de... De que é preciso se hidratar bem em uma cidade como Palmas, por exemplo, para evitar qualquer tipo de mal-estar, até questões que envolvem a sobrevivência de certas pessoas. Mas, além disso, acredito que o bom jornalismo, e acredito que também é o bom jornalismo que está destinado a perdurar, é aquele que se ajusta à ordem política e social vigente de distribuição de poder por meio das ferramentas, técnicas e também das tecnologias disponíveis no momento. E acredito que esse é um dos grandes desafios do jornalismo em nossa época, que toda a estrutura dos processos de comunicação pública liberal se encaixava muito bem com a compreensão que tínhamos do jornalismo que esteve em vigor por duzentos anos e da ética jornalística que esteve em vigor mais ou menos na mesma época, embora tenha sido refinada. Acho que agora, em um momento de ruptura tecnológica, de mudanças nas dinâmicas da comunicação, de tecnologias que apresentam possibilidades positivas, como também foi discutido aqui neste painel, novas vias, formas e fluxos de comunicação, parece-me que ainda estamos por encontrar um modelo de jornalismo e e que se ajuste bem à sua ordem social. Acho que a questão mais atual e próxima, mais atual a esse respeito e próxima da que estou levantando, é a questão do modelo de negócios do jornalismo. E,

evidentemente, não acho que as possibilidades do jornalismo se esgotem em encontrar um modelo de negócios que funcione neste momento. Mas acredito que, efetivamente, parte do que o jornalismo também, o bom jornalismo também, e o jornalismo que acredito que sobreviverá, está chamado a ser, é encontrar a chave para o tipo de jornalismo de que precisamos neste momento. Não necessariamente o que queremos, assumindo que queremos um jornalismo que sirva às pessoas, que possa iluminar certos aspectos da verdade, onde naturalmente as pessoas que detêm o poder na sociedade procuram que certas coisas não sejam conhecidas, mas me refiro a que existe uma rede tecnosocial que possibilita certos tipos de ação comunicativa e jornalística tecnificada, que são as que são possibilitadas por essa ordem tecnosocial vigente. E acredito que não podemos pensar em ter uma comunicação pública e um jornalismo que não sejam compatíveis com essa ordem tecnosocial. E acredito que parte dos ajustes que estamos tendo têm a ver com esses protocolos de atuação, com questões de ética, de como ensinamos jornalismo, de como ensinamos investigação, mas também de qual é a prática jornalística voltada também para o benefício econômico, que tem por trás essas redes institucionais que são indústrias, mas que, cumprindo todas essas características um pouco estruturais, servem à sociedade e a certos coletivos humanos também.

JOSÉ LAURO MARTINS: Isso me fez lembrar de uma situação que o Brasil também vive agora. Como todos sabem, o Brasil é bastante grande e, há pouco tempo, há dois anos, passamos por eleições em que basicamente havia um grupo político e o outro grupo político venceu as eleições. Há um dado interessante agora . O Estado, o Estado que era dominado pelo... grupo político que perdeu as eleições, tem 23 prefeitos que foram destituídos por corrupção, todos do mesmo grupo político que perdeu as eleições. Agora, nos grupos dessa ala política, nos grupos de WhatsApp, etc., acusam que

há uma perseguição política contra nossos direitos, os prefeitos de Santa Catarina, no nosso caso. Mas o que não se ouve é dizer que não houve corrupção. Eles contestam a informação, mas não contestam o fato que gerou a informação. E o que o senhor dizia, que o bom jornalismo tem que ser crítico. Ele não é para passar pão para este ou para aquele governo. Deixa de fazer o papel esperado. Da mesma forma, recentemente aconteceu aqui no nosso estado, no estado de Tocantins, em que o governador foi afastado. E com denúncias graves e assim por diante. Agora, ele deu uma entrevista a outro meio de comunicação acusando um adversário político de ter coordenado tudo e comprado a Rede Globo, no nosso caso, para que uma grande reportagem sobre o fato fosse ao ar no domingo passado, dizendo que tudo isso foi uma armação do adversário político para difamar, etc. Só que em nenhum momento se diz que os fatos não existiram, porque havia imagens, havia provas demonstrativas. Então, sempre haverá o lado que prefere negar os fatos e o outro lado que, de alguma forma, vai dizer que o jornalismo está fazendo seu papel mostrando o que tem que mostrar, o que deve ser mostrado. E é claro que quem se sente desconfortável neste momento dirá que isso é apenas uma narrativa e assim por diante. Não é ouvindo essas respostas dessa maneira que se pode chegar a algum lugar, na minha opinião. Pelo contrário, aí está a responsabilidade do bom jornalismo na democracia, que é fazer seu trabalho e não ouvir, de certa forma, prestar muita atenção a esses comentários que, no nosso caso hoje, vêm das redes sociais. Porque se o bom jornalista está de fato em condições de fazer um bom trabalho, porque às vezes também o meio de comunicação é pago para fazer um determinado trabalho e ele vai fazer o trabalho para o qual foi contratado e pronto. Mas quando ele está em um meio de comunicação e faz um bom trabalho, tem as condições para fazer um bom trabalho de forma ética, pronto, esse é o caminho que esperamos, é o caminho que a sociedade espera dele, é o caminho que a democracia precisa. Como narrar à sociedade, narrar os

acontecimentos de forma ética, da forma mais imparcial possível, de forma crítica, de forma que a sociedade tenha melhor informação? De certa forma, é isso que a sociedade espera de nós, espera do bom jornalista, dos bons meios de comunicação. Porque a crítica, sendo um bom trabalho, sempre vai existir. Sempre vai existir. Não é a crítica que deve dirigir ou questionar e nós dirigimos nosso trabalho em função dessas críticas, dessa forma. Elas não dão um caminho, não dão uma diretriz necessária para o bom jornalismo e para a responsabilidade perante a democracia. Convido vocês a fazerem uma síntese do que podem manifestar agora nesta reta final de nossa conversa, para acompanhar também suas despedidas. Podemos conversar com você, professor Mariano?

MARIANO NAVARRO: Obrigado, obrigado. Acho que uma das questões que Alfredo comentou, sim, me parece... anda de mãos dadas com a prática de um bom jornalismo e com um exercício de comunicação pública saudável em geral, a nível social. É também a capacidade que os usuários dos meios de comunicação têm de receber informação, de compreender a mensagem dos meios de comunicação, de ter certos elementos de compreensão de como funciona a comunicação pública. E acho que aqui também há um trabalho interessante das escolas e faculdades de comunicação em contribuir para uma melhor alfabetização midiática em nível social. Existem alguns grupos de pesquisa também voltados para a geração de certas políticas públicas educativas, que me parecem muito interessantes, surgidos de várias faculdades de comunicação na América Latina, que buscam, por exemplo, inserir conteúdos de alfabetização midiática e familiarização de uma maneira mais profunda em... estudantes de níveis educacionais básicos ou intermediários, com a ideia de que uma sociedade que convive melhor com os meios de comunicação e que sabe se mover melhor em uma rede complexa, que nem sempre é fácil de decifrar, como é o caso dos meios digitais, é uma sociedade que tem maiores

possibilidades de ter uma vida pública comunicativa saudável. E acredito que também as escolas de comunicação têm coisas a contribuir, externalidades positivas ou questões ou pesquisas que podem ter um grande impacto potencial na sociedade, pensando que é... São centros onde se sabe muito sobre esses temas, onde se conhece bem, de forma mais profunda, quais são os perigos, quais são os desafios que se colocam, por exemplo, certas formas de comunicação, não só pelas questões tecnológicas, mas também pela polarização política, como você comentou, Lauro. Há um texto que foi publicado há alguns anos em uma revista americana chamada *The Atlantic*, escrito por um pesquisador intelectual público, psicólogo social, chamado Jonathan Haidt, que possivelmente algumas pessoas aqui, muitas pessoas, conhecem, mas o texto original se chamava algo como Por que os últimos dez anos da vida política dos Estados Unidos foram profundamente estúpidos? Era um título muito longo. Depois, em uma versão um pouco mais corrigida, era um texto chamado Depois de Babel. E me parece que o que Jonathan Haidt dizia, que é uma pessoa que me parece ter popularizado muitos estudos sobre as emoções políticas e a maneira como a emotividade política se desenvolve nas redes sociais particularmente, mas na comunicação pública. Acho que você usou uma metáfora que também me parece muito poderosa e, atendendo que estamos encerrando esta mesa, ou pelo menos minha intervenção, onde surgiram, me refiro a esta mesa, coisas muito interessantes, a metáfora que ele usava era a da Torre de Babel, que é uma metáfora muito conhecida dos livros sapienciais da tradição judaico-cristã, de como em um amplo e projeto de construção de uma estrutura, como era esta, a torre que poderia chegar ao céu pela hybris dos seres humanos vista com pouca... Plácido, por Deus, Deus gera as línguas para que as pessoas não se possam entender entre si e esse grande projeto não possa ser concluído, não é? A ideia, o uso dessa alegoria é que, quando se perde a capacidade de se entenderem uns aos outros, os grandes projetos sociais são

praticamente impossíveis de serem realizados e levados a bom termo. E o que Haidt propõe nesse momento é que, se estamos em uma situação histórica em que, devido ao uso da comunicação digital, em parte pelos próprios vieses tecnológicos, mas também por questões políticas, como as que você levantou na pergunta e que já foram comentadas, cada vez temos mais capacidade, sobretudo os bandos que estão enfrentados, um bando que apoia um partido político e os que apoiam outro, mais dificuldade para se entenderem e para nos entendermos em última instância. Ele apresenta, por exemplo, algumas propostas de regulamentação da comunicação digital, que não vem ao caso mencionar ou que não são relevantes para o argumento, porque mais do que tudo, o que me parece interessante recuperar é se estamos em um momento de aparente incompreensão entre setores da sociedade, setores da sociedade que falam aparentemente em idiomas diferentes, que são incapazes de se entender uns aos outros porque, para uns, um ator político é um salvador e, para os outros, esse ator político é um destruidor da ordem política, e assim com muitas outras questões, mas essa incapacidade de se entender que efetivamente impede a construção de um grande projeto social, como neste caso a Torre de Babel, mas estamos em um momento em que podemos nos perguntar o que vai acontecer depois de Babel, não é? esse segundo título desse texto. Ou seja, como se reconstrói socialmente este momento de desacordo, este momento de polarização, este momento de muitas dinâmicas de desintegração social. A realidade é que não temos todas as respostas, mas acredito que parte de tudo começa por fazer essas perguntas, fazer essas perguntas para ver como se pode contribuir a partir do exercício do jornalismo, da educação, do jornalismo, da reflexão sobre a ética do jornalismo, para poder gerar respostas que contribuam para pensar o que vai acontecer depois. Após um aparente colapso da ordem social, sem precisar dizer que a ordem social entrou em colapso, me parece claro que precisamos de uma certa reconstrução do tecido social. E

acredito que essas respostas são aquelas a que podemos chegar se continuarmos nos fazendo esse tipo de pergunta. Muito obrigado.

JOSÉ LAURO MARTINS: Bem, brevemente, para não abusar da paciência de nossos colegas e para encerrar com os devidos agradecimentos, eu perguntaria o que podemos fazer em nossas escolas de comunicação diante do comentário de Wilson e, finalmente, da intervenção de Mariano. Bem, vou lhes dizer o que nós fizemos. No INTEC, criamos um prêmio de jornalismo investigativo. Tentamos estimular não apenas nossos alunos de graduação, mas também nossos ex-alunos, para que se inclinem por um jornalismo investigativo sério, comprometido com o estudo, a investigação e a verificação das fontes. Nesse sentido, além do prêmio, criamos um curso de pós-graduação em jornalismo investigativo e já temos mais de oitenta ex-alunos, certo? Com a feliz circunstância de que esses ex-alunos nos procuraram pedindo para completar seus estudos com um mestrado. Isso nos dá certa esperança, não é mesmo? Isso nos dá um certo entusiasmo por parte de nossa juventude, em que podemos pensar que nem toda a luta está perdida. Porque se conseguirmos estabelecer as bases para que uma boa leva de formandos, desses cursos de extensão e de um eventual mestrado, surja de lá alguma figura brilhante, porque o que eu espero como cidadão de um jornalista? Não apenas que me digam: “Olha, hoje choveu” ou “Amanhã à tarde vão cortar a luz no seu bairro”, mas espero que me digam: “Não, olha, o que aconteceu ao presidente que não conseguiu terminar a obra foi porque converteu parte do dinheiro num apartamento que comprou e numa viagem que fez pela Europa”. Porque isso, de alguma forma, nos reivindica pelo simples fato de conhecermos a verdade, mas uma verdade fundamentada, não produto de especulação nem destinada a denegrir gratuitamente a figura de um político ou de uma figura pública. Então, é isso que estamos fazendo para ajudar a sair um pouco dessa crise da qual temos falado. Bem, não sei se é o melhor

caminho, mas é o que encontramos. Muito obrigado novamente ao Wilson, ao Mariano, ao outro Wilson ali, à Universidade Federal do Tocantins, ao Gilson pelo seu grande esforço organizativo e à reitora que nos abriu as portas da universidade para este encontro interessante e importante. Muito obrigado, colegas.

JOSÉ LAURO MARTINS: Muito obrigado. Professor Wilson, passo a palavra para suas considerações finais.

WILSON GÓMEZ: Obrigado. Bem, é uma grande responsabilidade encerrar o painel. Em primeiro lugar, quero agradecer a você, José Lauro, pela sua moderação. E muito obrigado, é claro, a Mariano e Alfredo. É uma pena que Gisela não tenha podido nos acompanhar. Também sentimos falta da sua voz aqui, mas... Mas tudo bem, não importa. Agradeço porque acho que foi um debate... muito potente, que eu não sou propriamente formador de comunicadores sociais, digamos, quando eles chegam à pós-graduação, mas não diretamente na graduação, então sobre isso não tenho muito a dizer em profundidade, faço parte de um departamento que tem uma escola de comunicação e um programa de arte, estou trabalhando mais com o programa de artes plásticas, mas sempre me interessei muito por temas de comunicação. E eu acrescentaria ao que os colegas disseram que acredito que estamos no lugar certo, que é precisamente esta rede e esta Federação Latino-Americana de Comunicadores Sociais, que tem este desafio tremendamente poderoso de pensar como influenciamos, como melhoramos os processos de formação dos nossos comunicadores, e acredito que isso é possível se, e somente se, a rede também assumir esse desafio como uma possibilidade, ou seja, como fazemos para ter esses debates não apenas nesses espaços, mas para que esses debates sejam regidos e também possam ser desenvolvidos em nossas escolas de forma singular? E bem, para isso, acredito que a rede é fundamental, porque sinto que, por meio da rede, dessas redes de

trabalho coletivo e colaborativo, essas questões são destacadas e, finalmente, permitem que, de alguma forma, se pense em programas, projetos, estratégias de formação conjunta, que acredito serem muito importantes. Acho que temos uma experiência próxima, que é a rede CLACSO, o Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais, com a qual acho que podemos aprender muitas coisas. Acho que a federação pode aprender muito no sentido de que o CLACSO tem sido uma instituição que finalmente conseguiu influenciar de maneira importante os processos de formação em ciências sociais em geral em toda a América Latina e acho que esse lugar, digamos essa experiência, acho que é preciso recuperá-la, conhecê-la, porque sinto que a FELAPAX tem nisso muitas possibilidades para fortalecer toda a discussão sobre o que significa a comunicação e a construção de nossas democracias. Então, bem, agradeço muito pelo convite ao Rafa, que está aí, grande amigo também daqui da Universidade do Tolima, e a vocês por me ouvirem e por compartilharem comigo este painel, colegas. E bem, boa noite e que aproveitem muito esse encontro aí, que infelizmente não pude estar com vocês.

JOSÉ LAURO MARTINS: Agradeço imensamente ao professor Alfredo Padrón, ao professor Mariano Navarro e ao professor Wilson Gómez pela oportunidade de ouvi-los sobre um tema tão necessário e tão e contemporâneo, e que para esta área é fundamental manter essa crítica e manter viva essa discussão. Com isso, encerramos as atividades desta noite do XX Encontro da FelaFax. Um dia bastante intenso, com muitas atividades. E amanhã estaremos de volta aqui para dar continuidade e mais um dia que será aguardado para as discussões sobre as atividades de pesquisa de nossas instituições e assim por diante. Boa noite a todos e até amanhã.

CARTA DE PALMAS: Em defesa da democracia, da comunicação pública, da liberdade jornalística e da formação ética e crítica em comunicação na América Latina

Gilson Pôrto Jr
Rafael González Pardo
Santiago Gómez
Nelson Russo de Moraes
José Lauro Martins
Cinthya Mara Miranda

Reunidos no **XX Encontro Latino-Americano de Faculdades de Comunicação Social (FELAFACS)**, realizado na cidade de Palmas (Tocantins, Brasil) em 2025, professores, pesquisadores, estudantes, profissionais e representantes de instituições de ensino e pesquisa em comunicação da América Latina reafirmam seu compromisso histórico com a **defesa da democracia, da liberdade de expressão, do direito à comunicação e do conhecimento como bem público universal**.

Inspirados pelas mesas redondas e conferências que debateram temas como *“Ainda é possível falar de democracia na e para a América Latina? Situando as narrativas contemporâneas”*, *“Jornalismo, democracia e responsabilidade”* e *“O futuro da(s) democracia(s) na América Latina: o papel dos comunicadores”*, reconhecemos que a crise democrática contemporânea está profundamente ligada à **erosão dos espaços públicos de informação, à desinformação, ao enfraquecimento das políticas de comunicação pública e aos desafios éticos que as tecnologias digitais apresentam.**

Reafirmamos que, **sem uma comunicação pública forte, plural e independente, não há democracia sustentável**, pelo que ambas se tornam pilares indissociáveis.

Como instituições educativas, profissionais, professores, pesquisadores, membros de movimentos sociais e de base, defendemos, portanto:

1. **O fortalecimento dos meios de comunicação públicos, comunitários e universitários**, como instrumentos de participação cidadã e expressão da diversidade cultural, linguística e identitária dos nossos povos latino-americanos;
2. **A valorização do jornalismo ético, crítico e independente**, condição essencial para a transparência, o controle social e a defesa dos direitos humanos;
3. **A proteção de jornalistas, comunicadores e pesquisadores** contra a censura, o assédio e a violência política;
4. **A promoção de uma formação universitária de qualidade em comunicação**, comprometida com a ética, o pensamento crítico, a inclusão e o diálogo interdisciplinar científico sólido, sem esquecer o diálogo com nossas historicidades regionais;
5. **A democratização do acesso ao conhecimento e à ciência**, com o fomento da **ciência aberta** e das práticas de **acesso público aos resultados da pesquisa**, como forma de ampliar

o impacto social, a memória e o alcance da produção científica latino-americana;

6. **A cooperação acadêmica e científica latino-americana**, tal como afirmado nas mesas conjuntas **FELAFACS-ALAIC-SembraMedia-CLACSO-CIESPAL**, reforçando as redes que produzem conhecimentos situados, descoloniais e solidários no contexto latino-americano e em diálogo permanente com outros continentes;
7. **O uso ético, transparente e socialmente responsável da inteligência artificial e das tecnologias emergentes** na comunicação, garantindo que essas ferramentas ampliem os direitos, fortaleçam a democracia e não reproduzam desigualdades ou discriminações;
8. **A democratização do acesso aos meios digitais e às infraestruturas tecnológicas**, combatendo a concentração de poder e promovendo a alfabetização midiática e informacional;
9. **O apoio a núcleos, grupos e redes de pesquisa, ensino e extensão latino-americanos**, como o Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE-UFT, Brasil, entre outros), que produzem conhecimentos públicos sólidos com vistas à democratização da alfabetização midiática e informacional;
10. Que a **comunicação social**, em suas diversas áreas de formação, possa instrumentalizar a formação de uma **sociedade mais justa, inclusiva e colaborativa**, especialmente entre os **públicos e grupos historicamente marginalizados**, como as **comunidades de favelas e periferias urbanas**; os **povos indígenas e as comunidades tradicionais**; as **expressões e s e as mais diversas comunidades religiosas e LGBTQIA+**, entre outras;
11. Que a **igualdade de gênero no ensino, na pesquisa e na extensão** garanta uma formação que reconheça a

diversidade, a pluralidade de vozes, a ética nas práticas profissionais e a responsabilidade social da comunicação.

As instituições e os profissionais da comunicação da América Latina têm a responsabilidade histórica de **formar cidadãos críticos, criativos e conscientes de seu papel social**, capazes de produzir narrativas que defendam a dignidade humana, a justiça social e o respeito à diversidade.

Diante das ameaças autoritárias, da desinformação e da captura das esferas públicas por interesses econômicos e políticos, reafirmamos que:

Defender a liberdade jornalística, a comunicação pública e a formação ética em comunicação é defender a própria democracia latino-americana.

Que esta carta-moção sirva como **manifesto coletivo e compromisso permanente** com a democracia, a educação pública, a ciência aberta e a ética na era digital, princípios que orientam o presente e o futuro da comunicação no continente.

Palmas (TO), Brasil, 8 de outubro de 2025
XX Encontro Latino-Americano de Faculdades de Comunicação
Social (FELAFACS)

ENCONTRO DE EDITORES DA AMÉRICA LATINA: o futuro das produções acadêmicas

Ramón Burgos
Rafael González Pardo
María Fernanda Pampin
Gilson Porto Jr
Nelson Russo de Moraes

GILSON PORTO JR: Boa tarde, sejam bem-vindos a mais uma atividade prevista em nosso XX Encontro da Federação Latino-Americana de Faculdades de Comunicação, FelaFax, com o encontro deste ano que está acontecendo aqui, na regional do Brasil. É um prazer tê-los aqui presencialmente e também aqueles que nos acompanham remotamente. Esperamos que, a qualquer momento em que puderem assistir à apresentação desta mesa, possam ter algumas ideias, discutir e até mesmo interagir conosco através das redes sociais. Nossa discussão desta tarde é muito específica, mas extremamente necessária no campo da comunicação. Vamos focar nossa discussão aqui sobre os periódicos científicos, sobre as publicações científicas e o que é produzido no campo da comunicação. Sabemos da dificuldade que existe na maioria das instituições e, na América Latina, não é diferente no campo da produção científica em comunicação. Sentimos as dificuldades inerentes à produção científica, à divulgação e, claro, à popularização do que fazemos no campo da comunicação social e

do jornalismo. Porque os periódicos científicos são nosso principal canal de discussão e popularização do que produzimos no campo científico. Nesse sentido, nossa conversa de hoje contará com alguns convidados muito interessantes que se concentrarão nessas questões que povoam os debates sobre as publicações no campo da comunicação. Conversaremos com nosso colega, Dr. Ramón Burgos, da Felafax, Argentina; com o Dr. Rafael González, da Felafax, Colômbia; com o professor Dr. Nelson, da UNESP, aqui no Brasil; e também com a professora Dra. María Fernanda Pampin, diretora de produção editorial da CLACSO na Argentina. Será, portanto, uma oportunidade para dialogar e levantar questões relacionadas ao que ocorre no continente, nas Américas, e que, naturalmente, também repercutirá na produção científica da região. Então, sem mais detalhes, vamos passar a palavra ao nosso colega Dr. Ramón Burgos, que é diretor do CONISUL, da FELAFACS, licenciado em Comunicação Social e professor na Universidade Nacional de Jujuy e também na Universidade Nacional de La Plata. Boa tarde, Ramón, seja bem-vindo.

RAMÓN BURGOS: Olá, boa tarde. Muito obrigado pelo convite. Boa tarde, Fernanda, e ao resto dos colegas que integram esta mesa. Bem, estou no âmbito da tarefa que me ocupa atualmente como representante no cone sul da Felafacs. Sou professor na Universidade Nacional de Jujuy, na Argentina, e na Universidade Nacional de Salta. Nesse contexto, sou membro da Federação Argentina de Carreiras de Comunicação Social, FADECOS, que integra a Felafacs. E, desde o ano passado, assumimos o desafio de relançar a revista Diálogos de la Comunicación. A revista Diálogos é uma revista emblemática do campo da comunicação na América Latina, começou a ser editada no ano de 1987 e, portanto, naquela década, no final dos anos 80 e nos anos 90, constituiu-se como uma das referências incontornáveis das publicações no campo da comunicação social. Após as vicissitudes próprias de nossas instituições, ela passou por uma série

de descontinuidades, deixou de ser publicada e, em 2019, 2020 e 2021, foram registradas as últimas publicações e, a partir daí, houve uma pausa. Então, quando no ano passado a comissão diretiva da FelaFax foi renovada, uma das propostas e um dos desafios que assumimos foi tentar relançá-las, trabalhar no relançamento. A primeira intenção, como comentamos ontem na assembleia que realizamos da FelaFax, era poder fazer a apresentação... deste número noventa e seis hoje, mas, infelizmente, mas também como mostra dos tempos que estamos atravessando, digamos, sofremos uma série de atrasos, não é? Ainda estamos no processo de edição da revista e de avaliação das últimas contribuições para poder finalmente apresentar este número antes do final do ano, esperamos que assim seja, creio eu, nós precisamente a sinalização das dificuldades têm a ver com diferentes naturezas, eu pensava que tínhamos tido dificuldades específicas como dificuldades com o uso da plataforma, e isso também é um indicador de como funciona atualmente o sistema de avaliação das revistas e outros. Também pensava que a dificuldade em receber contribuições em tempo e forma, normalmente quando se faz uma convocatória estipula-se uma data, essa data geralmente sabemos que posteriormente vai ser adiada, Mas digo que a dificuldade em receber contribuições me fez pensar em duas questões, uma questão que tinha a ver, em primeiro lugar, com os tempos que estamos atravessando e a tensão que se produz entre a demanda pela necessidade de publicação e socialização dos resultados de nossos trabalhos, de nossas pesquisas, e os contextos em que isso vem ocorrendo. Posso falar mais especificamente do caso argentino, mas que talvez seja comum a outros países da região. As dificuldades que os sistemas científicos em geral, e o sistema universitário em particular, enfrentam atualmente dificultam, de certa forma, a possibilidade, não é? Dos professores e pesquisadores na produção e na divulgação dos resultados, não é? Mas isso também se torna complexo neste momento, não é? De solicitar a outros pesquisadores da região o

trabalho como parece ou como coordenadores e outros, não? Digamos que parece que há... Nós nos deparamos neste trabalho de relançamento da revista com uma série de complicações que, pelo que percebo, têm a ver com certas condições de produção que estamos atravessando. Lançamos este número noventa e seis, chamado... tecnologia política e cidadania, novas formas de construção e representação social nos ecossistemas digitais e generativos, tentando, digamos, problematizar, digamos, alguns aspectos das discussões que estão em voga no campo da comunicação e das ciências sociais, mas isso também, digamos, me fez pensar, e conversamos com alguns colegas sobre um aspecto mais geral que tem a ver com a superoferta que estamos enfrentando atualmente de publicações e congressos, então isso também é complexo, abriu-se um leque que, por um lado, apresenta um aspecto interessante, mas me parece que a superabundância também é algo que deveria nos fazer repensar certos aspectos de como os sistemas de trabalho acadêmico estão funcionando atualmente, não é? Acho que há tempos, exigências e demandas que tornam o cenário muito complexo. Acho que essas dificuldades que tivemos neste relançamento, mas, digamos, estamos felizes porque convocamos duas pesquisadoras para nos ajudar a coordenar o número, Ana Slimovich, que é professora da Universidade de Buenos Aires, pesquisadora do CONICET, e Gabriela Baquerizo, que é pesquisadora e professora da Universidade dos Andes, no Chile, nos permitiu, digamos, voltar a trilhar o caminho que a Federação vem desenvolvendo há muito tempo para gerar articulações, redes e vínculos em diferentes regiões da América Latina, e isso fica evidente nas avaliações e nas contribuições que recebemos de diferentes países da América Latina e de diferentes instituições. Mas me parece que, repensando e revisando um pouco todo o percurso que percorremos nesta edição, este é um bom momento para repensar certas questões, para nos ajudar a repensar quais são os temas que estamos abordando, quais são os temas... e a partir de onde

acabamos definindo quais são os temas que vamos abordar, se vamos correr atrás de certas discussões que estão ocorrendo, ou de certas imposições que apareceriam para pensar certas problemáticas, ou se temos a possibilidade de instalar ou repensar ou tensionar certas agendas a partir das quais problematizar certos aspectos do campo da comunicação e das ciências sociais e, a partir daí, realizar certas problematizações e certas abordagens. Bem, eu queria dizer isso para começar, como para levantar e lançar algumas questões específicas em relação à nossa experiência recente com este relançamento. E a partir das contribuições que os demais colegas fizerem, poderemos conversar internacionalmente. Obrigado.

GILSON PORTO JR: Obrigado, Moncho, por suas observações iniciais. Passaremos agora à professora doutora Fernanda Pampin, que é diretora da Universidade de Paxo. Bem-vinda, Fernanda. Fique à vontade também. Será um prazer ouvi-la.

MARÍA FERNANDA PAMPIN: Olá, boa tarde a todos e todas. Boa tarde aí no Brasil. Em nome do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais, gostaria de agradecer este convite para participar do encontro de editores latino-americanos no âmbito de... Bem, o tema central que nos reúne nesta mesa, o futuro das produções acadêmicas, exige uma reflexão profunda e e , acredito, sobre a democratização do conhecimento como bem comum. Então, para abordar esse futuro... O que proponho é pensar em três pilares fundamentais que são cruciais da perspectiva do sul global e que irei desenvolvendo, certo? Por um lado, a ciência como bem comum e direito coletivo. Por outro, a democratização, as redes editoriais e o multilinguismo. E, por último, as políticas científicas em torno da ciência aberta e da sustentabilidade dos projetos. Então, para começar com o primeiro ponto, da perspectiva ibero-americana e do sul global, da qual nos posicionamos, da Claxo, que representamos

mais de... Ou seja, quase mil instituições de ciências sociais na América Latina e no Caribe, mas também em outros continentes. Acreditamos que o conhecimento não é uma mercadoria e o entendemos como um direito e um patrimônio coletivo. A Claxo tem sido, nas últimas quase seis décadas, uma voz fundamental na América Latina e no Caribe na promoção dessa visão, desafiando os modelos comerciais. E, nesse contexto, o acesso aberto, gerido como um bem comum, é essencial para democratizar a ciência e prevenir novas formas de exclusão, sobretudo para as nossas regiões, não é verdade?, como o controverso modelo de pagar para publicar. Nossa abordagem se baseia em quatro princípios fundamentais. Por um lado, o acesso aberto como um direito. Ou seja, o conhecimento financiado com recursos públicos deve estar disponível gratuitamente para a sociedade, sem barreiras econômicas ou técnicas. Por outro lado, a gestão comunitária. Promovemos que as publicações, repositórios e avaliações científicas sejam geridos pela comunidade acadêmica e não por interesses comerciais. Por outro lado, falar de uma pluralidade epistêmica, porque consideramos que é vital valorizar e ampliar o conceito de ciência, incluindo também, naturalmente, os conhecimentos populares, indígenas, juvenis, para além dos cânones eurocêntricos. E, por último, as infraestruturas soberanas, ou seja, impulsionamos redes, por exemplo, como a rede de bibliotecas virtuais da Claxo ou a referência, fortalecendo nossa autonomia e region e na gestão do conhecimento. A Claxo vem implementando essa política de forma disruptiva nos últimos 27 anos, editando todos os seus livros e revistas em acesso aberto em busca dessa democratização do conhecimento e da promoção do diálogo. Então, agora vamos ao segundo ponto que mencionei no início, que tem a ver com a democratização, as redes editoriais e o multilinguismo. Este segundo ponto nos obriga a nos perguntar: qual é o papel da edição universitária na sociedade do conhecimento? A edição universitária é um espaço fundamental para a livre circulação de ideias e reflexões, para a difusão do

conhecimento e das expressões culturais, fortalece o tecido democrático, disso estamos convencidos. E estamos passando de um acesso restrito, limitado pelo custo das publicações, é claro, para um acesso aberto que multiplica a visibilidade e o uso. O impacto do acesso aberto é significativo no compromisso cidadão. Há pesquisas que demonstram que, nos portais regionais de revistas científicas, por exemplo, 50% dos usuários são estudantes e 25% são do público em geral, que não é acadêmico, que busca se informar em seu papel de cidadão. E isso é muito importante. Como curiosidade, na Claxo, por exemplo, vimos como um texto sobre retenções agrícolas se tornou um dos mais consultados devido a um debate político na Argentina que ocorreu há alguns anos, demonstrando como o acesso aberto contribui para uma cidadania informada. Este modelo de acesso aberto que defendemos não é o que impõem, é claro, as grandes corporações internacionais que cobram pela publicação, ou seja, o custo de publicação de artigos ou o custo de publicação de livros, uma nova barreira de acesso que vários organismos, entre eles a UNESCO e a União Europeia, apontaram como insustentável. Nossa região, a América Latina e o Caribe, é líder internacional no modelo de acesso aberto gerenciado pela comunidade, a partir de universidades, a partir de bibliotecas, que não cobram nem para ler nem para publicar. E nós, a esse acesso aberto, que em alguns lugares da Europa, por exemplo, é chamado de diamante, preferimos chamá-lo de acesso aberto não comercial. Para sustentar esse modelo coletivo, há algo que é vital: a cooperação. Assim, em novembro de 2023, mais de 500 editoras ibero-americanas assinaram um acordo denominado Acordo de Guadalajara, comprometendo-se a coordenar o uso de tecnologias e a inovação ética com inteligência artificial e, fundamentalmente, a fortalecer o espanhol e o português como línguas neste momento no Brasil, porque também para a Claxo o português é língua oficial. E foi um acordo promovido pela Claxo, pela UNE, a União das Editoras Universitárias da Espanha, e pela EULAC, que é a Associação de

[illegible]

extrema direita, sustentamos que neste modelo é preciso ter estratégias como a prestação de serviços de valor agregado. Sabemos que, por exemplo, às vezes as universidades podem colocar livros em acesso aberto, mas colocar à venda a versão impressa sob demanda, o que pode ajudar na sustentabilidade. Fazer coedições, fazer alianças estratégicas. Para nós, por exemplo, na Claxo, fazemos alianças com muitos centros porque assim os custos são compartilhados. Portanto, é muito importante estabelecer alianças. E, é claro, o fortalecimento da infraestrutura tecnológica através da adoção de software livre e gratuito, como o OJS para revistas ou o Dispace para repositórios, que nós na Claxo trabalhamos, digamos, com essas infraestruturas. E essas políticas são cruciais porque... são importantes agora e também para o futuro, não é verdade?, para reduzir as desigualdades nas instituições, para fortalecer a soberania científica em nossa região e a autonomia editorial. E também para melhorar a visibilidade de nossa produção e promover uma avaliação mais justa que priorize o impacto social. E já para fazer um , uma reflexão final, gostaria de dizer que, embora as tecnologias emergentes, como a inteligência artificial e as plataformas digitais, estejam transformando, sem dúvida, o panorama editorial, essas ferramentas também exigem uma abordagem crítica e especializada para garantir a integridade. A necessidade de uma edição rigorosa e profissional no âmbito acadêmico continuará sendo importante à medida que o panorama evolui. Nosso desafio, então, é garantir que o futuro das produções acadêmicas esteja alinhado com os valores de equidade, participação e sustentabilidade, mantendo o conhecimento como um bem comum gerenciado por nossa comunidade para uma sociedade mais justa e igualitária. Muito obrigada.

GILSON PORTO JR: Obrigado, Fernanda, por suas palavras. Os pontos que você levantou são extremamente importantes para refletir sobre a questão da regionalização da ciência na América

Latina. Mas vamos um pouco além e pensar também no caso brasileiro. No Brasil, temos um panorama bastante complexo. Hoje, a área de comunicação no Brasil sofre o que também ocorre na América Latina. Temos imensas dificuldades, não apenas estruturais, mas também na própria compreensão do que devem ser os periódicos científicos no Brasil. Essas dificuldades muitas vezes transitam na compreensão do que é considerado ciência em comunicação e do que deve ou não ser publicado. Então, nesse sentido, no Brasil hoje temos... Por um lado, a academia se move para criar revistas com maior qualidade, e isso significa maior potencial de impacto também, de citações, e por outro lado, o movimento de pulverização de uma ciência mais fast food, vendável, e que pode ser comprada com uma rapidez incrível através dos periódicos predatórios. Então, essa é uma realidade que enfrentamos no Brasil ultimamente, com muita constância. E a área da comunicação não escapa, de fato, dessa situação. O que nas décadas passadas chamávamos de política de produtivismo obrigou muitos pesquisadores, muitos estudantes e muitas universidades a cobrar cada vez mais de seus pesquisadores pela publicação. E aí surge essa velha dificuldade, publicar ou perecer, quantidade versus impacto e qualidade. Então, são questões que estão presentes no espaço brasileiro com muita constância e não escapam à nossa discussão porque também repercutem em toda a América Latina. Para falar um pouco sobre essas questões, convidamos o professor Nelson Russo, professor da Universidade Estadual Paulista, Julio Dominguez Quitafilho, e também editor, editor de uma das revistas da área de comunicação, a revista Observatório, uma revista que existe há quinze anos e que no Brasil se encontra no que chamamos de estrato superior, com a avaliação Qualis A-II. Então, professor Nelson, seja bem-vindo, a palavra é sua.

NELSON RUSSO DE MORAES: Muito bem, boa tarde a todos. Saúdo os colegas desta mesa, o professor Ramón, a professora María

Fernanda, o professor Rafael e o professor Gilson. E eu vou dar continuidade ao que foi dito pelo professor Ramón e pela professora Maria Fernanda, sobre a perspectiva dos impactos, da necessidade dos jornais, das revistas científicas, que todos nós que estamos envolvidos na academia sabemos disso, mas também, especialmente a partir do que foi dito pela professora Maria Fernanda, sobre o papel social das revistas, dos jornais científicos. Para quê e por quê? E quando falamos de nossa ação acadêmica, permitam-me dialogar um pouco nesse sentido, antes de tratar da questão administrativa, dos desafios das revistas científicas. Se nós, nas universidades, nas faculdades públicas ou privadas, temos que fazer ensino, pesquisa e extensão. E temos que nos dividir para fazer gestão, cada um de seus pilares se concretiza em um determinado elemento quando fazemos gestão, e não é porque queremos, porque a universidade e as faculdades precisam que os professores façam isso, concluímos nosso período de gestão com a transparência dos dados, com os relatórios finais, com o processo de contabilidade e o processo de legitimação dos dados. Fecha-se. Com os trabalhos de extensão universitária, fazemos o trabalho de campo, dialogamos com as comunidades sobre o fazer acadêmico, e esse processo se fecha com um relatório, e um relatório que tem que ter a voz... da comunidade, da sociedade, onde houve a ação. Quando fazemos o ensaio, o processo de sala de aula, seja na graduação ou na pós-graduação, encerra-se nas discussões de formação de nossos graduados, que por sua vez iluminam os próximos projetos políticos e pedagógicos dos cursos. Então, a pesquisa precisa, para encerrar seu ciclo, publicar seus fatos. Nós, como pesquisadores, somos cobrados pela sociedade e administrativamente por nossas instituições. O professor Gilson, o professor Fabiano, outros professores da Universidade Pública Brasileira, sabem que somos cobrados em relação a esse produtivismo, essa publicação dos resultados, especialmente dos resultados das pesquisas científicas. Então, de fato, os periódicos estão a serviço da publicação dos resultados

finais da pesquisa, especialmente, embora seja possível publicar, e seja muito importante publicar, relatos de ensino e extensão também. Mas a pesquisa se encerra aí, com a comunicação final do que foi acertado e tratado no exercício da pesquisa. Então ficamos reféns dessa dúvida. Eu, como pesquisador, antes de falar da situação do editor, vou publicar onde sou obrigado a publicar, destaco e coloco tinta, sou obrigado a publicar pelo elemento ético da minha pesquisa e pelo elemento administrativo da minha instituição, vou publicar onde publicar em uma revista de alto impacto, e aí vem outra reflexão filosófica que nos move, o que é impacto? O que é impacto para as revistas, para os jornais? Os impactos são aqueles que são publicados por instituições europeias e norte-americanas? De que impacto estamos falando então? É necessário um processo descolonial em que nós mesmos possamos valorizar nossas revistas? Então, onde vou publicar? Se eu quero impacto, tenho que publicar em uma revista com sede na Europa, América do Norte, etc. Geralmente do polo norte. E nós, no sul, somos reféns desse processo. E geralmente são publicações caras. Quem publica, então? A professora Maria Fernanda até abordou esse assunto. E meu aluno de mestrado, de doutorado, que faz pesquisa e que é da periferia e vem de uma realidade social diferente, às vezes indígena ou quilombola, que fez de tudo para conseguir fazer o curso e agora, para publicar, tem que se desdobrar para pagar uma taxa cara. Então, não é para o indígena publicar. Então, não é para o pesquisador da periferia publicar. Então, estamos cada vez mais elogiando um processo de elitização do conhecimento, que se torna endógeno. Então, do nosso ponto de vista, permitam-me dizer que o ponto de vista da universidade pública é um lugar de muitos confrontos, estamos impulsionando processos que excluem quando insistimos em publicar revistas caras, por outro lado. E quando tocamos nessa área de revistas caras, revistas com um alto valor financeiro para serem publicadas, também reconhecemos a necessidade administrativa de nossas revistas. É difícil administrar

uma revista, é difícil ser editor de uma revista. Estou aqui, neste momento, ouvindo colegas de outros países. No Brasil é muito difícil. É desanimador porque, bem, primeiro, o professor que está na editora de revistas não recebe nada por isso, então já está em um cálculo, se está no regime de dedicação exclusiva, já está no bolso, por assim dizer, de sua remuneração, mas precisamos de alguém ou pessoas ou uma equipe que se encarregue da provisão editorial do processo. Então, como vamos remunerar essa pessoa? E não é qualquer pessoa, não é um estudante do ensino médio. Mal e mal poderá ser, em raras exceções, um estudante de graduação, de nível superior. Dadas as especificidades éticas editoriais que estão sendo tratadas dentro da revista. Estamos falando da necessidade de equipes para a gestão editorial interna, porque o e , o professor, não faz isso sozinho, ele coloca seu nome, faz a gestão, mas precisa de equipes. Estamos falando que quem tem que fazer isso são professores muito bons ou doutores. Mas como remunerar? Vamos cobrar as taxas de envio dos artigos. É um caminho viável, é um caminho necessário, mas quando nós, no sul global, cobramos, então somos chamados, em alguns casos, de professores, de revista predatória. É muito grave, porque quando pagamos por revistas de base, com sede na Europa ou nos Estados Unidos, é natural. Quando estamos tentando alavancar processos, então somos predatórios. Observe que não estou defendendo, estou dizendo que temos um ponto a ser tratado. O elemento financeiro para sustentar esse processo. E outro elemento que coloco aqui, e já estou chegando ao fim, sei que já estou falando demais, outro elemento aqui é a valorização institucional. Nós, nas públicas paulistas, pelo menos, não somos valorizados nem na pontuação anual para nossos relatos chamados trienais dentro da universidade pública. Não estou falando de remuneração a mais, não estou pedindo remuneração a mais. Precisamos, como editores, ser minimamente valorizados. Então, é tudo muito complexo. Porque vejam, quem são os gestores das universidades, especialmente públicas, e no caso específico do

meu local de fala, públicas paulistas? São nossos colegas professores. Então, minha pergunta é a seguinte. Quando os programas de pós-graduação que coordenamos valorizarão nossas revistas? Quando nossas universidades valorizarão nossas revistas? E então, quando valorizarem nossas revistas, estarão ou estarão pensando em um futuro muito positivo. Estarão pressionando a política pública e a discussão das áreas, lá em cima, em Brasília, no caso brasileiro, desculpem. A nana nana nana nana nana nana nana nana nana nana nana nana e a valorização institucional. E para concluir, deixo essa dúvida. Qual é o impacto de uma revista? É a que está no norte global, e é a que tem maior número de citações, mas também é a que exclui, porque os estudantes menos abastados, e até mesmo os professores menos abastados, não podem publicar. Essas são as de maior impacto. Porque vejam, professores Gilson, professores... meu programa de pós-graduação no qual participo me questiona toda vez que tento ajudar um colega, um colega que é editor de uma revista que está começando e que tem uma avaliação no Brasil inferior, em um estrato inferior, vamos colocar aí, é quatro ou algo como três inferior, sou questionado pelos meus coordenadores de programa e tenho que me justificar. E qual é a minha justificativa? Meus queridos, sou professor titular de uma universidade pública. Se eu não posso dar uma mãozinha a um colega que está iniciando um trabalho de uma nova revista, de um novo periódico, quem vai fazer isso? Ou tentamos inverter isso para valorizar nossas revistas, ou continuaremos reféns de um processo das revistas do norte global. Obrigado, senhor Gilson.

GILSON PORTO JR: Obrigado, Nelson, pelas questões iniciais, e é bom contextualizar para os colegas latino-americanos. A partir dos anos 90, tivemos no Brasil todo um movimento que tentou criar outra forma de trabalho e de publicações que não dependessem das revistas que estão no Scopus ou no Web of Science como canais privilegiados. E para isso, a partir de uma série de protocolos criados

na América Latina, o Cielo se transformou em nosso principal canal de divulgação em toda a América Latina. A maioria dos países da América Latina tem suas plataformas Cielo como um canal privilegiado de valorização da produção do sul global. E nós, no Brasil, sentimos a pressão, efetivamente, para não privilegiar o sul global e nos concentrarmos apenas nas revistas que estão no norte, ou que estão no Scopus ou no WOS, como efetivamente as revistas de alto impacto. Então, o que o professor Nelson levanta aqui é a angústia que sofrem as áreas e também a área da comunicação, pois muitas vezes nós, pesquisadores, temos que nos concentrar em revistas de alto impacto que não significam necessariamente citações e reconhecimento do trabalho, mas que por si só já têm impacto porque as revistas se consolidaram em outros continentes. Então, essa é uma questão inicial que também é importante debatermos. Iniciativas latino-americanas como Cielo, Redalib e outras bases que podem fortalecer a produção deste sul global precisam ser valorizadas. Vamos agora passar a palavra ao professor Rafael, presidente da FelaFax, para que ele também participe da conversa. Bem-vindo ao Brasil, Rafael, e a esta discussão.

RAFAEL GONZALÉZ PARDO: Muito obrigado. Bem, vou começar com uma história sobre um amigo com quem fizemos o doutorado. Um artigo nosso foi aceito em uma revista, a revista Q-Uno. Ficamos muito felizes porque, afinal, é assim que somos avaliados, não é? Estamos nesse círculo vicioso em que as instituições em que trabalhamos nos avaliam se publicamos lá. Mas a instituição é avaliada pelo Ministério da Educação para que também demonstre que é de qualidade, pois seus professores publicam lá. Então, estamos nesse círculo vicioso, políticas educativas, políticas institucionais, e nós no meio desses dois escravos, porque você publica ou perece. E no meio dessa discussão sobre o que chamamos de tirania do ranking, não é? Então nos publicaram e eu disse: Carlos, tenho uma preocupação, quem vai ler isso? Quem vai ler o que

estamos publicando? E então surge uma primeira reflexão e é muito importante a geração de conhecimento, mas e a difusão do conhecimento? Quem está lendo nossas revistas e nossos artigos? E vem algo ainda mais importante. O que é que escrevemos lá, muito importante, revista Q-Uno, está a gerar impacto na sociedade? Então, eu gostaria de deixar uma primeira reflexão sobre a geração de conhecimento, a difusão do conhecimento e o impacto do conhecimento. Agora, se analisarmos as últimas classificações da Web of Science e da Scopus, há apenas duas revistas de comunicação que estão na Web of Science. E são revistas espanhol . Comunicar e o profissional da informação. E ambas foram vendidas recentemente para uma empresa para que acabassem se tornando o mesmo tipo de negócio que são as bases de dados. Porque a Web of Science e a Scopus são dois negócios. Comentei isso com muito carinho com Ignacio Aguadet e ele me disse: sim, não devemos tentar ser românticos com o que está por trás das bases de dados. É um negócio. Agora, apenas duas estão na Web of Science, na Scopus. E a gente começa a fazer uma análise em termos do que aconteceu. A revista de comunicação de Piura, não sei se vocês conhecem, vem fazendo um exercício muito criterioso, Rosa Z, vem fazendo um exercício sua editora, e hoje é como uma na Scopus. E começamos a olhar também para coisas como o que a Comunicación y Sociedad do México faz com a diversificação, a forma como estão gerando conhecimento. Eles já fazem podcasts, minicápsulas, publicações nas redes sociais a partir dos artigos. Então vem outro elemento que me parece importante aqui. Como estamos captando novos públicos diferentes dos acadêmicos, dos nossos professores, dos jovens, como Fernanda disse agora há pouco? E aí temos que explorar outras alternativas de contar. TikTok, por exemplo. Como contamos os resultados de um artigo científico no TikTok? É um desafio que temos aqui. E vem outro tema, que é, efetivamente, que somos medidos por métricas. Mas também existem métricas alternativas agora. A Almetrics permite ver, por

exemplo, quanto o conhecimento é difundido nas redes sociais. Ou quanto é difundido em páginas da web ou em blogs, por exemplo. Outro elemento, lembro-me de uma vez conversando com... com Raúl Fuentes Navarro, ele me contou uma história. Ele enviou um artigo para uma revista europeia sobre um estudo mexicano. E o editor respondeu: por que deveríamos nos interessar por algo do México? E então surge a pergunta: por que nos interessamos pelo que é publicado ou pelos temas da Europa ou anglo-saxões? Por quê? Certo? Na minha tese de doutorado, encontrei algo muito interessante, discussões como a dependência acadêmica em termos das fontes e dos autores que citamos. Temos uma dependência de autores anglo-saxões e eurocêntricos. Não citamos nossos próprios autores, o que é muito triste. Nas revistas latino-americanas, citam-se principalmente autores que não são latino-americanos. E isso também precisa ser dito. E se a gente revisar até mesmo os currículos de comunicação, os planos de estudo das disciplinas, eles também citam mais autores de fora do que do próprio país. Então, acho que temos que fazer um exercício em termos do que estamos prestando atenção. Quando Sergio Roncayo estava vivo, Universidade de La Sabana, palavra-chave, eu sei disso porque entrevistei até mesmo Tanius para minha tese, entrevistei alguns teóricos e alguns editores. Sergio Roncayo era o editor da Palabra Clave e me dizia que nossa aposta para que essa revista fosse classificada era que fossem estudos de fora, com um enfoque global. Os estudos locais perdem interesse. Mas é aí que entram alguns elementos que me parecem importantes e que devemos levar em conta. O conceito de discussão antiga sobre localidade, acho que aí também há um desafio importante. Mas bom, para tentarmos encerrar e podermos continuar com a discussão, é claro que aqui temos que começar a ver quem são os editores das revistas latino-americanas e quem são as editoras das revistas latino-americanas. Noventa e cinco por cento dessas revistas são editadas por instituições de ensino superior, universidades. Muito bem, acho que isso é uma vantagem em termos

de acesso aberto, em termos de democratização do conhecimento. Mas também há alguns problemas, e é que os editores são professores que não se dedicam apenas a isso, eles também têm que fazer pesquisa, têm que dar aulas, têm que fazer extensão. A que horas eles são editores? E dois, nem todo professor, mesmo que tenha título de doutorado, é um bom editor. Rafael Repiso, meu amigo e especialista nesses assuntos, dizia que gostaria de fazer um estudo para medir o índice H do editor em relação ao índice H da revista. E encontraríamos um s surpresas. E a outra questão é que temos que ter claro que não podemos ser um restaurante três estrelas Michelin com a infraestrutura de um restaurante comunitário. Temos algumas limitações em termos de infraestrutura, com revisores, vimos isso com Moncho. É muito difícil conseguir revisores, é muito difícil conseguir que as pessoas escrevam, porque é como se fossem a um restaurante e dissessem: se esta revista não está indexada, não me interessa, porque já não me serve, não me dá pontos na minha universidade. Então, acho que aí há outro problema. Outro elemento, a qualidade, independentemente da revista e da base de dados, tem que ser o que prima. E encontramos estudos em revistas muito, muito deficientes em termos metodológicos e teóricos. Lembremos a velha anedota desse autor que escreveu um artigo com artigos falsos, publicou-o e depois publicou outro artigo criticando as revistas. A dimensão ética aqui também desempenha outro papel fundamental. Com isso, quero encerrar simplesmente com algumas coisas que nós, como revistas latino-americanas e ibero-americanas, devemos ter em conta. Não podemos falhar em termos de pontualidade e rigor. Os prazos nas publicações são fundamentais. Ignacio Guaed me contou que a taxa de rejeição da Comunicar, quando ele era editor, era de 98%. Mas grande parte da rejeição, e isso acontecia com autores latino-americanos, era porque eles não liam os critérios de publicação e o número mínimo de palavras. E diziam: é que meu documento é muito importante e precisa de mais palavras. Ou este gráfico é muito

importante e não posso ignorá-lo. Acho que há alguns elementos de rigor editorial que uma revista deve ter. Existem alguns parâmetros. Se nosso produto é bom, ele pode ser lido em qualquer parte do mundo. E hoje temos até a vantagem de que as revistas nessas plataformas podem ser traduzidas simultaneamente e essa barreira linguística para acessar o conhecimento já está sendo quebrada. Acho que é preciso romper com a endogamia. Também me parece fundamental. E reiterar algo é que a ciência não tem fronteiras. Isso é e outro ponto que me parece importante. E temos que superar os complexos que temos com a Europa e com os Estados Unidos. Temos que superar isso. Nós fazemos uma série. Vejam o que Pascuali teve que fazer na época para que o lessem. Vejam o que Luis Ramiro Beltrán teve que fazer. os processos e aqui vem um tema, que é que nem todo mundo escreve artigos para papers e tudo bem, há pessoas que são muito boas em ensaios que não caem, obviamente, no que Guillermo Rosco dizia sobre esse ensaio substituto ou ensaio light em que, infelizmente, caímos e que a IA tem contribuído, mas temos que fazer um processo de formação e capacitação de editores, autores e revisores. E aqui tem que haver uma forma de estímulo, tanto para revisores quanto para autores. Olha, eu gostava do que a escola para revisores fazia. Ela capacitava pessoas para serem revisores. Nem todo mundo sabe revisar artigos. E tudo bem, mas é preciso reconhecer isso. Eu dizia a um primo meu que é escritor de romances: olha, eu sou incapaz de escrever um romance. Porque é uma linguagem que eu não domino, mas se você me pedir para escrever um artigo ou uma resenha de livros sobre o seu romance, talvez eu consiga, mas o romance não é minha competência. Então, temos que ser muito autênticos e muito transparentes conosco mesmos como acadêmicos para saber até onde podemos chegar neste mundo editorial. E há uma coisa que me parece importante para finalizar: acho muito interessante o que fizeram em Guadalajara, e depois perguntaria à Fernanda até que ponto isso tem sido colocado em prática, porque muitas vezes esses

apelos são muito filosóficos e, na hora de trabalhar em rede, não são cumpridos. Então, acho que há outro ponto que gostaria de destacar. Por enquanto, vou deixar por aqui, Gilson, e bem, acho que com isso continuamos com o debate. Obrigado.

GILSON PORTO JR: Obrigado, Rafael. Vou aproveitar e deixar que Rafael levante várias questões que são problemáticas na América Latina e em toda a América do Sul. Na verdade, qualquer jornal que está começando são questões que tiram o sono de qualquer editor. Como vou fazer para que a revista seja visualizada, indexada? Então, o primeiro espaço, ou o espaço mais privilegiado, seria procurar indexadores confiáveis, abertos. Só que até o editor aprender isso leva tempo. Leva bastante tempo, a experiência, é preciso compartilhá-la com outros editores. E falta esse espaço, Rafael, de diálogo entre editores mais experientes e editores que estão começando. Mas algo que às vezes é culpa nossa, dos pesquisadores, é que quando vamos fazer nossos estudos, sempre fazemos estudos bibliométricos usando Scopus e Web of Science. Até hoje, não encontrei um artigo que, por exemplo, faça um estudo bibliométrico sobre o Doage. Acho que todos aqui já devem ter ouvido falar do diretório de periódicos de acesso aberto Doage. Atualmente, ele tem artigos de 140 países. Tem quase 14 mil revistas de acesso aberto e gratuito. E tem três premissas centrais. Primeiro, a questão do acesso aberto. Segundo, a questão do global. E terceiro, a confiabilidade das pesquisas. Portanto, esses são os três critérios centrais para doar e aceitar uma revista. E é preciso passar por um longo escrutínio para saber se eles realmente cumprem esses critérios. E nós, pesquisadores, na hora de validar, vamos às bases que são pagas, que são, como você disse e lembrou, um grande negócio, um negócio multimilionário, no qual a indústria editorial se move por todo esse capital que continua circulando. Não é por isso que vários países europeus já criaram estruturas para barrar o pagamento a essas bases, justamente para tentar repensar o modelo. Qual é o

modelo de ciência que estamos fazendo? O que Nelson levantou. No Brasil, nosso modelo mais forte é o da universidade pública e gratuita. Uma universidade que recebe recursos do governo e que, obrigatoriamente e eticamente, deveria publicar seus artigos em periódicos gratuitos para que o acesso fosse público. E então nos empurramos por métricas de pontuação de impacto para publicações que são pagas e restritas, e que a população e que financia nossas pesquisas não terá acesso à leitura. Então, esse é o primeiro problema que se tem experimentado no Brasil, e imagino que grande parte dos países da América Latina também esteja experimentando essa realidade que é desconcertante. Mas aproveitando que todos puderam fazer sua pequena introdução, vamos falar um pouco sobre a própria questão dos projetos editoriais. Esse talvez seja um dos pontos mais frágeis na maioria dos projetos, na maioria das revistas. Quais são os projetos que as revistas tensionam para sua existência? Muitas vezes isso não está claro. E a própria manutenção da revista acaba se perdendo. Digo isso também como editor. A revista Observatório já está no décimo primeiro ano editorial. Ultrapassamos a marca de mil e quatrocentos artigos publicados ao longo desses dez anos. Costumamos dizer que esse é o nosso maior impacto. É o reconhecimento dos colegas da área. Uma revista que começou no norte do Brasil, na cidade de Palmas, uma cidade jovem, pequena, muitas vezes sem expressão acadêmica suficiente, porque estamos no quintal da ciência brasileira. Além disso, estamos nas extremidades, nas fronteiras. E muitas vezes não somos reconhecidos pela qualidade do que fazemos aqui no norte, no norte do Brasil. Então, de repente, surge uma revista jovem e que em poucos anos se torna uma referência também de publicação dos colegas da área. Mais do que revistas mais antigas. Por quê? Porque havia um projeto por trás. Então, talvez, esse seja um problema que precisamos repensar. Nossas revistas na grande região latino-americana, qual é o projeto que temos que pode ser individual, mas também pode ser coletivo, da

região? Gostaria de ouvir um pouco, Fernanda e Moncho, sobre o que falei há pouco e sobre outras questões que considerem necessárias também. Fiquem à vontade para se expressar. E aí, Moncho, o que você acha disso? Fernanda, por favor.

MARÍA FERNANDA PAMPIN: Olá, bom, muito obrigada. Muito interessante. Realmente acredito que cada um, a partir de nossa perspectiva, pudemos colocar em comum questões que são centrais, não é verdade? E eu pensava no que Nelson dizia sobre a perspectiva dos impactos também. Depois, falou-se sobre os momentos da difusão do conhecimento, da geração, da difusão, dos impactos e, então, bem, havia toda aquela questão que estava rolando sobre onde temos que publicar e, bem, pensemos em revalorizar nossos espaços de publicação da América Latina e do Caribe, em pensar no conhecimento situado para poder chegar também ao público natural, por isso a importância de que falávamos de publicar em espanhol e em português, para poder revalorizá-los como línguas de produção de conhecimento, além da difusão do conhecimento, porque já sabemos, digamos, a importância no norte global do inglês, que é preciso publicar em inglês. Bem, faz parte de nós que possamos... Difundir em espanhol e português e no tema da avaliação. Bem, hoje existem escolas, por exemplo, a partir da Claxo temos uma escola de avaliadores que também falou sobre como se avalia no ano passado, na primeira instância que fizemos a partir do fórum de avaliação. Da América Latina, que temos desde Claxo, na primeira edição, houve 680 inscritos na escola de avaliadores, porque é um ponto muito importante e falamos, bem, falamos de Scopus, falamos de Web of Science, mas o que temos que tratar, me parece, de impor a partir de nossos espaços é a importância das plataformas de indexação na América Latina. Então, é preciso mudar os modos de avaliação, é preciso mudar as políticas científicas em nossas instituições para que se possa valorizar que é mais importante que a revista que publicamos esteja na Red Alic do que

na Web of Science. E esse é um trabalho que precisa ser feito, digamos... diretamente com os tomadores de decisão das políticas públicas. Na Claxo, estamos trabalhando fortemente nisso, porque é um tema que realmente nos preocupa. E bem, depois há aquela pergunta que fazíamos, bem, o que fazemos com o conhecimento que é produzido? Então, também a partir de nossas instituições, a partir de nossas instituições. Ver como conseguir um maior compromisso para levar a ciência aberta a um público mais amplo, que não fique apenas, digamos, aquilo que publicamos, que continuemos lendo entre acadêmicos, que isso já sabemos fazer, mas que o desafio é ir além disso e poder chegar, por exemplo, aos movimentos sociais, às organizações da sociedade civil, poder chegar, como eu dizia antes, aos jovens, Quais são as formas que temos de nos comunicar? Talvez nem tudo seja um artigo a partir de agora, talvez tenhamos que fazer o que vocês diziam, bem, vocês falavam do TikTok, talvez tenhamos que ir para um podcast, para imagens, para ver, bem, temos que começar a nos comunicar de outra maneira para poder chegar à sociedade, para poder transformar a sociedade, acho que não podemos ficar com o formato de artigo, não é verdade? Então temos que ir para esses espaços, para métricas alternativas e ver, digamos, o impacto real na sociedade. Parece-me que vai mais na direção de onde eu gostaria, digamos, de colocar o debate. Não sei o que você acha, Ramón.

RAMÓN BURGOS: Sim, concordo totalmente com o que Fernanda disse, porque eu estava pensando que Rafael levantou como navegamos nessas tiranias em diferentes dimensões que apareciam, a partir dos paradigmas que você levantou, que Claxo assume de democratizar o conhecimento como bem comum, a partir de uma perspectiva do sul global, e isso se articulava com o que Nelson levantava várias questões, mas digo, com as formas alternativas de contar, então me parece que o que você defende de revalorizar nossos espaços de publicação e lutar e produzir essas tensões nos

modos de avaliação, me parece que é central, porque digo, aí apareceram várias dimensões que se poderia pensar todas muito interessantes, mas me parece que uma é central. Primeiro, de onde contamos, de onde narramos nossas próprias reflexões sobre esse conhecimento situado que você aponta, me parece um aspecto central. E essa sinalização, essa produção, essa construção de enunciação a partir do nosso lugar, e a verdade é que entra em tensão com todos os sistemas, com os próprios sistemas das nossas próprias instituições, não é? Então, Nelson fazia toda uma sinalização do que se pede aos professores, não é? Quando fazemos ensino, pesquisa, extensão, e essas indicações, essas exigências, muitas vezes são contraditórias, não é? Digamos, porque, o que é que nos é pedido, em definitiva, quando... nos é pedido que produzamos e em que formatos e em que linguagens e para que públicos e de que maneiras, não é? E me parece que é preciso colocar isso em discussão, não é? Acho que é preciso valorizar esse espaço de enunciação próprio da construção de narrativas e que essas narrativas não estão, digamos, em consonância com os formatos dominantes, bem, digamos, dar essa luta institucional, dar essa revalorização de espaços que nos permitam construir outras narrativas. Para mim, há sempre uma ideia que fica ressoando, há um filósofo argentino, Eduardo Reinesi, que quando problematiza a extensão universitária, problematiza uma noção muito difundida ao longo dos tempos que era: Nós vamos nos fins de semana ao bairro para contar de forma fácil o que escrevemos de forma difícil durante a semana. Bem, isso é o que precisa ser colocado em discussão. Escrever de forma complexa não é necessariamente sinônimo de rigor. Escrever de forma complexa é um formato, um estilo, uma narrativa, uma forma de contar. E contar de forma simples também não é necessariamente sinônimo de algo que não tenha rigor ou conteúdo por trás. Acho que nesses extremos ou nessas ideias é preciso propor uma discussão, porque outras formas alternativas de contar... não têm a ver apenas com os formatos que, obviamente, é

necessário explorar, porque além disso, nós que somos professores vemos isso diariamente em nossas aulas, essa interpelação aos jovens que Fernanda levanta também tem um e a ver com uma época e com uma perda de leitura e de concentração que não é exclusiva dos jovens, obviamente todos nós temos. Então, digo, é preciso explorar outros formatos, mas também é preciso explorar outras narrativas, outras vozes, não é? E colocar em discussão quem fala e para quem fala, não é? E há algo que Fernanda também levantou no início que me parece fundamental, que é a questão da cooperação. Digamos que é muito complexo, ficou uma pergunta que também me interessava, que o Rafael fez a você, Fernanda, sobre o que aconteceu na prática ou como estão se desenvolvendo esses acordos de Guadalajara. Porque também, digamos, nós vamos, digamos, essa cooperação é imprescindível, mas também sabemos das complexidades no momento de colocá-las em prática. Então, eu também gostaria de ouvir isso, porque é interessante que a gente possa tomar como referência alguns processos ou experiências que estão sendo desenvolvidos, que podem nos ajudar a pensar, digamos, no grande desafio de sustentar esses empreendimentos editoriais. Não sei se vocês querem que eu comente agora os avanços do acordo de Guadalajara, ou se você acha que alguém mais deve continuar. O que você acha?

MARÍA FERNANDA PAMPIN: Bem, na verdade, o acordo foi assinado no final de novembro do ano passado, no âmbito da Feira Internacional do Livro de Guadalajara, onde a Universidade de Guadalajara vem realizando há vinte anos, este será o vigésimo primeiro congresso de edição, que são realmente congressos muito interessantes. Lá, bem, nos reunimos, assinamos este acordo, que vocês podem ler, está nas redes sociais, digamos, da Claxo, por exemplo, vocês vão encontrá-lo ou também nas redes sociais das demais associações. O que fizemos foi reunir todas as associações de editoras universitárias pela primeira vez presencialmente no

México, da América Latina e do Caribe, mas também da Espanha e de Portugal para fortalecer esse multilinguismo de que falávamos, o espanhol e o português, para fortalecer a avaliação e a e e responsável, para fortalecer a difusão e a democratização do conhecimento. E ao longo do ano propusemos uma série de atividades. Nos reunimos novamente, por exemplo, em agosto, na UNAM. Também nos reunimos na conferência de Claxo em junho e nos reuniremos novamente em Guadalajara agora em dezembro. E será assinada, ou seja, será consolidada pela primeira vez a rede ibero-americana de editoras universitárias. Este já é um passo muito importante, mas também estamos realizando ações concretas. Por exemplo, para a semana de acesso aberto que começa agora, de 20 a 26 de outubro, teremos uma série de ações que faremos todos juntos, onde haverá, por um lado, vários painéis sobre todos esses temas que estamos discutindo em uma aliança que temos, é claro, com a FOLEC, com a UNE, com a EULAC, para fortalecer esse ecossistema editorial ibero-americano a partir de uma perspectiva aberta, multilíngue, colaborativa, que inclui diversos componentes, ou seja, ações concretas. Por um lado, temos esses painéis de discussão sobre... a ciência como bem comum sobre redes editoriais e democratização e multilinguismo e também um painel sobre políticas científicas onde convidamos os decisores de políticas públicas a pensar nos quadros normativos para ver quais são os desafios regionais que temos e haverá também outra coisa que é muito importante, que é um workshop de formação de boas práticas em acesso aberto gratuito com tripla certificação que tem a ver com propor ferramentas-chave para a profissionalização editorial, para que tenha visibilidade regional e internacional, apoiar o fortalecimento de redes colaborativas e, a partir daí, vamos propor um documento de boas práticas em acesso aberto que possa ser divulgado em toda a região e, ao mesmo tempo, vamos lançar cápsulas formativas sobre edição acadêmica, padrões técnicos e estratégias de acesso aberto, que faremos entre a UNE e a CLACSO

também na mesma semana. Ou seja, tudo isso não é a mente um acordo formal, mas já conta com ações concretas que vimos realizando ao longo de todo o ano.

GILSON PORTO JR: Obrigado, Fernando, pela apresentação. E pelo lembrete, a Semana de Acesso Aberto é um movimento essencial. Aqui no Brasil também teremos uma série de programações nas quais também haverá momentos de reflexão. Uma das palavras que Fernanda colocou, e eu acho que talvez seja um dos pontos essenciais que precisam ser planejados, é a própria questão da profissionalização das equipes. Temos milhares de revistas na América Latina e milhares de atividades editoriais diferenciadas e não há caminhos que possam dizer, são caminhos únicos, são múltiplos caminhos e camadas diferentes da compreensão do que é ser um editor universitário. Gostaria de ouvir um pouco o professor Nelson sobre isso, sobre essas dificuldades e a profissionalização das revistas e depois vou falar um pouco mais sobre isso.

NELSON RUSSO DE MORAES: Muito bem. É um dos desafios, dos desafios centrais, é quem faz o trabalho editorial, quem compõe essa equipe com o professor docente que é o responsável editorial, digamos assim, mas que, volto a destacar, não faz isso sozinho. Apesar de dedicarmos noites, apesar de às vezes passarmos as semanas de publicação, semanas debruçados sobre o produto final, os editores precisam de equipe. Mas quando não temos esse sistema de financiamento, esse sistema de sustentação do projeto, volto a destacar o dilema: cobrar a taxa de publicação pode gerar um desdobramento negativo na imagem, na legitimidade e até mesmo na pontuação na perspectiva de avaliação da revista? Como vamos manter e como vamos formar essa equipe? Como indicou o professor Gilson. Acabamos trabalhando, e volto a destacar, com alunos que percebemos ter um perfil para esse elemento editorial, porque também não é um qualquer. O próprio professor Rafael

destacou isso. Em mãos de quem vamos entregar o processo editorial para trabalhar conosco? Só que essas equipes, quando dependem de alunos que são nossos orientandos, via de regra, de mestrado, se for muito bom, e de doutorado, se tiver esse sentimento pelo elemento editorial, é um público que gira. É um público que gira. Então, os melhores colaboradores que tínhamos na revista Observatório, acho que já giraram quatro ou cinco que eram nossos colaboradores. Agora que terminaram o doutorado, terminou a ligação, natural. Abrem as portas para sua atividade profissional. E a revista fica. Então, esse elemento da formação é um calcanhar de Aquiles, é um detalhe grave, e que é... Ele ganha destaque quando falamos do elemento geracional. Esses estudantes de doutorado passam. E nessa perspectiva de... ..tentativa... Não uma tentativa descabida, sem planejamento de sustento, de formação de equipe, mas na tentativa estruturada, nós da revista Observatório nos aproximamos de algumas agências de financiamento, especialmente a FAPESP, especialmente a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Que tem dentro de seus programas o programa Mídia Ciência, que é o jornalismo científico, e que trata da popularização ou da difusão científica. Então, fizemos uma primeira experiência com uma série de livros, onde tivemos um estudante no início do doutorado como bolsista da FAPESP, que fez durante um ano todo um estudo das métricas, dos metadados, dos fluxos, do fluxo gerencial e da divulgação final do que estava sendo publicado. E agora estamos, fizemos essa experiência para uma série de livros. E agora estamos nos aproximando para tentar trazer a FAPESP na perspectiva de financiar um processo de pesquisa interna, onde vamos indicar um doutorado para poder trabalhar esse elemento da formação profissional, mas sempre com vistas à divulgação científica, que é o objetivo final, assim temos que acreditar, de revistas e jornais.

GILSON PORTO JR: Neste ponto que o Nelson levanta, acho importante, pelo menos, destacar, já que nosso tempo está acabando, antes de passar para o Rafael, fazer algumas reflexões também, mas é importante entender que a maior parte dos nossos editores da América Latina está em uma primeira camada da editora. Costumo dizer que é como se fosse uma grande cebola, a edição científica. Eles ficam na camada que é a da disponibilidade do artigo. Para muitos de nossos colegas, a função do editor é publicar o artigo e pronto. E, na verdade, não é assim. A lógica tem sido essa, publicar o artigo e pronto. E, na verdade, temos camadas posteriores do trabalho editorial que, se o editor não se profissionalizar para entender, não vão acontecer. Por exemplo, temos a preservação a longo prazo da revista. A maioria das revistas de comunicação nasce e, depois de quatro ou cinco anos, desaparece. A ciência produzida desaparece junto com o editor, que se soma a ela. Então, é necessário se profissionalizar para preservar a camada de acessibilidade. A maioria das nossas revistas da região latino-americana não tem uma política de acessibilidade e manutenção para que os formatos diferenciados atendam a públicos diferenciados. Para aqueles que têm problemas visuais, são cegos, para aqueles que não podem, por diversas distorções, ler e só precisam ouvir. Então, precisamos entender que há uma camada posterior a isso. Depois, temos uma terceira camada de experiência editorial que envolve entender o que são metadados. A maioria de nós fala do metadado apenas como DOI, para identificar e permanecer. Mas o DOI é apenas o começo, temos metadados semânticos, que implicam o enriquecimento de tudo o que está dentro do artigo, que dá visibilidade, resumos, palavras-chave, infográficos, produções de divulgação científica sobre o artigo científico para dar visibilidade, e a maioria de nós, editores, não fazemos isso. Porque dá trabalho. Está em outro nível profissional. E se formos falar sobre a granularidade da informação que é produzida pela revista científica, a maioria dos editores vai perguntar

o que é isso. Porque não há profissionalização na área. Então, na América Latina, ainda temos muito a avançar. Costumo dizer aos meus colegas aqui no Brasil que estamos apenas arranhando a superfície, preocupados apenas em dar visibilidade ao artigo, quando na verdade ele precisa de mais, precisa ter impacto social. E para ter impacto social, Nelson, temos que profissionalizar as equipes. Não podemos depender apenas de estagiários, de boa vontade e nem mesmo, como lembrou Rafael, das madrugadas do professor, que tem que dar aula, tem que fazer extensão, tem que fazer gestão e, de madrugada, quando sobra tempo, vai trabalhar como editor e depois vai ter que cuidar da família e resolver os problemas que isso causou. Então, é necessário profissionalizar o trabalho. Gostaria de ouvir um pouco o Rafael.

RAFAEL GONZALÉZ PARDO: Quando li há um ano, acho que era uma manchete que dizia que os quarenta e cinco milhões que as universidades pagam anualmente às editoras científicas deixam de fora noventa por cento, que deixam de fora noventa por cento dos artigos. Espanha. E eu dizia, cara, estamos discutindo em que as universidades investem, em publicar artigos ou em gerar projetos de pesquisa. E estamos nessa dicotomia, não é? Bem, minha universidade não tem quarenta e cinco milhões de dólares ou euros para investir nisso. E então encontrei outra notícia que dizia: primeiro artigo publicado com a IA como coautora. E então surge outra discussão interessante em relação ao que vamos fazer com a inteligência artificial como produtora de conhecimento em nossas publicações. Acabamos de lançar um livro sobre jornalismo de inteligência artificial, com prefácio de Octavio Islas, e colocamos a introdução do livro para ser feita pela IA. Colocamos todos os artigos, fizemos a introdução do livro, criada pela IA, e os perfis dos autores também foram criados pela mesma IA. Dizendo claramente que este é um texto publicado pela IA. Mas até onde, em toda essa transformação tecnológica, vamos estabelecer certas regras

editoriais em nossas revistas, em nossos livros, em nossas editoras? E acho que essa é uma discussão muito importante, na qual deveríamos estabelecer alguns critérios compartilhados. Bem. Nós vivemos na revista latino-americana de voluntariado acadêmico. Voluntariado de estudantes de doutorado, voluntariado de estudantes de pós-graduação. E acho que isso tem suas vantagens, mas também acontece algo que você mencionou, Gilson, que são projetos que tendem a desaparecer até que surja alguém com energia para dirigir um projeto editorial. Porque nem todo mundo nas universidades tem energia para isso. Isso também precisa ser dito. Acho importante também, quem dera pudéssemos fazer algo para que algumas universidades se unissem para comprar o mesmo software. Porque isso economiza custos, não é? Cara, deveríamos nos unir nessa reunião que fizeram em Guadalajara, espero que possamos, como um bloco, tentar negociar software antiplágio, tentar negociar ferramentas de ideia para projetos editoriais pagos, que pudéssemos pagar entre todos, porque no final todos precisamos das mesmas ferramentas. E, por último, me parece mais importante do que o acesso aberto o que fazemos com a democratização dos dados. Os dados que estão por trás dos artigos, por exemplo. Os princípios FAIL, que falam precisamente disso, deveriam ser reutilizáveis, não? Que os dados têm que ser reutilizáveis, identificáveis. Se vocês revisaram os temas, na América Latina esse tema do DOI é complicado, não é? Nem todos os autores nem todas as revistas estão com essa cultura do DOI, que é um número que nos permite identificar. É isso que nos permite até mesmo entrar na base de dados russa, não é? Para poder baixar os artigos que são pagos, baixá-los gratuitamente. Então, para terminar, Gilson, acho que aqui me parece importante que iniciativas como a de Guadalajara, iniciativas como o que queremos fazer na FelaFax, que é criar uma rede de revistas e ciências, permitam, de certa forma, colocar alguns critérios sobre a mesa, alguns apoios em termos de investimento e recursos acadêmicos sobre a mesa. E, de

certa forma, a discussão no final na América Latina é o financiamento. Porque fazer uma revista custa muito dinheiro. Ou seja, se você colocar em pesos o que significa o seu valor como editor e, às vezes, você tem que fazer a diagramação, você tem que revisar, você tem que enviar e-mails, você tem que fazer tudo. Então você se torna um editor multifuncional, assumindo todas as funções. Esses são os desafios que temos, como conseguimos gerar infraestruturas de financiamento dentro das revistas e, se possível, que existam universidades que reservem orçamentos para isso, contratem pessoal para isso. Então, bem, eu deixaria por aqui. Obrigado.

GILSON PORTO JR: Obrigado, Rafael. Temos uma pergunta, professor Alfredo, da República Dominicana, por favor.

ALFREDO PADRÓN BUONAFFINA: Boa tarde a todos. É mais do que tudo uma reflexão destinada a obter um feedback de vocês, que sinto que são pessoas com um alto nível de formação neste aspecto da publicação de artigos científicos e que tem a ver com uma inquietação que tenho, que é a validade do conteúdo dos artigos. Porque, em relação ao que foi comentado no início sobre o Scopus e o Web of Science, há revistas Q-Uno que precisam de artigos para rejeitar, porque se não tiverem um alto nível de rejeição, não serão consideradas revistas de alto impacto. Então, como Rafael falava de artigos relacionados à IA, se eu enviar um artigo para uma dessas revistas e ele for rejeitado, vai passar um tempo considerável entre a revista me dar uma resposta de rejeição para que eu possa enviá-lo para outras revistas sem ser penalizado, porque vocês sabem que não se pode enviar o mesmo artigo para várias revistas, porque ele pode até ser vetado. Então, quando eu enviar esse artigo para outra revista, a inteligência artificial é algo... que evolui a passos tão gigantescos que o que era válido na semana passada, nesta semana já não é mais. Quando publicarem meu artigo, que tipo de validade

essa informação terá? Será que já será um artigo ultrapassado? Não terá mais validade? O que vocês podem me dizer sobre esse comentário?

RAFAEL GONZÁLEZ PARDO: Gostaria de começar porque gosto muito de contar histórias. Comunicação e Sociedade da Espanha. Enviamos um artigo e eles demoraram um ano para nos responder. E era um estudo bibliométrico. Então, vocês podem imaginar que os dados daquele ano já não eram válidos porque em um ano muitas coisas acontecem na ciência. Acredito, e sempre recomendo isso aos professores, que a primeira coisa a fazer para escolher uma revista é dedicar o tempo necessário para escolhê-la, não apenas pelo tema, mas também pelas práticas editoriais. Porque cada artigo diz quando foi enviado, quando foi revisado e quando será publicado. E é possível calcular quanto tempo a revista leva para publicar. Infelizmente, vimos que há várias revistas latino-americanas em que os prazos não são um dos seus pontos fortes. E aí também entra em jogo um trabalho muito importante do editor da revista. Porque o primeiro filtro é sempre o editor. O editor é quem, desde o início, tem que saber, de certa forma, se cumpre os critérios. Mas sabe o que também aconteceu com a Comunicación y Sociedad da Espanha, QDOS? Chegou um momento em que nos responderam: não temos ninguém para revisar seu artigo, sugira pares. Achei isso até antiético, não? Como vou recomendar pares? Para que eles me revisem, certo? Então, eu disse, não, isso não é possível, e estamos falando da revista Cudos. E a terceira coisa que eu gostaria de dizer em relação aos prazos, Alfredo, é que eu acho que aí também cabe a cada um encontrar um bom revisor. Uma vez, um artigo meu foi rejeitado e a revisão foi tão boa que, quando tive que refazê-lo, ficou muito bom, graças a uma boa revisão. Mas também há colegas a quem simplesmente disseram que foi rejeitado e não lhes deram o motivo. Volta a mesma questão de contar com bons revisores. Então, Alfredo, acho que essa questão dos prazos é um desafio que

temos na América Latina. Aqui na América Latina, nossas revistas muitas vezes não cumprem os prazos em termos de revisão e publicação. No meu caso, imaginem que eu tinha que publicar um artigo para o meu doutorado, para cumprir, que no momento em que a revista fosse publicada, ela tinha que estar em uma indexação específica. Mas uma revista pode cair de uma indexação para outra. Quando me aceitaram, eu estava em Q um. Quando publicaram, eu poderia estar em Q dois. Então, há também uma questão com o tema das indexações complexas.

GILSON PORTO JR: Acho interessante, Alfredo, porque há algumas experiências em outras áreas que estão ocorrendo e que são muito didáticas, entre elas a questão dos pré-prints, repositórios mantidos nas revistas, principalmente nas áreas de exatas e engenharias. Os pré-prints seriam artigos que ainda não foram revisados, mas que são publicados imediatamente, inclusive com indicação de DOI e registro permanente, e que os revisores não são nossos pares tradicionais, mas qualquer pessoa que ler o artigo pode apontar dificuldades, modificações... Aqui no Brasil, o Cielo, a iniciativa do Cielo de criar um pré-print para a área de Ciências Humanas e Sociais, é muito promissora nesse sentido. Porque, em vez de esperar um ano, um ano e meio, por uma resposta da revista, o artigo já está publicado, as pessoas leem, qualquer pessoa lê e já aponta problemas como uma revisão aberta por mais pessoas além de nós da academia. E, posteriormente, nós, os editores, podemos consultar esses artigos e fazer uma avaliação por pares diferenciados e convidar para a publicação. Talvez esse seja um caminho muito bom e seja a saída para abandonar o modelo anterior, Rafael. Por que esperar um ano e meio, dois, para conseguir um avaliador? É difícil. Já passamos por isso, não é? Enviamos para seis avaliadores diferentes e ninguém quis avaliar aquele artigo, porque diziam que não tinham competência para avaliar o artigo. Então, isso é difícil. Portanto, a saída pode ser essa. Mudar a concepção do que é a

avaliação por pares. Não se trata de diminuir a qualidade, mas de entender que, em um mundo de velocidade da informação, não se pode fazer a avaliação por pares como se estivéssemos vivendo no ano em que uma revista levava seis meses, dois anos para chegar ao continente, e lá se podia esperar dois anos para que a ciência avançasse. Agora a ciência não espera. Em poucas horas, um artigo tem impacto e transforma a vida de alguma comunidade. Então, temos que andar mais rápido também. Seria uma boa discussão. Pena que nosso tempo já acabou. Eu gostaria muito de continuar essa discussão com meus colegas, mas queria agradecer, porque já temos uma próxima mesa que vai começar. Então, queria agradecer ao Ramón por sua presença. Obrigado, Ramón, por suas considerações. À Fernanda de Claxo, seja bem-vinda. E queremos tê-la em outras discussões aqui também. À professora Rafael de Felafax e ao professor Nelson da UNESP. Foi um prazer ter vocês aqui. Obrigado, Alfredo, também pela colaboração e por levantar essa questão, que não poderia deixar de fora. Obrigado a vocês que acompanharam nossa transmissão. E fiquem à vontade para entrar em contato com cada um dos colegas que estão aqui e indicar suas questões. Boa tarde e continuamos com nosso evento.

EVOLUÇÃO DA VIOLÊNCIA POLÍTICA DIGITAL CONTRA AS MULHERES NA COSTA RICA (2022- 2023): do diagnóstico à transformação

Cinthya Mara Miranda
Nazira Castilho Alfaro

CINTHYA MARA MIRANDA: Boa tarde a todos e todas, pedimos desculpas pelo atraso, tivemos um pequeno problema técnico. Meu nome é Cynthia Mara Miranda, sou professora aqui na Universidade Federal do Tocantins e hoje estou aqui com a professora Nazila Castillo, da Universidade Latina da Costa Rica, que fará uma apresentação sobre a evolução da violência política digital contra as mulheres na Costa Rica, de 2022 a 2023.

NAZIRA CASTILHO ALFARO: O bonito da língua é que nos entendemos e foi isso que fizemos nestes três dias maravilhosos aqui em Palmas, que, aliás, hoje nos recebe com mais calor, mas bonito. Bom, boa tarde. Definitivamente, estes três dias foram de muito aprendizado e agradeço à professora Cynthia porque sei que ela é apaixonada por este tema. Ela, na sua posição de jornalista, e eu, na minha posição de relações públicas, mas ambas mulheres. Então, bem, vamos ver. Bem, contar-lhes que isto é um, vamos fazer um percurso, certo, do que começou com um artigo que agora, no anterior, estavam a falar sobre o tema da publicação, Como nasce

este estudo? Gostaria primeiro que vocês pudessem ouvir como começamos, como surgiu este estudo, de onde vem o Observatório da Comunicação Digital, para poder contextualizar aos colegas sobre por que foi feito um tema específico sobre o que era violência na política. Então, vamos pedir aos colegas da produção que coloquem o vídeo. Muito bem, entendamos que era uma Costa Rica saindo da pandemia, onde não havia possibilidade de realizar atividades. Justamente em 2022, naquele momento, o reitor da minha faculdade, Cristian Bonilla, apresentou o observatório digital no congresso da ALAIC realizado na Argentina. Basicamente, o observatório tem várias etapas. A primeira etapa coleta diariamente as conversas que ocorrem nas plataformas públicas, nas plataformas da web pública. Depois de coletar, também classifica com palavras e sentimentos, etiquetas reais do que está acontecendo, do que está sendo conversado. depois, há um grupo de estudantes e professores que analisa, interpreta e classifica essas informações com a ajuda da tecnologia, e eliminamos o ruído que ocorre na conversa e aqueles que se identificam como trolls. Depois de fazer tudo isso, geramos a análise posterior. Convido vocês a lerem sobre isso, pois foi publicado precisamente este artigo, com o colega José Pablo Salazar, com a doutora Adriana Orellana e com a sua servidora. Vocês podem ver mais informações que pudemos analisar naquele momento e compartilho aqui o link. Naquele momento, como eu dizia, foi feito um monitoramento para revisar tudo o que dizia respeito às mulheres no ambiente político. Muito bem, agora, entrando no assunto, qual é o desafio agora? Bem, o que temos que fazer é ver essa evolução. O que aconteceu? Porque as mulheres na política da Costa Rica, vamos falar, não tiveram tanta presença. Agora vamos falar sobre isso porque quero contextualizar a situação da Costa Rica. Então, estão sendo analisados nove relatórios relacionados às mulheres na política, sejam elas ministras, vice-ministras e deputadas. Para contextualizar um pouco, bem, Costa Rica e não Porto Rico, porque é muito importante dizer isso, às vezes

nos confundem com Porto Rico, a Costa Rica fica na América Central, temos uma democracia sólida desde 1948 e, com muito orgulho, temos quatro poderes assim estabelecidos, quatro poderes do Estado, o poder executivo, o poder legislativo, o poder judiciário e, além disso, o Tribunal Supremo de Eleições. E por que isso é tão importante? Porque precisamente esse poder que o tribunal tem nos permite, nos garante, essa democracia e processos eleitorais ótimos na Costa Rica, a educação é gratuita porque isso é importante, vocês verão por quê, desde o ensino fundamental e médio, e vivemos em uma convivência pacífica. Esses dados são interessantes, em 1890 discute-se o voto feminino. Vejam que há muito poucos anos as mulheres na Costa Rica têm direito ao voto. Em 1952, o voto feminino foi aprovado e, ironicamente, dos quarenta e cinco representantes, oito pessoas, todas homens, se opuseram ao voto das mulheres. E aqueles que aprovaram disseram mais ou menos assim, parafraseando: bem, ela é o pilar da família, além de cuidar da casa e dos filhos, também é importante que, ao educá-los, ela eduque bons cidadãos. Aí há um papel importante na questão do que era a família. E a primeira vez que as mulheres votaram não foi em uma eleição presidencial, mas em um plebiscito realizado em 1950. Fomos avançando, conquistando espaços, podíamos nos candidatar a cargos seletivos, mas não tínhamos tanta representatividade. Ou seja, levamos oito décadas, oitenta anos, para ter uma participação política paritária, horizontal e vertical. E comentávamos ontem que agora isso é obrigatório. Uma cédula, por exemplo, deve sempre ter paridade. Então, todo esse contexto para contar a vocês que, neste momento, isto é, em 2022, são dados de Zamora Chavarría, cuja fonte é o Tribunal Supremo de Eleições, onde vemos como avançamos na deputação, certo? Para 2022, desde 1950. Quantos anos isso nos levou? Muitos. Neste momento, apenas quatro mulheres puderam ocupar o cargo de presidentes da Assembleia Legislativa. A primeira, Rosemary Karpinski, a segunda, a senhora Irina Cotreras, a terceira, mais recentemente, Carolina

Hidalgo, e a quarta, Silvia Hernández. Por que isso é importante? Bem, por tudo o que estamos vendo, também por como a mulher pode entrar na esfera política. Um pouco de legislação para contextualizar. Da mesma forma, em 2022, bem, já haverá uma lei, foi ratificada a lei para prevenir, atender, punir e erradicar a violência contra as mulheres na política. E isso, conversando com a Dra. Cynthia Miranda, é importante, não gostaríamos de ter leis para isso, mas como existe uma esfera onde há violência, é importante atendê-la. E temos, então, o código penal. A questão aqui é que às vezes existem leis, mas quem fiscaliza? Se não for a própria mulher que faz a denúncia, certo? Ou a própria pessoa que é atacada. Bem, gostaria de informar que em fevereiro de 2026 teremos nossas eleições presidenciais. Naquele dia, 1º de fevereiro, das seis da manhã às seis da tarde, a Costa Rica elegerá o presidente, dois vice-presidentes e deputados. E isso nos dá o trabalho de ver como tudo vai se desenrolar. Naquela época, nas eleições de 2022, havia quatro mulheres candidatas à presidência. Já marcamos um marco, foi a primeira vez. Lembrem-se de que temos uma presidente, mulher, Laura Chinchilla, Miranda, dois mil, não sei, lembro-me, dois mil... Ah, não, devo essa informação a você, vou procurar agora, estou tão concentrada nisso e mil novecentos e noventa e algo. E precisamente para estas eleições de fevereiro, teremos momentaneamente, porque estão revisando toda a questão do tribunal, cinco mulheres candidatas. Então, isso é importante. Pode ser que algumas sejam conhecidas, outras não, mas bem, são cinco mulheres que aspiram à presidência. Como surge essa informação? Bem, como pegamos isso? Tudo o que é plataforma web pública, Twitter, blogs, fóruns, Instagram, tudo isso é revisado e vamos entrar no assunto. Vou fazer uma rápida revisão da preparação deste material, que depois posso compartilhar para que fique para quem quiser ver. Não se trata de que as pessoas na política não recebam comentários sobre suas ações. Pode ser que eu não concorde com algo que a pessoa está fazendo. Trata-se da violência que o comentário gera. Trata-se de

quando ofendo sua aparência física. Então, aí é que estamos falando de outras coisas. Então, por exemplo, vou contar para vocês. Vou ser mais rápido. Dos comentários que a deputada Pilar Cisneros recebeu para este relatório, vejam o que está em preto, são, digamos, trinta e seis por cento de comentários negativos. Bem, não me parece o que ela está fazendo, etc. Mas 18%, quase a metade, são violência. Então, é isso que temos que analisar. E vejam, agora sim, vamos ver, vamos analisar um pouco esses comentários. Por ser mulher, por sua capacidade de ser mulher, questionar por que ela está lá. Escárnio em relação às propostas ou declarações que ela faz. Zombaria em relação ao físico e à idade das mulheres na política. Esses são os primeiros, vocês vão ver como tem aumentado, o que é lamentável. Vou ver a próxima apresentação só para que possamos ver. Por exemplo, no próximo relatório, que era de um ano e vinte e três, vou dar uma olhada mais rápida. Vejam como a pessoa ou os comentários surgem para legitimar ou não dar crédito à posição da mulher. Vou passar um pouco mais, estamos em 2023 e vamos ver aqui como, em algum momento, vamos ver como há até ameaças. Ou seja, as pessoas atrás de um telefone, atrás de uma tela, ameaçam. Já sabemos que isso acontece. E por que as mulheres não participam da política? Porque preferem não fazê-lo, porque quanto mais visível você é, quanto mais foco há, mais ataques há. É por isso que vocês vão ver como há diferentes atrizes ali. Dependendo do que está sendo discutido, por exemplo, aqui temos a Sra. Marta Costa, Controladora Geral da República. Ela não está sempre presente, não está sempre na discussão, mas sempre recebe ofensas. E isso tem muito a ver com o que acontece às quartas-feiras, que é a conferência, digamos, o Conselho de Governo. A partir das quartas-feiras, o presidente faz o conselho de governo e atende a mídia, e depende do que o presidente diz, assim se move a ofensa daquela mesma semana ou quinta e sexta-feira. Por isso elas recebem, entram e saem da conversa e do sentimento, porque vai

depende do que foi dito na conferência. Se você quiser, Cynthia, para avançar um pouco no tema do tempo...

CINTHYA MARA MIRANDA: Marta Esquivel, presidente executiva, o que é isso?

NAZIRA CASTILHO ALFARO: Marta, a Sra. Marta é a Controladora Geral da República. Naquele momento, houve uma discussão entre o presidente e ela sobre algumas coisas que estavam sendo feitas de maneira errada e então... ficou ali na fotografia, sim, vale, vamos ver, por exemplo, vamos ver o último relatório do ano, já está quase chegando, estamos em dois mil e vinte e quatro, são nove, nove relatórios, já estou aqui em dois mil e vinte e cinco, por exemplo. Veja, novamente, são mulheres, são deputadas independentes. Sofía Guillén, por exemplo, é uma deputada que neste momento está em licença maternidade da Frente Ampla, que é crítica das coisas que acontecem no governo. Então, vamos ver como o governo também tem usado suas plataformas para comunicar as coletivas de imprensa. Mas só em uma quarta-feira você pode ler muitos comentários ofensivos.

CINTHYA MARA MIRANDA: Elas são as pré-candidatas?

NAZIRA CASTILHO ALFARO: Não, ainda não. Estamos nesse momento. Justamente até 30 de setembro, o encerrou o processo de inscrição dos partidos políticos. O tribunal está analisando. Na verdade, veremos mais adiante uma apresentação e, a partir disso, já na universidade, com a equipe, estamos trabalhando para identificar a conversa dessas candidatas à presidência. Deixe-me mostrar o último, um dos últimos gráficos. Este parece estranho, mas vejam, vejam, é muito importante aqui. Estes são os nove relatórios que analisamos. Há duas coisas que aconteceram do relatório dezenove ao vinte e nove e são o escárnio e as zombarias. Em todos esses dois

anos é o que aconteceu. Estou sempre presente, repito, não importa que você não concorde com algo que a deputada ou a ministra está fazendo, o que não é permitido, o que não é aceitável é que seus argumentos sejam ofensivos, ofensa violência, e é o que aconteceu nestes dois anos, então, estas linhas são os sentimentos ou as zombarias que foram dirigidas às pessoas, por exemplo, vejam como a linha verde sobe, aumentou, ameaçaram as pessoas, as mulheres que estão na política receberam ameaças, isso para uma Costa Rica que, estou dizendo, tem uma democracia há muitos anos, isso é preocupante. E por que estamos falando sobre o tema da educação? Porque também estava comentando que não temos exército e que, em princípio, isso é uma questão de educação. Até que ponto estamos educando, alfabetizando, para que você tenha argumentos para poder debater sem ofender? Principalmente pela aparência física. Então, vejam o que é uma das coisas preocupantes, as ameaças, e este que está aqui em laranja, não sei se vocês conseguem perceber, mas esta cor laranja veio, é permanente, o escárnio, a legitimação, as zombarias têm sido todos esses dois anos. São os comentários no Twitter (X) e... Tudo, web pública, Twitter (X), Facebook, Instagram, blogs, links de notícias, de meios de comunicação. Comentários de notícias. Todos esses, são mais ou menos 140 mil menções a cada trimestre, que são as que têm que ser classificadas e colocadas em...

CINTHYA MARA MIRANDA: Processar os dados.

NAZIRA CASTILHO ALFARO: Exatamente.

CINTHYA MARA MIRANDA: E você usa algum aplicativo? Sim. Qual?

NAZIRA CASTILHO ALFARO: Usamos o Menchon... que foi o que mencionei, e o Minerman. Então, ele baixa as informações, traduz para o Excel, em dados, e esses dados são analisados. Então, temos

a parte quantitativa e a parte qualitativa. E aqui o que eu queria mostrar, isso não é a cédula oficial, essa é uma imagem produzida por um jornal e onde podemos ver as cinco mulheres que estão neste momento com a possibilidade de presidência. Então, já começamos a trabalhar para poder identificar. Na verdade, temos equipes de estudantes que estão acompanhando a conversa com as tags. Por exemplo, Claudia Dobles, justamente a senhora Claudia Dobles. Qual é o perfil delas? Esquerda, direita? Você pode mostrar? É... É difícil porque ainda não disseram abertamente que, por exemplo, Claudia Dobles é a primeira-dama. Mas também temos, por aqui temos, é mais, há mais liberais do que esquerdistas. Por exemplo, de esquerda não temos, bem, o partido é Frente Ampla, mas o candidato não é um homem. Então, temos direita e extrema direita não, mas centro-direita. Obrigado. E nada mais para poder avançar na conversa, temos que, o desafio como equipe que está fazendo esta pesquisa, pois tem vários desafios. O primeiro é que nós mesmos não pensávamos que iria ocorrer esta situação de ter cinco mulheres como candidatas, então também estamos motivando estudantes e professores a se unirem, agora que falava o segmento anterior, os colegas, da parte da investigação, também nos cobra que às vezes os estudantes de comunicação não se envolvem nestes processos de investigação. Então temos esse grande desafio de poder motivá-los a chegar à equipe, formar a equipe. A partir daí, organizar a metodologia, porque a cada três meses são ouvidas, ou seja, são atendidas aproximadamente 150 mil menções. É possível que isso triplique. Então, gerar esse enfoque vai depender muito de que, neste momento, por exemplo, uma vez que a campanha comece, o que será em breve, as praças públicas, as reuniões, certo? Também temos que revisar isso. E bem, depois analisar toda essa informação. Por enquanto, posso dizer em linhas gerais que estamos vendo que tudo o que é violência segue uma linha de aumento. A diferença é que temos uma lei, a preocupação é por que temos uma lei, mas sim por que fazê-lo.

CINTHYA MARA MIRANDA: De que ano é a lei? O ano?

NAZIRA CASTILHO ALFARO: No ano de 2022. Bem, ela foi ratificada. De violência digital, 2022. Sim, sim. Ok, então, bem, essa é a primeira parte, então eu gostaria de ouvi-los. Também saber que aqui no Brasil você me contou recentemente que já existe algo e...

CINTHYA MARA MIRANDA: Claro. Terminou?

NAZIRA CASTILHO ALFARO: Já terminei. Palmas.

CINTHYA MARA MIRANDA: Muito interessante sua exposição. Percebo que tem muitas semelhanças com o Brasil. Aqui também tivemos uma única mulher presidente. Dilma Rousseff e o golpe que gerou seu afastamento claramente com elementos de gênero, tanto que depois ela foi totalmente inocentada, mas a política ainda é um espaço masculino, sua apresentação prova isso: as mulheres que entram na política são cobradas pela roupa, pelo corpo e, em segundo lugar, pelo que estão fazendo. Quando, na verdade, deveriam ser cobradas pela ação política. Mas eu queria comentar algumas coisas. Vejo que são dados muito volumosos. Não sei se você já publicou um artigo em uma revista em relação aos dados dos anos 2022 e 2023. Se você pudesse falar um pouco sobre isso e sobre as categorias. Você pode voltar às categorias?

NAZIRA CASTILHO ALFARO: Claro, claro.

CINTHYA MARA MIRANDA: Você poderia simplificar um pouco mais o que seria reputação e transparência, zombarias físicas e idade do papel tradicional, ameaças à integridade e se o estudo classificou os comentários por gênero? Por exemplo, quem ataca mais as mulheres? São os homens? São as mulheres? Porque aqui temos

muitos ataques de mulheres contra mulheres. Então, você poderia falar um pouco sobre isso?

NAZIRA CASTILHO ALFARO: Claro, muito obrigada. Em 2022, pudemos determinar que os homens eram os que mais atacavam as mulheres. Neste momento, não sabemos, porque estamos justamente nessa evolução, então, nesta pesquisa, ainda não sabemos quem são. Mas em 2022, quando escrevemos o artigo, sim, os homens eram os que mais atacavam as mulheres. Agora, com relação ao sistema, é assim que funciona. Temos comentários positivos, comentários negativos e comentários neutros. O sistema, a inteligência artificial, Menchon e Minerman nos ajudam em parte, mas eles também não entendem os comentários e não entendem o sarcasmo. Por exemplo, se eu digo para você, haha, que bonito, o sistema acredita que isso é positivo, mas o haha não entende como sarcasmo. É por isso que é preciso fazer a revisão. Análise qualitativa. Cada um. Então, os comentários positivos referem-se ao trabalho positivo ou a coisas que se destacam muito, está indo muito bem, estou com você, etc. Os comentários negativos são aqueles em que difere do atual, da deputada ou da ministra, etc. E agora sim, a violência é categorizada assim. Quando o comentário vem para identificar a reputação, por exemplo... Nós lemos muitos, haha, o que você está fazendo? Você sabe que na cidade você fez isso, isso, isso, isso, isso. Então, é uma pessoa que está dizendo algo que não é difamação, certo? E que está fazendo parecer que a pessoa não é transparente. Então, este é um comentário, mas além de negativo, nós o retiramos porque tem a ver com a pessoa, não com o trabalho da pessoa, mas com a pessoa, sua família, seu marido, seus filhos, certo? Com relação às zombarias e ao físico e à idade, tudo tem a ver. Por que você não se penteia? A questão do etarismo, entende? Etarismo, o preconceito contra a idade das mulheres. Você percebeu isso na zombaria física? Elas vêm juntas, estão lá juntas. Tem a ver. Aparência física, idade, por exemplo, por que ela não se penteia? Por

que ela não se penteia? Pentear-se, arrumar-se, ou seja, não tem nada a ver com o que está sendo discutido na conversa digital, certo? Os comentários são, bem, até aqui um... fica alarmado, mas tem a ver exatamente com sua aparência física, outras veem que aqui isso dos 22% tem a ver com o papel tradicional da mulher e isso tem a ver com o fato de termos muitas mulheres que obviamente estão em suas casas e outras trabalham e cuidam de seus filhos, mas outras decidiram não ter filhos, etc. A questão é que a crítica aqui é que ela vá para casa, que é onde ela deve estar, não no ambiente político. E, finalmente, que isso é realmente muito preocupante e tem aumentado, já temos aí como alerta, é que ameaçam a integridade da pessoa. Eu sei onde você mora, lembre-se. Vamos visitá-la. Sabemos que você sai da assembleia a tal hora. Então, isso é realmente preocupante. Agora, no painel anterior, a gente dizia, mas o que fazemos com a questão dos papers? Isso está em um paper, como eu disse no início, que a gente compartilha, e eu diria que, a , com essa informação, o que a gente tem que fazer é como chegar à alfabetização para que isso não aconteça. Temos educação cívica, nossos alunos, nossos filhos recebem educação cívica desde o ensino fundamental. Mas e se, ao escrever uma mensagem de texto, eu escrever a primeira coisa que me vier à cabeça sem ver as consequências do que acontece? As leis estão aí, minha pergunta aqui, o debate é: quem vai fazê-las cumprir?

CINTHYA MARA MIRANDA: A lei de que você falou sobre violência política, qual é a punição? Há acusações? Qual é a falta?

NAZIRA CASTILHO ALFARO: Sim, cem dias de multa. Cem dias? Cem dias de multa, vai depender da gravidade. Então, pode ser que haja um tema a mais, um pouquinho mais, cem dias de multa. O que acontece é o seguinte, para chegar lá, Cynthia, quanto a pessoa teve que se desgastar? Ou seja, ela tem que primeiro fazer a denúncia e passar por todo o processo. Temos um, nosso poder judiciário tem

uma lentidão nos tribunais normais desses processos. Quanto desgaste há para que a pessoa seja punida? Então, acho que o caminho não é esse, certo? Ou seja, fazer leis. Primeiro para que ninguém as cumpra e não sejam fiscalizadas. Segundo, qual é o caminho, acho que é mais como voltar a ver a partir da academia, certo, para nossos alunos, para os centros educacionais, e poder acompanhar os processos, poder ensinar, poder fortalecer essa parte. Tudo bem você não concordar com o deputado, tudo bem concordar. O que não está certo é você não ter argumentos e o que você tem e o que escreve ser ofensivo.

CINTHYA MARA MIRANDA: No Brasil, temos a Lei de Violência Política de Gênero, que é de 2022. E, há pouco tempo, o Senado Federal Brasileiro aprovou um projeto de lei para proibir a violência digital. Não tínhamos nenhuma lei sobre violência de gênero digital. Temos uma lei geral sobre violência contra a mulher, a Lei Maria da Penha, e agora foi aprovada no Senado a inclusão da questão da proibição e combate à violência sexual digital de gênero em nossa Lei Geral de Combate e Punição à Violência contra a Mulher. Se bem entendi, na Costa Rica, no ano de 2022, existe uma Lei Exclusiva sobre Violência Política. Ela já contemplava a questão digital ou não?

NAZIRA CASTILHO ALFARO: Em 2002, a lei sobre violência contemplava a questão digital, a violência política digital de gênero? Não, não contemplava. Não, por isso aceitou que fosse feita. Porque falava de difamação, de direitos contra a honra, de injúria, mas não falava do tema digital, nem de política, nem de política, certo? Política e temas digitais. E é que acho que agora os colegas estavam falando sobre inteligência artificial, ou seja, bem, estamos falando sobre isso desde segunda-feira, ela está aí para ajudar, para colaborar, para apoiar, e então temos que revisar isso, ou seja, nós, na comunicação, estamos avançando, já sabíamos disso, quando começamos essa carreira, para estudar essa carreira, aprendíamos

algo hoje e, mais ou menos em um ano, naquela época, já não estava mais tão vigente. Agora é incrível, ou seja, em uma semana, na comunicação já há coisas que não estão mais em vigor. E nós já somos adultos, o que vai acontecer com nossos filhos? Como? Como? E eu acho que aqui, por isso, do tema anterior, continuo insistindo, é que como, a partir da academia, podemos modificar isso. Como? Porque já sabemos, como disse a colega da Argentina, escrever o artigo, nós mesmos o lemos, isso já está feito, e já nos entendemos, mas isso tem que chegar às comunidades, às escolas, aos colégios. Acredito firmemente que, se levarmos essas informações e os processos, por exemplo, nas escolas temos os conselhos diretivos. Não sei se aqui no Brasil a seção elege seu conselho diretor. Não sei se isso acontece nas escolas. Lá, nas escolas, não sei se Leonor, que está aí, se na Guatemala isso acontece, mas nas escolas os processos cívicos começam na escola. O processo cívico começa na escola. Existe o conselho diretor. E então, quem é que costuma ganhar? O rapaz, a rapariga mais popular. Bem, tudo bem, isso está bem. Mas como acompanhamos esse processo das diretorias como adultos, como professores? Como definimos a campanha que deve ser feita? É que agora essas são as pessoas que vão eleger. E temos que educar aí, educar também, agora eles vêm, sabem quem vai eleger? Justamente, isso já foi divulgado pelo Tribunal Superior Eleitoral, nessas eleições de 2022 são os millennials e os centennials que vão votar pela primeira vez e vão eleger o presidente e os deputados pela primeira vez, e tenho certeza, não tenho provas, mas vejo isso em minha casa, não foi divulgado, não se divulga, veja em quem você vai votar.

CINTHYA MARA MIRANDA: Lá atrás eu tinha uma... Estamos com a agenda muito aberta, mas acho que pode abrir para uma pergunta, depois teremos outra programação. Posso pegar o microfone aqui, por favor? Ah, para a gravação.

SINDY CHAPA - Boa tarde, Nazira. Sou Sandy Chapa, da Florida State University. Acho muito interessante o que você está fazendo. Eu estudo como os valores culturais e geracionais afetam o nosso comportamento, o que fazemos. Fico curiosa para saber se você também tentou analisar se esse é um problema geracional ou se não foi transmitido ou se continuamos vendo os mesmos resultados. Porque você já respondeu à minha primeira pergunta, que era se as mulheres ou os homens tinham... eram significativamente mais propensos a insultar ciberneticamente, e você diz que sim, os homens, o que é bom, já estamos progredindo, porque anos atrás até as próprias mulheres, por uma questão cultural, como é o caso d , aqui no Brasil, então estão tentando codificar também a parte geracional para ver se avançamos alguma coisa.

NAZIRA CASTILHO ALFARO: O estudo de 2022 não tinha isso, ou seja, identificamos apenas o sexo. Neste estudo, queremos identificar o perfil e ver a idade. Lembremos que também há muitas pessoas que não dizem sua idade verdadeira quando entram, ou seja, quando abrem sua sessão nas redes sociais, mas queremos fazer isso. No entanto, a revisão que fizemos nos últimos dias é de pessoas com quarenta anos ou mais. Ou seja, a ofensa que está ocorrendo, pessoas com quarenta e cinco, quarenta anos ou mais. Também pode ser, lembremos que é o Facebook, certo? Então, exatamente, vai depender da plataforma. Na verdade, vou levar sua preocupação para discutir com a equipe, porque acho muito interessante. Tenho certeza de que no Instagram eles vão ter uma idade, certo? E no Facebook outra, e no Instagram. E no TikTok. Na verdade, nosso vice-reitor de inovação já está analisando o TikTok para incorporá-lo ao observatório.

CINTHYA MARA MIRANDA: Muito obrigada, Sindy. Nazira, passo então às suas considerações finais. E agradeço muito pela excelente

apresentação esta tarde no vigésimo Felafacs na UFT. Muito obrigada.

NAZIRA CASTILHO ALFARO: Como mulher, definitivamente o tema me apaixona, acredito na irmandade, acredito que podemos fazer muito, acredito que também devemos fazer história, que temos a capacidade absoluta de liderar um país, mas agora sim, como mulher e cidadã. Como pesquisadora, temos uma dívida, uma dívida que, para mim, deve chegar e ser transmitida à informação na área educacional, nas escolas, nas faculdades, ou seja, como eu dizia e continuo com o tema do segmento anterior, porque me pareceu muito valioso. Publicamos artigos e publicamos artigos e exigem-nos artigos, mas o que fazemos com os artigos? Isto tem de ir para onde tem de ir e é gerar estes debates, ter a possibilidade de, a partir da academia, levar a informação e que haja uma ação de mudança e que seja positiva. Muito obrigada. Obrigada. Ok? Já estamos fora.

O FUTURO DA(S) DEMOCRACIA(S) NA AMÉRICA LATINA: o papel dos comunicadores

Carlos Rivadeneyra Olcese

Fabiano Ormaneze

Alicia Álvarez

Sindy Chapa

Leonor González

Gustavo Lerma

CARLOS RIVADENEYRA OLCESE: Muito bem, boa noite a todos. Sejam bem-vindos todos os que estão presentes aqui em Palmas Tocantins e também aqueles que se juntarão a nós pela conexão online. Esta é a mesa final deste encontro da FelaFax no Brasil. Foi um encontro muito proveitoso, caloroso e acolhedor. Acolhedor pela gentileza e gratidão de todos os colegas brasileiros e tocantinenses que nos receberam aqui nestes dias. E caloroso porque o clima... É o que indica, não é? A temperatura mínima de trinta e seis graus durante o dia nos deixou muito atentos e animados neste encontro. Nesta mesa final, a tarefa é falar, conversar, refletir, pensar no futuro. E não é um futuro nada fácil. Talvez alguns entendam que é um futuro distópico ou que deveria ser um futuro utópico. É o futuro das democracias ou da democracia na América Latina. E qual é o papel que nós, comunicadores, desempenhamos? O que cabe a nós, comunicadores, fazer? Neste painel e , participarão Sindy Chapa, da

Universidade Estadual da Flórida. Alicia Álvarez, da Universidade APEC, República Dominicana. Leonor González, da Universidade da Guatemala. Fabiano permanece aqui no Brasil, pela Unicamp, e online nos acompanha Gustavo Lerma, que está em Buenos Aires e representa a Claxon. Ele é o diretor de comunicações da Claxon e vamos tentar conversar sobre essa questão. E eu começo dando a palavra a todos os colegas que participam deste painel, lançando uma pergunta, esperando uma resposta curta, entre dois ou três minutos, e vão surgindo ideias, reflexões e perguntas para desenvolver este tema. Como eu dizia, o painel se chama... Como é o futuro da democracia na América Latina? Como será esse futuro? E qual é o papel dos comunicadores? A pergunta inicial, para começar com Cindy. Temos democracia na América Latina? Para pensar em um futuro da democracia?

SINDY CHAPA: Pergunta muito interessante, porque lembra que estou na Flórida. É verdade, mas daqui, como você nos vê? O futuro da democracia agora é um tema bastante complexo. Quando saí do México para os Estados Unidos, admirava muito a governança que havia e o sistema como estava. Mas deixe-me fazer uma pausa aqui para responder à primeira pergunta. Qual é o papel do comunicador na democracia? O papel do comunicador é essencial se não pudermos avançar nas seguintes esferas que dependem do que nós, comunicadores, fazemos, que são a democracia institucional, a democracia social, e tudo vem da democracia institucional. E a liberdade acadêmica, que é onde estamos agora. O que aconteceu? Se você me falar de um ano atrás, ela existia, agora está em risco. Acho que à medida que aceitamos que a democracia e a mudança chegam, e concordo plenamente com nossa colega Nacira, que dizia que tudo vem da educação, concordo plenamente, e não vem apenas da educação, vem até mesmo da indústria da comunicação e... E é importante entender aqui que a maior parte da formação dos jovens quando estão na adolescência já começa a mudar porque a

influência que têm dos pais já não vai ser a mesma. Cinquenta por cento, se não mais, em algumas pessoas virá do meio em que se desenvolvem, virá dos meios de comunicação e virá de sua preparação acadêmica. O que isso significa? Que temos aqui uma oportunidade gigantesca de mudar a perspectiva dos jovens para que tenham uma visão mais transparente e saibam que tipo de poder podem exercer como cidadãos e de que forma podem colaborar nessa democracia.

CARLOS RIVADENEYRA OLCESE: Então, você quer que eu fale sobre a academia? Fale sobre o que quiser, porque o tema é tão amplo que pode ser abordado de diferentes ângulos.

SINDY CHAPA: Porque é preciso começar pela academia, pelo ensino, pela democracia, porque tudo é ensinado aos nossos cidadãos por meio de modelos a serem seguidos. Se eles não vão para uma sociedade em que se vê que a democracia está sendo executada e desenvolvida, como vamos querer que isso aconteça quando eles se formarem? Então, temos que começar pela raiz. Existe democracia institucional no âmbito acadêmico? Temos uma governança? Quem elege os reitores? Quem elege os professores? Quem é responsável pelo currículo de estudos de cada um? Quem escolhe os cursos? Tudo isso precisa ser analisado. Temos que começar a contemplar e atualizar, e é por isso que a faculdade está muito interessada em estudar qual é o estado atual do ensino da comunicação na América Latina, na Europa e nos Estados Unidos, porque é preciso comparar e ver quais são as estruturas e os formatos que mais se ajustam à criação de perspectivas para os alunos que estão caminhando, que é isso que eles querem, eles querem uma sociedade mais avançada e democrática. Para onde estamos indo? Desde levar em conta o aluno e todo o corpo docente sobre quais são os temas que estão sendo discutidos, atualizar como se ensina, como se utiliza tudo, a tecnologia, como se utiliza o...

quem assume o jogo ou o papel de como são escolhidos, como serão avaliados os progressos. Há muito a ser feito. E se não começarmos, na minha perspectiva, por nós, que somos os acadêmicos e os professores de comunicação e somos os que estamos criando, os que vão para a mídia e os que vão transmitir essas mensagens, então não vamos avançar. E mensagens tão importantes como as que comentamos há pouco, ensinar sobre a igualdade de gênero, ensinar sobre o poder que têm ao opinar, porque existe uma distância do poder em nossos países latino-americanos que nos leva a acreditar que apenas um pequeno grupo pode tomar decisões, quando não é assim. Então, há muito por onde começar.

CARLOS RIVADENEYRA OLCESE: É verdade. Alicia, na mesa anterior, Nacira disse algo muito importante. No ano que vem, haverá eleições na Costa Rica e em vários dos nossos países. E ela destacou, atenção, que quem vai eleger os presidentes são basicamente os jovens. E isso acontece em todos os países da América Latina, onde aproximadamente entre 30% e 35% dos eleitores são os mais jovens. E esse grupo vive certas relações difíceis com a política e com a democracia, alguns não se interessam por nada e outros se interessam por protestos, reclamações, mas as propostas ainda não são suficientes, aparentemente não são suficientes. E a representação dos jovens nos partidos políticos também não é, aparentemente, suficiente. Qual é o papel que nos cabe, comunicadores e universitários? Porque, veja bem, passe o microfone, por favor, veja que aqueles que vão votar, que são esses jovens, digo jovens entre 18 e 35 anos, foram nossos alunos. Sim? Sim? Eles foram nossos alunos, foram nossos estudantes. Sim? Então, qual é o nosso papel na academia para formar os futuros comunicadores e para que eles também saibam fortalecer o sistema democrático?

ALICIA ÁLVAREZ: Ótima pergunta. Bem, boa noite. E, mais uma vez, obrigada à universidade e à equipe de colegas que nos acompanham por essa cordialidade e amizade tão calorosas. Veja, esse é um assunto complexo e respondo à pergunta com a seguinte reflexão. Acho que o futuro da democracia está muito ligado ao papel dos comunicadores. E como esse papel se insere no ecossistema informativo digital, em termos do que estamos vivendo hoje em dia. Então, nesse sentido, o que a comunicação deve fazer? Porque o público jovem estudantil é um segmento de público muito peculiar. A insegurança, a confusão, a indecisão, a abstenção a uma determinada filiação política muitas vezes os torna indiferentes às questões que se vivem hoje na América Latina, no Caribe e no mundo inteiro. Portanto, a comunicação é fundamental na democracia. Por isso falávamos da tomada de decisões que é preciso ter do ponto de vista informativo. E especialmente os jornalistas, que estão diretamente ligados aos meios de comunicação. Hoje estamos falando dos meios digitais. Hoje estamos falando das redes sociais. Hoje estamos falando de um ecossistema onde todos os meios convergem para o mesmo, mas o verdadeiro desafio está em como conseguir realmente transmitir uma informação que seja verdadeira. Então, nesse sentido, um dos desafios, a meu ver, que o jornalismo tem hoje em dia é trabalhar em função da veracidade. É o mais difícil, como todos sabemos. Tentar promover um diálogo direto. Acredito que o diálogo é fundamental para saber como pensamos e fundamental para saber como agimos. Então, acho que um dos desafios é justamente saber o que as pessoas pensam, o que os jovens pensam, o que os estudantes pensam. Em termos acadêmicos, acredito que é preciso conhecer os desafios que enfrentamos. E, por exemplo, hoje em dia, temos um problema que é a desinformação e as notícias falsas, as chamadas fake news, que partem de uma realidade conhecida e essa realidade é distorcida ou tentam falsificar, mas parte de uma veracidade. E esse é realmente o desafio que todos temos no dia a dia, porque confunde, porque cria

insegurança e porque cria percepções. Então, os jovens transmitem e há percepções que mudam os modos de pensar. Então, se olharmos do ponto de vista acadêmico, essa é uma faceta do problema, ensinar as novas tendências da comunicação, mas sobre a prática do que está acontecendo. Porque às vezes falamos muito sobre aspectos teóricos e como colocamos isso em prática. Tenho que informar a um profissional que tenha o que hoje se repete constantemente, um pensamento crítico, mas que saiba entender que, se eu formar um comunicador, o comunicador seja um comunicador ético e responsável. Então, acho que aqui uma das lições importantes é a ética, porque se não agirmos eticamente, bem, não somos bons profissionais. Então, dentro de um currículo, da carreira de comunicação, com a saída que ela tiver, é preciso formar um profissional que seja competente. A pluralidade política existe hoje em dia. A filiação política também existe hoje em dia. Então, um elemento que estou vendo que é preciso ensinar e que não tem a ver apenas com a política, com um sistema eleitoral específico, é como ensinar comunicação política, que contribui não apenas, repito, para um processo eleitoral, mas também para as políticas públicas, para aspectos de caráter social, e acredito que a formação do jovem profissional da comunicação também seguiria nessa direção. E acredito que isso é transversal no nível social. Hoje, as massas estão confusas, outras conhecem uma realidade, outras conhecem uma veracidade, mas o desafio do jornalismo e da comunicação é lidar com todos esses algoritmos que as redes têm para realmente trabalhar em função de um determinado desejo, objetivo que você quer alcançar com o que comunica.

CARLOS RIVADENEYRA OLCESE: Obrigado, Alicia. Posso acrescentar algo muito rapidamente. Concordo com tudo o que Alicia disse. Não respondi e ela já tomou a palavra. Concordo com Alicia e acredito que, para sermos específicos, temos que incluir no currículo o que é a ética no trabalho, que é algo que nos falta em muitos países. Não

se pode pensar em democracia. Concordo com a ideia que você apresentou, não se pode pensar em democracia para eleger governos, etc., se não houver uma prática a partir do interior do sujeito, a partir da família, do âmbito educacional, certo? E é aí que se forma também essa ética democrática, porque não é uma questão que se aprende lendo alguns livros. Isso é prática para construir socialmente. Vamos dar a oportunidade para que Gustavo, que está online, também nos dê sua opinião. Você ainda está aí, Gustavo?

GUSTAVO LERMA: Sim, claro, estou aqui.

CARLOS RIVADENEYRA OLCESE: Do seu ponto de vista... Qual é o papel dos comunicadores para a democracia no futuro da nossa América Latina?

GUSTAVO LERMA: Bem, em primeiro lugar, muito obrigado, boa tarde a todos e todas, companheiros e companheiras, colegas e amigos da área da comunicação. Agradeço aos organizadores que realizam este encontro há tantos anos e que realmente consideramos um espaço indispensável para o encontro de comunicadores de toda a América Latina e do Caribe. A verdade é que para a Claxo é muito importante estar aqui e refletir enquanto ouvia algumas das coisas que foram levantadas no âmbito de tudo isso. Veja bem, o desafio da academia, em nossa opinião, não é apenas formar comunicadores tecnicamente competentes, mas formar sujeitos críticos, capazes de compreender o poder que a palavra tem na lógica da disputa democrática, sobretudo entendendo que, no âmbito do que o s estavam propondo, a comunicação também é um campo de poder, e dizíamos, não apenas uma ferramenta técnica, não apenas um canal de difusão, é um território onde se disputam as formas de nomear o mundo, onde cada uma das palavras que são ditas dão sentido à forma como visibilizamos questões que acontecem em nossas realidades, então elas não são neutras se falamos de desenvolvimento, se falamos de

liberdade, se falamos de segurança, essas palavras expressam muitos contextos, lutas políticas, sentidos culturais, por isso, quando falamos de uma comunicação democrática, também falamos de quebrar o monopólio da palavra e, nesse sentido, na formação que vocês estavam propondo, fico com várias das questões que vocês levantaram recentemente e que falavam da possibilidade de entender o papel dos comunicadores na América Latina e no Caribe com a incidência que tem a formação desses comunicadores, porque a disputa de sentido está muito mais em jogo, mais do que nunca. Vivemos em um momento em que o que acontece em uma rede social pode transformar parte da visão da realidade que muitos de nós temos. Portanto, nesse sentido, as ciências sociais e a formação em comunicação têm um papel muito central, não apenas em ver criticamente o que acontece no âmbito de nossas realidades atuais. Hoje, no âmbito da inteligência artificial, a criação de um panorama ficcional está mais simplificada do que nunca. E, nesse sentido, como as narrativas são construídas, como as coisas que nos acontecem em nossos territórios são contadas, torna-se central. Mas eu pensava, ainda mais, também sobre a responsabilidade que temos no momento de divulgar nossas pesquisas no âmbito das ciências sociais e que elas cheguem às comunidades e aos territórios. E aí a lógica da divulgação, a lógica da comunicação e da difusão do conhecimento também se torna central porque, e vocês devem viver isso diariamente em cada uma das realidades de nossos territórios, quantas vezes nos deparamos com discursos vazios de conteúdo, onde as pesquisas acadêmicas e científicas seriam algo central para poder resolver ou, pelo menos, ajudar a pensar algumas das questões que acontecem em nossos territórios. Então, me parece que, retomando um pouco essa lógica de que sem comunicadores críticos é difícil haver uma democracia profunda, acredito que, em grande medida, também a partir dos territórios, não apenas dos meios de comunicação tradicionais, esses comunicadores e comunicadoras traduzem, interpretam, dão sentido à vida comum e

ao que estamos vivendo. E acrescento também o que dizia, a necessidade de que nossas pesquisas sobre comunicação, sobre análise, hoje poderíamos dizer sobre notícias falsas, poderíamos dizer sobre inteligência artificial, também na lógica de como queremos que essa inteligência seja construída com nossa forma de comunicar nossas realidades. Bem, nossos olhares críticos sobre isso, nossas pesquisas sobre isso, são fundamentais para que tenham lógicas de tradução para nossas sociedades, para que essas pesquisas tenham impacto e também façam parte dos discursos neste momento de disputa discursiva que é muito complexo, inclusive, para que muito do que é dito não fique em um mar de caos. Então, simplesmente isso para começar a sua pergunta.

CARLOS RIVADENEYRA OLCESE: Muito obrigado. Gustavo, muito obrigado. Você abriu até mesmo o foco para essa disputa de discursos ou disputa de narrativas, que agora podem ser construídas, reconstruídas, refeitas e redirecionadas com o algoritmo e com os bots de maneiras insuspeitadas. Então, os processos eleitorais... que em parte também sustentam as democracias em nossos países, estão sendo afetados por essa prática. E as eleições que já ocorreram, as mais recentes, assim o demonstraram, e as que estão por vir também passarão por isso. E, de fato, o papel ético dos comunicadores na construção das mensagens é fundamental. Leonor, você vem da Guatemala. Já avançamos no desenvolvimento dessas ideias, você desde a universidade lá na Guatemala. O que você pode nos dizer?

LEONOR GONZÁLEZ: Obrigada, Carlos. Em primeiro lugar, boa noite a todos. Quero reiterar meu agradecimento à FelaFax pelo convite e à Universidade Federal de Tocantins pela hospitalidade que nos proporcionaram nestes dias. Muito obrigada, é uma honra compartilhar com os colegas. Voltando à sua primeira pergunta, o tema da democracia, contextualizando-o no meu país, é uma

democracia muito jovem que apenas começou a se formar na década de 80, com uma nova constituição, mas que, se a analisarmos hoje, deixa de fora os povos indígenas e não está atualizada em questões de gênero. Então, acredito que é uma democracia em formação, que foi afetada nas últimas décadas, eu diria. Temos dezenas de jornalistas que foram para o exílio, tentativas de golpes de Estado, muitos problemas que considero que afetam o fato de podermos realmente falar de uma democracia, pelo menos da minha perspectiva no meu país. Voltando então ao que precisamos como comunicadores, acredito que temos um papel muito importante, porque estão precisamente em nossas mãos esses currículos de que Cindy falava, essa formação que temos que dar aos próximos comunicadores que enfrentam essas tentativas de democracia que ainda não se concretizaram em muitos países. Gostaria de voltar a algumas características que Kaplún nos deu desde os anos 80, que os comunicadores deveriam ter, e que algumas já mencionaram: pensamento crítico, pensamento estratégico, consciência social e ética, muito necessária na comunicação, certo? E hoje, mais do que nunca, empatia e escuta ativa. Mas eu acrescentaria mais uma, que é tecer redes em busca do bem comum. Com o uso da tecnologia de que já falávamos, que faz parte do nosso dia a dia, mas essa tecnologia que está a serviço da vida humana, certo? E não que possa nos complicar ainda mais. Acima de tudo, um compromisso como comunicadores e comunicadoras de alto nível profissional para promover a justiça, a democracia e a dignidade das pessoas. Acho que devemos concentrar nossos esforços n , para colaborar ou acompanhar a formação dos próximos comunicadores, que terão muitos desafios pela frente.

CARLOS RIVADENEYRA OLCESE: Muito obrigado pela precisão, pelas palavras e pelo discurso conciso. Fabiano, que está conosco aqui no painel, é jornalista, mas também tem pesquisas sobre educomunicação, sobre transmídia, que é basicamente o que temos

conversado, não é? Eu não tinha percebido isso ao apresentá-lo no final desta primeira rodada, mas ele se encaixa no que temos conversado e você, a partir de suas pesquisas, de seus estudos, de sua prática jornalística, o que você pode nos dizer sobre esse papel formativo das universidades para os comunicadores que podem ajudar, colaborar no fortalecimento da democracia?

FABIANO ORMANEZE: Muito obrigado pelo convite. Agora vamos ouvir um pouco de português. Sejam muito bem-vindos ao Brasil por um brasileiro que tem o prazer de estar aqui com vocês e se sente muito orgulhoso por isso. Eu ouvia suas palestras e elas me faziam pensar em pontos que eu havia esboçado para falar aqui. E sua pergunta é muito pertinente, muito oportuna em relação aos pontos que eu gostaria de destacar. Não é possível falar de democracia e de formação para a ação comunicacional na democracia sem levar em conta todas essas novas tecnologias e esse poder que as redes sociais digitais adquiriram no Brasil e na América Latina em geral. Se olharmos os dados de consumo de mídia, veremos que, particularmente no Brasil, México, Colômbia, mas em geral na América Latina, depois gostaria de ouvir os colegas de outros países sobre suas particularidades, o consumo de informação por meio das redes sociais digitais é crescente e maior do que em boa parte do mundo. Isso nos oferece alguns desafios, seja na formação de comunicadores, mas também na formação de interlocutores. Não, acho que não é possível pensar na comunicação como uma força para a democracia se esquecermos desse outro aspecto, que é a formação crítica para a mídia. Nesse sentido, acho que o que precisamos é de um programa sólido de educação midiática que permita que esses jovens, como você também disse, sejam também comunicadores éticos, porque há décadas lutamos contra o predomínio de determinados meios, as hegemonias. E hoje, muitas vezes, as redes sociais apresentam uma falsa ideia de democracia. Como todos podem publicar seus comentários lá, tudo se torna

verdade. E é por isso que um programa sólido de educação, de educação para a comunicação, de formação crítica para os meios de comunicação, seja qual for o termo que queiramos dar a ele, precisa começar cedo. Temos que aprender a percorrer com as próximas gerações o caminho inverso. Não se trata apenas de formar comunicadores, mas de formar desde o início pessoas que, independentemente das áreas que sigam, estejam preparadas para consumir comunicação e conhecer a força dessas estratégias. Por isso, gostaria de sintetizar minha palavra inicial neste ponto. Só é possível falar do futuro da democracia se falarmos do futuro da educação midiática ou da educação para a mídia.

CARLOS RIVADENEYRA OLCESE: Podemos trocar de papéis? Você é a... Não, acho que cada uma das reflexões se complementam bem, não é? Eu acho que sim. Acho que o essencial é a questão da associação midiática e digital em nível social. Isso é muito difícil. Acho que em muitos lugares se trabalha para isso, mas acho que faz parte disso. E também quando falamos de autenticidade na comunicação, não apenas na comunicação política, mas também na institucional. Porque a institucional é a que vai para a instituição e o sistema social é formado por instituições. Acho que deve haver um complemento entre essa comunicação política e a institucional que seja credível, que aglutine as pessoas, que as motive sobre a veracidade de um componente informativo. Acho que isso é crucial. E, e , o tema da inteligência artificial que também foi mencionado, se a usamos e se ela é usada no jornalismo, devemos usá-la eticamente. Esses são três aspectos importantes que considero, concordo com os colegas, importantes hoje em dia como desafio da comunicação para a democracia. A parte ética é responsável. Muito bem, aí está o microfone com Cindy. Começamos a segunda rodada, certo? Não, com você, com você, por favor. Vimos a formação ética, a necessidade dessa formação ética, da prática democrática em diferentes âmbitos. As regulamentações, as leis, é preciso conhecê-

las. Agora, você tocou em um ponto no início, em sua primeira intervenção, muito interessante também, que é este estudo necessário nas universidades da América Latina e do Caribe para saber que comunicadores estamos formando a partir de um estudo dos planos curriculares, dos planos de estudo, das grades de cursos, como quisermos chamá-los, certo? Mas o que estamos formando, não é? É um estudo muito importante. E veja que, entre ontem e hoje, começaram a surgir abordagens que reforçam a necessidade desse estudo. A alfabetização midiática digital, a educomunicação, certo? A criação de conteúdo, que nossos alunos não sabem como proteger seus direitos intelectuais. É isso mesmo, é isso mesmo. Aí, eu sei que esse estudo é extremamente interessante. É preciso fazê-lo e é preciso fazê-lo agora. Porque acho que vários de nós aqui estamos a pensar no próximo estudo. Porque, embora os planos de estudo possam dizer, as disciplinas, os nossos professores de comunicação também podem dar... o necessário em cada uma das sessões dos cursos para essas disciplinas, isso também é um desafio. Como esse estudo que está começando a ser feito, que está sendo elaborado e tem evoluído, quanto você acha que ele pode ajudar na formação de comunicadores éticos, críticos e que, ao mesmo tempo, possam fortalecer a democracia?

SINDY CHAPA: É uma pergunta muito interessante, porque acabamos de ter uma reunião com o presidente d Felafacs, com Rafael. É quase um flash informativo. Já temos a metodologia, já estamos no processo de coleta de dados, então, o que precisamos? Precisamos de colaboradores, precisamos que cada um de vocês nos ajude a identificar quem assume o papel de colaborador em cada país, que informem ao presidente ou a mim, que vou convocar aqueles que já começaram a trabalhar por parte do comitê executivo. E então, bem, vamos nos unir. Esse é o próximo passo. Agora, quanto podemos avançar? Acredito que isso vai depender de nós, porque, uma vez que tenhamos os resultados, eles serão apresentados e será

necessário formar outro comitê para avançar. Agora já temos os resultados, como os utilizamos? E que seja apresentada toda uma estratégia, uma abordagem que possa ser comunicada e que agora estamos vendo com algo que é mais transamericano, que possa transcender. E isso vai se basear em modelos, modelos acadêmicos que funcionaram e, embora nenhum, ou seja difícil dizer que há algo que seja perfeito, eles estão fazendo talvez um trabalho melhor do que nós, em qualquer lugar onde estejamos. E há coisas muito simples que às vezes esquecemos, como o comitê, se é que existe em suas universidades, que está revisando todo o currículo, prestando atenção, por exemplo, ao plano de estudos, à frequência com que o professor o atualiza. Porque estamos usando, não é possível que estejamos usando que não tenhamos a tecnologia na sala de aula quando nossas gerações vivem com isso na mão. E, segundo, não é possível que estejamos usando livros didáticos que foram escritos em comunicação. Não pode ser algo que foi escrito há dez anos. Porque estamos, e acho que já discutimos bastante isso aqui, estamos em constante desenvolvimento, em constante evolução, que ficar parado é um erro. E é bastante confortável. Mas, bem, o compromisso está em nós, o quanto podemos avançar, o quanto os resultados podem nos servir. Acho que este convite é para todos que quiserem colaborar a qualquer momento neste projeto, porque precisamos de ajuda. Uma das leituras para esses resultados será exatamente o que estamos conversando aqui. Quantos dos planos de estudo da amostra que temos estão ajudando a fortalecer a democracia e o olhar crítico e ético dos comunicadores de informação?

CARLOS RIVADENEYRA OLCESE: Concordo plenamente. Acho que é uma variável que deve ser analisada com muito cuidado, porque não podemos pensar apenas na inclusão da tecnologia sem pensar na ética profissional e na democracia. Alicia, obrigado, Cindy. Alicia, você falou sobre alfabetização midiática digital. Cindy disse que não

podemos ter uma bibliografia de dez anos atrás porque... Em cinco anos, as coisas mudaram muito. As coisas mudam muito rápido hoje em dia. Com a sua experiência como reitora, dirigindo uma escola, estando na universidade há vários anos, qual a importância dessa atualização tecnológica? Os alunos têm a tecnologia mais avançada em suas mãos e... mas e os professores? Qual a importância? Como é esse desafio da atualização?

ALICIA ÁLVAREZ: Olha, é uma pergunta muito boa. Eu acho que o sucesso faz parte da atualização tecnológica. Porque, embora eu tenha abordado em outras palestras, em outras abordagens, a socialização da comunicação. E quando... Eu falo de socialização, falo desse intercâmbio pessoal, dessa relação pessoal como a que tivemos aqui no evento. Acho que a tecnologia é necessária porque veio para ficar, para continuar avançando. Então, não podemos esperar que um aluno domine a tecnologia, seja ético no uso da tecnologia, se o professor não está suficientemente preparado para se inserir nessa dinâmica. Hoje falou Rafael, o grupo de colegas que falou sobre o tema do conhecimento e das publicações. Acho que um elemento também importante é o desenvolvimento da pesquisa sobre problemas reais e problemas que têm a ver com nossa profissão, que envolvam o aluno, envolvam o professor nessas dinâmicas, porque pesquisar, não apenas para fazer um artigo, o artigo é o resultado da pesquisa, pesquisar para saber o que está acontecendo, quais são os comportamentos, para onde a tecnologia está indo, que utilidade posso dar a ela. Se eu pesquiso a partir da minha área profissional, do meu perfil, mas se eu pesquiso a partir do currículo, e isso anda de mãos dadas, então acho que essa preparação do professor é fundamental, porque eu também dizia no ano passado no México, quando estávamos no evento da Panamericana, que a universidade mudou. Depois da pandemia, a universidade agora é totalmente diferente. E então é preciso analisar esse fenômeno e trabalhar em função dessa problemática.

CARLOS RIVADENEYRA OLCESE: Obrigado, Alicia. E você também agradeceu os avanços tecnológicos e a necessidade de nos atualizarmos constantemente. Sem esses avanços tecnológicos, não poderíamos ter Gustavo online. E o que está acontecendo agora, que já é comum nos últimos anos, há vinte anos era quase impensável porque era muito difícil. Hoje em dia é natural e há pessoas que podem estar conectadas ao celular em mobilidade, mesmo nos vendo ou ouvindo. E se não estiverem atentos por um tempo, bem, eles veem depois ou... Ou pedem que seja transcrito, ou que seja feito um resumo em dois parágrafos e já tenho tudo. Ou mesmo em outro idioma. Sim, sim, tudo está passando por essa mudança. Gustavo, o mundo muda, a tecnologia muda, a indústria do entretenimento também desempenha um papel. E isso não é algo que afeta, mas é algo real e que distrai algumas pessoas, absorve mais outras, algumas nem tanto, mas você considera que existe essa indústria do entretenimento em plataformas digitais, em aplicativos, etc. Isso está afetando, a partir do trabalho de comunicação dessas distrações, as indústrias do entretenimento, está afetando a democracia? Está afetando a forma como os jovens percebem a democracia?

GUSTAVO LERMA: É uma pergunta muito interessante e acho que está muito em linha com o que temos falado. Acima de tudo, veja bem, parece-me que no campo da comunicação na América Latina e no Caribe estão ocorrendo transformações realmente muito, mas muito grandes no âmbito de tudo isso. Isso está gerando, por exemplo, em alguns países, níveis muito altos de desconfiança nas informações que recebem através dos meios de comunicação tradicionais. E, em algum momento, a lógica de reconstruir certa confiança exige proximidade, transparência, compromisso com os territórios. Por outro lado, no âmbito do digital, hoje os públicos são múltiplos, totalmente simultâneos, fugazes, e essa lógica dispersa também dispersa o sentido coletivo, também abre novas

possibilidades, digo. E nesse âmbito, as novas tecnologias, que estão muito distantes da lógica tecno-otimista do final dos anos 90. Muitos de nós vivemos o final dos anos 90 com a irrupção da tecnologia, no início dos anos 2000, com um otimismo muito grande no âmbito de uma certa lógica de democratização. Bem, com o passar do tempo, vimos que algumas lógicas... de poder midiático continuam se representando também no âmbito tecnológico, muito semelhante ao que acontecia nos espaços analógicos anteriormente. Bem, nesse quadro tecnológico, sim, sem dúvida, a tecnologia está gerando grandes rupturas nas lógicas da percepção do que acontece, vemos processos em que não apenas os chamados públicos são questionados por nem mesmo saberem se o que estão vendo é real ou não, ou por buscarem informações que correspondam ao que já vêm pensando. Portanto, quase as redes sociais ou os espaços tecnológicos como novos espaços de confirmação do viés predeterminado com que chegavam a esses lugares. Portanto, poderíamos ver uma lógica de se fechar no que pensavam anteriormente e, por sua vez, se convencer com materiais que não necessariamente provêm de fontes muito confiáveis ou seguras. Dizíamos isso no contexto do público em geral, mas também da formação de comunicadores. Ou seja, quantas vezes, como comunicadores, nos deparamos com notícias que parecem totalmente verdadeiras, que parecem vir dos melhores espaços e hoje são construídas no contexto da lógica das fake news? Então, acrescento aqui o que planteava antes em relação às novas tecnologias que acrescentam um tempero complexo, a inteligência artificial. Quanto ela pode nos ajudar a produzir e gerar comunicação, a gerar conhecimento? Certamente muito, mas também pode concentrar poder, também pode reproduzir preconceitos coloniais, também pode desinformar com uma eficácia inédita e infinita. Bem, retomando algumas dessas questões, na Claxo realmente consideramos que o debate em relação às tecnologias e, em particular, por exemplo, à inteligência artificial,

não é mais se a usamos ou não, mas como a usamos, para quem a usamos. Se a tecnologia realmente amplia a possibilidade do pensamento crítico ou tenta substituí-lo, se democratiza a palavra ou a automatiza. Hoje, vários meios de comunicação na região estão trabalhando com inteligência artificial para gerar 80% do conteúdo que publicam. Qual é, então, o papel dos comunicadores e jornalistas a partir dessa geração de certos conteúdos automatizados que tentam mais gerar cliques do que gerar informação? Bem, acho que temos muitas perguntas e aí está o desafio de começar a obter as respostas.

CARLOS RIVADENEYRA OLCESE: Obrigado, obrigado Gustavo. De qualquer forma, a pergunta que te fiz fica em parte no ar, porque é uma pergunta que não tem resposta rápida nem próxima. Ela poderá ser respondida com as histórias que veremos acontecer nos próximos meses e, certamente, anos. Eu sonho, por exemplo, com um , que haja videogames em que sejam construídas simulações de sociedades. Trinta anos atrás, os jogos estavam na moda, mas que possam ser jogos de governança para crianças de seis ou cinco anos. Isso pode chegar a todos?

SINDY CHAPA: Isso, isso, me empreste o microfone. Então, se esse jogo já existe e não chega a todos, é preciso pagá-lo. Sim, já existem vários. Já existem vários. Civilization é um deles. Perfeito. Todos têm um custo. E a democracia ou o ensino? E também há outros riscos que se correm porque não se quer criar um vício. Porque também é importante afastá-los um pouco dos celulares, dos aparelhos eletrônicos. Queremos que eles socializem. Então, sim, existem muitos aplicativos, muitos softwares que nos ajudam a evoluir em alguns aspectos. Aqui, o desafio é saber com quem sim e com quem não, ou avaliar isso. Sempre com limitações. Sempre com limitações. E que esses jogos, sejam em telas, cadernos ou livros, possam chegar a todos.

GUSTAVO LERMA: Não sei se posso acrescentar apenas um detalhe a respeito disso. Existem dois jogos que são os mais importantes atualmente. Um deles é o Roblox, que muitas crianças e jovens usam hoje em dia, e o outro são as versões gratuitas do jogo de futebol FIFA. Há um detalhe fundamental nesses dois jogos. Os dois jogos podem ter versões fascinantes no âmbito do jogo, no âmbito do Roblox há até pessoas que programam mundos dentro desse aplicativo para que as crianças possam jogar coisas diferentes. Os jogos mais populares têm a ver com mecânicas em que você tem que ficar por uma hora apertando um botão para ganhar um determinado boneco dentro do aplicativo. No caso do FIFA, poderíamos pensar que nas versões gratuitas a ideia é poder jogar um jogo de futebol. Bem, a primeira parte do jogo consiste em que as crianças tenham que cumprir todos os dias a tarefa de abrir algumas cartas e participar de algo como uma grande roleta, que lhes dá alguns pontos por dia, e se não o fizerem, são penalizadas, e que aleatoriamente às vezes o comemora dando-lhes cartas maravilhosas e outras vezes não. Portanto, alguns desses jogos, infelizmente, especialmente vários dos mais populares, se assemelham mais à lógica de um cassino para que as crianças aprendam a apostar, do que a pensar em como se comportar civilizadamente dentro de nossas sociedades e pensar na lógica da democracia. Então, é aí que eu levanto a questão, cuidado, que alguns desses espaços são muito monopolizados por alguns aplicativos sem lógica de demonizar, mas que parecem mais um cassino do que lógicas democráticas.

CARLOS RIVADENEYRA OLCESE: Isso, obrigado, obrigado por essa contribuição. Há experiências, há avanços, há possibilidades, mas também é preciso estar atento, não é? Estar atento até onde eles podem avançar e até que momentos são úteis e em que momentos, não é, da formação são úteis. Falamos de alfabetização midiática, digital, educomunicação, sim, sim, sim. Não, agora que estamos

compartilhando ideias, eu tenho comentado com alguns dos meus colegas aqui que estou elaborando uma aula sobre o uso de Big Data e Inteligência Artificial em Comunicação de Marketing. E uma das coisas, embora este seja o primeiro semestre e eu esteja elaborando, é que comecei a ensinar a eles o lado sombrio. Porque se eu começar a ensinar tudo o que é bom e positivo e tudo o que nos emociona, há um risco. Então, primeiro, cuidado, esses são todos os problemas que existem, incluindo o cyberbullying, entre outras coisas, e o cyberbullying é apenas o começo de todo o lado obscuro que existe, e depois, sim, vamos aprender como usar todas as ferramentas de comunicação. E quando estudamos o lado sombrio, depois há, eu acho, que minha lógica me diz que agora tenho que ir para códigos de ética ou códigos de comportamento. Todo esse exercício de como funciona e como acomodar esse pensamento, essa criação de novas ideias em nossos jovens, depende de nós. E é nosso trabalho e não é tão fácil, mas se levarmos a sério, temos uma responsabilidade muito grande que poderia permitir ter democracias melhores. Obrigada. Você me ajudou a concretizar a pergunta que eu estava começando a construir para o Leo. É possível pensar em fortalecer e formar estudantes universitários de comunicação para que sejam éticos e democráticos ou já é um pouco tarde e é preciso começar isso muito antes?

LEONOR GONZÁLEZ: Eu acredito que sim, bem, deveríamos começar desde que são crianças, como Fabiano bem nos disse aqui. Mas retomando um pouco o que Gustavo nos disse agora, eu estava pensando justamente em que tipo de democracia estamos ensinando aos nossos alunos, certo? O que estamos explicando a eles sobre o que é democracia? Eu realmente avaliei essas novas gerações, pelo menos os alunos que temos atualmente na universidade, e vejo que a questão geracional também tem grande influência no papel que eles estão assumindo. Pelo menos pessoalmente, eu sou de uma geração pós-conflito armado na

Guatemala. E isso para meus pais, então, digamos, eu não podia entrar em uma universidade pública, Deus me livre de entrar em uma associação de estudantes, certo? Eu poderia me meter em algum problema, enquanto as gerações que temos agora na universidade são muito participativas, elas não têm mais medo de se expressar, de sair às ruas. Deixando de lado a questão da tecnologia, digamos, e como eles podem utilizá-la, a questão de participar, de se envolver politicamente, digamos, na Guatemala agora temos os primeiros jovens deputados que conseguiram entrar na lista e ser eleitos. Então, acho que sim, o papel da geração atual é muito participativo. E acho que estamos bem a tempo, digamos, de analisar isso, certo? Como estamos ensinando a eles o que é a democracia em um país, o que você estava dizendo agora, certo? A questão da tecnologia que criou outra brecha social. Pelo menos no meu país, menos de cinquenta por cento tem acesso à tecnologia. Então, o que estamos conseguindo avançar, certo, ou contribuir para eles? E acho que cursos, pelo menos, digamos, nós sim temos de ontologia da comunicação, onde eles são levados a trabalhar a partir de casos específicos em comunicação, casos profissionais, a questão da ética e de como eles podem se envolver ou ter cuidado para não se envolver em questões muito delicadas, certo? E depois também uma formação integral. Acho que não apenas temas de comunicação, mas também explicar o contexto em que eles vão se desenvolver como comunicadores é extremamente importante para que compreendam o compromisso e a responsabilidade que têm como comunicadores.

CARLOS RIVADENEYRA OLCESE: Mais uma vez, muito obrigado, Leo. O microfone para Fabiano. Há pouco, Cindy deu um testemunho de sua pedagogia para ensinar seus alunos. Primeiro, o lado sombrio, cuidado, alerta para essas coisas, o mundo não é maravilhoso, tem essas coisas. Entendamos as matérias, mas com códigos de ética, com olhares críticos adequados. Você escreveu vários artigos, porque eu estive vendo... seu currículo aqui no Google Scholar, que

prático, fiz várias pesquisas sobre educação e comunicação e, às vezes, lembro-me dos faxes de vinte ou vinte e cinco anos atrás, falávamos sobre educação, comunicação, comunicação, educação, como nos damos as mãos. Essa aliança entre comunicação e educação, e vice-versa, está viva hoje? Você considera que está viva? É necessária? Qual você considera ser o papel dessa aliança na formação de comunicadores éticos e em favor da democracia?

FABIANO ORMANEZE: Acredito que esteja viva, mas menos viva do que deveria estar. Está muito viva em função de uma resistência ou das formas como os profissionais trabalham e decidem fazer isso por conta própria, mais do que por uma política pública, por exemplo, que os incentive. Trabalho com Educomunicação há muito tempo. E ainda me deparo com uma postura que criticamos como simplesmente didatizar a comunicação. Levar para as salas de aula, para as escolas de ensino fundamental e médio, textos midiáticos, mas não para serem discutidos como textos que falam sobre a sociedade, mas para serem discutidos como objeto de estudos de português, no caso do Brasil, de língua, de matemática, de geografia, de história. Como se essas disciplinas estivessem dissociadas de um mundo externo. E quando chegamos à formação universitária no Brasil, ainda nos deparamos em muitas instituições e até mesmo como política científica com uma grande falta de interdisciplinaridade. Departamentos cada vez mais fechados em si mesmos, que às vezes até condenam as formações interdisciplinares. Ontem conversamos um pouco sobre isso. E aí um campo como a Educomunicação, Educomunicação, ou relações entre... educomunicação e comunicação são muito mais dependentes da vontade e da resistência de alguns pesquisadores e profissionais específicos do que de uma ação conjunta que poderia torná-la ainda mais viva e fazê-la existir com mais força. Então, esse é, com certeza, um grande desafio para todos nós quando falamos de democracia. Não há democracia sem comunicação, não há democracia sem

educação. Não há democracia sem essas duas áreas trabalhando juntas. E não uma sendo... simplesmente objeto da outra. Então, a educação critica a comunicação, a comunicação em si também faz um jornalismo, por exemplo, que é pouco educativo, e continuamos como se essas áreas fossem distintas e completamente separadas.

CARLOS RIVADENEYRA OLCES: Muito obrigado, Fabiano. Rodada final, um minuto para cada um dos participantes para destacar, para encerrar talvez alguma ideia que aqueles que estão nos ouvindo aqui e online devam reter, ficar com o resultado deste painel de uma hora e alguns minutos a mais.

SINDY CHAPA: Defendam o poder que vocês têm de governança. Estamos agora em um duelo por estarmos perdendo a liberdade e a liberdade acadêmica nos Estados Unidos. Tem sido muito difícil ter que ter leis que nos impeçam de ensinar as teorias ou qualquer teoria n . É importante que os estudantes aprendam a ser críticos, é importante trazer os pontos de vista da direita, da esquerda, conservadores, não conservadores, de tudo. É importante que a academia se mantenha na democracia se quisermos transmitir a democracia e ensinar a democracia. Se vocês não têm limitações, aproveitem, porque tê-las e perdê-las é muito doloroso.

ALICIA ÁLVAREZ: Bem, eu acho que é importante ver o papel da educação, porque o componente educacional está presente. Em linha com o que você dizia, deve-se ser inclusivo. Acho que concordo com você. E também é importante que a universidade entenda, compreenda e analise quais alunos recebe. Porque esse aluno vem de um sistema de ensino, do ensino médio, vem com um nível de formação, diferentes culturas, por assim dizer, subcultura, como chamamos, e entender o aluno que recebemos nos dá a medida de como vamos prepará-lo, como vamos formá-lo. E eu acredito que o desafio ao que você se referia, ainda estamos a tempo, eu acho que

ainda estamos a tempo, mas para realmente agir é preciso assumir a consciência do que devemos fazer em nível social.

GUSTAVO LERMA: Bem, muito obrigado. Estou ouvindo com muita atenção. Veja, hoje ouvimos preocupações semelhantes, ditas com sotaques diferentes, mas a democracia também está em jogo na linguagem. Falou-se sobre como dentro da sala de aula, como primeiro território democrático, também se falou sobre as redes, a inteligência artificial como forma de amplificar ou distorcer essa democracia. Falaram-nos um pouco sobre... dignidade, empatia, a urgência de uma ética que não seja ensinada apenas com livros, que tenha a mecânica técnica, mas que permita pensar profundamente sobre como devem posicionar-se os comunicadores e os es do presente e do futuro. A verdade é que, na Claxo, entendemos a comunicação neste campo onde se define o futuro das nossas comunidades. democracias. Veja bem, os algoritmos, os meios de comunicação, as palavras com que narramos o mundo decidem o que acontece em nossas vidas cotidianas. E a verdade é que nós, comunicadores, temos que cuidar muito de como muitas das coisas que acontecem em nossos territórios são relatadas, defender o conhecimento como um bem comum, fazer com que a ciência e as vozes populares também circulem igualmente, entendendo como as novas tecnologias também podem ser uma ferramenta central. Portanto, acredito que se conseguirmos que a palavra circule, que o conhecimento seja livre, que a comunicação volte a ser um ato de justiça, acredito que haverá um futuro para a democracia na América Latina e no Caribe, que sem dúvida em alguns territórios hoje está em disputa e que a partir da comunicação podemos gerar muito impacto com o que dizemos, com o que relatamos, com o que contamos e com a forma como formamos os próximos comunicadores.

LEONOR GONZÁLEZ: Obrigada, Carlos. Acredito, em primeiro lugar, que se vamos refletir sobre a formação de comunicadores, devemos atender às necessidades de nossos alunos, como disse Alicia, mas também às necessidades sociais de cada um de nossos países, certo? Temos que ter isso muito presente. Depois, reiterar aos nossos alunos o compromisso que devem ter como comunicadores de zelar pelos direitos humanos e exigir que os Estados garantam o tema dos direitos humanos. Acho que isso seria muito, muito básico.

FABIANO ORMANEZE: Gostaria apenas de terminar agradecendo por esta mesa redonda que foi tão proveitosa e dizer que este caminho para a democracia, sobretudo em um país como o Brasil, devido à sua extensão territorial, também passa por compreender as especificidades e as diferenças e o acesso à informação, à educação e à comunicação em cada parte deste país. Sou professor de uma universidade pública estadual, uma das maiores do Brasil, na região sudeste. E sei da posição privilegiada que ocupo. E também sei que essa não é a realidade das instituições públicas em todo o Brasil, por exemplo. Sei o quanto são diferentes as realidades de um estudante do norte em comparação com as de um estudante do sudeste. Durante a pandemia, fui professor em uma universidade, a Universidade Federal do Amazonas, no campus de Parintins, e tínhamos uma dificuldade, que era dar aulas à distância, porque não havia internet que chegasse, por exemplo, aos alunos das populações ribeirinhas. Portanto, também devemos ter cuidado para que esse discurso das tecnologias em favor da educação não exclua essa diversidade e essas diferenças que existem dentro de nossas realidades, dentro do que chamamos de país.

CARLOS RIVADENEYRA OLCESE: Muito obrigado, Fabiano. Obrigado a todos vocês que nos acompanharam nesta conversa. Para mim, foi um privilégio conversar com vocês, Alicia, Gustavo, Leonor e Fabiano. E muito obrigado à Universidade de Tocantins por toda a

ajuda que nos deu para este encontro. Obrigado a todos vocês. Boa noite.

POR UM PROGRAMA SÓLIDO EM EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E JORNALÍSTICA CONTRA A DESINFORMAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Fabiano Ormaneze
(LabJor/Unicamp/Capes e UniAnchieta)

Falar de democracia na América Latina é reconhecer uma história repleta e comprovada de fragilidades, marcada por ciclos de autoritarismo, intervenções militares, manipulações midiáticas, imperialismo e novas formas de colonialismo neste início de século. Mais recentemente, difunde-se uma falsa ideia de democracia a partir do grande impacto das redes sociais digitais e do intenso envolvimento que nós, latino-americanos, temos tido com elas.

A América Latina é hoje uma das regiões do mundo mais intensamente conectadas às redes sociais digitais. Com mais de 350 milhões de usuários na região, plataformas como *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook*, *TikTok* e *YouTube* se tornaram, para uma parte significativa da população, a principal via de acesso à informação e ao debate público e, em muitos casos, a única. Essa conjuntura, vale dizer, também origina a falsa impressão de que se trata de um

espaço democrático, onde todos podem dizer o que pensam ou desejam e serão ouvidos. Por outro lado, a configuração desses espaços também cria a impressão de que, em casos de abuso, os malfeitores permanecerão impunes.

Esses dados, por si só, indicam uma transformação na forma como a opinião pública é construída na América Latina nos últimos anos. Um relatório da Associação do Sistema Global para Comunicações Móveis (GSM Association), que reúne as principais operadoras de telefonia móvel do mundo, estimou que, no início de 2025, 70% do tráfego móvel latino-americano será gerado por apenas três plataformas: *Meta, Google e ByteDance (TikTok)*¹.

Em países como Brasil, México e Colômbia, o tempo dedicado às redes sociais digitais supera a média mundial, o que revela não apenas a popularidade dessas plataformas, mas também uma grande dependência informativa e afetiva em relação a elas. Elas nos afetam mais do que são afetadas pela nossa falsa ideia de que são espaços democráticos.

Esse cenário repercute na função social do jornalismo. O crescente consumo de informação em vídeos curtos, quase sempre produzidos por autodenominados influenciadores, muitas vezes fora dos circuitos tradicionais da imprensa e da mídia, modificou as dinâmicas de credibilidade, compromisso e polarização. Da mesma forma, enquanto as novas fontes de conteúdo ganharam terreno, os meios tradicionais perderam influência, especialmente entre os mais jovens. Por mais que se possa pensar que se trata de uma alternativa ao discurso hegemônico e sempre combatido da mídia (), o que temos em seu lugar é a ampliação do alcance das narrativas desinformativas. Se na década de 1990 falar de democracia

¹ GSMA. **Uso de redes móveis na América Latina:** tráfego de dados atuais e projeções para 2030. Disponível em: <https://www.gsma.com/about-us/regions/latin-america/wp-content/uploads/2024/10/Uso-de-redes-moviles-en-America-Latina-PORT.pdf>. Consultado em: 10 de setembro de 2025.

significava contar com meios de comunicação alternativos, 30 anos depois enfrentamos outra necessidade: a criação de mecanismos para combater a desinformação. É um novo desafio para a comunicação atual.

A baixa alfabetização midiática e a escassa regulamentação de conteúdos agravam esse problema. Antes, o silêncio era imposto pela censura, inegável aos olhos de hoje. Atualmente, o silêncio é imposto por outros meios, precisamente por aqueles que parecem ser seus antônimos: o excesso de informação, a sobrecarga cognitiva, a desinformação, o ruído constante das redes e o enfraquecimento da crítica. O que estamos vivendo é a criação de novas formas de dominação e silenciamento. A imediatismo das redes sociais e a exaltação da fácil liberação de dopamina são estratégias que servem ao poder. Portanto, só se pode pensar em democracia por meio de uma educação profunda *para* os meios de comunicação e pelos meios de comunicação, que exponha e revele esses aspectos.

É nesse contexto que o jornalismo profissional ocupa um lugar estratégico. Porque, quando falamos de democracia, falamos de informação de qualidade, de diversidade de vozes, de acesso à contradição. E o jornalismo, quando se compromete com esses princípios, não é apenas um observador da democracia. Ele se torna um de seus pilares fundamentais.

Mas para que o jornalismo possa, de fato, cumprir esse papel, é necessário repensar também a formação ministrada nas universidades. Aqui chegamos ao primeiro ponto que quero destacar: **a importância de uma formação mais interdisciplinar e aberta a outros fenômenos da comunicação, não apenas à cobertura de fatos justificados por valores noticiosos. Um jornalismo que também saiba utilizar estratégias populares para chegar ao público.**

Vivemos em uma época em que os problemas já não cabem dentro de um modo de produção jornalística rigoroso, marcado por modelos tecnicistas — e ainda positivistas — que consolidaram a

construção de narrativas pela imprensa ao longo do século XX. Hoje em dia, é mais valioso um jornalista que se mova com profundidade pela ciência política, sociologia, direito, tecnologia, antropologia, psicologia social e ciências ambientais, do que alguém que simplesmente busca furos jornalísticos ou só tem boas fontes para informações *extraoficiais* ou sabe produzir textos no formato mais difundido pelos manuais.

Essa interdisciplinaridade deve ser entendida como um objetivo para os cursos de formação em jornalismo. Porque, quando um jornalista elabora uma reportagem sobre a crise climática, ele não está falando apenas sobre o meio ambiente, mas também sobre desigualdade, governança, direitos humanos e o futuro. Quando um jornalista investiga os efeitos *das notícias falsas* em uma eleição, ele está lidando com algoritmos, mas também com medos, memórias coloniais e estruturas de poder. A forma como as informações verificadas circulam nas redes sociais digitais também pode ser segmentada em diferentes recortes, o que permite que sirva como ponto de entrada para assuntos movidos por algoritmos, naturalmente, a forma como as informações são mais consumidas atualmente.

Nesse ponto, entra em jogo o segundo aspecto fundamental: **a valorização de uma ética, que aqui chamarei de “sustentabilista”, parafraseando a ministra do Meio Ambiente do Brasil, Marina Silva.** A sustentabilidade não se limita à ecologia, embora, evidentemente, a inclua de maneira fundamental. Trata-se de uma ética que compreende que nenhuma verdade pode ser sustentada à custa da destruição, seja da natureza, das relações humanas ou da própria confiança pública. Essa ética exige que o jornalismo se comprometa com o bem comum, com a justiça social, com a preservação da vida e com a possibilidade de uma vida digna para todos. Na América Latina, isso significa dar visibilidade às vozes historicamente silenciadas: povos originários, comunidades periféricas, mulheres, negros, pessoas LGBTQIA+, idosos, pessoas com deficiência.

Porque não há democracia possível onde a comunicação é colonizada por poucos, onde os grandes grupos midiáticos reproduzem as narrativas do capital e do poder político hegemônico. A ética do jornalismo democrático deve ser não apenas descolonial, mas também contracolonial, plural, ecológica, no sentido mais amplo do termo. E aqui chegamos ao terceiro ponto, talvez o mais urgente dos que quero abordar e o mais desafiador: a **luta contra a desinformação e a centralidade da educação midiática nesse processo**.

A desinformação não é um acidente, uma falta de cuidado ou uma imperícia. É um projeto político. Em tempos de incerteza e medo, a mentira se apresenta como um consolo. Os algoritmos amplificam-na com uma velocidade e precisão assustadoras. Como já afirmou Hannah Arendt², a mentira não serve apenas para enganar, mas também para destruir a verdade, daí derivar o fato de que a falta de distinção entre o real e o falso é um projeto estratégico de manipulação e submissão.

A educação midiática não pode ser considerada algo complementar no processo educacional. Ela deve ser fundamental desde os primeiros anos da escola e incorporar a diversidade de gêneros que se nos apresentam hoje em dia: imagens, vídeos, *memes*, dados, gráficos, narrativas, publicações, comentários, “curtidas”, compartilhamentos, *carretes*. A educação midiática é uma espécie de alfabetização do nosso tempo, uma necessidade tão importante quanto dominar a linguagem escrita. É o que permitirá às novas gerações reconhecer manipulações, identificar vieses, resistir na medida do possível ao apelo da dopamina instantânea e cultivar uma relação mais saudável com a informação.

Se não formarmos cidadãos capazes de questionar, analisar e reinterpretar o que consomem, perderemos a batalha pela democracia. Não é um exagero, pois estamos vendo isso acontecer

² ARENDT, Hannah. **Crise da República**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

diante dos nossos olhos: eleições sequestradas por *notícias falsas*, movimentos autoritários que ganham força e narrativas de ódio que se propagam sem controle. Portanto, se queremos uma América Latina mais justa, mais democrática e mais plural, precisamos de um jornalismo enraizado na complexidade, sustentado em princípios e capaz de formar cidadãos críticos, e isso passa, necessariamente, pela formação inicial e contínua de jornalistas e comunicadores.

A mesma região do mundo que viu nascer e se consolidar como grandes teóricos da educação e da comunicação Mario Kaplún, Jesús Martín-Barbero e Paulo Freire, precisa agora da coragem que eles semearam para revisar os planos de estudo acadêmicos, desde o ensino fundamental até a pós-graduação. É uma coragem para continuar enfrentando, com novas armas, os interesses econômicos e políticos que se alimentam da desinformação, para dizer não ao sensacionalismo, aos simulacros democráticos, à superficialidade e ao entretenimento frívolo disfarçado de notícias e informação.

A

Acesso aberto, 16–18, 176–179, 191–197

- acesso aberto diamante, 20–21, 178
- acesso aberto não comercial, 16–18, 178–179
- políticas de acesso aberto, 9–11, 176–179
- sustentabilidade do acesso aberto, 21–23, 176–179
- *ver também* Ciência aberta; Editoras universitárias; Políticas científicas

Acordo de Guadalajara, 178–179, 197

- *ver também* Cooperação editorial; Redes editoriais

ALAIC (Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação), 21–26, 29–31

- *ver também* Cooperação acadêmica; Comunicação científica

América Latina

- ciência na, 15–43, 127–197
- cooperação acadêmica na, 15–43, 176–197
- integração científica regional, 15–18, 176–179
- *ver também* Epistemologias do Sul; Soberania científica

Avaliação científica, 18–21, 193–194

- critérios de avaliação, 18–21
- crítica às métricas hegemônicas, 191–194
- métricas alternativas, 25–26, 193–195

- *ver também* Indexação científica; Políticas científicas

B

Bem comum

- ciência como bem comum, 17–21, 176–179
- conhecimento como bem comum, 16–18, 176–177
- *ver também* Democratização do conhecimento; Ciência aberta

Bibliometria, 191

- *ver também* Avaliação científica; Indexação científica

C

Carta de Palmas, 167

- *ver também* Comunicação pública; Democracia

Ciência

- ciência aberta, 16–23, 176–197
- ciência como bem comum, 17–21
- ciência como direito, 16–18, 176–177
- soberania científica, 39–41, 176–179
- *ver também* Políticas científicas; Democratização do conhecimento

Ciência latino-americana, 15–43, 176–197

- *ver também* Epistemologias do Sul; Integração acadêmica

CLACSO, 16–18, 27–33, 176–197

- *ver também* Acesso aberto; Editoras universitárias

Colaboração acadêmica

- *ver* Cooperação acadêmica

Comunicação

- comunicação científica, 15–43, 176–197
- comunicação e democracia, 127–145
- comunicação e justiça social, 14–15, 127–145
- *ver também* Jornalismo; Produção científica

Conhecimento situado, 6–7, 193–194

- *ver também* Epistemologias do Sul

Cooperação

- acadêmica, 15–43, 176–197
- científica, 15–43, 176–197
- cooperação em rede, 24–26, 176–179
- internacional, 21–26, 176–179
- *ver também* Redes acadêmicas; Redes editoriais

Costa Rica

- violência política (estudo de caso), 207

D

Democracia

- democracia e comunicação, 127–145
- desafios democráticos contemporâneos, 7–9, 127–145

- *ver também* Comunicação; Jornalismo

Democratização do conhecimento, 16–21, 176–179

- *ver também* Bem comum; Ciência aberta

E

Editoras universitárias, 176–179, 191–197

- *ver também* Acesso aberto; Sustentabilidade editorial

Educação superior, 15–18, 39–41

- *ver também* Universidades públicas

Epistemologias do Sul, 21–23, 176–177

- *ver também* Ciência latino-americana; Conhecimento situado

Estudos de caso

- Costa Rica (violência política), 207
- Gaza (cobertura jornalística), 152
- SembraMedia (jornalismo empreendedor), 101, 118
- *ver também* Violência política de gênero; Jornalismo

F

FELAFACS, 14–15, 22–31

- *ver também* Cooperação acadêmica; Redes acadêmicas

Formação acadêmica, 65–101

- *ver também* Ensino do jornalismo

G

Gaza

- cobertura midiática e debate público, 152

Gestão comunitária do conhecimento, 18–21, 176–179

- *ver também* Acesso aberto; Infraestruturas abertas

Globalização

- assimetrias globais do conhecimento, 39–41
- ciência e globalização, 21–23
- *ver também* Soberania científica

I

Indexação científica

- crítica à Web of Science e Scopus, 191–194
- plataformas regionais, 16–18, 193
- *ver também* Avaliação científica

Infraestruturas abertas, 15–18, 176–179

- *ver também* Gestão comunitária do conhecimento

Integração acadêmica, 15–18, 176–179

- *ver também* Cooperação internacional

Inteligência artificial

- ética e edição científica, 25–26, 178–179
- *ver também* Editoras universitárias

J

Jornalismo

- ensino do jornalismo, 101–126
- jornalismo e democracia, 127–145
- jornalismo empreendedor, 101–126
- *ver também* Comunicação; Formação acadêmica

L

Línguas científicas

- espanhol, 7–9, 176–179
- multilinguismo científico, 21–23, 176–179
- português, 7–9, 176–179
- *ver também* Democratização do conhecimento

M

Métricas de impacto

- *ver* Avaliação científica

Movimentos sociais, 25–26, 193–194

- *ver também* Democratização do conhecimento

P

Pandemia

- impactos na cooperação acadêmica, 32–35

- *ver também* Tecnologias digitais

Políticas científicas

- crítica às políticas avaliativas, 191–194
- políticas públicas de ciência, 9–11, 176–179
- *ver também* Avaliação científica; Ciência aberta

Produção científica

- circulação do conhecimento, 15–21
- valorização da produção, 18–21, 178–179
- *ver também* Comunicação científica

R

Redalyc, 16–18, 193

- *ver também* Indexação científica

Redes acadêmicas, 22–26, 176–179

- *ver também* Cooperação em rede

Redes editoriais, 21–23, 176–179

- *ver também* Editoras universitárias

Revisão por pares, 18–19, 178–179

- *ver também* Avaliação científica

S

SembraMedia, 101, 118, 119, 267

- *ver também* Jornalismo empreendedor

Soberania científica, 39–41, 176–179

- *ver também* Ciência latino-americana

Software

- antiplágio, 201
- gestão editorial (OJS), 199

Sustentabilidade editorial, 21–23, 176–179

- *ver também* Editoras universitárias

T

Tecnologias digitais

- plataformas de publicação, 16–18
- streaming acadêmico, 38–40
- *ver também* Comunicação científica

U

Universidades públicas, 18–21, 191–194

- *ver também* Educação superior

V

Violência política de gênero

- digital, 207
- estudo de caso (Costa Rica), 207

W

Web of Science

- *ver* Indexação científica

Alfredo Padrón Buonaffina

Cineasta e fotógrafo venezuelano nascido em Cumaná, Venezuela, em julho de 1957. Su carrera abarca diversos géneros, incluyendo el retrato artístico, la publicidad, el espectáculo y las técnicas de investigación fotográficas para diagnóstico y restauración de obras de arte. En 1988 egresó del Instituto de Arte Teatral y Cinematográfico "I.L. Caragiale" de Bucarest-Rumania como Licenciado en Artes, mención Imagen de Cine y Televisión. Desde 2016 reside en República Dominicana y es docente pleno del INTEC (Instituto Tecnológico de Santo Domingo) donde ejerce la coordinación académica de las carreras de Cine y Comunicación Audiovisual y Comunicación Social y Medios Digitales. En esta Universidad, Padrón egresó en 2020 como Magister en Business Administration (MBA).

Alicia Álvarez

Ela possui doutorado em Comunicação Social, com a mais alta distinção acadêmica (summa cum laude), pelas universidades Abat Oliba-CEU, San Pablo-CEU e Cardenal Herrera-CEU. Concluiu o programa de Comunicação Social em Barcelona, Madri e Valência. É designer de comunicação visual e possui mestrado em Ciências da Comunicação (com especialização em Comunicação Organizacional). Em sua atuação acadêmica, é diretora da Escola de Artes e Comunicação da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade APEC. Também leciona na Escola de Artes e Comunicação e na Secretaria de Pós-Graduação.

Carlos Rivadeneyra Olcese

Jornalista. Decano da Faculdade de Comunicação da Universidade de Lima.

Cinthya Mara Miranda

Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Tocantins, mestrado, doutorado em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília e Pós-Doutorado em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é professora Associada da Universidade Federal do Tocantins atuando no curso de Jornalismo, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade e no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente.

Cris Gobbi (Maria Cristina Gobbi)

Pesquisadora Livre-Docente em História da Comunicação e da Cultura Midiática na América Latina (2014) pela Unesp. Concluiu o Pós-doutorado (2008) no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo - PROLAM/USP, o doutorado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2002). Diretora Administrativa e Editora da Revista da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC). Vice-Chefa do Departamento de Comunicação Social da FAAC-Unesp (2024-2016). Atualmente é bolsista Fapesp (2023-2025) com o projeto Enciclopédia Digital do Pensamento Comunicacional Latino-Americano (PCLA) - Seção MULHERES na Comunicação. Professora Associada (RDIDP) da UNESP, nos cursos de graduação e nos programas de Pós-Graduação em Comunicação e em Mídia e Tecnologia, desde 2008. Coordenadora do Grupo de Pesquisa sobre o Pensamento Comunicacional Latino-Americano (PCLA) do CNPq.

Cristian Muñoz Catalán

Jornalista, bacharel em Comunicação Social (Universidade de La Serena), mestre em Gestão de Comunicação e Marketing Estratégico (Universidade Mayor), MBA em Comunicação e Marketing

Estratégico (ESERP, Espanha), desenvolveu sua carreira principalmente na mídia impressa e radiofônica regional nas áreas de negócios, economia e cultura, além de atuar como consultor externo para instituições. Periodista, Licenciado en Comunicación Social (Universidad de La Serena) Magister en Dirección de Comunicación y Marketing Estratégico (U. Mayor), MBA en Comunicación y Marketing Estratégico (ESERP, España), ha desarrollado su carrera principalmente en medios escritos y radiales regionales en el área empresarial, economía y cultura y también como asesor externo de instituciones. Desde el año 2005 es académico de la Universidad de La Serena, en el Departamento de Ciencias Sociales de la FACSEJ ULS y actualmente es Director de la Carrera de Periodismo de la Universidad de La Serena, Director Académico del Diplomado de Comunicación y Data Science de la Universidad de La Serena, también integra el directorio ejecutivo de la mesa de trabajo “Más Voces, Más Amplitud, Más Democracia” mediante convenio entre la Universidad de La Serena, Universidad de Chile y la Universidad de La Frontera, con el Ministerio Secretaría de Gobierno. Sus líneas de desarrollo son comunicación estratégica, imagen y medios digitales.

Daniela Monje

Es Doctora en Comunicación (UNLP), Magíster en Comunicación y Cultura Contemporánea (CEA-UNC) y Licenciada en Comunicación Social (UNC).

Fabiano Ormaneze

Doutor em Linguística, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com tese sobre o discurso biográfico sobre políticos brasileiros. Mestre em Divulgação Científica e Cultural pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LabJor), da mesma universidade, com dissertação sobre o discurso biográfico sobre cientistas. Especialista em Jornalismo Literário, pela Academia

Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL). Jornalista pela PUC-Campinas. Professor permanente do programa de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LabJor), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde também atua no Laboratório de Estudos da Criatividade (Nudecri) e na Escola de Extensão (Extecamp). Coordenador da Curadoria de Conteúdo no Centro Universitário Anchieta (UniAnchieta), em Jundiaí-SP, onde também é professor dos cursos de Publicidade e Propaganda e Design Gráfico.

Fernando Oliveira Paulino

Doutor (2008, com estágio na Universidad de Sevilla) e mestre (2003) em Comunicação pela Universidade de Brasília. Professor em cursos de pós-graduação e graduação na UnB. Professor visitante da TU Dortmund (2020-2021) e da George Washington University (2022). Presidente da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIIC), membro do Capítulo Regional da América Latina e Caribe sobre Alfabetização Midiática e Informacional (UNESCO), um dos fundadores e membros da Diretoria da Organização Iberoamericana de Defensoras e Defensores da Audiência e um dos criadores e pesquisadores da Cátedra UNESCO "Comunicación pública para la justicia social, los derechos humanos y el desarrollo territorial" (Comunic.ar) e um dos coordenadores do Grupo de Trabalho "Com., Justiça Social e Democracia" da International Association of Media and Communication Research (IAMCR). Pesquisador CNPq (Pq2).

Francisco Gilson Rebouças Porto Júnior (Gilson Pôrto Jr.)

Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Licenciado em Jornalismo, Pedagogia, História e Letras. Realizou estudos de pós-doutorado nas

universidades de Coimbra (Portugal), Cádiz (Espanha), Brasília (UnB) e Unesp. Professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT), do Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão da Universidade Federal Fluminense (PGCTIn-UFF), do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde (PPGECS-UFT) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia (PPGMuseu-UFBA). Coordenador do Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (Opaje).

Gustavo Henrique Ferreira

Professor do curso de Licenciatura em Teatro, da UFT. Possui graduação em Artes Cênicas - Habilitação em Direção Teatral, pela UFRJ, mestrado em Artes Cênicas pela UFRN e doutorado em Arte educação na UNESP, com a pesquisa "Navegando entre Caixas Pretas - A jornada de um professor entre cenas e aparelhos", que resultou também na criação e direção do curta/documentário homônimo "Navegando entre Caixas Pretas" (2025). É diretor, ator e curador em obras de teatro e de audiovisual. Como homem negro, atualmente se dedica academicamente a questões sobre negritude, junto ao Núcleo IERÊ - Igualdade Étnico-racial e educação, da UFT, assim como às relações do fazer artístico e teatral com as virtualidades e mídias digitais, nos Grupos de pesquisa OUTROCAMPO, da UFT e Performatividades e pedagogias da UNESP.

Gustavo Lerma

Diretor de Comunicações da CLACSO. Especialista em novas tecnologias e mídias. Trabalhou para diversas emissoras de rádio e televisão na Argentina, Uruguai e Peru. Especialidades: Jornalismo, produção radiofônica, edição de áudio, animação, jornalismo investigativo e gestão de projetos para a internet.

Jairo Faria

Formado em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, pela Universidade de Brasília, onde também realizei o mestrado e o doutorado em Comunicação. Com especialidade de pesquisa em Comunicação e Cidadania e também pesquiso a radiodifusão pública. Já trabalhou em TV Universitária e em TV Educativa, além disso, produzi, no âmbito da extensão universitária séries documentais e programas de rádio voltados para a comunicação comunitária. Atuei como professor substituto na Universidade de Brasília e aqui na UFT. E atualmente é estudante de graduação no curso de Licenciatura em Teatro, onde também tenho tentado fazer essa ponte entre as Artes e a Comunicação.

Jair Veja Casanova

Professor do Departamento de Comunicação Social. Investigador do PBX. Editor da Revista ALAIC. Atualmente é Diretor Científico da ALAIC.

José Lauro Martins

Graduação em Filosofia, mestre e doutor em Ciência da Educação. Desenvolveu os estudos de Pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn), da Universidade Federal Fluminense. É professor associado da Universidade Federal do Tocantins. Atua no curso de jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências e Saúde (PPGECS/UFT). É membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão "Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino" (Opaje). É pesquisador em Inovação pedagógica e gestão da aprendizagem.

Leonor Gonzalez

Diretora do Departamento de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Rafael Landívar.

Doutora em Comunicação Estratégica e Social pela USAC. Ela possui dois mestrados: um em Serviço Social com ênfase em educação e integração social, e outro em Desenvolvimento Humano Local e Cooperação Internacional. Além disso, é graduada em Ciências da Comunicação com ênfase em desenvolvimento, possui mestrado em Educação Infantil e é fluente em alemão. Com mais de 15 anos de experiência acadêmica, ela foi professora na Universidade Rafael Landívar e na USAC. Trabalhou em áreas como responsabilidade social universitária, jornalismo e cooperação internacional. Realizou estágios voluntários no PNUD Guatemala e em um campo de refugiados na Alemanha. Atualmente, dirige o programa de Ciências da Comunicação na URL.

Luisa Ochoa Chaves

Tem doutorado em Comunicação Audiovisual, Publicidade e Relações Públicas pela Universidade Complutense de Madrid (2021). Mestrado em Comunicação pela Universidade da Costa Rica (2013). Bacharelado em Sociologia pela Universidade da Colômbia (2005)

Marco Túlio Câmara

Professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM) da Universidade Federal do Tocantins. Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (2013) e Licenciado em Letras-Português pelo Claretiano (2021).

María Eugenia Álvarez

É a CEO da SembraMedia, onde lidera a estratégia abrangente e coordena as áreas de operações, desenvolvimento e finanças. Ela é jornalista especializada em jornalismo digital pela Universidade de

San Andrés (Argentina), com mais de dez anos de experiência em mídia nativa digital, cobrindo política e direitos humanos. Foi produtora executiva de rádio e televisão, criou equipes de comunicação institucional e lecionou por uma década na Escola de Jornalismo TEA. Também ministrou aulas sobre modelos de negócios no Programa de Mestrado em Jornalismo La Nación (UTDT). Na academia, Maru lecionou por 10 anos na Oficina de Rádio da Escola de Jornalismo TEA (Argentina) e participou do Programa de Mestrado em Jornalismo La Nación da Universidade Torcuato Di Tella (Argentina), onde ministrou aulas sobre modelos de negócios.

María Fernanda Pampin

Bacharel em Letras (Literatura). Faculdade de Filosofia e Letras. Universidade de Buenos Aires. Doutora em Literatura. Faculdade de Filosofia e Letras. Universidade de Buenos Aires.

Mariano Navarro

Professor titular e pesquisador A da Universidade Pan-Americana e membro do Sistema Nacional de Pesquisadores do Conselho Nacional de Ciências Humanas e Tecnológicas do México. Professor titular e pesquisador da Universidade Pan-Americana e membro do Sistema Nacional de Pesquisadores do Conselho Nacional de Ciências Humanas, Ciências e Tecnologias do México. É graduado em jornalismo e filosofia e doutor pela Universidade de Navarra, onde recebeu o Prêmio Extraordinário de Doutorado em Ciências Sociais. Ele foi pesquisador visitante nas Universidades de Iowa e Westminster, além de professor e palestrante em diversas universidades nacionais e internacionais. Atualmente, ocupa o cargo de Decano da Escola de Comunicação da Universidade Pan-Americana, campus da Cidade do México. Ele é secretário da Sociedade de Fenomenologia e Mídia e membro de diversas sociedades acadêmicas internacionais. Concluiu estudos em

liderança e gestão institucional na Escola de Governo Kennedy de Harvard e no IPADE.

Nazira Castilho Alfaro

Diretora acadêmica e professora da Faculdade de Arte, Design e Comunicação de Massa, além de curadora do TEDx Universidade Latina. Sua pesquisa concentra-se em comunicação digital, comunicação social, andragogia, empreendedorismo e sustentabilidade, vinculando inovação educacional ao desenvolvimento social. Seu trabalho se destaca pelo rigor acadêmico, pela promoção do pensamento crítico e pelo desenvolvimento integral dos estudantes.

Nelson Russo de Moraes

Livre-docente em gestão e educação ambiental (UNESP). Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea (UFBA). Mestre em Serviço Social (UNESP). Bacharel em Administração (ITE/Bauru/SP). 2a Graduação (em curso) em Comunicação Social/Relações Públicas (Universidade de Franca - UNIFRAN). Especializações realizadas: 1. Gestão de Programas Sociais; 2. Gestão pública; 3. MBA em Mídias Digitais; 4. Antropologia. VINCULAÇÃO: Professor Associado na FAAC/UNESP Bauru (RDIDP MS_5.3). Professor Permanente do PGAD/UNESP Tupã (mestrado e doutorado) e do PPGCOM/UNESP Bauru. Integrante da Equipe de Coordenação do Museu Ferroviário da Alta Paulista em Tupa. GRUPOS E REDES: Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Democracia e Gestão Social da UNESP (GEDGS). Pesquisador do Grupo de Pesquisa OPAJE/UFT (Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino). Pesquisador do Grupo de Pesquisa PGEA/UNESP (Pesquisa em Gestão e Educação Ambiental). Representante da UNESP na Rede Nacional de Pesquisadores em Gestão Social - RGS.

Nubia Istela

Jornalista e repórter da TV Anhanguera, em Palmas (TO), mestre em Economia pela Universidade Estadual de Montes Claros (MG) e especialista em comunicação e marketing digital. Já atuou como repórter na InterTV Grande Minas – afiliada da Rede Globo. É autora dos livros Meias Verdades; Livia – A história de nós duas; Meu Amor, Minhas Regras; e do recém-lançado Por Trás do Céu de Fitas. Idealizadora do projeto “Quando eu Crescer”, que incentiva crianças e adolescentes à escrita e à literatura. Ocupa a 37ª cadeira da Academia Saltense de Letras

Rafael González Pardo

Doutorado em Comunicação pela Universidad del Norte e mestrado em Território e Conflito pela Universidad del Tolima. Atualmente, coordena o Comitê Universidade-Empresa-Estado de Tolima, leciona no programa de Comunicação Social e Jornalismo da Universidad del Tolima e é membro do grupo de pesquisa Comunicação e Democracia da mesma instituição. Presidente da Felafacs.

Ramon Burgos

Licenciada em Comunicação Social (Universidade Nacional de Jujuy) e doutora em Comunicação (Universidade Nacional de La Plata). Professora de graduação e pós-graduação e pesquisadora na Universidade Nacional de Jujuy e na Universidade Nacional de Salta (Argentina). Sus líneas de investigación se inscriben dentro de la comunicación popular, alternativa y comunitaria y los estudios sociales del deporte. Integrante de la Comisión Directiva de la Federación Argentina de Carreras de Comunicación Social (FADECCOS).

Ricardo Malveira

Professor e pesquisador na Universidade Federal do Tocantins UFT/Palmas TO, no curso de Licenciatura em Teatro e no PPGArtes -

UFT. Mestre (2011), e Doutor (2015) em Artes Cênicas no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia - PPGAC - UFBA; Pós-Doutorado no PPGAC/EMAC/UFG.

Santiago Humberto Gómez

Professor e pesquisador colombiano. Entre 2016 e 2018, foi presidente da Associação Colombiana de Faculdades e Programas Universitários de Comunicação (AFACOM). Secretário Executivo da Felafacs.

Sérgio Ricardo Soares Farias Silva

Professor associado, com dedicação exclusiva, do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins. Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Letras (área de concentração Teoria da Literatura) também pela Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior - Covilhã/Portugal. Atua em disciplinas e investigações relacionadas às Teorias da Comunicação, Geografias da Comunicação e cinemas periféricos. É membro do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia - Nepjor / UFT e lidera o Grupo de Pesquisa Coletivo de Estudos das Diversidades Audiovisuais - OUTROCAMPO (CNPq).

Sindy Chapa

Diretora do Centro de Marketing e Comunicação Estratégica Hispânica da Universidade Estadual da Flórida desde 2013. Anteriormente, atuou como diretora associada do Centro de Mídia e Mercados Latinos da Universidade Estadual do Texas. Há mais de 20 anos, trabalha como acadêmica na área de comportamento do consumidor hispânico, estudos de audiência e marketing estratégico. Suas publicações incluem a coautoria do Livro "Hispanic Marketing Comunicación", assim como capítulos em livros de

publicidade, consumo, bilingüismo e meios Latinos. Os trabalhos empíricos se encontram publicados em diversos jornais acadêmicos, como por exemplo o Journal of Advertising Research entre outros. Atualmente colabora como representante da zona de países associados no Consejo Ejecutivo de FELAFACS.

Sofía Álvarez Barbeito

Diretora de educação em SembraMedia. Lidera os programas educativos e as estratégias com universidades. Supervisiona a equipe de especialistas em meios digitais.

Tanius Karam Cárdenas

Professor de teorias da comunicação no departamento de Comunicação e Cultura da Universidade Autônoma da Cidade do México. Doutor em ciências da informação pela Universidade Complutense de Madrid.

Wilson Goméz

Profissional em Gestão Cultural e de Comunicação, Especialista em Estética, Mestre em Educação, Doutor em Ciências Sociais, com foco em Infância e Juventude. Atualmente, está vinculado à Faculdade de Humanidades e Artes da Universidade de Tolima. Suas áreas de pesquisa incluem estudos da juventude, estudos estéticos e culturais e pensamento ambiental latino-americano.

COOPERAÇÃO E CIÊNCIA NA AMÉRICA LATINA:

confluências e diálogos entre
instituições e pesquisadores

ORGANIZADORES:

Gilson Pôrto Jr.

Rafael González Pardo

Santiago Humberto Gómez

Ramon Burgos

Carlos Rivadeneyra Olcese


FELAFACS
Federación Latinoamericana de
Facultades de Comunicación Social


Observatório
Edições



9 786598 935115

